



REPOSTA

ÀS DUAS CARTAS,
 com que o *Cirurgiam Portuguez*,
 afsistente em Londres, fingio res-
 ponder ás outras duas, que se tin-
 ham escrito ao *A. da Gazeta Littera-
 ria*, sobre os reparos que este fez á
Oraçam Inaugural, recitada na Real
 Academia de Cirurgia Portuense
 em 20. de Janeiro de 1761.

Mostram-se os erros, e imposturas dos *AA.*
da Gazeta, e das *Cartas*:

Expostos em outras, que escreve ao dito *Ci-
 rurgiam Portuguez*

HUM

Praticante de Cirurgia, *afistente na Cidade
 do Porto.*

CARTA PRIMEIRA:

*Perfrica frontem, & dic te digniorem, qui Praetor fie-
 res, quam Catonem.* Calv. apud Quinctil. IX. II.

*Nas contendas do entendimento hê a cor-
tezia, e a civilidade com o Contem-
dor, o primeiro principio do Homem
Christam, e bem creado.*

O Illmo., e Excmo. Conde de Oeiras
nas Instrucçoens a os Professores
de Rhetorica, §. x. pag. 16.

MEU Leandro Moniz da Torre, amigo do coração. Ontem que se contárao dois do corrente mez de Junho deste prezente anno de 1764. quando eu, e os mais companheiros entravamos no Hospital, para à cura dos pobres enfermos, vimos afixado na porta delle hum papel, que dava noticia, de se venderem no Estanco do Sabam: *Duas Cartas, huma a J. A. B. L. e outra a M. G. de L. que servem de resposta ás que elles escriptoeraõ ao Autor da Gazeta Literaria, sobre uns reparos, que este fez a alguns lugares de hum Papel, que se imprimiu com o titulo de Oraçam Inaugural: escriptas por hum Cirurgiam Portuguez, assistente em Londres; e impressas na mesma Cidade por Joam Johnson 1763.* Ficamos todos dezojosos de ver estas Cartas, e com permissáo de nosso Mestre, mandamos buscar hum exemplar dellas. O bom velho Domingos Ferreyra, Sangrador do Hospital, a quem vós deveis tantas obrigações, nos advertio, que coiza despachada no Estanco do Sabam, ou era prohibida, ou era caustica, e corvoente; porem a nossa grande ansia, naó nos deu lugar a fazer reflexões: mandamos buscar huã das tais papeladas, e fomos lêla huns poucos para a Torre da Marca.

Como as tardes deste mez daó lugar a tudo, principiámos, e concluímos, ontem mesmo, a leitura das ditas Cartas. Eisque no fim da primeira, vejo assignado o vosso nome! Confessovos, meu amigo, que fiquei admirado com huma tal encontro; e muito mais, vendo, que os meus companheiros se dividiaó em parcialidades sobre a vossa existencia, caracter, talento, e juizo. Huns diziaó, que tal Leandro Moniz naó havia no mundo; e que o verdadeiro Autor das Cartas, era o P. Gazeteiro F. B. L. naó so porque as tinha mostrado a varias pessoas, ainda manuscritas, mas porque nellas reluz a mesma incivildade, desvanecimento, orgulho, e mordacidade, que na sua Gazeta se encontra. Outros diziam, que pela letra L. principiava o nome do A. dellas; porem, que naó era L. M. da T. mas L. S. de L. irmão do Gazeteiro, cujo

talento hê proprio para escritos de semelhante qualidade. Houve porem quem disse, que o A. das Cartas era Bacharel em Direito . porque citava algumas Leis , e Jurisconsultos ; o que todos os mais negárao redondamente , por lhes parecer , que não podia fazer actos sufficientes para a consecuçam do Grao , quem por pouco cortéz , e muito incivil , desinerecia o nome de filho da illustre , douta , e famosa Universidade de Coimbra.

Que estaó vossês aqui a discorrer sobre a qualidade ; e merecimiento do A. das Cartas (diss' neste tempo , o Francisco , aquelle moço , que foi vosso companheiro de cama , e meza encaza do Mestre Domingos , e que hoje campá com sua volta á Romana , seu anel de Doutor , e presumpçaó de grande homem) o Autor , ou Autores dessas Cartas , saó os quatro mayores , e mais chapados engenhos , que tem florecido em Portugal del'le que o mundo hé mundo. Sabem mais lingoas , não digo eu , que as do Calepino , que saó oito , ou nove , mas , que o Rey Méthridates , que segundo Aulo Gelio , sabia vinte , e duas. Na Rhetorica seriaó seus aprendizes os Ciceros , e os Quintilianos se cá viessem. Hippocrates iria postilar com elles Medicina. Aristoteles , se quizesse saber Politica , Ethica , Poesia , e outras Artes , em que , dizem , foi experto havia de ir ouvilos. O Homero , o Virgilio , o Camoens , o Tasso , e todos os mais Poetas heroicos aprenderiaó com elles a fazer Poemas Epicos . Neuton , Euclides , e Leibnitz abaixariaó a cabeça á sua Geometria , Algebra , e mais Artes Mathematicas. Pois , que vos direi da sua Historia , e da sua Critica ? Vaó se enforçar os Polybios , os Thucydides , os Livios , os Grocios , os Fontenelles , e todos os Historiadores antigos , e modernos , porque se leessem hum so periodo de qualquier obra sua , haviaó de pasmar-se , e esconder-se de envergonhados. Venturozo Portugal , que rais varoens creastes em hum seculo , em que alguns Estrangeiros rezaó muito mal dos teus Litteratos ! Tãde sim , mas destes finalmente quatro , que valem por cento. Ficamos todos pasmados com o pregaó do rapaz

paz. Huns se fizeráo amarellos com susto : outros engoliram em seco por muito tempo , e naó faltou quem fosse logo verter agoas. Mas eu , depois que os ouvi a todos , lhes declarei , quem vós ereis. Naó estais lembrados (lhes disse eu) daquelle excellente Tocador de Flauta , que o Mestre Domingos despedio do Hospital por se meter á *Petrus in cunctis* , e naó cuidar seriamente em decorar a Arte de Manoel Leytaó? Aquelle , que fallava muito em Escripura , Historia , Livros Francezes , Inglezes , &c. e em tudo o mais , que naó fosse a Arte , para que seus pais o destináraó , da qual nunca se lhe poderáo meter na cabeça os principios , nem as regras ; de sorte , que veio a ficar sem profissáo alguma , se exceptuamos a de jogador dexterrimo ! Ah , ah , ah (gritárao todos) he esse ? Pois que desgraça , o levou a Inglaterra ? Desgraça lhe chamaó vossés , respondi eu : fortuna haó de dizer , porque elle , como diz no principio desta primeira Carta , foi lá aprender a Cirurgia , o que ea naó pôde conseguir , e tal vez , que o vejamos bemcedo , vit aqui ler de jure a perro , como la dizem , aos seus parricios. Aprender Cirurgia (disse então hum novato buçal , que veio para a practica lá das partes de Alfarella) oh , e que gentilmente a ha de aprender , gastando o seu tempo , em ser Censor publico dos Escritores do nosso Reyno , e em compor Cartas cheias de pulhas , e de disterios , como estas ! Chegou a noite , recolheraóse todos , e eu , que sempre vos quiz bem , por conhecer a boa vêia , que tendes , se quizerdes uzar bem della , tambem me recolhi a casa , com o projecto , de vos escrever esta Carta , e avizarvos o que se julga aqui da vossa obra , e o conceito , que eu faço della. Ainda que lhe dou hoje principio , acabalahey quando Deos for servido , que vos bem sabeis os meus embarços. Naó espero porem , que dure a composiçam , ou escrita della vinte mezes , como durou a das vossas , sendo compostas por pessoa , ou pessoas , que naó tinham outra coiza , que fazer.

Primeiramente , homem , vós errastes o alvo , a que dirigies o tiro. Este modo de escrever satyrizando , e empulhando , nem se estima , nem dá fama , nem honra a quem o practica : antes lhe serve de descredito. Bem sei , que vós , não podendo soffrer o credito do Orador , e os elogios , que se lhe tem feito dentro , e fora do Reino , e vendo , que o seu nome brilha mais , que o vosso , do qual até agora não ouvimos , nem lemos impresso louvor algum , quizestes deprimilo , para nas ruinas do seu abatimento elevardes , ou construídes hum idolo á vossa decantada sciencia , e amor proprio : porem ,, meu Leandro , vos conheceis ainda muito pouco , o genio da nossa Nação. Os que estimaó os maldizentes , taó quatro pedantes , que nas horas vagas se entregáo a os exercicios de galhofa. Os genios fecundos , e sérios , que pezaó o merecimento das coizas : que se creáraó com honra , e conhecimento das Sciencias , esses , meu amigo , abominaó os Escriitores tais , como vós , porque arruinaó os bons costumes , espantaó os applicados á Literatura , extinguent o zelo dos amantes da Patria , e ridiculizao toda a Nação. Por isto esta vossa obra , longe de vos grangear fama , e abater os vossos adversarios , servirá de os , exaltar mais , e de vos-fazer ignominiozo e desprezavel. Como não sou do Porto , posso profetizar assim , por que não estou na minha Patria.

Què demonio vos tentou , amigo Leandro Moniz , á escrever estas Cartas ? Direis , que a defensão do Gazeteiro , o vosso genio mordáz , a formidavel inveja , que vos-consome , e o depravado genio , que tendes , e que todos conhecem ! Sim , sim , ja sei , que foi isto : porem o Gazeteiro , em lugar de defendido , fica ridiculizado para sempre sem fim. Daóse a conhecer ao publico os defeitos capitais das suas obras , que até agora por caridade se ocultavaó. Aponta-se a fraqueza do seu talento , e a do vosso , que pela razaó dos vinculos sois o mesmo. Mostrase , que não sabe Critica ,

nem

nem Historia , nem a sua propria Lingoa ; que hé o elogio , que elle fez a os dois irmaons , na Gazeta de Junho ; (a) e finalmente as suas Torres , fundadas no vento , vaõ cahir miseravelmente em terra , para vermos a ruina deste formidavel Censor , e escarmentarem outros , taõ pouco reflexivos , como elle. Digo , que veremos tudo isto , porque sei de certo , que muitos homens sábios , e prudentes , ofendidos dos seus diçterios , vaõ patentear ao Publico a sua insuficiencia. No entanto , que as suas Obras não apparecem , eu vos-direi nesta Carta coizas , que vos-façao meter a cara dentro de hum folle. Homem , tudo isto succede a quem hé sabixaó.

Responderei , pois , ás vossas Cartas seguida , e correntemente , sem estudo especial , e sem fazer a mastigada , que vós fizestes , e que ninguém pôde ler sem enjoo. Bem sabeis , que não vivo taõ ociozamente , como vós. Estou á obediencia de hum Mestre impertinente , que me manda estudar o Ferreira sem descanso , e que não sofre , que eu lhe falte na assistência dos seus enfermos , tanto pobres do Hospital Geral , como dos particulares , Cadeas , Recothimentos , &c. Vivo alem disso , com hum Tio severo , que não sofre , que eu leia , nem escreva goiza , que não seja sobre a minha Profissáo , ou sobre aquillo , que a ella possa de algum modo pertencer. Por isso faço esta Carta a os pedallõs , ou , como lá dizem , pela agachada. Vós , que não deveis levar tudo ao cabo , como o Gazeteiro , que até se aproveita dos erros dos Impressores , perdoareis os meus descuidos com o motivo , de que se hum homem taõ consumado , como o vosso amigo , commeteu erros vergonhozos , em huma Obra de Critica , como a Gazeta , què succederá a hum Praticante de Cirurgia , em huma Carta escrita correntemente ? Vamos , amigo , conversando por partes.

Dais

Dais principio ás vossas Cartas assim : *Carta primeira a J. A. B. L.* Ora dizime , Amigo Leandro , fostes vós a Inglaterra aprender tanta civilidade , e cortezia? Para dar hum = *João Antonio* = ás secas achareis exemplo entre os homens civis de Londres? Ignorais , por ventura , que o *Monsieur* de França , e o *Master* de Inglaterra , são Titulos dispensados por todo o homem bem creado , ou seja Francez , ou Inglez , quando escreve alguma Carta de comprimento , ou de negocio , a outro sujeito? Se vós tivereis lido alguma coiza de politica , saberieis , que até na quellas Cartas , que os Secretarios de Estado escrevem a os Vassallos por ordem dos seus Soberanos , dáo o tratamento cortéz de - *Senhor* - áquelles , a quem escrevem. Quanto mais , que vós o devieis fazer assim , dirigindo a vossa Carta a huma pessoa , que , segundo as leis do nosso Reino , vos hé superior ; pois acho , que não ignorais , que os Professores Régios são Nobres , porque assim o declarou sua Magestade no Alvará de 28. de Junho de 1750. , e vos dais a entender , que , o não sois , porque vos-julgais de predicamento igual ao dos Barbeiros , que são mechanicos , e plebeos.

Segue-se depois a epigraphe da vossa Carta , que hé hum texto , que vós confessais ter extrahido do Sagrado Livro do Ecclesiastico , e diz : *Antequam loquaris , discite.* Não sei a razaó , porque vos-tendes esquecido da quella reverencia , que , como bons Catholicos , devemos ter ás decizoens da Igreja Romana , e dos Concilios. Se vós estudasseis mais os Canones do Tridentino , havieis de lembrarvos da severidade , com que elle condenou aquelles Escriitores , que authorizaó Papeis satyricos , Libellos famosos , e Livros profanos com os textos de Sagrada Escritura , intitulado-os (b)

teme-

(b) *Temeritatem illam reprimere volens , qua ad profana quaque convertuntur , & torquentur verba , & sententia Sacra Scriptura ad scurrilia scilicet , fabulosa , vana...*

temerarios, e dezatinados violadores, ou corruptores da
 patria de Deos, e ordenando a os Bispos, que os con-
 tentão, e que os castiguem. Não imagineis, que cha-
 mandovos a Londres escapareis destes castigos, assim
 como escapão aquelles mal feitores, que se chamaõ á
 Igreja, ou ás ordenes. Olhai, que em huma hora pó-
 de cair a caza.

Dais depois principio á vossa Causa, declaran-
 do, que nascestes no Porto, que fostes para Londres
 aprender Cirurgia, e que tendes muito amor a Portu-
 gal. Olhai, Leandro, vós fazeis bent, em nomear
 a terra, que vos deu onascimento, porque livrais apos-
 teridade de muitos pleitos, que podera ter á cerca
 dillo, debatendo os Reinos, e as Cidades (como di-
 zem succedeo com Homero) pela gloria de ser patria
 de hum varão taõ egregio, como vós sois. Ainda que
 o Porto foi berço de muitos Escritores famosos, tais
 como Antonio de Sousa de Macedo, Francisco de Sa
 e Menezes, Vasco de Lobeira, e outros semelhantes,
 nunca terá tanto desvanecimento de os ter produzido,
 como á vós, que com os rasgos heroicos da vossa penna,
 a té dais brado em Londres, e encheis de admiração,
 e de palmo os Tremlets, (c) e outros Sabios famo-
 zos daquella nazaõ. Quero porem dizervos (de baixo
 de segredo natural) que nem vos, nem os vossos Ga-
 zeteiros, tem a te agora feito tam famosa a Cidade
 do Porto, como o Orador, a quem vituperais. Elle
 não seguindo, o vosso exemplo; que confessais, que

B

fa-

na ... detractiones ... libellos etiam famosos, mandat, &
 precipi, ad tollendam hujusmodi irreverentiam, & con-
 temptum, ne de cetero quisquam quomodo libet verba
 Scripturae ad haec similia audeat usurpare, ut omnes hu-
 jus generis homines temeratores, & violatores verbi Dei
 juris, & arbitrii poenis per Episcopos coerceantur. Conc.
 Trident. sess. 4. de Edition. & usu Sacror. Libror.

(c) Vé a Gazet. Liter. de Jan. de 1762.

sabistes da vossa terra , para ir servir (não sei de que)
 a outra , e nem menos seguindo o exemplo da queilles ,
 que são expectadores ociozos , e tal vez inimigos im-
 placaveis , dosque trabalhaó em beneficio publico , está
 trabalhando , e despendendo , para servir , e ser util
 á terra , que o sustenta. A elle deve o Porto a fun-
 dazaó de duas Academias , conseguindo , que huma
 dellas fosse authorizada por el Rey , e que a outra lo-
 grasse por seu Protector a hum Principe da Caza Real
 de Portugal , e por Socios os varoens mais sabios , e
 celebres da nossa Península , e de outros Reinos. São
 muitos os Escritores , que nas suas obras se appellidaó
 Academicos das Academias do Porto , v. gr. o Rev.
 P. M. Doct. D. Antonio Jozê Rodrigues no seu *Novo*
Aspecto de Theologia Medico-Moral ; D. André Garcia
 Vazquez na traduczaó do *Compendio da Medicina de*
Heister ; D. Joaó de Deos Lopes no *Compendio Anato-*
mico ; o Doct. D. Jozê Sanches de Cafeda na sua *Dis-*
fertazab sobre os pós de Hilhsud ; D. Joaó Luiz Ro-
 che em todas as suas obras ; D. Thomaz Francisco de
 Mõleon e Ramiro , Medico da Camara do Rei Chatho-
 lico , os D.D. Marianno Seguer , Lente de Medicina em
 Valencia , D. Jozê Baguez , D. Francisco Gonzalves
 de Leon , e D. Francisco de Buendia e Ponce , Vice-
 Presidentes da Sociedade Real de Sevilha nos seus es-
 critos ; o Doct. Manoel de Oliveira Ferreira , na *Histo-*
ria dos Terceiros de S. Francisco ; Mauricio da Costa
 no *Appendix Selecto á Pharmacopea Tubalense* , &c.
 e ja houve hum Escriptor doutro , que dedicando a hu-
 ma das Academias do Porto , certa obra de Phylica ,
 faz hum elogio honroso a esta Cidade. Este he D. Joaó
 Luiz Roche , a quem o illustre Feijó em muitas das
 suas Cartas chama erudito , douto , e zelozo , por
 cuja cauza lhe confiou muitos dos seus escritos fami-
 liares. Este Escriptor na Dedicatoria de *Novo Systema* ,
sobre á cauza phisica dos Terremotos , impresso no anno
 de 1756. na Cidade do Porto de Santa Maria , intitula
 a Cidade do Porto *Novilissima Ciudad* , e a os seus

moradores *Fidelissimos Portuenses*. Dizeime , se vós , ou
 algum dos vossos amigos , fizestes ja outro tanto ? Di-
 zei-me , que obras tem elles feito para immortalizar á
 sua Patria , e os seus patricios , e que monumentos
 tem estabelecido para beneficio da Cidade , que lhes deu
 o nascimento ? Ah , que se eu os differa haviéis de cho-
 rar hum pouco. Basta , que vos-lembré o caso de Jo-
 zê da Ponte , esse Estrangeiro , que estabelecendose
 no Porto para ensinar Alg'bra , e Geometria foi at-
 tacado sem piedade por alguns sujeitos , que deviaó
 por credito seu tomar com elle algumas *lições*. Es-
 creverão-lhe Cartas mordazes , para o obrigarem a sa-
 hir da cidade , e ficarem elles desfrutando os creditos
 de primeiros Mathematicos da terra. Mandáraó-lhe va-
 rios problemas escuros , e impertinentes para elle os
 rezolver , e ridiculizarem a sua resposta. Fizeraó va-
 rias Censuras a esta , e conseguiraó , que alguns ho-
 mens materiais , e pouco instruidos os applaudissem,
 e sublinhassem sobre Jozê da Ponte. O despique porem
 deste Estrangeiro foi terrivel , e até injuriozo para a Ci-
 dade do Porto , que vós , e vossos amigos , como
 bons patricios , naó devíeis envergonhar. Mandou Jo-
 zê da Ponte os problemas , que lhe foraó dirigidos com
 as suas respostas , e com as objecçoens , que se lhe po-
 zeraó , á Real Academia das Sciencias de Paris , suppli-
 cando á aquelle Congresso de Sabios , que rezolvesse,
 se elle , ou seus adversarios tinhaó respondido bem a
 os mesmos problemas. Decretou a Academia dois dos
 seus mais doutos Academicos para examinarem as ra-
 zoens de Mr. du Pont , e as dos vossos amigos , e de-
 termináraó por huma rezoluçaó , que se lançou nos Re-
 gistos da Academia de 23. de Junho de 1764. = *que*
os problemas foraó bem rezolvidos por Mr. du Pont , e
que os ditos vossos amigos pelo contrario mostravaó , que
nó entendiaó nada da materia. Nous jugeons que les
 quatre problemes ont été bien résolus par le Sr. Joseph
 de Pont , au contraire le... ne nous paroit en aucu-
 ne maniere aut fait de ces matieres. Signé Camus , et

Pingre. Je certifie le present extrait conforme a son original, et au jugement de l'Academie: a Paris 27. Juin 1764. *Grand Jean de Fouchy, Secr. perpetuel de l'Academie Royal des Sciencies.* Quanto melhor fora, que se estimasse a Jozê da Ponte, e que senão mostrasse á Academia de Paris o mal, que se discorre no Porto! Isto sim, que era ser bom patricio, e darvos a vós hum exemplo conveniente, que agora vos tivera sido util.

Na mesma pag. 3. fazeis hum tremendo elogio á Gazeta Literaria. Digo tremendo, porque bem sabeis vós, que *laus in ore proprio vilescit*. Tomara saber a razaó, porque censurais, que o irmao do Orador Louvatiê a este, se vós cahis na inadvertencia de voz-louvar a vós mesmo, sem ser pela razaó do *amicus alter ego*. A bona entendedor, amigo Leandro, poucas palavras.

Acho-vos porem muita graça, quando escreveis, que em Londres se faz hum grande conceito da Gazeta Literaria. Com que Londres he hum Paiz de ignorantes, onde se celebra huma obra copiada dos seus papeis publicos mais vulgares? Hum Inglez, que está na posse de ler todos os dias obras doutíssimas, que se imprimem no seu Paiz sobre as materias mais importantes da Historia, da Critica, da Mathematica, &c., que acha nos Cassés da sua Capiral infinitos doutos, com quem conferir, com quem aprender, com quem brilhar; este Inglez ha de estimar, appiaudir, e appetecer a Gazeta Literaria? E para que? *Para conhecer os Autores Portuguezes dignos de entrar em no Santuario das Muzas*, como vos dizeis na pag. 4. Ha mais Flandres do que isto? Dizeime, amigo Leandro, quais são os Autores Portuguezes, que se daó a conhecer a os Inglezes por meio da Gazeta? Os antigos, ou os modernos; os vivos, ou os mortos? Os modernos certamente não, porque a Gazeta os *desfigura*, os *abate*, e os critica inhumanamente. Ella pinta os mais celebres Escriitores da nossa Nação de modo, que mais nos persuade o desprezo, que a veneração dell'es. Martinho de Mendonca de Pinna e de Proença escreveu *afectada*, e *metaphoricamen-*

te (d) o Rmo. P. Percira *be succinto* (e) Francisco de Barros *não vio os bons Autores da milicia para escrever bem della.* (f) Leonel da Costa *não traduzio bem a Virgilio.* (g) O P. Manoel Alvares *escreve impropriamente, e não sabe decidir sobre o tamanho dos Planetas.* (h) Antonio Gomes Lourenço *ouza do vozes, que não são Portuguezas, e devia observar outro methodo para escrever bem de Cirurgia* (i) O P. Fr. Manoel da Epifania *não sabe definir o bom gosto.* (j) O A. das Conversações Familiares *não soube eleger os lugares da Tragedia de Cesar, e merece correções sobre a intelligencia do estilo sublime.* (k) Em fim dos Escriitores vivos, que entráráo na Gazeta, poucos escapáráo de ser feridos: poucos apparecem de modo, que os Estrangeiros os respeitem.

Direis porem, que os Autores, que se dáo a conhecer na Gazeta são os mortos; quero dizer aquelles, que fizerao respeitavel o nome Portuguez nos séculos passados: aquelles, que escreveráo obras, que os Estrangeiros louvaó, e estimaó, tais como o Camoens, o Jacinto Freire de Andrada, &c. Pois delles dá noticia o Gazeteiro no mez de Agosto de 1761. (l) porem, amigo Leandro, isto he hum engano. Para os Inglezes conhecerem a Jacinto Freire, e a Camoens, não precisaó da Gazeta Literaria; antes se vos hei de dizer a verdade, á vista della faraó hum conceito muito inferior áquelle, que ja tinhaó formado, vendo as obras

(d) *Gazet. Lit. de Septemb. 1761. pag. 201.*

(e) *Gaz. p. g. 203. & 204.*

(f) *Gaz. de Feber. de 176. p. g. 22. e seg.*

(g) *Gaz. de Marso de 1762. pag. 5. e seg.*

(h) *Gaz. pag. 18. de Marso, e na de Junbo, pag. 71.*

77. &c.

(i) *Gaz. de Marso de 1762. pag. 32. e seg.*

(j) *Gazet. de Junbo de 1762. pag. 137.*

(k) *Id. pag. 113.*

(l) *Gaz. de Ag. pag. 131. e 136.*

obras destes ^{dois} Autores ; porque Inglaterra conhece o Camoens desde o anno de 1655. , que vem a ser cento e seis annos antes que a Gazeta se imprimisse. Digo , que o conhece desde o anno de 1655. , porque nelle anno foi traduzido em Inglez o Poema das Liliadas do mesmo Camoens , e impresso em Londres na Officina de Ricardo Fanshau. O mesmo digo da Vida de Dom João de Castro , Vice-Rey da India , escrita por Jacinto Freire de Andrada. Entendeis vós , que para os Inglezes conhecerem esta obra , e sua belleza , tem precisaõ da Gazeta Literaria ? Pois eu julgo que naõ ; porque desde o anno de 1664. se acha a Vida de D. João de Castro , traduzida na Lingoa Ingleza , e impressa em Londres por Henrique Herringman em folha com este titulo : *The Life of Dom Joh. de Castro, the fourth Vice Roy of India* , e he certo , que os Inglezes farão melhor juizo desta obra , e da de Camoens , vendo-as , e examinando-as , do que lendo na Gazeta humas certas palavras , que pouco ou nada dizem , do que ellas são , e que antes pelo contrario , naõ deixão julgar vantajosamente do seu merecimento. Direis vós , que para persuadir a estimaçãõ , que os Inglezes fazem da Gazeta Literaria , basta a Carta de Ricardo Tremlet , que vem no mez de Janeiro de 1762. da mesma Gazeta : porem , meu amigo , eu vejovos rir , quando se falla nesta Carta. Ella (dizem as más lingoas) foi nacida , e creada , copiada , e impressa em Portugal , para senos dizer , que o Autor da Gazeta sabe a Lingoa Ingleza com a perfeiçãõ do Inglez mais culto , (o que eu naõ creio por ser falso) que escreve a sua obra em hum excellente estylo , e que a vê girar pelo Reino , sem embolsar a despeza , que tem feito na impressãõ della , que he tudo , quanto se tira de toda a arenga da pagina 2. , em que se acha hum reverenda satyra contra a Literatura Portugueza. Isto porem , meu Leandro , são artificios , que ja hoje se conhecem muito de pressa. Eu naõ duvido , que haja no mundo Ricardo Tremlet , e que seja hum Sabio muito distinto. Quizera ver aquella Car-

Carta , que se diz ser sua , eſcrita na Lingua Ingleza, ou na Portugueza pela propria letra do meſmo Trem-let , e reconhecida por algum Inglez autorizado. No entanto eſcuzais vós , e o voſſo amigo de canſarvos com ſatisfaçoens , porque eu ſou muito incredulo.

Tambem não creio, o que dizeis na dita pag. 4. iſto hê , que O Autor da Gazeta excorritou o meio mais eſ-
*caz de dar á conhecer a os ſeus compatriotas as compo-
 ziçãoens dos maiores homens Eſtrangeiros , que hoje flore-
 cem na Europa , porque obſervo , que na Gazeta Literaria
 em lugar de ſe darem a conhecer a os Portuguezes va-
 rias Obras interessantes , ſe coſtumaó inferir Cartas , e
 outros papelaxos pouco dignos da noticia publica. Se
 o ſeu A. em lugar de noticias tafadas , e do tem-
 po dos Afoſninhos deſſe noticia das *Memorias da Aca-
 demia das Inſcripçoens , e Bellas Letras de Paris ; da
 Memoria ſobre a Navegaçãõ , e Commercio do Norte , que
 mereceo o premio na Academia de Amiens no anno de
 1760. da Bibliotheca Militar Hiſtorica e Politica , que
 ſe imprimio em Coſmopolis no meſmo anno : do
 Traçado da Optica de Mr. Bouguer : do Enſayo ſobre
 a Hyſtoria Economica dos Mares Occidentais de França
 de Mr. Tiphaigne : da Introduçãõ ás Secçoens Coni-
 cas para ſervir de Supplemento á os Elementos de Geo-
 metria de Mr. Rivard , eſcritas por Mr. Mauduit : da
 Sciencia do Gouſerno de Mr. de Real , em que ſe daõ
 a conhecer a os Vaſſallos as obrigaçoens , que tem
 a os Soberanos : das *Memoias de Phyſica , e Mathe-
 matica lidas nas Conferenciaſ da Real Academia das
 Sciencias de Paris , e imprefſas em 1751. do Diccio-
 nario do Cidadãõ , ou compendio Hiſtorico Theorico,
 e Prãctico do Commercio , em de (p. 180) que mui
 ſumariamente ſe daõ a conhecer os principios deſta
 Sciencia , o Direito publico da Europa relativamente
 ao negocio ; as produçõens , tanto da natureza , co-
 mo da industria , que formaó os ramos do Commer-
 cio ; a noticia das Fabricas novamente eſtabelecidas , a
 explicaçãõ dos termos principais pertencentes ao Cam-
 bio,***

bio , e a trafico , os nomes das Cidades , Provincias , Reinos Comerciantes com a descripção do seu negocio , e colonias ; as Companhias de Comercio Francezas , e Estrangeiras mais conhecidas , os Bancos , Camaras de Seguros , Feiras , e em huã palavra tudo , o que pertence ao Commercio , cuja obra se imprimio em Paris no dito anno de 1761: finalmente de outras obras igualmente d'outas , que se publicárao nos Reinos Estrangeiros nos annos de 1760. e 1761. de que elle escrevia : se deſſe digo noticia dellas , ou a o menos das mais principaes , enão , amigo Leandro , podiamos ſoſſer , que vós excedeſſeis alguma coiza nos louvores da Gazeta. Porem para lermos retalhos de Cartas , e criticas impertinentes , ſem equidade , nem conhecimento , eſcuzamos de gaſtar o noſſo dinheiro.

Muito principalmente quando he certo , que o voſſo amigo Gazeteiro , não ſoube extractar as obras , que lhe chegárao ás maons. Quereis que o prove? Eu tenho muito goſto niſſo , e aqui vos-dou hum exemplo. Na Gazeta de Abril de 1761. (*m*) quis o voſſo amigo dar noticia da Collecção Academica de Dijón , obra , como elle diz , *onde ſe encontra o melhor e mais inſtructivo , que ſe acha eſpaldado em mais de 800. volumes , eſcritos em varias Lingoas ſobre a Hiſtoria Natural , Botanica . Phyſica Experimental , Chymica , Medicina , An. tomia , &c.* Eis aqui huma obra , em que o ſeu talento acharia campo largo para extrahir noticias importantes para os Portuguezes , que não tem a Collecção , ou não ſabem as diverſas Lingoas , em que as ditas noticias ſe achão eſcritas. Elle confessa , (*n*) que o douto P. Manoel Alvares , Neri , lhe mandára a tal obra , e que a teve em ſeu poder para a analyſar. Pergunto agora? E deo o Gazeteiro huma analyſis della tal , que a faça comprehenſivel a os noſſos nacion-

(*m*) Gaz. Lit. Abril de 1762. pag. 51.

(*n*) Gazet. Liter.

cionais? Nada menos. Desculpa-se, de que esta, e outras obras, que tem pouca connexão nos seus discursos se se conhecem bem; dando a conhecer (crevo com a mesma Grammatica, e estilo do Gazeteiro) alguns capitulos, mas o certo he, que tal vez elle se não atrevesse a analysar a Collecção, visto que as noticias, que della dá, são as mais commuas, velhas, e impertinentes; e o peor hé, que com ellas occupa huã grande parte dos mezes de Abril, e de Maio. Enão seria melhor gastar tanto papel com as materias mais importantes da quella obra? Vamos porem a ver o extracto. Primèramente produzindo o Gazeteiro o titulo da Collecção, calou o anno, em que ella foi impressa, para se não conhecer, em que tomo se achão as observacoens, que extracta na sua Gazeta. Dá depois a descripção de humia fonte, que tem fluxo, e refluxo, e se accende apropinquando-se-lhe alguma luz ou fogo. Esta observação se encontra no Tom. I. da Collecção pelo que pertence ás obras Estrangeiras (e não nos dois primeiros, em que Mr. Berryat inferior, o pertencente á Real Academia das Sciencias de Paris) e foi impresso em Dijon por Desventes, e em Auxerre por Tournier no anno de 1755. Ora todos sabem, que o Gazeteiro, querendo desculparse em varias partes dos seus escritos, da omisção, que teve, e o irmão do Orador lhe arguiu de não dar noticia da Arte Poetica de Horacio, interpretada, e illustrada pelo Doutor P. Francisco Jozê Freire, e de outras obras honrozis á nação deste benemerito Escriitor, e de outros muitos, disse, que se propuzera humia Epoca mais moderna, do que aquella em que sahira impressa a dita arte, lo que falsamente affirma, pois até o tempo, em que o irmão do Orador lhe escreveu, tinha fallado de obras muito anteriores, como as de Camoëns, Alers, &c) e que por isso não fallara della; porem he isto desculpa, que satisfaza a os homens intelligentes? Para dar noticia á Europa da aquellas obras, que servem de lustre á Nação Portugueza, proporem na Gazeta de Ma-

io (o) a Epoca, que lhe parece, fixando-a no anno de 1760, que logo a li dezpreza para dar noticia da Orthographia do crudito P. Alvares, e para encher papel, e entreter vulgo, vai buscar huma obra impressa no anno de 1755. Naó diz o Gazeteiro no Preliminar da sua Gazeta, que os *Extractos Estrangeiros seráo coizas novas para os Portuguezes*? Naó torna a repetir na addição á Gazeta, de Outubro de 1761., (p) que dá a noticia do que pertence ás *Artes, e Sciencias, sendo coizas novas*? Pois com que fundamento, e razão nos quer dar a noticia de huma fonte, cuja descripção se deo a o publico naó menos, que á 80., ou mais annos no Diario dos Sabios de Paris? (q) Alem disso se queria dar noticia da Collecção Academica de Dijon, cujo titulo produz, porque o naó havia de fazer como o prometeo no seu Preliminar, quando disse, que = *O melhor meio de dar a conhecer hum livro, é fazer delle huma analysis, em que se siga sempre a mente do Autor, expondo as principais razoes, em que se funda, e as ideas fundamentais da obra, ligando-os pensamentos de que se compõem, e seguindo a serie, e continuacão delles com a mesma ordem, que no original; encadeando os principios ás consequencias, naó omitindo algum dos factos mais importantes, e alguma das reflexoes mais interessantes; em fim reduzindo a sustancia de hum extenso original a hum breve extracto, cuja arte consistirá em conservar a grãça, e rasgos da obra extrahida* (nao seria menos maó dizer extractada) unindo-os, e abreviando-os sem os desfigurar, nem confundir. Em fim diz, que representará o plano das obras, e que dará huma *idea summaria* do melhor, que nellas se achar. Ora pergunto agora, amigo Leandro; Cumpre o voffo amigo esta promessa? Mal pecado. Se elle, em lugar de

cri-

(o) *Gazet. Lit. de Maio de 1762. pag. 3.*

(p) *Addif. á Gaz. de Outubr. de 1761. pag. 175.*

(q) *Journ. des Sçavans du Lundi 24. Janvier 1684.*

criticar Oraçoens Inaugurais, escritas para animar os Portuguezes a hum trabalho, que lhes-hé muito necessário, e util; como até elle confessa: Em lugar de Cartas, que faz, e nos inculca mandadas de paizes estranhos com elogios taó desmarcados, quaes elle naó concedeo a os maiores Sabios do Mundo; e em lugar de injuriosos Escritos, que manda imprimir fóra do Reino, contra as mefimas pessãoas, a quem deve obrigaçoens, executára o que prometeo no Preliminar da sua Gazeta, naó veriamos hoje a sua obra pouco estimada dos entendidos. O que elle devia fazer ao extrac-tar a Collecção Academica de Dijon, era valer-se do Tomo, que sahió no anno de 1761., por ser aquelle, que mais se avizinhava ao anno de 1762., em que elle Gazeitero escrevia (ainda que com a occasiaó de falar delle, falase dos Tomos precedentes) e no tal Tomo, que hé o sexto das obras Estrangeiras, acharia varias noticias, que se estamparaó nas *Transacçoens Phylosophicas de Londres*, no *Diario dos Sabios de Paris*, nas *Epemerides de Alemanha*, nas *Aéttas de Cômpenbague*, nas de *Leyfch*, &c. e saó mais modernas, que as referidas no primeiro Tomo. Alem disto, este Tomo da Collecção, em que se acha a descripção da fonte, que elc produz na Gazeta, consta de 312. paginas, incluido o Index, e a tal descripção da fonte acha-se na pag. 298. Ora será crível, que senaó achem em 298. paginas de huma obra taó util, e interessante (como o Gazeitero diz, que hé a dita Collecção) coizas mais raras, e uteis do que a fonte de Cracovia? Para ler historietas de fontes raras, hé necessário ir á Collecção de Dijon? Naó temos nas *Corografias Portuguezas*, no *Aquilegio de Mirandella*, e em muitas outras obras escritas na lingua Portugueza, e na Castelhana há muitos annos, noticias de fontes lacteas, inflammaveis, emeticas, petrificantes, de algumas, que coalhaó o sangue; de outras, que matao, que tem sabor de azeite, de vinho, &c. Naó seria melhor, que o Gazeitero analysasse o dito Tomo, como prometeo no

feu Preliminar , dando huma seguida noticia das suas
 materias , ou ao menos da-quellas , que interessaõ o Pu-
 blico , ou a Nação? Será por senaõ encontrarem as rais
 noticias no dicto Tomo? Nada inenos. Elle está cheio
 de materias importantissimas. Depois de hum Discurs-
 so Preliminar , que consta de 55. paginas, onde se achao
 varias noticias concernentes a Historia Litteraria , e Na-
 tural, e de alguma das quais (tal he a noticia de Franklin
 Quacker da Pensilvania sobre a Electricidade, que vem
 na pag. xxi. da Introduçao ou Discurso Preliminar da
 Collecção, e que o Gazeitero copiou a pag. 52. da
 Gazeta de Abril) se valeo o Gazeteiro para a dar na
 dita Gazeta. Entrao os Collectores a dar noticia do Com-
 pendio das Experiencias Physicas, feitas na Academia del
 Cimento de Florensa, Esta Academia , que o Gran
 Duque de Toscana sustentou, e enobreceo com a sua
 proreçao, e com a sua prezensa muitas vezes , que
 fez tantos, e tao notaveis experimentos sobre a Phy-
 fica , e Mathematicas, e cujas obras saõ tao raras, que
 alguns homẽs grandes se queixaõ da sua falta: esta Aca-
 demia digo, e os seus Experimentos com as Adicçoens
 do sabio Pedro Muschembroeck , deviaõ merecer al-
 guma attençao a o Gazeteiro para dar della , e delles no-
 ticia. Para que hẽ gritar continuamente , que as expe-
 riencias saõ o fundamento da boa Physica, se logo, que
 apparece occasiao de falar em experiencias se hestoge
 com o corpo? Contos de velhas, peixes que tem hum
 quarto de legoa de circunferencia, saõ coizas tao in-
 teressantes , como a noticia dos instrumentos, que ser-
 vem para conhecer as diferenças , e qualidades do ar:
 das experiencias sobre a ascensao do Mercurio no tubo,
 pezo , e pressao do ar , &c. sobre o Iman , congelaçoens
 artificiais, neve, alambre, electricidade, luz, pezo, agoa,
 calor, frio, &c. Mas supponhamos, que o Gizeiro
 nao quera falar com inuideza dos taes Experimentos
 Phycos, por nao ser elle hum da quellas Professores,
 que no manejo destas materias se tem feito senhor dos
 termos, e particularidades dellas; quem o absolveo de
 dar

dar noticia a o menos das materias, ou capitulos, que contem o Livro? O que podia fazer em duas, ou trez paginas da Gazeta, pois de outras tantas consta a Tabula das Experiencias, que vem no dito Tomo da Collecção a pag. 221. O certo hé, que faltou a o que prometeo, ou que senão lembrou do que tinha dito. Que-ro porem, que senão lembraisse de coiza alguma das taes Experiencias da Academia do Cimento, e que preferise as Historias do dito primeiro Tomo da Collecção; para qué foi buscar a pag. 298. e deixou as outras? Não hí no dito Tomo desde a pag. 253. até 312. infinitas coizas interessantes, extrahidas do Diario dos Sabios de Paris? Se o Gazeitero na Gazeta de Maio nos havia de ingerir a extensa Dissertação de Vephero sobre os monstros, que vem no Tom. 3. da dita Collecção (como adiante direi) por qué não deo noticia dos monstros, que se achão descritos na quelle primeiro Tomo, que devia ser primeiro analysado? Por exemplo. A pag. 253. se acha o extracto de huma Carta de Oxford sobre hum monstro de Salisbury, que tinha duas cabeças diametralmente oppostas, quatro braços, e mãos, hum só ventre, e dois pes. Este monstro se alimentava por ambas as cabeças, e excrementava naturalmente, &c. Pergunto agora; Não era raro? Não merecia ser referido? Nem o outro, que nasceu barbado, e se acha a pag. 267.? Nem o homem marinho, que se encontra a pag. 268.? Nem os dois monstros, que se achão estampados a pag. 269.? Nem aquelle menino, que esteve 26. annos no ventre de sua Mãe, e se acha a pag. 280.? Nem o outro monstro de Bezançon, cuja noticia se vê na pag. 294., &c. Não são isto monstros? E não estão na quelle primeiro Tomo, em que o Gazeitero pegou, e que queria analysar primeiramente? Creião os Portuguezes nas analyses de semelhantes Aurores, ou fôrmem por meio dellas juizo solido das obras, que se lhes extractaó? E que direi da candura, com que deixa de contar muitas coizas excellentes, que no tal Tom. 1. se encontraó?

Por exemplo , na pag. 255. a noticia de hum bixo; como serpente , que sahio do peito de huma mulher: Na pag. 256. de certos vapores-suffocantes , produzidos de huma pouca de agoa salgada encharcada por muito tempo : Na pag. 258. a da transfuzao do sangue: Na pag. 262. a de certa pedra , que cura a mordedura das viboras , e a dos incendios , cuja cauza senao pode descobrir: Na pag. 270. a de hum corno (nao estranheis o termo) nacido na curva da perna de hum homem : Na pag. 272. a de certa goma , especie de Balsamo , muito util para curar feridas: Na pag. 275. a da pedra de serpente: Na pag. 278. a de certa terra , de que se faz pam: Na pag. 282. a de certa mulher , que lancava pedras pe los olhos , do tamanho de favas , &c. Na pag. 285. a que ensina a crear os meninos sem ama: Na pag. 286. a do uzo interior do Azogue: Na pag. 290. a de hum bixo monstruozo expellido por certo Religiozo Franciscano: Na pag. 291. a do descubrimento de hum novo ducto biliozo , sua descripcao , e figura: Na pag. 301. a de certo fluxo de leite por huma coxa: Na pag. 305. a de varias observaçoens sobre a Historia Natural do Egypto: Na pag. 307. a de huma Hydropezia do peito , curada com sarjas nos pés: Na pag. 309. a de hum alfinete achado na urethra de hum homem: Na pag. 310. a de hum Hemorrhagia suspenlida pelo uzo dos pós sympathicos: Com que isto nao presta? Tomara saber , se hé mais interessante a noticia da menina sem cerebro?

~~Fim~~ Continuando o Gazeteiro dá noticia na Gazeta de Abril (r) da fonte de Cracovia , que vem , como ja disse no primeiro Tomo da Collecção de Dijon, (f) salta até a pag. 307. onde se encontra a descripcao do vapor inflamado , ou inflamavel , que noticiou Mr. Bernoulli , e como nao achou as materias , que assim a refe-

(r) G zet. Lite: de Abril pag. 54.

(f) Coll. Academ. tom. 3. & 1. des Estrang. pag. 298.

referi, dignas da sua attenção, largou o dito Tomo 1. e pegou no segundo da dita Collecção. Mas para qué? Será para o analysar, e instruir os seus nacionais das materias, que contém taó excellente obra? Não, amigo Leandro; não. Foi para ir buscar a pag. 90. do tal Tomo a noticia de outra fonte do Condado de Lancastre em Inglaterra, da que dá noticia na Gazeta, e logo sem mais dilacção arremetendo o dito Tomo da Collecção, passa a o 3., do qual extrahê a observação de Vollgnad de certa agoa inflamavel, que refere na pag. 57. da mesma Gazeta, achando-se ella na pag. 234. do dito Tomo 3. da Collecção, e com semelhante noticia acaba o mez de Abril, e o seu extracto.

Mas qué homem verídado medianamente na litteratura ficará satisfeito com esta breve, confusa, e dezordenada noticia da Collecção? O segundo Tomo della contém hum prodigiozo numero de factos, e materias importantes, que recolheo huã egregia Sociedade de homens illustres, quero dizer, a Sociedade Real de Londres; e será possível, que em 519. paginas do referido Tomo, em que se extractaó as Transacções Philosophicas da Sociedade Ingleza, se não encontrasse coiza digna da attenção do vossó amigo Gazeteiro, mais que a noticia da dita fonte? E hé isto extractar Livros, servir ao Publico, honrar a Nação Portugueza, dar-lhe a ler as noticias mais interessantes, que se acháo nos Livros Estrangeiros, ou hé querer confundir, e atrapalhar tudo sem guardar ordem, nem ley? Rogovos, amigo Leandro, e a todo o mundo, que examineis o tal Tomo 2. da Collecção, e vedeis a multituadaó de coizas raras, de que elle consta, e cuja noticia se podia a o menos dar de modo, que não fizesse omitir outros Escritos uteis. Ou o Gazeteiro entendeo, que a celebre Collecção de Dijon era digna da noticia dos seus nacionais, ou não? Se sim, por qué a não analysou, como devia, para a dar a conhecer; e se não, para qué a produz, e para qué copiou della tantas coizas inúteis? Basta referir, o que se encontra nas primeiras

18. paginas da obra, para me acreditar em aquellas peſſoas, que a naõ poderem examinar por si meſmas. Na pag. 1. ſe achã a deſcripção de hum bezerto monſtruozo: Pag. 2. a de huma mina ſingular de Chumbo, em Alemãa, e de hum bolo de Hungria, que produz os meſmos effeitos; que o bõlo Armenõ: 3. ſobre algumas particularidades do ſobredito bezerto monſtruozo, ſobre humas minas, de Azougue, e que ſe achãrãõ no Fridal, e ſobre o modo de produzir vento pela cahida de agoa: 6. Sobre a creação dos bixos da ſeda: 7. Sobre o-orvalho de Maio: 9. Sobre o modo, com que os povos da Virginia mataõ aquella caſta de ſerpentes, que tem huma campainha na cauda, e ſobre varias mortes cauſadas pelos vapores ſubterrãneos: 10. Sobre certo mineral de Liege, de que ſe extrãhe enxofre, e vitriolo, e do modo de trabalhar eſte mineral: 11. Sobre varias obſervações feitas ſobre huma cabeça monſtruozã: 12. Outras ſobre a diſſecção do corpo do Conde de Balcarres: 13. Sobre varias queſtões de Agricultura: 14. Outra ſobre o leite achado nas veias em lugar de ſangue, ſobre a grama, e outras coizas achadas na trachea arteria de varios animais, e ſobre certo Lugar de Inglaterra, onde ſem agoa petrificante ſe convertem os paos em pedras: 15. Sobre a natureza de huma ſingular pedra achada na cabeça de huma ſerpente na India: 16. Sobre o modo de fazer o ſal petra nos Eſtados do Gran Mogor com huma obſervaçõ do ſangue branco: 17. Sobre certas fontes ſalinas da Weſphalia, modo de extrahir o ſal das ſuas agoas, e ſobre a origem, e progreſſo da tranſfuzaõ dos Licores no ſangue, &c. Ora, ſerãõ eſtas, e ſemelhantes materias pouco intereſſantes, para o Gazeteiro omitir a noticia dellas? Mas vejamos mais alguma coiza.

Torna o Gazeitero na Gazeta de Maio a produzir o titulo da Collecção Academica de Dijon ſem declarar o Tomo, de que quer falar, e dá noticia de alguns paſtos monſtruozos, que nella ſe referem por teſtemunho de Mr. Seignette, Medico da Rochela, e Mr. Olivier,

vier, Médico de Brest. Estas noticias se achão no Tomo 1. da Collecção Estrangeira, pag. 300. , e pag. 304. e admittome da facilidade com que o mesmo Gazeteiro pega no Tomo 1. ; passa ao 2. , e ao 3. e torna finalmente ao dito primeiro.

Qué bella descripção , e analysiz de obra taó famosa , utili , e interessante? Se o Gazeteiro queria encher a Gazeta de monstruzidades , era necessario ir copialas da Collecção de Dijon? Naó estaó cheias as nossas Historias , e as Estrangeiras de fetos monstruzos , sem que a noticia delles seja nova , e propria para entrar em huma Gazeta Literaria , em que se devem participar somente os escritos , e noticias modernas? Naó será melhor , que recorraó ás fontes aquelles , que quizerem saber , e beber a fundo as noticias das monstruzidades? Naó hi infinitos Livros antigos , e modernos , onde naó somente se descrevem os monstros , mas ainda se pintaó , e se analysaó? Hé precisa a Gazeta Literaria , para se saberem estes desmanchos da natureza humana? Quanto eu até nas noticias publicas acho muito disto. Dellas consta , que no Lugar das Chans , junto a Leiria , naceraó no anno de 1628. duas meninas pegadas da cintura para baixo: Que na Villa de Castello Branco pario Maria Mendes Maia no anno de 1716. outra semelhante monstruzidade: Que no Lugar de Alfonso , termo da Villa de Chaves , pario a mulher de Bento Martins no anno de 1739. huá creança com duas caras em huma cabeça : Que na Cidade de Lisboa... Mas para qué hé isto? Estas monstruzidades saó coizas novas? E para isto convida o Gazeteiro a toda a Nação Portugueza! Para lhe dar noticia do que Mr. Seignette , Mr. Olivier , Joáo Jacob Wepher esereveraó no seculo passádo? Vamos porem ao que diz este ultimo. Tera elle , como ja disse , de huma menina nacida sem crebro em huá observaço , que hé a 126. da Decr. 1. Ann. 3. isto hé em 1672. , e depois de narrar o successo , acrescenta huma dissertaço , em que dá noticia de muitas monstruzidades semelhantes. O vossa

amigo traduzio tedondamente esta differença, em que vem noticias, do que Schenkio, Fontano, Zacuto, e outros Autores escreveraó á dois seculos, e depois de copiar paragrafo por paragrafo o que se acha no Tomo 3. da Collecção desde pag. 139. até 148. traduzindo-o para a Gazeta desde pag. 37. até pag. 50. usa de huma das suas destrezas, e diz assim na dita pagina: = *Depois da lista destes, e outros monstros, que tráz o Autor, e que não transferemos, por conta da demasiada difuzão, em que insensivelmente fomos cabindo, entra o Autor a falar na menina monstruosa, que foi objecto da sua primeira observação, e procura dar a razão dos vicios da sua conformação.* Quem ler isto na Gazeta há de entender, que o Gazeteiro tinha muitos mais monstros de que falar, e que os omitio para não avultar o extracto, que nos dava. Elle assim parece, mas não hé assim. O que o Gazeteiro nos traduz, occupa, como vimos, 13. paginas da sua Gazeta, e o que omite ainda não chega a meia pagina, que vem a ser algumas observações, que o Doct. Christovão Ardero, Medico Suíço, communicou a Wephero, e occupaó 26. regras; huma observação de Rodolpho Camerario, que occupa 6. regras, e huma de Gaspar Bauhino, que occupa duas regras, e faz tudo 34. regras, como se pode ver nas paginas 147. e 148. da Collecção citada. Eis aqui a verdade, e exacção com que escreve hum Critico, que se desvaneece de encher o Reino de Portugal de noticias novas, raras, e uteis! Verdade, e mais verdade, meu Censor rigoroso, que não escreve na Cafraria! Escreve em hum Reino, onde há muitos homens Sabios, e muitos maganões, que tiraó a mascara ás bazofias. Tomára só, que me dissera, para qué nas paginas 50. 51. 52. e 53. havia de copiar o que diz Wephero sobre as causas daquelle monstruo (e se acha na Collecção desde pag. 148. até o meio da pag. 150.) se não havia de copiar quasi duas paginas, com que acabava de copiar tudo quanto Wephero disse? E qué dirá a isto o intigue Leandro Moris! Eu o digo.

go. Que a Gazeta hé admirada em Inglaterra; que por meio della brilha o nosso Portugal, e que o Gazeteiro hé digno da immortalidade. Ah, pobre homem, como hé certo, que es materia disposta para qualquer petra?

O que porém me admira muito hé, que vós dizais na pag. 4.: *Que o Autor da Gazeta se dignou louvar a vossa profissã, que os nossos nacionais confundem com abaixa occupação de Barbeiro, e acrescenteis na pag. 5. que receais muito, que elle considerario ser communiçador os Cirurgioens a negra ingratião do Orador, venha pelo tempo adiante a desfazer as mesmas doutrinas que por hum puro efeito de generosidade quiz estabelecer no seu douto discurso a favor da Cirurgia, coiza, que lhe seria bem facil de executar.* Appello eu, amigo Leandro, vos sois muito medroso? Com que hum varaõ, que como vos passã a loitamente por toda a Historia Divina, e Humana; que sabe Grego, Francez, Inglez, e tudo quanto há no mundo: Hum homem tal, tem medo de hum Autor de Gazetas? E para ter tanto medo passastes vos as agoas do mar! Por ventura a Nobre Arte de Cirurgia, que mereceo neste seculo as recommendaçens, e os elogios dos Voltaires, dos Les Gendres, dos Roncallis, dos Feijoz, e de õnttos eruditos desta Ordem, tem medo dos Gazeteiros, e das suas Criticas? Ora vede vos a diferençã dos nossos coraçõens. Vos, que sois hu monstro de sciencia, estais morrendo de medo, depois que entrastes na quelle recõta; e eu, que em comparaçõ vossa, sou hum pobre homem, prometo de rebater quantos malevolos, injuriosos, e falsos discursos formarem contra a Cirurgia todos os mordazes, e petulantes Gazeteiros do mundo, havidos; e por haver. Estais já contenté? Ora alentaivos, e cobrai animo, que sois hum tamanhaõ.

O que porém me admira muito hé, que confessãdo vos, que os nossos Nacionais confundem a Profissã da Cirurgia com abaixa occupação de Barbeiro, e sabendo

do, que hé huma injustiça, pensarem os nossos nacionais taó diferentemente dos mais Europeos, sobre esta materia; ainda assim tenhais a boa paxorra de censurar os esforços, com que o Orador pretende desterrar este erro, persuadindo a os seus patricios a estimaçáo de huma Faculdade, que em todos os mais Reinos hé bem reputada. Dizei-me a diversa razáo, porque obrou mal o Orador em louvar a sua Profissão em huma obra Panegyrica-della, e pelo contrario obrou bem o Gazeteiro, vosso amigo, quando louvou a mesma arte em huá Gazeta Literaria? O certo hé, meu amigo, que vos naó sois taó bom Logico, como vos pintais.

Dizeis mais na mesma pag. 4., que entendestes *seria commum a todos os Cirurgioens o gosto, com que vistes defendida a vossa Arte por hum Autor desinteressado* (qual o da Gazeta) e que assentastes, que este gosto seria maior no Orador, por ser Professor de Cirurgia, cujas prerogativas se tem esforçado a exaltar nos papeis publicos, que tem dado á luz, e tambem por alcançar tantos louvores do Autor da Gazeta. Se vai a falar verdade, amigo Leandro, o Orador naó devia estimar, como vos dizeis que estimastes, os elogios, que na Gazeta se dáó á Cirurgia, pelo modo, com que ali se escrevem. Ainda sem attender a os futuros reparos, que se fizeraó sobre a sua Oraçáo, tinha razoens bastante mente fortes para senaó agradar dos Discursos do Gazeteiro, visto que nelles para se exaltar a Cirurgia se calça sem nenhuma attençaó, nem respeito a Medicina. Na Gazeta se diz, (pag. 290.) que os Cirurgioens inventaraó a Medicina interna: Pag. 292., que os Medicos desprezaó os Cirurgioens, movidos da inveja, e da sordida avareza, e que os Cirurgioens saó mais respeitádos do povo: Pag. 294., que os Medicos tem dezertado, e estaó dezertando da sua Profissão para a da Cirurgia, para q^{ue} ~~querem~~ ^{fazem} que fazem; comparandose na mesma pag. o Médico mais subtil com o rustico mais grosseiro: Pag. 295., que o Cirurgião ainda sem ser para obrar

no corpo humano cura infinitas doenças, sem dependência do Medico: Pag. 296., que hê dobrada a utilidade da Cirurgia, do que a da Medicina: Que os Cirurgioens de meia Cirurgia, que são os Barbeiros das Aldeas, são tão bem succedidos, como os Medicos; e que alguns Cirurgioens tem escrita sobre a Medicina m'lhôr, que o Medico mais sciente: Pag. 298., que a Cirurgia alcançou triumphos sobre a Medicina: Pag. 303., que a Cirurgia hê a mais bella flor da Coroa de Esculapio; e que se deve duvidar, se as curas, que os Medicos fazem, se devem a os seus remedios: Pag. 309., que a Cirurgia hê a irmã mais velha da Medicina, &c. Ora ainda, que algumas destas coizas fossem verdadeiras, dilas hia hum Cirurgião prudente com tal descoco, e liberdade? E tereis vos ainda valor á vista d'isto, para dizer, que o Orador quizer exaltar a Cirurgia sobre a Medicina? Dizime por vida vossa, em qué obra escreveo o Orador tantas, e tão grosseiras palavras, e concluzoens contra a Medicina, como as que ahsuna ficão relatadas, e se achão na Gazeta Literaria? Em o que observeo hé, que querendo elle produzir huã authoridade de Middleton, para provar contra dois Medicos, (na pag. 15. da sua Oração) que não fora só escrava em Roma a Cirurgia, como os rães Medicos afirmárao, mas que toda a Medicina o fora, como hé certo, e innegavel, teve a civilidade de não vulgarizar a dita authoridade pelo motivo, que ali declara, de não ofender a Medicina, a quem chama Arte Divina.

E hé isto ser incivil, potulante, falsario, e busão; como vos llic chamais na dita pag. 4. Envergonhai-vos, meu amigo, de tratar tão indignamente a quem no publico, e no particular trata com civilidade, e deccencia a os Sabios, e Escriitores; e tende a consolação, que nisto de escrever injurias não tereis, nem contendor, nem teopsta. Cantai em bora, o triumpho no jogo dos dicterios.

Na mesma pag. 4. quereis persuadir, que o Orador andou com as duas Cartas-manuscritas mendigando

do os suffragios dos inadvertidos , e que bufava com ellas nas conversações particulares em tòm de vitoriozo , para depois lembriarem todos *do-Parturient* , &c. Ora este versinho hé já muito safado , amigo Leandro , e vos que sois tão prompto em fingir entredos , e em idear falsidades , seria melhor , que vos lembrásseis de coiza mais recondita , para meter a ridiculas as Cartas do Orador , e seu Imaó. Quereis vos hum exemplo ? Eu volodou não menos que frizante , para andar na frente das vossas Cartas.

*Con quarenta mil Cavallos,
Hijos del viento velòz,
Y trecientos mil Infantes,
Que quitan la vista al Sol,
Salí de España una tarde
Solo á deciros , Señor,
Que no teneis vos calzas coloradas,
Que no teneis vos calzas como yo.*

Mas dizeime , quem vos mandou dizer a Londres essa novidade ? quem foi o curioso que apeteceu tão facilmente ? Mas eu o direi. Foi o A. da Gazeta , que valendose de meios indecorozos , houve ás suas maóas as Cartas dos dois imaóns , por via do Amanuense dellas. Elle as viu muito tempo antes , que se imprimissem , e para fugir a hum argumento , que se acha na primeira deu á latissafação , que se lê na Gazeta sobre o não falat nella das obras do Reverendissimo P. Francisco Jozè Freire , e de outros Sabios do Reino.

No fim da mesma pag. 4. a. leverais , que deveis defender o A. da Gazeta , porque louvou a vossa Profissão sem sombras de mentira , e que seríeis ingrato se não obrasseis assim , sabendo positivamente , que o tal Autor occupado em Estudos serios , e laboriozos , não quer perder o seu tempo preciozo , em huma disputa pueril , de que nenhum bem solido rezulta para a Sociedade. Este pequeno periodo deve ser respondido por partes. Se

O A. da Gazeta mentio, ou não nos louvores, que deu á Cirurgia, dirão aquelles Escritores, que tiverem interessê na averiguaçãõ desses louvores. Eu so vos digo, que elle faltou á verdade em muitas coizas, que escreveo na Gazeta de Novembro, sobre a Cirurgia. Por exemplo diz na pag. 298 *que em Hespanha vimos Fernando VI. fundar hum Collegio de Cirurgioens Latinos, e conceder a os seus membros muitos Privilegios.* Fernando VI. não há duvida, que a instancias de varios Cirurgioens da sua Camara, e de outros da sua Corte de Madrid, fez expedir huma Provizaõ do seu Conselho Real em 26. de Agosto de 1747. em que confirma os Estatutos, que os mesmos Cirurgioens lhe apresentárao para a fundaçãõ do Collegio Chirurgico chamado de S. Fernando. Porem donde hé, que se mostra, que estes Cirurgioens, e todos os Collegiaes do dito Collegio sãõ Latinos? Dos 24. Capitulqs, de que constaõ os rães Estatutos, tal senãõ colhe. Dos 12. Acordaõs, que depois se fizeraõ no dito Collegio, e que S. M. Catholica confirmou por rezoluçãõ de 21. de Maio de 1743. tambem não consta tal; antes se mostra, que qualquer Cirurgiãõ Approbado, pôde entrar no Collegio. Eis aqui a copia do Estatuto 18. extractado depois, e ratificado no Acordaõ 10. *Los Cirujanos aprobados, que pretendièren ser Colegiales, presentarán Memorial en manos del Secretario: en su pretension procederá el Colegio arreglado á sus costumbres, á su aplicasion, y á su inteligencia en la Cirugia, y Anathomia.*

Dizeime agoia, por qué regra saõ os Collegiaes daquelle Collegio Latinos? Sabemos, que muitos delles, não só sãõ, e sãõem Latim; porem Physica, e outras Artes, que os faziaõ, e fazem recomendaveis; porem que todos o sãõem, hé huma impostura. Quanto a os Privilegios, que o Gazeteiro diz se concedêraõ a o dito Collegio, quiz ra ver huma lista delles, porque nem nas Provizaõs de 26. de Agosto de 1747. e de 21. de Maio de 1748. nem no Decreto, que o mes-

mo Rei fez expedir em 6. de Janeiro do mesmo anno, a favor do sobredito Collegio, se encontra Privilegio algum concedido a os Collegiais. Qué dizeis a isto, Leandro? Vós haveis de saber, que isto de faltar á verdade anda em boa gente. A noticia do Collegio de S. Fernando pithouffe a huma pessoa, que eu conheço, e como foi dada em voz, naó se reteve com a verdade, com que se deo, e por isso se falsificou. Naó falamos por ora de outros Louvores, com sombra de mentira, que o vóllo Amigo deu á Cirurgia: a seu tempo os vereis especificados. Vejamos os *Estudos serios e laboriozos*, em que o *A. da Gazeta se occupa*, como vos dizeis. Quaes são elles? Da sua penna, e da sua caza naó sahio até agora outra obra á luz em seu nome, senão a *Gazeta Literaria*. E vemos nós nella coiza, que nos persuada esse estudo serio, e laboriozo, que vos nos inculcais? Os extractos das obras *Estrangeiras* são traduzidos dos Diarios de França, Inglaterra, &c. Os das *Portuguezas* são defeituozißimos, e mordazes. As bagatêllas, e superfluidades são a montes, tais, como a *Critica da Oraçáo*, a *Carta de Tremlet*, o *Livro de Circulaçáo*, &c. Pois logo, onde está aqui o serio, e o laboriozo? Se nós vissemos hum corpo de *Theologia Dogmatica*, ou *Polemica*, hum *Tratado de bom Moral*: huma *Collecçáo de excellentes Sermones*: hum *Livro proprio a inspirar o respeito da Religiaó*, os bons costumes, e a caridade com os proximos: Se vissemos huma obra profunda de *Phyfica*, de *Mathematica*, &c. diariamos na verdade, que eraó produçoens de hum varaó prudente, de hú *Religiozo serio*, e de hum *A. laboriozo*. Porem sem produçoens desta classe quererdes vós fazer hum *Escritor serio*, e laboriozo, isso, meu Leandro, naó pode ser: hé huma graça.

O dizerdes, que o *A. da Gazeta* naó quer perder o seu tempo, em *huma disputa pueril*, de que *nenhum bem solido rezulta para a Socied. de*. Hé huma das vossas galantarias capaz de confirmar na fé a hum *Idola-*

lutra. Sabem todos, que o aggressor desta disputa foi o A. da Gazeta. Elle censurou sem que nem para que na Gazeta de Novembro a Oraçáo do Orador, de quem se confessava amigo. Defendeu-se este com toda a civilidade em huma obra, que mereçeo a approvaçáo dos nossos Tribunais, e quando o mesmo Gazeteiro, ou devia proceder com igual seriedade, e honra, ou deixar huma materia que nada interessa ao publico, mandouvos os papelinhos, que vos confessais na pag. 11. que tendes na vossa maó para fundado nelles escreverdes as vossas Cartas, ou para o dizer mais claro, feito o Gazeteiro outra Hero, Sacerdotisa de Venus, passou a nado, naó o Helesponto, mas o Atlantico Oceano, para ir a Londres, onde se transformou em hum Leandro Moniz, e ajuntando-se com outroirmao deste se lançaraó da Torre (que há na quella Corte chamada de Londres) ao mar, que naó foi outra coiza o compor huma satyra chêa de infamias, e indigna de hum Religiozo. Hé isto ser pueril nas disputas, e escrever bagatellas, ou naó?

O que vos dizeis na pag. 5. de que naó conheceis o A. da Gazeta Literaria, hé huma verdade solida, porque sempre ouvi dizer, que ninguem se conhece a si mesmo; porem dizeime, Leandro, hé possivel, que hum Pintor taó exacto, e prolixo, como vos sois, que estivestes no Porto com tanto descanço, tirando as feiçoens ao Orador para as retrardes na pag. 30. das vossas Cartas, naó tivesse a paxorra de queter ver o A. da Gazeta Literaria, sendo elle naó famoso em Inglaterra, que vieraó de lá vello, e admiralo os Tremlets, e outros famosos homes? (t) Grande maganaó sois em materia de conhecimentos, e de retratos, e tambem em dizer na mesma pag. 5., que naó conheceis o Orador, sendo elle taó vossó amigo, e conhecido, que pertendeis retratalo a diante. Logica, e mais Logica, meu Portuguez Anglicano.

E

Con-

(t) *Veja-se a Gazeta de Janeiro de 1762. pag. 1. 2. &c.*

Contiguais na pag. 5. a dizer, que o Doutor Diogo Patche se retirou da Cidade do Porto, onde queria estabelecerse, por não querer sujeitar-se a certas formalidades, e exames, a que o Orador o obrigava, e que elle foi o que vos deu a noticia do mesmo Orador abi em Londres, acrescentando, que o dito Patche hé de huma familia, que sempre exercitou com credito a Cirurgia, e que na materia de Partos podia ensinar a os nossas nacionais muitas coizas, que tinha aprendido nas celebres Escolas dos Doutores Smellie, e Hunter. Vos quizestes aqui meter a faquinha no Orador, para o malquitar com os Inglezes; mas acertastes taó mal o golpe, que tereis tanta paciencia, se elle se voltar contra vós.

Diogo Patche (a quem vos não deveis chamar Doutor, sem elle receber os Graos em Oxford, Cambridge, ou outra Universidade) não sahio do Porto por senão fugear a os exames, e formalidades, a que vos dizeis o queria obrigar o Orador, pois antes pelo contrario se examinou no Reino, e tirou Carta de sua Magestade Fidelissima hum, ou dois annos antes, que se ausentasse para Londres. Ausentou-se hum do Porto, para cazar com a viuva de João Caulet, Negoziante Inglez da Factoria desta Cidade, não se atrevendo a fazê-lo aqui, por temer as contradicoens, que tal vez haveria ao seu casamento, por ser a Nacáo Ingleza honradissima, e não parecer bem a muitos, que Patche solicitasse aquella Senhora, no mesmo tempo, em que como Cirurgião curava a sua caza.

O dizerdes vós, que elle era de huma familia, que sempre exercitou em Inglaterra com credito a Cirurgia, pôde ser verdade, assim como podia succeder ser elle filho do melhor Cirurgião do mundo, e não saber nada de Cirurgia; porque me lembra, que Cicero, sendo um excellentissimo Orador, e hum Sabio da primeira ordem entre os Romanos, teve hum filho, que foi taó dessemelhante a seu Pai, como vulgarmente se sabe. Se o mesmo Patche aprendeu a Ciéncia dos Partos

tos com os Doutores Smellie, e Hunter, não sei de certo, nem vós o sabeis, e só sei, que em Portugal valeria pouco a sua Ciencia de Parteiro, se della quizesse uzar nas Senhoras Portuguezas: pois na mão do Escrivão do Juizo de fóra do Geral Antonio da Silva Portella, que serve da Commisáo do Cirurgiaó mór do Reino neste destrito, se acha a copia de huma devaça, que se tirou no anno de 1760. por ordem do mesmo Cirurgiaó mor, e por varias testemunhas della consta a ciencia, que Patche tinha da Arte Obstetricia. A folhas 13. da devaça jura huma testemunha, que Diogo Patch, Cirurgiaó Inglez, e morador na rua nova, sendo chamado para ver a mulher de Diogo Wood, Mercador da sua N.ção; e morador em Miragaia, a quem a Parteira Apolonia Pereira estava ajudando a parir, lhe cortára a madre, dizendo, que era o fole, de que rezultára morrerlhe nas maons a parturiente; e que lhe affirmára a elle testemunha a dita Parteira, que o dito Cirurgiaó Patche errára, e fora cauza da tal morte. A folhas 26. se acha outro depoimento de hum Cirurgiaó, (como tambem o hé o do referido) que diz: = Que o Cirurgiaó Inglez assistirá a hum parto de huma mulher das Azenhas de Villa Nova, chamada Maria, cazada com Manoel da Costa, Tancoeiro da Companhia do Alto Douro, e lhe metêra as maons na madre, com tal violencia, que se lhe seguiu hum copioso fluxo de sangue, e depois a morte. Mas adiante diz, que Diogo Patch assistirá a huma mulher de hum Estrangeiro de Miragaia, (hé Diogo Wood assima referido) e lhe cortára a madre entendendo, que era o fole, de que se seguiu logo a morte.

Eu não sei á vista destes depoimentos, se Patch era bom Parteiro: Fazolhe a merçe de julgar, que o era, e que não cortou o utero á mulher de Mr. Wood, como a Parteira, e Cirurgioens jurárao; o certo hé, que á vista da quelle, e outros successos, as Matronas Portuguezas, que se não entregáo a os homens se não na extremidade ultima, não recorteriaó facilmente

te a Patch , salvo se os successos futuros fizessem escurecer os primeiros : Nem menos irião muitos Cirurgiõens postilar com elle a materia de Partos , ainda que abrisse Aula , ou Escola disto.

Deixando varias injurias , com que vós principiais a pag. 6. (a que como já vos disse não responderei nesta Carta) continuais a dizer , que *se pode á reparar , em que sendo vós Cirurgião louveis a Medicina , cujos Professores tem a fama de aborrecerem , e desprezarem os Cirurgiõens : que na verdade essa hé a opiniãõ , que communmente domina entre os Cirurgiõens de Portugal ; porem que em Inglaterra senãõ pratica isso , pois vós em tantos annos , que assistis nessa Ilha. não tendes descoberto nos Medicos esta malevolencia , e odioso procedimento de modo , que qualquer sujeito , ou seja Medico , ou Cirurgiãõ , sendo eminente na sua occupaçãõ , adquira as maiores estimaçoens dos Professores de huma , ou outra Arte.* Serãõ possivel , que hum homem , que se preza de taõ bom Logico , como vós , diga , e desdiga , affirme , e negue aquellas coizas sobre que creve ? Ao mesmo tempo , que vós affirmais , que não tendes descoberto nos Medicos Inglezes alguma malevolencia , e odioso procedimento , confessãis na mesma pag. que Mead , e Middleton se combateraõ : Que Hunter , e Port furiosamente se atacáraõ hum ao outro : Que o Doct. Aken-side fizera o mesmo com Monro , o Doct. Lucas com Rutti , e Ruffel , &c. E hé isto o mesmo que dizer , que em Inglaterra não há divorciõ entre os Medicos , e Cirurgiõens ? Ha , bom Leandto , para qué ne tanto preambulo. Vos sem sair dos Medicos , e Cirurgiõens Inglezes , que tem curado a Factoria do Porto , podião achar desunioens , e odios , que por nossos peccados tanto reinaõ em Portugal , como em Inglaterra : tanto se experimentaõ entre os Medicos , e Cirurgiõens Portuguezes , como entre os Medicos , e Cirurgiõens Inglezes. E já que tivestes a ingenuidade de falar nas differenças , que ouve entre os Doutos Middleton , e Mead , haveis de permitirme , que eu vos diga , que não leistes coi-

coiza alguma dos escritos dos tais Autores, e que só sabeis, que elles se atacavaõ hum ao outro, porque o disse o Orador na sua Oração: Digo, que os não vistes, porque nos tais escritos observareis, que Midleton se queixa altamente de que os Medicos, seus adversarios, se valessem de diſterios, e injurias para lhe responderem, chamandó-lhe hum delles (como vós ao Orador) malevolos, calumniadores, falsarios, e outros semelhantes convicios, (u) que constaõ da passagem do mesmo Midleton, que vos dou a ler na Notta marginal. Della coligireis se em Londres há odios, se há malevolencias, e se há dezunioens, e vereis afeuzado, com que intentastes persuadir o contrario na dita pag. 6. Meu amigo, apaixonados, quanto quizerdes, mas falai sempre verdade. Não enchais paginas de alguns nomes de Medicos, e Cirurgioens, que achastes nos Cathalagos, e cujas obras não tendes visto nem pelos pergaminhos. Confessai, que por desgraça nossa, e dos Emperios, tanto em Inglaterra, como em Portugal há disputas, e oppoziçoens entre os Professores da Arte de curar. Confessai tambem, que se há Reio em que as duas Faculdades Medica, e Chirurgica vivaõ pacificas, e concordes hé em Portu-

tu-

(u) Midlet. Defens. Dissert. contr. Anonym. pag. 40. *Tu vero, num vel una n demum nobis veritatem patefecisti? Numve unam aliquam calumniandi occasionem pratermissisti? Quippe ea, vir probe, annon contumelia est: Teologia Professorem mendacem; malevolum, calumniatorem ubique appellare? Annon id, inquam, quam maxime contumeliosum hominem liberaliter educatum in simulare; quod falsitate alios circumvenire studuit; quod de locis ex auctoibus citatis, non nulla audacter mutaverit; alia malitiose confinxerit; alia verba aliena adtexerit, quod fucum faceret; quod de veritate nihil sit sollicitus, dummodo convitii aliquid congerat; quod si le nulla dignus sit, &c.*

tugal onde não consta, que houvesse opposiçõens publicas, e geraes, entre as duas Artes, e só haveria alguma rixa particular, suscitada por alguns Medicos novos, e pouco procurados do Povo. Vos sabeis, que os Cirurgioens communmente ignoraõ a Phisica, Anathomia, Bellas Letras; &c. ? Muitos delles sabem ler mal: Outros nunca virão mais Livro, que o Ferreira, e achais vos, que com estes requisitos se poderão oppor de modo, que desconcertem a harmonia das duas Profissoens ? Advirtovos de caminho, que quando o Orador louva os Cirurgioens, e persuade a estimagaõ delles, fala dos verdadeiros Cirurgioens: da quelles, que sabem as Bellas Letras precisas, a Anathomia, a Phisica, Chirurgical, e o que dizem os bons Autores da Arte: não fala dos indoutos Romancistas, e Cirurgioens ignorantes das Aldeas, a os quais o vossõ Gazeteiro louva tanto, que os pretere a os Medicos Sabios.

Não ignoro, que vos quizestes persuadir com esta d. greilão merida ao soslaio, que o Orador dizia mal dos Medicos, e da Medicina, para o fazerdes odioso, e ver se algum Medico douto se fazia vossõ parcial, e se interessava a vossõ favor nesta contenda Literaria contra os dois Irmãos; porem meu amigo, vos enganastesvos. O Orador hé o primeiro em venerar os Medicos doutos, com o respeito, e amizade mais sincera. Nunca com elles teve o menor desgosto particular, nem publico (o que tal vez não poderá dizer dos Cirurgioens tais como vos.) Na Academia Medica, nas Conferencias, ou Juntas, e em todo o lugar se tratou sempre com os mesmos Medicos com a maior civilidade, e policia. Tem a honra de se corresponder com os mais excellentes de Portugal, de Espanha, e até com alguns dos outros Reinos da Europa: de muitos dos quaes Medicos vereis os nomes, e o caracter no mez de Janeiro do *Diario Universal de Medicina*. E para o dizer em huma palavra, deven to o Orador a três Congressos Regios de Medicina a singular honra de o adscreverem no Catalogo dos seus Socios, sem elle so-

licitar, nem pedir tal honra, devendo, digo, tantas honras ás Academias Medicas, e á maior parte dos Professores doutos de Medicina, com quem se corresponde, e tracta familiarissimamente, havia de ser tão estúpido, que calunhiassê, e se queixassê da Medicina, e dos Medicos? Huma coiza vos direi, que talvez vos não saibais, e hé, que tirandose nesta Cidade huma devaça por ordem do Doutor Fifico mór, defunto, contra os Cirurgiões, que curáo de Medicina, a requerimento de dois unicos, e mal aconselhados Medicos, que sem consentimento dos seus companheiros se declaráo offendidos, houve Cirurgiões tão inimigos da Profissão, que foraó acuzar os seus proprios companheiros, e houve Medicos, que fizeram todas as diligencias possíveis, para não ir jurar na devaça. E qué succedeo depois? Que os mesmos Cirurgiões malevolos, que foraó jurar contra os seus companheiros, e que tambem, como elles, ficáraó culpados, se valesem do Orador, e dos seus amigos para o seu remedio. Elle os dirigio, e elle se portou de maneira, que defendeo a sua Profissão, e os seus companheiros, sem escandalizar a Medicina, e os Medicos: de tal forma, que alcançando os Cirurgiões culpados, ordem do Cirurgião mór do Reino para elle Orador, como seu Juiz Commissario autuar os Professores de Medicina, que curassem as queixas exteriores, e pertencentes á Cirurgia, não procedeo até agora contra algum delles. Qué dizeis a isto, Leandro? Nunca tendeis a facilidade de dar noticias sobre que mostrais tão pouca instrução. Sabei, que o Orador confessa dever muito do que sabe a os Medicos, e que os venera muito, e á sua Profissão.

Dizeis na pag. 7. que *só os Cirurgiões mediocres se queixáo da altiveza, e inimizade dos Medicos*, e eu digo, que se a tal mediocridade de talento alcança tambem os Escritores, que não só Cirurgiões, fica comprehendido nella o Autor da Gazeta Literaria, vosso amigo, porque diz na pag. 290. da dita

Gazeta de Novembro, *que os Medicos desprezab os Cirurgioens, movidos da inveja, e da fardida avareza.* Dizime agora, se são os Cirurgioens os que se queixão da alveza, e inimidade dos Medicos; ou se são aquelles Autores, que, como o vossó amigo, pertencem, e se desvanecem de restantar a litteratura Portugueza, e a que vos chamais doutissimos? Ah, pobre Leandro Moniz, em qu' apertos vos achais! Isto ainda não hé o peor. O mal, que eu lhe acho, hé collocardes vos na pag. 6. a Percival Pott, a Guilherme Bronfield, e a outros na classe dos que exercem dignamente a Cirurgia em Inglaterra, e depois na pag. 7. dizedes, que só os Cirurgioens mediocres, são inimigos dos Medicos, incluin-do nesta classe a os mesmos Pott, Bronfield, e outros, *que atacam furiozamente a os Medicos, seus antagonistas,* cujos nomes dais na referida pagina. De sorte, que vos dizeis, e decidizeis com a maior candura do mundo. Em hum lugar affirmais, que os Cirurgioens mediocres são inimigos dos Medicos: Em outra dizeis, *que certos Cirurgioens, que exercitão com lustre a sua Arte, atacarão furiozamente a tais, e a tais Medicos.* Na verdade, meu amigo, que não posso entender, o que vos dizeis, ou o que quereis dizer nesta salçada. E que ainda atism griteis na dita pag. 7., *que o irmão do Orador hé o que atrapalha, e confunde as coizas,* quando elle as trata com a ordem, e clareza, que se vêm na sua Carta! Valhate Deos por Escriitor.

No fim da mesma pag. 7. declarais, que não dizeis nas vossas Cartas tudo quanto podeis dizer, *por que esperais, que o Orador publique algumas obras, sobre que vos expuzeis com maior extençãõ, clareza, e liberdade.* Visto isso, estais vos em Inglaterra assalariado, para censurar os Autores de Portugal, e principalmente o Orador? Que vós escrevais com extençãõ, e clareza, passe, que hé não da armada, ~~e~~ e não haverá rrazõ de queixa; mas a liberdade, meu amigo, tem seus perigos em Portugal. Em quanto vós combaterdes

des com as armas da prudencia, da sabiduria, da civilidade, sercis rebatido com moderaçao, e com respeito; porem se fordes libertino, ao Rei, e a os Ministros toca o conter, e domar a vossa insolencia. A mim nao, nem a os Escritores serios, que descansao seguros debaixo da protecçao das Leis.

Vamos porem á resposta, que vos dais á Carta do irmão do Orador. Ella hé tal, que tem nauseado os estomagos mais robustos, e nao há homem prudente, que senao escandalize da liberdade, com que vos a escrevestes, e dos dieterios, e pulhas, de que vos valestes para encher papel. Tinha o irmão do Orador na Carta, que dirigio a o Gazeteiro, feito mençao dos titulos, e honras, que o Rei, nosso Senhor, e os Congressos de Hespanha conferiraõ a o dito Orador, e vos occupais a maior parte da pag. 9. para mofar de todos elles, e ridiculizar ao Orador, a seu irmão, a os Congressos de Espanha, e a todos os do mundo, pois vos deixais dizer no fim da pag., que *huma Academia das mais fmozas de Italia conferio o Titulo de seu Academico a hum Cavalheiro da Beira por huma arroba de Chocolate*. Responderei por partes a semelhantes grosserias.

Quero primeiramente defender ao irmão do Orador, do crime, que vós lhe imputais de louvar a o dito seu irmão, pois vejo, que vosso amigo o Autor da Gazeta (que hé tao douto, e circunspecto, como vós o pintais) a cada passo está elogiando a seus irmãos e principalmente a hum delles, que publicou certo caderno sobre a circulaçao do sangue; dizendo na Gazeta, (x) *que esta obra hé huma das boas, que tem visto*, e vós nao haveis de querer hum Deos para vós, e outro para os mais. Alem disso, o irmão do Orador, nao deu a este louvor algum, no que escreveo na sua Carta. Dille, que de seu irmão faziaõ

F

bom

bom conceito pessoas sublimes, e sabias, tais como o Autor da Gazeta. Disse, que seu irmão se esforçava em persuadir a os seus companheiros, que se livrassem das preoccupações, com que os creárao, sendo o primeiro, que publicamente mostrou, que estava livre dellas. Disse, que este zelo o fez alistar nas Academias de Espanha, e que sua Magestade o honrassê com o Titulo de Cirugiaó da sua Caza, eo Cirugiaó mór com huma honroza confiança. Vejamos agora, se isto hé verdade.

Que louvem ao Orador, e aos seus escritos pessoas sabias, só o ignorais vós, movido naõ sei se da paixao, se da inveja. Porem os que lemos alguma coiza, e estamos livres do espirito de parcialidade, naõ duvidamos disso, porque achamos, que naõ só no Reino, mas fora d'elle hé nomealo com respeito, e elogio. Naõ fallo da honroza d'ellaõ, com que o collocou em varias partes da sua Bibliotheca Lusitana o doutro Abbade de Sever Diogo Barboza Machado, Academico da Real Academia da Historia Portuguezza, pois necessariamente o havia de nomear na quella obra, como escritor Portuguez (supposto, que ainda nella naõ vejamos o vosso nome nem o do Gazeteiro, e seus irmaons) naõ fallo tambem nos Titulos de erudito, de zelozo, e de ciente, que lhe deo o Autor da Gazeta nos mezes de Novembro, e Dezembro, porque á vista do que ouso, e do que leio, já elle se retratado que disse, e já posteriormente julgou diversamente do seu merecimento. Vejamos só o que se diz fora do Reino.

Primeiramente Dom André Garcia Vasques, Cirurgiaó da Caza Real de Castella, e zelozo Traductor das obras de Genga, e Heister na lingua Castellana, a quem o mesmo Heister em varias Cartas, que se encontrao no 1. 3. e 4. tom. da traduz. ó das suas Instituições, chama *Cirurgiaó celebre, doutissimo, e dignissimo*. Dom André Garcia, digo, no Prologo do 2. tomo das ditas *Instituições*, impresso em Madrid por Mi-

Miguel Francisco Rodriguez no anno de 1748. dá ao Orador o titulo de doutíssimo Cirurgiaó , dotado de hum engenho elevado , naó somente na Physica Chirurgical , *sino tambien* (saó as suas proprias palavras) *en el mas delicado gusto , en lo que llaman buenas Letras.*

O mesmo Vasques no tomo 3. impresso em Madrid pelo mesmo Impressor em 1749. paginas 174. se explica assim: *Pocos dias há que llegó á mis manos, por la generosidad de Dom Manuel Gomez de Lima, doctissimo Cirujano Portuense, de quien hice mencion en el Prologo del tomo 2. de esta obra, el Libro de las Operaciones Chyrurgicas del famoso Inglés Sharp, &c.* Isto hé o que disse Vasques do Orador , e por boas contas há mais de 15. ou 16. annos , que assim se pensava da sua capacidade em Castella: e lembrame , que nesse tempo ainda vós naó sabieis bem ler , porque só passados annos comefastes á letrár a Practica de Barbeiros.

Depois da quelle tempo , e mais modernamente louvou á o Orador Dom Joáo Luiz Roche na Carta ao Marquez de Villa Panès, impressa com outras obras do mesmo Autor na Cidade do Porto de Santa Maria , na Officina de Caza Real de las Cadenas no anno de 1757. pagina 61. onde o cita , sobre a materia dos Terremotos , e ji no Prologo Apologético , que precede á sua douta *Difertação sobre el limitado poder de los Abortivos* , cita huma grande passagem do *Dialogo da Instamação* , que o Orador compoz, pela maneira seguinte: *Procuran* (diz o douto Roche) *no embeberse en semejantes reparos* (fala de alguns , que sepodiaó oppôr ao teu modo de crever) *aqueellos Autores, que han pulsado algun tanto la regla del buen gusto, ó el gusto de las gentes de este Siglo. Oygamos por todos al muy famoso Lusitano el clarissimo Don Manuel Gomez de Lima, &c.* Cita logo huma passagem da pagina 168. do dito *Dialogo da inflamação para authorizar o teu sentimento. Qué dizeis a isto, Leandro?*

bro? Quanto mais deve o Orador á os Sabios escriptores Estrangeiros, do que á vós, e outros, que ridiculizaó a Nação! Buscai taó bem o *Novo Aspecto de Theologia Medico-Moral*, e ambos os Direitos, compostos pelo Reverendissimo e Sabio Cisterciense Dom Antonio Joze Rodriguez, Theologo do Infante, Dom Luis de Borbon, e do Nuncio de Espanha, impredõ em Zaragoza, no anno de 1751. por Francisco Moreno, e no §. 18. num. 145. pagina 386. da *sua Verdade vindicada contra as ignorancias crassas, que pretendem escurecerla*, vereis citado o nome do Orador, e nas Addiçoens ao Tomo 3. pagina 458. o voto da Academia Portopolitana, que elle escreveo, e onde o torna a nomear.

Direis vos, que eu naó devia citar estes elogios, escrevendo, a o que parece, em defenõa do Orador; porem elles correm impressõs fora do Reino, e naó saó dados em huma Carta, como a que o Autor da Gazeta, vosso amigo, na sua mesma obra imprimio com o nome de Ricardo Tremler.

Se Orador quizesse estampar Cartas em seu louvor, poderia dar á luz meia duzia de Tomos como os da Gazeta. Sem nomear a muitos, e eminentes Prelados, a muitos, e grandes Ministros, e a famosos Escriutores, que o tem distinguido com Cartas cheas de expressões honradas, e humanissimas, produziria os testemunhos dos Sachetes, dos Avreis, dos Segueres, dos Montleons, dos Morandos, dos Cazedas, dos Buendias, dos Vazques, Cavalheros, Lopes, e outros varoens famosos na Medicina, e na Cirurgia da Europa, para vos verdes, que lhe tem remetido os mais completos elogios. O que porem dá mais a conhecer o quanto fóra do Reino se estimao as obras deste Autor (quero dizer o Orador, a quem vos taó inhumanamente ofendeis) hé, que ate se tem impresso algumas das suas Cartas. Parecevos muito? Pois buscai o Tomo 2. dos *Fragmentos curiozos, e eruditos de algunos ingenios modernos*, em que se expone una *Critica Universal en*

todo genero de materias, impresso no Porto de Santa Maria no anno de 1758. e escritos pelo celebre Roche, e ali vèreis huma grande Carta do Orador, traduzida na Lingoa Castellhana, e impressa no principio do dito Livro com este titulo: *Discurso que formó sobre esta obra el Señor Dom Manuel Gomes de Lima, Lugar-Teniente del Cirujano Mayor de Portugal, Escriitor público, &c.* Eu quero conceder, que estes elogios, e estas honras com que hé tratado o Orador fóra do Reino, são mais effeitos da benignidade de quem os fiz, que do merecimento de quem os recebe; quero, que nellas haja excessõ, e exaggeraçãõ: o certo hé, que não servem de fazer injuria alguma à Naçaõ Portugueza, e que justificaõ seu irmaõ do crime, que vos lhe imputais em dizer, que do Orador faziaõ bom conceito pessoas sublimes, e sabias. Assentemos, Leandro, que nisto falou verdade, e que vos em negallo faltais a ella.

No que toca a ser o Orador o primeiro, que mostrou publicamente em Portugal, que estabh livre das preoccupaçõens, com que o criaraõ, forcejando em persuadir a os seus compatriotas a que seguissem o mesmo caminho, (que hé tão bom o que disse seu irmaõ, e que vos negais, e renegais) hé verdade tão certa, que só todo hum Leandro Moniz da Torre terá valor para negalla. Nomeai hum Cirurgiaõ Portuguez, que em obra publica antes do anno de 1752. persuadisse, que o methodo, porque se aprende a Cirurgia em Portugal, hé improprio para sabella. Nomeai outro, que tivesse a resoluçãõ antes do anno de 1748. de esquecer dos seus interesses particulares, e do seu proprio descanso, para andar unindo vontades, fazendo gastos extraordinarios, e traballando incessantemente, a fim de fundar huá Academia, para conferir, e buscar a boa, e racional Cirurgia; sujeitando se ao trabalho, e despeza das correspondencias Literarias, para consultar os Sabios da Europa, e a muitos outros incommodos, e diligencias, que deve calar a modestia. O

certo hé , meu Leandro , que o naó haveis de achar , e que só achareis , que o Orador , lendo na Academia Polipolitana , a primeira das suas Reflexões Criticas , sobre os Escriptores Chirurgicos de Portugal no anno de 1750. declamou contra o ocio dos Cirurgioens Portuguezes , e contra o vulgar methodo de ensinar a Cirurgia no Reino. No Prologo daquelle Discurso , impresso em Salamanca por Eugenio Garcia Honorato no anno de 1752. achareis as seguintes palavras : *Pertendo mostrar , que os Escriptores de Cirurgia do nosso Reino , se devem ler com cautela , e emmendar com prudencia : que as authoridades dos homens naó haó de crese como de se : que a Cirurgia em Portugal carece de reforma : que para saber esta Arte perfeitamente hé preciso ser mais que Ferreirista , &c.* Dizeime agora por vida vossa , se isto prova , que o Orador foi o primeiro , que mostrou publicamente estar livre das preoccupações , com que o creará nas Aulas da Cirurgia , facudindo o jugo de Ferreira , e declamando contra o methodo , com que o ensinárao ? Vos certamente ficareis confuzo , e alcançado em contas , e tal vez , que para vos libertardes do aperto , ou vos nomeeis a vos por archi-despreocupado , ou avosso Barbeiro , que hé sómente quem pode preferir ao Orador , ao menos em saber rapar barbas. Vamos porem ao que importa.

Na pag. 9. dizeis , que o alcançar o Orador ser contado nas Listas das Academias de Espanha , naó faz formar delle melhor conceito ; pois todos sabem , que estas Academias não está naquelle alto credito , em que estáo outras de outros Países , onde para hum Estrangeiro ser admitido , hé necessario ter huá reputação maior que aquella , que em Espanha julgáo sufficiente : e que senão há outros Cirurgioens Portuguezes , que sejaó membros de quelles Congressos , hé ou porque naó teráo algú obrigado em Espanha , que lhes procure estes frivolos titulos , ou porque teráo pejo de se servirem de certos meios , que há para os obter. Confellovos seriamente , que me lastimo , e me envergonho , de que se appellido Por-

Portuguezes hum homem , que tem a ousadia , e a imprudencia de faltar áquelle justo respeito , que se deve ás Doutissimas , e Illustres Academias de Espanha. Os Sabios da quella Nação , que conhecem os excellas , que produz huma Critica desordenada , e huma paixáo cega , não faráo caso de semelhantes calumnias , na certeza , de que no nosso Reino há homens doutos em todas as Facultades , que conhecem o respeito , e a veneração , que se deve ás suas Illustres Sociedades. Sabem estes honrados Portuguezes , que dellas tem sahido homens famosos : que as Mitras , e as Cadeiras tem sido occupadas por muitos dos seus Collegas : que os Reis , e os Principes os estimó , e os preferem : que a Medicina tem sido adiantada por elles ; que a saúde publica mais de huma vez tem recebido das ditas Academias os maiores beneficios ; e em fim , que os Estrangeiros mais famosos sollicitó , e se honró muito de ser contados nas Listas dos seus Academicos. Como porem vos não sabeis nada de Academias , (e o vosso amigo pouco mais pode dizer dellas , porque até dá de Londres *erro* o anno da fundação) quero ter a paciencia de vos dar algumas noticias importantes , para vos-ihoderar a inveja , e apaixáo que tendes concebido , por não serdes buscado para Socio de alguma dellas.

Sabei , pois , amigo Leandro Monis , que as Academias de Madrid , e Sevilha são Congressos Reais , a onde , como nas outras Academias da Europa , se juntaó os Socios frequentemente para conferir os meios de adiantar a Medicina , a Physica , a Anathomia , a Botanica , a Pharmacia , a Cirurgia , &c. A Sociedade de Sevilha tem alcançado os Decretos mais honrados dos Reis Catholicos. O Senhor Filipe V. , Pai da Augustissima Rainha nossa Senhora , por hum , que fez expedir no Porto de Santa Maria em 22. de Junho de 1729. que se acha copiado a pagina 91. das *Ordenanças da Sociedade* , não só toma esta debaixo da sua protecção do mesmo modo (hé clausula do Decreto) que os
Reis

Reis de França tomáráo a de Paris, mais ^{nomia} ~~nomia~~ Juiz privativo para os seus Soçios, eximindo-os da jurisdicção de todos os Tribunais do Reino: Manda, que o Aisistente de Sevilla faça entregar á Sociedade os corpos dos justificados para as Anathomias: Manda, que os Socios da Sociedade prefiraó a todos os mais Professores dos seus Reinos em todos os actos facultativos a que concorrerem: Manda, que a Sociedade possa dar tantos Titulos de Medicos, Cirurgioens, e Boticarios da sua Real Camara, e Caza, ordenando ao Sumilher de Corps, que, vista anomeaçáo da Sociedade, lhe faça expedir os Alvarás, sem ser necessário, que os Socios vaó jurar a Madrid: Manda, que nos Galioens de Espanha se carreguem cem toneladas cada frota para os seus gastos, e 300. por huma vez para Cazas, Theatro Anathomico, Jardim Botânico, &c.: Manda, que o Conselho Real de Castella naó admita embargos, interpretaçáo, ou requerimento algúm contra as graças, que faz á Sociedade, &c. Ora hum Rei prudente, e sabio faria estas graças a hum Congresso defacreditado? Ignorais vós, por ventura, o que diz da primeira obra da Sociedade de Sevilla, o *Diario dos Litteratos de Espanha*? Certamente naó o podeis ignorar, porque eu conheço muito bem quem vos emprestou esta obra; porem suponhamos, que ja vos naó lembrais do que elle diz; eu o relato. *A Regia Sociedade de Sevilla (diz o Diario) táo plausivel em Espanha pela util applicaçáo a que está destinada, e táo fuzza entre as mais Illustres Academiis da Europa, produz neste primeiro Tomo, que extractamos hum demonstrativo convencimento do feliz emprego dos seus estudiosos disvelos, contra os que ou por ignorancia, ou por inveja (sentido, amigo Leandro) se expicáraó indecorosos, e mal intencionados no seu illustre estabelecimento. (i) Daó os Diaristas depois hum extracto difuso das materias,*

que

(i) *Diar. de los Literatos de España, tom. I. pag. 191.*

que contém o Tomo, que analysaó, o qual occupa ~~duas~~ paginas, e conclue assim: *Estas são as Obras, que contem este primeiro Tomo de Dissertaçoens, que publicou á respeitavel, e doutissima Sociedade Regia de Sevilha, á quem correspondem, com os mais singulares aplausos, á universal aceitaçãõ de toda a Republica Literaria Espanhola, não duvidando, que encontrará o mesmo favor entre os Estrangeiros, &c.* (não lembrou a os Diaristas, que havia Leandros na terra) Se quereis saber a modestia, e zelo dos Socios da dita Sociedade de Sevilha lede o *Discurso da verdadeira Medicina* §. xxv. num. 27. pagina 237. onde o seu douto Autor se explica do seguinte modo, fallando daquelle conselho, que dá o Illustre Feijó sobre a eleiçãõ de hum Medico bom, recomendando, que seja bom Cristaó. *Esta reflexaó* (dis o douto Roche) *concorda muito com as piadofas intençoens da quelles invictos heroes, fundadores da Real Sociedade de Sevilha, cujos nomes debiaõ esculpirse en laminas de ouro. Aquelles, digo, que implorando ao Espirito Santo com annuaes cultos por Patrono, e Protector das suas empresas scientificas, não somente conseguiraõ o triunfo, e os progressos de taõ util fundaçãõ, mais tambem resistiraõ constantemente 32. annos a muitas contradicçoens, e demandas: A expensas destes Facultativos, que não foraõ mais de cinco no seu principio, se venceraõ inimigos muito poderosos, se conservou com lustre aquelle pequeno corpo, e logrou os seus maiores augmentos na protecçãõ do grande Filipe V. E que foi isto, senaõ que aquelle Espirito illuminador, que taõ sabiamente elegeraõ por Pai: Veni Pater pauperum, veni lumen cordium, desceu sobre elles a sustentallos, e a enbellos de doens, e graças? Quem foi, senaõ este Divino patrocínio, o que induziõ aquella singularissima modestia, que se conta (capáz de realçar a honra da Naçãõ) de não querer admitir o distintivo da Nobreza, que se queria dar a os Socios, de huma Medalha de Ouro ao peito, e a caxa Consistorial, ou Academica, para as suas Juntas, &c. Basta, Leandro, que vós ouviz isto*

com violencia. Devó porém dizervos, que os Feijós, os Sarmentos, os Rodrigues, e outros famosos homens se alistárao no Catalogo dos seus Socios: que o grande Medico Francisco Solano de Luque, a quem todos os Sabios da Europa respeitaó, como a hum Oraculo, pela sua sciencia do pulso, foi Socio da mesma Sociedade: que della sahio para Bispo de Almeria Dom Gaspar de Molina e Oviedo, que foi seu Consultor: para Bispo de Gadara Dom Domingos Peres de Ribera: para Bispo de Iucatan Dom Diogo del Corro, Autor do erudito Livro *de-Authoritate Brevariis Romani in rebus Historiis*: para Geral dos Trinitarios o Mestre Frei Rodrigo de Sam Laureano: para Geral dos Minimios o Mestre Frei Joáo Prieto, &c. Para Medicos da Camara dos Reis Catholicos o Doutor Diogo Gavia, o Doutor Zapara, o Doutor Ribera, o Doutor Leon, e otros muitos.

Dos Socios da Real Academia Medica de Madrid sabe todo o mundo os egregios Escritos, que tem sahido. Por todos bastaó os do clarissimo Doutor André Piquer, cujas Obras de Physica, Logica, e Medicina daó credito immortal á sua Patria, e principalmente os seus Commentarios Greco-Latino-Hispanicos sobre Hippocrates. Os homens mais condecorados da Europa estimaó, e se honraó de ter Socios da dita Academia. O celebre Lecat de Ruaó, a quem vos na pagina 64. chamais grande Mestre da nossa Arte, apparece nas Listas da Academia Real de Paris com o titulo de Academico de Madrid: O incomparavel Mr. Morand usa tambem do mesmo titulo; e para mais vos-confundir vede a excellente Obra do Conde Roncalli de Brescia, intitulada *a Medicina da Europa*, e vereis, com qué veneraçáo tratou a Provizáo, que a Academia Matritense lhe mandou de seu Academico. Ora hé bem feito, que vos censurais no Orador o mesmo, que practicaó aquelles varoens esfolavecidos, que a Europa louva; aquelles, que vos considerais, e apellidais grandes? Vinde cá: não dizeis vos nas vossas Cartas,

e o Gazeteiro em muitos lugares da sua Gazeta, que o Mestre (*) Feijó, e o A. do Verdadeiro Methodo de Estudar são Escritores Doutos, e Criticos verdadeiros? Pois logo, por qué os não imitais nos elogios, que fazem ás Academias de Madrid, e Sevilha? Tanto Feijó, como Vernei dizem bem dellas; e vos, que á vista delles, não valeis nada, dizeis tanto mal? Ah, amigo Leandro Moniz, que sois capaz de dizer mal de vos mesmo!

Mas para qué me admiro eu, de que vos falteis com o respeito devido ás Academias Espanholas, se vos vejo reputar muito mal a merce, que el Rei, nosso Senhor, fez ao Orador, nomeando-o Cirurgiaó da sua Casa, e não quereis, que a tal mercê fosse extraordinaria, porque dizeis vos: *Sempre houve Cirurgiogens da Casa Real.*

Como vos sois do Porto, quero pedirvos huma

G 2

Lif

(*) O Feijó no tom. 7. do Theatr. Crit. Disc. 14. n. 21. 22. 23. e 24. tracta com grande respeito as Academias de ~~Sevilla~~ ^{Sevilla}. Ali dá conta de o ter huma destas Academias feito seu Academico honorario, o que julga honra estimavel. Diz, que a Sociedade de Sevilha dá hum bello exemplo a todas as Escolas Medicas de Espanha, e recomenda a todos os Professores da Arte de curar, que se aproveitem da luz das tais Academias. *Tá España, (diz Feijó) gracijs al Altissimo, con la luz, que la dán las dos A. academias, vè el camino recto por donde se puede arribar a la verdadera Medicina* Com rudo isto, e não obstante dizer o A. do Verdadeiro Methodo de Estudar, que os Socios de Madrid, e Sevilha tem o juizo em seu lugar, reputa o chapado euguento de Leandro Moniz da Torre mal ao Orador, porque he Academico das Academias de Espanha, e quer que estas Academias não prestem, para nada. Se menão engano, agora ha de dizer, que nem o Vernei, nem o Feijó valem cousa alguma.

Lista dos Cirurgioens da Caza Real, que tem havido na vossa terra até o presente, porque só á vista della me persuadirei, e se persuadiráo todos, que a merce, que el Rei, nosso Senhor, fez ao Orador não foi extraordinaria. Em quanto a não a presentardes estai certo, que, a vosso pelár, todos gradúaó de extraordinaria a dita merce, porque sabem, que supposto em Lisboa, e no Paço houve sempre Cirurgioens da Caza Real, nunca os houve no-Porto, e muito menos com a especial clausula de gozar os mesmos privilegios, izençoens, e graças, que gozaó os que assistem no mesmo Paço; que esta hé a extraordinaria merce, que se fez ao Orador por hum Regio Alvará, em virtude do qual vos-precederá elle sempre a vos, e a todos os vossos amigos, por mais que vos pese, e vos mortifiqueis.

Mas supponhamos, que não era esta razaó bastante para se reputar extraordinaria aquella graça, como lhe chamou o irmaó do Orador; achais vos, que não deve reputarse extraordinaria a lembrança, que sua Magestade, eo seu prudentissimo Ministerio tiveráo do Orador? Os Vassallos honrados, meu Leandro, sempre reputaó extraordinarias as graças dos seus Principes, porque nunca devem ter o desacordo de entender, que as merecem. Se vos assim o não julgais, será tal vez porque vos considereis superior a todas as graças; o que não se ajusta bem com as obrigaçoens de Vassallo, nem com as virtudes de Philosopho Christão. Sede mais modesto, e humilde, quando falardes das coizas do vosso Rei.

E já que falamos em Cirurgioens da Caza Real, lembremse agora, que aquele vosso amigo, que em nome de F. J. B. escreveo o *livrinho da Circulaçáo do Sangue*, da no Prologo delle ao Cirurgiaó da Relaçáo desta Cidade, o titulo de Cirurgiaó de el Rei. Sabemos, que o fez para ridiculizar ao Orador, e persuadir ao Povo, que este não tem, como Cirurgiaó da Caza Real, mais prerogativas, que o dito, Cirurgiaó da Relaçáo, e que do mesmo modo que em França a os Cirurgioens

gioens dos Parlammentos se dá o Titulo de Cirurgioens de el Rei , se deve dar neste Reino a os das Relações. Por em vós , Leandro , sois galante em encher de Titulos a huns , e negalos a outros. A o Cirurgiaó da Relação , que a ninguem passa pela imaginação chamar Cirurgiaó Regio , consentiz vós o tal Titulo , e ao Orador , que o tem deveras , por especial merce do seu Principe , censurais , que ouze , e que seu irmão graduó de extraordinaria a graça , que se lhe fez. E será melhor , que desde hoje em diante seguindo o estilo de França , que vós quereis estabelecer , chamemos a os Advogados , e sollicitadores do numero das Relações, Advogados , e Procuradores de el Rei ? Dai a resposta , que vos parecer , que eu sempre appellidarei Cirurgioens de el Rei a os que tiverem moradia no Paço , a os que forem matriculados no Livro dos Creados da Caza Real , e a os que mostrarem Titulo assignado pelo Monarca , em consequencia dá representação do Mordomo mór. Fiquemos nisto , e não sejais imper-tinente.

Na pag. 10. querendo vós desculpar o Gazeteiro da omisção , que lhe notou o irmão do Orador , de não fazer primeiro menção da Oração , que este recitou em 9. de Junho de 1760. do que da outra , que leu em 20 de Janeiro de 1761. dizeis , *que quando a o publico se comunicó as noticias Literarias , devem-se dar as que são mais modernas , porq. e de outra sorte deixaria de ser noticias.* Vós fazeis este preambulo aqui , para depois vos-declarádes mais na pag. 14. dizendo , *que a noticia da Oraçã' do Orador não foi metida no lugar , onde se fez o extracto das obras mais importantes , mas nas noticias Literarias , onde se podem meter os papelinhos mais ligeiros , e desprezaveis , &c.* O certo hé , que vós andais logrando agente. *Com que* a noticia da Oração foi metida no lugar das noticias , e não no dos extractos ! Dizeis isto na Laponia , ou na Tartaria , ou dizeilo no Reino de Portugal , em que corrie a Gazeta Literaria ! Confussovos , que desde hoje em diante

te, vos terei pelo pai, e pela mãi das escapatorias, estratagemas, e invençoens.

No primeiro tomo da Gazeta Literaria, em que a Oração se extractou; achão-se varios Titulos de noticias Literarias em geral; a saber, a pagina 203. do mez de Setembro as de França: a pagina 205. as de Inglaterra: a pagina 206. as de Irlanda: a pagina 207. as de Alemanha, Prussia, e Italia; a pagina 210. as de Suiffa: a pagina 324. do mez de Outubro, as de França, e Holanda: a pagina 339. do mesmo mez as de Inglaterra, &c. Achão-se tambem, como noticias particulares, a pagina 116. do mez de Agosto hum noticia Literaria da Russia: a pagina 187. de Setembro a noticia de Gesner, &c. Dizci agora, se a noticia da Oração se acha debaixo de algum dos referidos Titalos? O cerro he, que não. Pois logo para qué faltais á verdade taó manifestamente, e com tanto descoco. Alem disso dizime, quando costumou o Autor da Gazeta fazer extractos de obras nos lugares, em que expoem as noticias Literarias! Consultai todas as paginas assima citadas, em que na Gazeta se referem as-dictas noticias Literarias, e vereis, que o Gazeteiro se reduz na queílles lugares a dar conta de certas obras, que se apresentárao, e outras, que se andaó trabalhando, de certos premios, que se propuzeraó, ou distribuiráo por estas, e aquellas Academias, de certos inventos, que se publicavaó, de mortes, que aconteceraó, &c. Pois logo, para qué são rodeios, e estratagemas? Se no Titulo das noticias Literarias, do primeiro tomo da Gazeta, nem ainda do segundo se acha humia so obva extractada, e se quando se fala da Oração do Orador, não hé debaixo de algum dos referidos Titulos de noticias Literarias, para qué quereis se persuadaó, e creiaó os homens de juizo, (que digo eu? Nem ainda os ignorantes) que o Autor da Gazeta den noticia da Oração do Orador, no Titulo das noticias Literarias, a onde se podem meter os papelinhos mais ligeiros? Ah, bom Leandro

Moniz , que entendestes escapar ao forte argumento do irmão do Orador , e não só o não conseguistes , porém ficais muito peor.

Censurou o irmão do Orador á o Gazeteiro , a paxorra de estar extratando hum papelinho tal , como a Oração Inaugural de seu irmão , e omitir a *Arte Poetica de Horacio* , e outras obras honrozias á Nação. Vós , que conhecestes o aperto , assentastes em lhe fugir com o corpo , dizendo , que no lugar , em que se deu a noticia da dita Oração , não era a dos extractos , quando assim se vos mostra o contrario. Mas fosse , ou não fosse a quelle lugar o das noticias , ou o dos extractos , que razão havia para fazer o Gazeteiro o extracto da Oração ? Não bastava , que se limitasse a dar noticia do acto , e que em materia de extractos , só os fizesse das obras , que rem maior nome na Europa , como o prometeu no Discurso Preliminar da Gazeta de Julho de 1751. Qué dizeis a isto , meu bello ?

Na pagina 10. tendes a bondade de dizer , que a inda falta muito a Academia Chirurgica desta Cidade , para ser Academia. Oh filho esciarcido , e amante da Cidade do Porto , que tanto a exaltas , e as suas couzas nos Reinos estranhos !

Dizeime , amigo Leandro Moniz , este he o amor , que tendes á vossa Patria ? Este he o zelo , com que quereis promover a Cirurgia do Reino , e a gloria da Nação , dizendo mal da-quelles estabelecimentos , que os Estrangeiros louvaõ , e que to lo o bom Patriota deve louvar , e estimar ? Qué he o que falta á Academia Chirurgica Portuense , para ser Academia ? A autoridade do Principe , não , porque este a enobreceo com a sua Real confirmação , como consta do Alvará da sua fundação. Cabeça não , porque a rem muito illustre , e muito douta no Cirurgiao mór do Reino , a quem o nosso Monarca tem honrado tanto , como vos não vereis muitos ex. aplos por estes Reinos. Corpo tambem não , porque ella consta de muitos , e bem famosos men-

membros , tanto Nacionaes , como Estrangeiros. Obras naó , porque no seu Archivo ha bastantes ; e o publico ja tem visto algumas. Pois qué lhe falta , amigo Leandro , para ser Academia ? Pareceme , que vos ouço dizer , que lhe faltaó rendas , que são os fundamentos da duração de semelhantes obras. Porem , meu amigo , espetafes-vos , e cahites no laço sem vos sentirdes. Dizeime por vida vossa , a Sociedade Real de Londres , esse Congresso taó famoso , que a Europa , e o mundo admiraó ; qué rendas tem ? Quereis sabelo ? Vede a Gazeta Literaria do mez de Julho de 1761. (pagina 21.) e vereis , que se sustenta á custa dos seus Socios , pois paga cada hum de entrada 7200. , e cada anno 2400 em quanto he Socio da Sociedade. Dizeime mais : a Real Academia de Cirurgia de Paris , cujas Obras immortalizaó a Cirurgia de França , e utilizaó a do mundo todo ; esta Academia , digo , qué rendas tem ? Quereis sabelo ? Lede os Tomos das-suas memorias , e vereis , que se sustenta , do que lhe deixou Mr. de La Peyronie , seu Prezidente , e outros famosos membros do Collegio de Sam Cosme. Qué dizeis a isto , meu amigo ? Será justo , que vos digais , que áquelles dois Congressos ainda lhes falta muito para o ser , porque naó tem rendas solidas conferidas pe los Principes , porque só se sustentam da liberalidade dos seus membros actuais , e dos Legados , que lhe deixáraó os seus antepassados ? Quanto melhor fora , que vos tomalheis o exemplo dos Socios de Londres , e dos Academicos de Paris , de La Peyronie , Langlois , e outros , e applicais para a Academia da vossa Patria , o que gastais (tal ves mal gasto) nos Cassés dessa terra , eno jogo do Billar ? Quanto melhor fora , que seguilheis as intençoens do Orador , que tem gasto muito para a conservação desta Academia , offerecendo as suas cazas , sustentando as correspondencias de fora do Reino á sua costa , fazendo os gastos miudos , e entrando para todos os outros , em que o acompanhaó os seus zelosos companheiros , que naó tem o desamor da sua terra , que vos tendes , e que naó desprezaó a sua Arte , como vos mostrais ,

desprezar? Ah, meu amigo, que isto vos devia entrar muito pe los olhos, e enternecer esse duro, e desumano coração, para louvar a Academia Portuense, como louvaõ tantos Escritotes Estrangeiros, que vos muito bem haveis de ter lido, e que a torça do vosso genio vos não deixa recordar!

Vamos porem a huma passagem da vossa Carta, que vos dara credito immortal, e a o vosso Gazeteiro. No fim da pagina 10. revelais o seguinte segredo: *No tempo, em que o Autor da Gazeta (dizeis) trabalhava com maior forsa na composiçãõ do mez de Outubro introduzio-se seu irmão (fala do Orador) em casa delle a titulo de que queria escrever á Gazeta huma Carta contra huma Obra de bú Alexandre da Cunha, seu companheiro na Academia, de que se fez o extracto no mez de Dezembro. Esta introduçãõ lhe facilitou a occasiãõ de contrahir huma especie de amizade com o dito Autor, e particularmente com hum dos seus irmãos mais novos, a quem escreveu muitas Cartas cheas das expressõens mais benevolas, e indicantes do quanto se interessava nos progressos da Gazeta. Eu confervo (continuais vos) as copias de todas, que mas remeterãõ, e os originaes estão em poder do Autor da Gazeta, que sep obrigarem a esquecerse da quella modestia, que faz o seu principal caracter, as comunicará a o publico, ou ao menos ao grande numero de amigos, que tem. Por huma destas Cartas se faz patente, que seu irmão (o Orador) no meio desta amizade remeteu ao Autor da Gazeta a segunda Oraçãõ, e o seu Tractado, ou Dialogo sobre a inflammaçãõ. Ora atendendo ás circumstançias, e ao tempo, em que se fez este presente era preciso, que aquelle Autor fosse mui grosseiro, para não perceber, que o fim de seu irmão era, que estas Obras fossem mencionadas na Gazeta, &c. Esta revelaçãõ está tão confusa, que seriaõ necessarios muitos Interpretes para a explicar, se eu o não fizese agora, para vos persuadir, que a vizãõ della foi concebida em sonhos, e que deveis armar vos com o signal da Santa Cruz, ou com algum Breve da marca, quando vos tornareis a apparecer semelhantes fantasmas.*

Para se falsificar huma noticia de modo, que os homẽs sabios a creiaõ, he preciso ser mais experto, e mais lembrado do que vos sois

Primeiramente vos contaes os principios da amizade do Orador com os Gazeteiros, por huys tais termos, e modos, que daes a entender, e fazeis julgar, que a cauza delles he o Paraizo Terreal, a onde procuraõ entrar anciozamente as creaturas. Nada, nada, meu amigo: naõ sejais taõ crendeyro: averiguai as coizas antes do as escreverdes, e de as estampardes, e naõ tereis o disabor de vos verdes delinentido em publico. Eu sei m'lhora estas coizas, que vos, porque alisto na mesma terra, em que elles todos residem, e parece-me que pela verdade, com que escrevo, hei de merecer mais fé, e credito dos homens sabios, do que vos tendes merecido até o presente. O caso foi assim, e estaõ muitas testemunhas vivas, para o comprovar.

Queria o Gazeteiro, e hum de seus irmaõs, que se examinasse de Cirurgia o seu B. F. J. B. e como ou havia de ser examinado na Corte, ou perante o Orador, que como Juiz Delegado do Cirurgiaõ mór do Reino, está revestido de authoridade Regia para o fazer; virão se na dura necessidade de o buscar para lhe pedirem favorecedõ a o tal moço, fazendo-lhe huma grande narraçãõ das suas prendas. Isto succedeu no mez de Setembro de 1760. porque o dito moço se examinou em 16. de dito mez, e anno, como consta dos Autos de seu Exame, que se achão em poder do Escrivaõ Antonio da Sylva Portella. Nessa occasiãõ fez o irmaõ do Gazeteiro ao Orador (como pretendente) os mais desmarcados elogios, e este naõ tãõ lhe mostrou com civilidade, e lifura a sua Livraria, mais muitos dos seus manuscritos, principalmente os Preliminares da Historia antiga da Cirurgia, de cujas noticias elle se valeo para a Gazeta de Novembro, porque taõ ladino he como isso. Pagoulhe o Orador depois a visira, e lhe emprestou o Diario dos Literatos de Espanha, de que o tal irmaõ do Gazeteiro se aproveitou, pois

pois o cita na breve *Instrucção sobre a Circulação do Sangue*, que traduzio, e publicou, em nome do tal seu B. F. J. B. e bem sabeis vos, que elle Gazeteiro não tem até agora o tal Diario; e se não, que o mostre no peremptorio termo de tres dias.

Este foi o principio da communicacão não em 1761. mais em 1760, quando ainda não havia signais de Gazeta: chegou outro lance em que o irmão do Gazeteiro necessitou do Orador. O tal Livrinho da Circulação do Sangue teve embaralho nas Licenças; de sorte, que não apparecia o primeiro exemplar, que nellas se meteu. Pedio, pois, o tal irmão do Gazeteiro ao Orador escrevesse ao Cirurgiaó mór do Reino, para que quizesse patrocinar outra copia do tal Livro, que se tornava a remeter para a Corte, em ordem a obter as tais Licenças. Este facto hé innegavel, porque o pôde attestar huma testemunha da maior excepção, como hé o Cirurgiaó mór do Reino, a quem o Orador escreveu sobre o dito Livro muito antes, que se trabalhasse na Gazeta de Outubro, como vos dizeis. Vamos ao terceiro lance, que vos contaes por unico, e primeiro. O Cirurgiaó Alexandre da Cunha copiou o Livro da Circulação do Sangue do Doutor Joáo Marques Correa, em forma de Dialogos, e tendo noticia da detençaó, que tinha nas Licenças o outro, que sobre o mesmo assumpto queria publicar o irmão do Gazeteiro, em nome do dito seu B. resolveose a imprimilo com huma precipitada acceleraçáo, e bastantes defeitos. Não contente o dito irmão do Gazeteiro de atirar algumas cutiladas ao Livro do Cunha na pagina xxx. da advertencia, que precede ao dito Livrinho da Circulaçáo; onde o trata de *simplex, imprudente, ignorante, ambicioso*, e finalmente de *ladrao*: Não contente, digo, com isto, e com o tornarem a nomear na Gazeta de Novembro, (pagina 302.) como Professor indigno, compositor de Ramalhete de duvidas, &c. como viraó, que o Orador se queixava da inadvertencia, que o Cunha teve de inserir no tal Tratado da Circulaçáo huma dis-

puta, que houve na Academia, desfigurada, e pouco airoza para o Autor, e para o Congresso, (do qual foi logo expulso) lhe pediraó os Gazeteiros fizesse a Carta, que elles imprimiraó na Gazeta de Dezembro, adulterandoa, e falliñcandoa de modo, que o Orador inteiramente a desaprova, sentindo, que o julgue o publico capaz de compôr a tal Carta pelo modo, com que ali se estampou. Elle a compôs sem nomear pessoa alguma, e os Gazeteiros nomêaó na pagina 350. o nome, e a patria da pessoa, a quem ella se dirige. Augmentáraó-lhe muitos periodos, e mutiláraó outros. Por exemplo na pagina 358. poem huma Nota, que dizem ser do Autor da Carta, o que hé falso, porque o Orador naó teria o desacordo de dizer, que era de Cicero aquelle lugar, que ali se produz: *Plagam si ex vulnere est*: Sendo elle de Celso, e naó de Cicero; e citandose o P. Vanier, cujas obras elle naó tem, &c. Dizei ao vosso amigo, que vos mande o original da Carta; ou que a ponha em publico, escrita pela letra do Orador, como elle lha mandou, e entaó conhecereis vos, e conhecerá o publico, quem hé impostor, quem hé falsario, nomes afrontozos, que vos nas vossas Cartas dais ao Orador.

Que este remetesse as suas obras a os Gazeteiros, sendo amigos, he cauza bastante para se presumir, que o fazia para darem noticia dellas. Ora naó creais tal: muito principalmente, sendo huma das ditas obras remetidas o Dialogo da inflamaçáo, impresso em 1756. e já muito antigo para ir na Gazeta.

Em fim, como vos aãrnais, que tendes as cartinhas, que o Orador escreveo a os Gazeteiros, naó ha coiza melhor, que publicalas, para o envergonhar. Cuidai por vida vossa nisto, e desde logo vos-digo, que naó basta, que elles as mostrem a os seus amigos, porque o Orador declara, que naó consente para seus Juizes a esses certos amigos, que naó saberáó tal vez, qual he a sua mam direita; nem ainda nas Faculdades, que profes-

E já que falamos nas Cartas do Orador, que vos tendes, e que os Gazeteiros vos mandaraõ, rogovos que me digais, como amigo, o fim, e o motivo desta remessa, porque eu, e os que pensamos sem preocupação, entendemos, que ella só se faria na certeza, de que vós, como mais douto, defendesseis os Gazeteiros, e escrevesseis contra o Orador, e seu irmão, o que não pôde ser airozo a os vossos amigos. Uns homéms, que imaginaõ, e que publicaõ, que os Cirurgioens não tem letras, não tem educação, não tem cultura, vão-se valer de hum Cirurgiaõ para os defender, remetendo-lhe os papeis, que vós dizeis tendes, e que vos remetteraõ, para compor talvez as Cartas. O certo hé, meu amigo, que dizemos, e fazemos coizas ás vezes, de que depois nos arrependemos muito, e que por fortuna nossa tem a Cirurgia alguns Professores, que sabem mais bellas letras, que certos sujeitos, que se arrogaõ o imperio dellas.

Naõ me quero tambem esquecer da quelle vosso periodozinho, em que dizeis no dito lugar citado, que o caracter principal do Autor da Gazeta, hé a modestia. Fotte maganaõ sois! Dizeis isto de veras? Achais, que hé modesto hum Escriitor, que tendo-lhe o Orador feito hum grande elogio na Carta, que se estampou na Gazeta de Dezembro de 1761. (que só isso senaõ soube mutilar della) apelidando-o ali sabio, zelozo, e tendo-o tambem louvado, e tratado com respeito na Carta, que lhe escreveo, &c. corresponde elle na Gazeta de Junho de 1762. com hum desprezo, e mordacidade inaudita, dizendo, e publicando, que elle Orador, e seu irmão (este o tratou tambem com a maior civilidade e moderação) não sabem Linguas, nem Historia, nem Critica, nem nada. Se isto he ser modesto, aprendei vos muito em bora a sêlo assim, que eu buscarei outra Escola, e outros Exemplares mais proprios, e proporcionados a o meu modo de pensar. Por agora basta, que vos certifiqueis, que o Orador não podia pertender os louvores do

Gazeteiro, porque, como de amigo naquelle tempo, e nacional, sempre se julgariao hyperbolicos pelos homẽs de juizo; muito mais porque elle Gazeteiro louva com paixãõ e sem conhecimento. Contentale o Orador com os que lhe tem feito os Estrangeiros, que naõ tem necessidade de o-lizongear, e tem outro credito, e caracter, que o vossõ amigo naõ tem. Alientai nisto, e naõ sejais teimozo.

No fim da pagina 11. fazeis huã Satyra cruel a Oraçaõ, que o Orador recitou em 9. de Junho de 1760. por occasiaõ dos felizes annos de tua Magestade Fidelissima. Naõ vos fez pezo algum o ser esta Oraçaõ dedicada a hum fim taõ nobre, e taõ juõto, como he o de fazer admirar as heroicas virtudes de hum Rei taõto, e magnanimõ, que hoje, por felicidade nossa, occupa o Trono de Portugal, que era o que bastava para naõ terdes a ouzadia de a censurar: nem menos vos embarçaõ o voto de Reverendissimo Prepozito da Congregação do Oratorio desta Cidade, cuja sciencia, e intelligenciã louva a Gazeta Literaria; visto que este Doutõ Religiozo aprova com termos benedecizivos a dita Oraçaõ.

Tudo para vos he nada, porque peza mais no vossõ conceito, o despique dos Gazeteiros, e o animo de abater a o Orador. Para isso produziz hum periodo da Oraçaõ, o menos interessante della, e que de nenhum modo dá a conhecer o seu merecimento. Murilastes as palavras ultimas, que dizem, que os Cirurgiõens abatendo as Cararatas daõ instantaneamente vista a os cegos, evacuando o Peito com a operaçaõ do Empiema, fazem falar os mudos, reduzindo as deslocaçõens das pernas, e dos pes fazem marchar os aleijados; porque sendo isto effeitos evidentiõsimos da Cirurgia, e que mais assemelhãõ as suas obras com as do Creador de todas as coizas, naõ vos fazia conta o patentealas. Bem sabemos, que tudo o que cheira a louvores da Cirurgia, e dos Cirurgiõens naõ vos faz conta desde certos dias a esta parte: por isso metteis a ridiculas as expressõens, com que o Orador disse naquelle pe-

período , que os Cirurgiões são os Substitutos da Divindade na conservação do corpo , e suas partes ; que elles , ou as comadres suas subalternas , salváo a vida a todos os viventes , logo que nascem com as operaçoens do cordão umbelical , e freio da lingua , e que não soffrem o menor defeito em alguma das suas partes. Ora diz-me , são estas asseveraçoens indignas da seria consideração dos homens prudentes , ou proprias para fazer rir os melancolicos , como vos dizeis na pagina 12. ? Ignorais vos , que antes que elle as publicasse em Portugal , tinháo sido escritas em Paris no centro do bom gosto , e por hum Escriptor , que a Eutopa , a Asia , e até vos mesmo louvais (z) e engrandeceis? Eis aqui o que he não saber Logica , o que he ser inconsequente , o que he louvar , e maldizer tudo a o mesmo tempo. Pois sabeí , meu amigo , que as exageraçoens , que citais do Orador , e com que vós quereis fazer rir os melancolicos , se acháo no Curso das Operaçoens da Cirurgia do Doutor Pedro Dionis. Eu não devo occultar , que Dionis escreveu em França no século do grande Luis XIV. quando todas as Artes , e Sciencias fizerao os progressos mais rápidos , e prodigiosos ; quando a Critica era fervêra ; quando as Academias principiárao a florescer , e as bellas Letras a civilizar , e a illustrar toda a Nação Franceza. Não devo calar , que este grande Cirurgião escreveu de tal modo , que algumas das sus Obras até forao traduzidas na Lingoa dos Tartaros por ordem do Imperador da China Cam-hi , e que os famosos Medicos Chinos se valem dellas. (a)

Nem finalmente devo omitir , que ensinou a sua Profissão publicamente no Horto Regio de Paris , que escreveu o seu Curso depois de quarenta annos de exercicio , e que o
vostô

(z) Pagina 19.

(a) *Dict. Hist. de la Med. I. 287. on a traduit son Anatomie en Langue Tartare ; & cet ouvrage est maintenant en usage des Medecins de la Chine , &c.*

Vosso querido Haller lhe faz hum dos mais completos e logos, intitulado-o *candido, diligente, judicioso, &c.* (b) Tu do isto, que fas recomendavel, e famoso a este grande Autor, serve para dar peso a aquellas expressões do Orador, que vos meteis a ridiculas, e que Dionis antes que elle tinha profeso no centro de bom gosto da Critica, e das bellas Artes, quero dizer, na Corte de Paris. Se não reparai. Disse o Orador, que os *Cirurgiões são os Substitutos da Divindade na conservação do corpo, e suas partes, e que o Creator lhes entregou esta admiravel fabrica, para a conservarem na sua perfeição, &c.* Pois isto mesmo escreve Pedro Dionis no seu Preface: (c) *Há cousa mais gloriosa para o Cirurgião, (dis Dionis) que o saberse, que Deus tendo feito o homem, e dado figura, e forma a todas as partes do seu corpo necessaria para as acções, que lhes estavam destinadas, e deixou ao mesmo Cirurgião para conservar estas mesmas partes, recebidas do Creator na sua perfeição. Qué dizeis a isto, meu Leandro? Entrateceisvos? Ou resolveis-vos agora a dizer, que Dionis não presta para nada: e que o Orador hé hum Copista, porque recebeu d'elle a alma das suas expressões? Digo a alma, porque não copiou a Dionis com o dezacordo com*

(b) Hall. II. 765. Method. Stud. Med. *Postquam 46. annis Chirurgiam fecerat, jam senex hoc compendium scripsit prioribus omnibus utilius. Candidus, simplex, diligens, artis sua omnem ambitum complectitur, & ad minima quaque descendit, bono judicio, &c.*

(c) *Est-il rien de plus glorieux pour le Chirurgien, que de dire, que Dieu après avoir fait l'homme, & avoir donné la forme, et la figure a toutes les parties de son corps convenables aux actions, aux quelles elles estoient destinées, il l'abandonne entre les mains du Chirurgien pour avoir soin de sa conservation, et le maintenir dans cette conformation de toutes les parties qu'il a reçues du Createur?*

com que se tem copiado alguns Livros por certos Autores, que querem luzir com o trabalho alheio. Elle traslada as sentenças, não as palavras: imita os bons Autores, não os copia.

O que porem me admira hé, que vós não encontreis na quella Oraçáo de 1760. o bom gosto, e as excellentes, e bem trazidas noticias, que nella acháo os juiziosos, e os prudentes. Eu sei, que vos mortificou muito, que o Orador (e não vos, ou algum dos vossos amigos) achasse as noticias dos Coibertes, e outras, que na Oraçáo se referem. Porem tende paciencia, que eu quero darvos ainda huma mortificaçáo maior, dizendo-vos, que vindo a esta Cidade hum grande Ministro do Rei nosso Senhor, e indo o Corpo da Academia felicitar-se com a sua chegada, não só honrou esta Illustrissima, e Excellentissima Personagem publicamente ao Orador perante os seus Companheiros, mais lhe pediu alguns exemplares da Oraçáo, que vos vituperais. Isto peza mais, meu Leandro, que seiscentas maledicencias vossas.

Na referi la pagina 12. dizeis vos, que *não há Obra alguma do Orador, em que não venha o triste pregação a favor da Cirurgia.*

Ah bom Professor, que tanto te alegráo, e enterneçam as glorias, e as excellencias da tua Arte! Estou, meu amigo, pasinado da onzadia, com que vos atreveis a dizer isto, sem receio de que desenganados todos da vossa pouca verdade, vos tratem de aqui em diante pelo maior impostor do mundo. As Ob'as, que o Orador tem impresso até ao presente, são o *Resep-tario Lafitano*, o *Dialogo da Inflamação*, fundado nas doutrinas de Boerhaave, as *Reflexoens Criticas* sobre os Escritores Chirurgicos de Portugal, as *Memorias da Cirurgia*, as *Oraçoens Academias*, o *Disrio de Medicina*, &c. Ora hé certo, que se acha o tal pregação nas referidas Obras a favor da Cirurgia; e que se louve de preposito esta Arte (menos nas Oraçoens) sem ser casualmente, e porque o assumpto o requeria? Olhai,

Leandro, se o Orador quizer louvar a Cirurgia, sei eu, que tem não menos, que oito, ou déz Tomos de materias importantes para isso. Assentai, que nesta materia vos excede a vos, e a todos os vossos amigos. Mas supponhamos nós, que nas primeiras paginas da aquellas Obras se louvava a Cirurgia, como vos dizeis, o que hé certamente falso: Quem até agora, se não vos, centurou, que se louvaille no principio de hum Livro aquella Arte, sobre que se vai a discorrer nelle? Por qué não censurais a os primeiros, e maiores Autores da Arte de Curar, Hippocrates, Celso, e Galleno, que fizerao isto? Por qué não declamais contra os Etrnuleros, os Boerhaaves, e outros grandes homens, que os seguirão? Hippocrates sabemos, que louvou a Medicina, até chegar a sublimalla sobre todas as Artes. Celso dá principio á sua Obra com a narraçáo dos seus Héroes, e das suas utilidades. Galleno na primeira das-Obras, que se encontra nos seus Escriptos, *exhortatio ad bonas Artes discendas*, depois de as nomear a todas, falando da Rhetorica, Geometria, Arithmetica, Muzica, Jurisprudencia, &c. persuade, que de todas ellas, a mais prestante, hé a sua Medecina. (d) O cap. 1. das extensas Obras de Etrnulero trata do nascimento da Medicina, dos seus progressos, e dos seus Professores, e as primeiras palavras, com que se faudaó ali os Lectores, persuadem, que a Medicina hé a mais Nobre das Artes. Boerhaave, esse immortal Escriptor (e) cujo merecimento vos não atrevereis vos a negar, seguiu o mesmo. Mas para qué me canso eu em buscar outros Autores, se não alguns da quelles mesmos, que vos louvais? Quero dizer,

(d) *Præstantissimam harum (artium) omnium, iudicio meo, esse ars medicandi, quod deinceps nobis est demonstrandum.*

(e) *Institutio: es Medicas vobis tradere, ipsam que Medicinam omnium artium nobilissimam delineare contendo.*

os Cursos da Cirurgia de Heister, e de Dionis, à quem vos chamais bons, (f) e que, como tais, quereis, que o Orador traduza na Lingoa Portugueza. Naó são os principios destas Obras huma triste pregaó (como vos lhe chamais) a favor da Cirurgia? A mim parece-me, que sim. Heister, em huma larga Introducção, naó falla de outra coiza, que das excellencias da Arte, da sua Nobreza, dos seus Héroses, &c. Dionis alem da quellas palavras, que eu ja vos citei, e de muitas outras, com que louva, e engrandece a Cirurgia, diz, *que ella naó somente deve ser collocada na classe das Sciencias; mais que se deve ter pela mais Nobre, pela mais certa, e pela mais necessaria de todas ellas, &c.* (g). Ora dizeime agora, se hé julto, que centureis no Orador aquillo mesmo que executaó (e com maior excessão) aquelles Autores, que vos louvais, e engrandeceis tanto? Logica, e mais Logica, meu Leandro.

Na mesma pagina 12. mereis a faquinha em huma das Obras, que o Orador imprimio com o titulo de *Receptuario Lusitano*, e dizeis, que elle se envergonha de ater composto. Eu, que tei melhor, que vos os seus pensamentos, porque o trato com mais frequencia, digo, que elle se naó podia envergonhar de compor aquella Obra, tendo 18. annos de idade, como adverte no Prologo della, e se a naó continuou, foi pela razão, que vos já vistes na Censura, que por ordem da Academia fez ao *Ramalhete de duvidas de Alexandre da Cunha*, cuja Censura sahio impressa no principio do dito Livro no anno de 1759., muito antes de se es-

(f) Pagina 59. das Cartas.

(g) *On peut non seulement mettre la Chirurgie au rang des sciences, mais encore on doit la regarder comme la plus noble, la plus certaine, et la plus necessaire de toutes; puis que ce qui fait la noblesse d'une science, c'est est la dignité de son sujet, &c.* Dionys. in Pract.

crever a Gazeta, e a vossa Carta. Alij dis o Orador estas palavras: *Para o gosto do nosso Paiz não há Obras melbores, que os Receptuarios. Eu imprimi hum no anno de 1748., e logo se despachárao 1200. exemplares. Hé verdade, que poderá mais connigo as persuasões dos meus amigos Sabios de Espanha, que os interesses, com que me brindavao varios Impressores, para estampar o segundo Tomo. Affentei, que onde não há principios são as Obras de Reccitas prejudiciais; e por isso não quero dñificar a saude dos meus Patriotas, por mais que se me representem os prejuizos da propria conveniencia. Qué dizeis a isto? Quanto mellyt fora, que seguissem estes louvaveis pensamentos do Orador os que só imprimem com o sentido no lucro?*

Vamos porem a huma passagem da referida pag. 12. em que vos empenhastes o resto para pintar ao Orador, como hum homem mal intencionado, satyrico, e desagradecido. *Dizeis, que elle imprimio huma papelada contra hum dos Medicos mais famigerados deste Reino o Cavalheiro Pedro Brown, sem dizerdes, quando sahio a tal Obra, em qué Oficina se imprimio, e qué titulo tinha. O vosso ponto hé abater, e desacreditar ao Orador, ou seja com verdade, ou sem ella. A vossa consciencia hé taó forte, que pode com tudo. Como porem nada deve penetrar tanto o coraçáo dos homens de honra, como aquellas coizas, que os pintaó inciviz, dezatentos, e desagradecidos, quero convencer esta impostura com provas tais, que ao mesmo tempo vos confundaó a vos, e persuadaó a todos, qual hé o vosso caracter, e a vossa verdade. O Doutor Pedro Brown, Medico da Factoria desta Cidade, curava no Hospital da Naçáo Inglesa em Miragaia, quando o Orador, depois de aprender Cirurgia nos Hospitales Portuguezes com os Doutsos Cirurgioens Manuel de Amorim Dantas, e Jozê Custodio e Costa, estava em companhia de Henrique Nicols, Cirurgiaó do dito Hospital, e hum dos mais expertos, e doutsos, que tem passado de Londres, a este Reino. Como Brown presenciou no dito Hos-*

pita' ninitas operaçoens grandez , que fez , e outras que vio fazer ao Orador nos Soldados Inglezes , feridos na Guerra de 1741. , 1742. , e seguintes , entre a Inglaterra, França , e Espanha , e sabia o desvelo , com que o mesmo Orador se dedicava a ler os bons Autores da sua Profissão , (sujeitando-se a aprender ainda depois , que com os seus Condicipulos se podia já intitular Mestre , segundo o uzo do País) não só se entretinha muitas vezes em instruí-lo do caracter , e merecimento dos tais Autores ; mais apontava-lhe outros , de que elle não tinha noticia , explicando-lhos , como se fosse o seu proprio Mestre. O bom conceito , que este Medico formava da applicação , e sciencia do Orador , se mostra das seguintes razoens , ou fundamentos. O primeiro , porque precisado de huma operação de Cirurgia , algum tempo antes de morrer da tirana Gotta , que tantos annos o atormentou , preferio o Orador para a executar , e não se quiz valer de dois Cirurgioens da sua Nação , que na quelle tempo rezidiaõ no Porto. Segundo , porque mandando sua Magestade ouvir a o Chanceller , que foi desta Relação Jozé Pedro Emaus , sobre o estabelecimento de hum Theatro Anathomico nesta Cidade , asseverou Brown a o dito Ministro , e attestou depois com juramento *in scriptis* , (que se vos-mostrará sendo necessario) que não conhecia pessoa mais apta para o ensino da Cirurgia , e Anathomia , que o Orador. Terceiro , porque succedendo serem prezos nas Cadeias da Relação no anno de 1743. doze Marinheiros Inglezes , pela resistencia que fizeraõ no Castello de San João da Fós ao Commandante delle , e havendo razoens grandes de politica , para que a Nação Ingleza se esmerasse no tratamento , e conservação destes prezos , logo que succedeu adoeccerem muitos delles , das febres malignas epidemicas , que se ateáraõ nas cadeias no tal anno de 1745. , e não podendo Brown (por cauza da sua infirmitia) assistir a os ditos prisioneiros , como era obrigado , por ser Medico da Factoria , nomeu ao Orador para os curar , não obstante serem aquellas doenças al-

heias da sua Profissão, e haver na Cidade muitos, e sabios Medicos de quem se podia confiar mais propriamente o seu tratamento. Ainda aqui existem muitos Negociantes Inglezes, que sabem o bom successo, que teve o Orador na cura da quelles prezos, e que morrendo huma grande multidão de Portuguezes d'astuis febres, e sendo ellas de qualidade tal, que se passárao muitos dos encarcerados para a Torre da Porta do Olival com o temor dellas, dos doze Inglezes de que tratou o Orador (nao obstante serem todos acometidos das malignas, e nao se poder conseguir, que fossem mudados) nao morreu hum só. Como vos persuadiz taó instruido nas couzas de Inglaterra, e vos jactais de ter muitos amigos Inglezes, procurai saber delles esta verdade, examinando os Livros da Factoria, aonde se achará os nomes dos prizioneiros, que foraó Pedro Kallaff, Benjamin Clark, Guilherme Potver, Roberto Bets, Jorge Lemon, David Sharp, Guilherme Cox, Thomas Duarte, Joáo Carrus, Samuel Griffith, Diogo Millon, e Guilherme Francicó. Ahi achareis tambem hum avultadissimo premio, que Brown arbitrou a o Orador pelo trabalho da cura que lhe foi pago pela Caixa da Factoria, e por maó do Conlul Roberto Jackson. Ora á vista destas circumstancias, ha de persuadirse alguem, que o Orador escreveu contra Brown? Vos sois tal, que sabendo, que o Orador tem declamado contra certos Estrangeiros viandantes, que vem a Portugal buscar ouro, e nao curar enfermidades, confundiz hua coiza com outra com grande malicia para o descompor. Quanto melhor fora agradecerdes a o Orador o cuidado, que tem de fazer sahir da Cidade estes viandantes, logo que a ella chegaó, fazendo prender huns, auzentar outros, e nao consentindo semelhantes impostores, e charlataens. Elle ama, venera, e estima os Estrangeiros doutos, tais como os Wades, os Scraftons, os Brownes, e os Nicols; porrem aquelles, que entraó em Portugal, para destruirem a saude dos seus Naturais, para roubarem o nosso dinheiro, e para lograrem o povo, e os doentes (que como fracos, e necessitados se confiaó dolles) esses, meu Leandro, ten-
de

de paciência, que os ha de perseguir, porque assim o determina sua Magestade, nas suas Reais Ordens, de que elle he executor, como Tenente do Cirurgiaõ mór. Pedl a os vossos amigos, que vos digaõ, se á oito, ou dez annos a esta parte tem apparecido no Porto aquelles Chymicos de Coche, aquelles bonecos agaloados, e aquelles Cavalheiros andantes, que nas Praças publicavaõ mistagres, e enganavaõ necios? Nada. nada, meu amigo, já não vemos nada disto, e queira Deos, que vos, que tanto gritais, naõ fosseis algum dos perseguidos pelo Orador com semelhante motivo.

Em quazi toda a pagina 13. defendeis a o Gazeteiro da nota, que o irmão do Orador poz a sua Gazeta, de naõ fazer mençaõ da Arte Poetica do Horacio, e de outros Livros honrozos á Naçaõ, que foraõ escritos dentro no nosso Reino, a bem poucos annos. Valeis-vos de hua passagem da Gazeta de Maio, inferida maliciozamente, depois de apparecerem as Cartas dos dois irmaõs, e de correrem no publico naõ menos que dez mezes, ou quazi dois Tomos da Gazeta Literaria; porem tudo nada, meu amigo. Dizeime por vida vossa, o Camoens, eo Jacinto Freire de Andrade, naõ saõ Autores Portuguezes? Pois qué razaõ teve o Gazeteiro para dar noticia das Obras destes Autores, que foraõ reimpressas em 1759. e naõ tocar na Arte Poetica de Horacio, que se imprimio em 1760. Eu sei, que vos vedes muito apertado, e será melhor, que cuideis consruais algum vagar nas escapatorias, para vos naõ verdes entre talas.

Mas vamos á pagina 15. Tinha o irmão do Orador estranhado a o Gazeteiro, que naõ observasse no extracto da Oraçaõ de seu irmão, o methodo, que practicaõ os Diaristas mais famosos da Europa, que he o de darem huma fiel relaçaõ das materias, que contêm as Obras, que extraetaõ: e que só tomasse por pretexto a tal Oraçaõ, para publicar huma larga Dillevtaçaõ sobre a antiguidade, nobreza, e utilidade da Cirurgia: e respondendo vos a esta censura, dizeis na carta a o dito irmão do Orador seguintes palábras: *Porem quero conceder, que ella (a Oraçaõ*

ção) hê, e que menos apparece, e o que mais se deixa ver he a erudição do Autor da Gazeta. Quem teve a culpa disto? Teve-a sem duvida, seu irmão: (o Orador) prováffe este, como devia, o assumpto, que se propoz, que certamente o Autor da Gazeta se contentaria de indicar as suas razões, sem meter noticias de fóra, que suprissem as fracas, que elle allegou. Grande fluxo de rizo me deu, quando li estas vossas expressões, e assenti de pedra, e cal, que vos sois maganao nos ossos. So a vossa paxorra, e a vossa sem cerimonia poderiaõ faltar á verdade com tanta bizzaria. Com que o assumpto, que se propoz o Orador, foi, como vos dizeis o de louvar a Cirurgia, referir os seus lustres, e a sua antiguidade? Quem vos impugio essa petra, constando o contrario da mesma Oração, que vos citais, e citira na lingua Portugueza? Della vereis vos, e verá todo o mundo, que o assumpto, que se propoz o Orador, nao foi o de louvar a Cirurgia; mas de ponderar a felicidade do Reino, e da Academia no Governo de sua Magestade. Ouçamos as palavras, que se achão na pagina 8. da dita Oração: Havendo hoje de abrir este Acto publico, (diz o Orador) que o nosso reconhecimento consagra a o nome do Excellentissimo Mecenas desta Academia, nao me apartarei de hum assumpto, que reputo immenso: E qual he este assumpto? O mesmo Orador o diz na pagina antecedente, ponderar a felicidade do Reino, e da Academia no Governo de sua Magestade. Que dizeis a isto? Propozie o Orador, como vos dizeis, o assumpto de tractar da nobreza da Cirurgia? Nao diz elle pelo contrario na dita pagina 8. que so tocará de passagem nesta nobreza? Certamente, que sim. Eis aqui as suas palavras: Darei sim antes de o continuar (fala do seu assumpto) hum prospecto, em que se vejaõ as honras, com que as Naçoens mais cultas, e civilizadas tratarão sempre a nossa Arte, e os seus mais illustres Professores: Nao taceis vos, que prospecto significa a vista de longe, e que quem diz, que dará lo hum prospecto de huma materia, nao tem obrigação, nem intento de tratar della com difuzão? Pois logo para que dizeis vos, que o Gazeteiro se demorou a tratar da nobreza da Cirurgia, por-
que

que o Orador não provou, como devia, o assumpto, que se propoz? Vos deveis lembrarvos, que a Oração anda nas maons de muitos Doutos, e que todos pódein examinar o que ella diz para conhecerem a vossa fallidade. Quanto melhor fora, que vos censuraffeis ao Gazeteiro a paxorra de tratar das glorias da Cirurgia (sem ter necessidade disso) em huma obra, em que se propoz muito diferente assumpto? Isto sim, que vos devia fazer pezo, como o tem feito a muitos homens doutos, que censurad, que elle se occuppe no que lhe não perence, e no que não sabe, nem tem obrigação de saber com fundamento.

Na mesma pag. 15. dizeis, que o *Autor da Gazeta não está em estado de fazer Corte a os Cirurgioens, nem se embaraça de que estes lhe fiquem eternamente devedores.* Vos sabeis o contrario disto. Sabeis, que o tal Autor para obrigar a certo Cirurgião, a quem fez Corte, lhe deu titulos fantasticos: que para obrigar a outro teve a sinceridade de fazer, e publicar huma traducção em seu nome, e de o querer tôlamente preferir a os mais Professores, sacrificandose, como Mestre de Escola a ensinarlhe os primeiros rudimentos de ler, e escrever, &c. E hé isto fazer Corte a os Cirurgioens; e querer, que estes lhe vivaõ obrigados ou não? Mas já, que falamos na traducção, que o Gazeteiro, e hum de seus irmaons publicaráo em nome da quelle Cirurgião, que vos sabeis, será bem advertir ao publico a fallidade, com que o Gazeteiro assevera na sua Gazeta dever a noticia della ao Reverendissimo Padre Preposito da Congregação do Oratorio desta Cidade, que a censurou pelo Ordinario; pois sabe toda a Cidade, que o Autor da tal Traducção, e Notas hé L. S. de L., que á vista, e face do mesmo Gazeteiro a compôs na sua mesma casa, e Livraria, em nome de F. J. B. naquelle tempo seu B. e hoje Cirurgião approved. Foi impressa na Officina do Capitaõ Manoel Pedrozo Coimbrã, que mandava as folhas a casa do mesmo Gazeteiro para elle, e seu irmaõ as corrigirem, e não ne-

gará o tal irmão do Gazeteiro, que para a composição da tal obra lhe emprestou o Orador varios Livros, como por exemplo o *Diario dos Litteratos de Espanha*, que cita na Advertencia Preliminar, e cuja obra elle não tem, &c. E na verdade, que seria coiza bem monstruosa, que hum moço, que no anno de 1760. assistia com o Sangrador do Hospital Domingos Ferreira, aprendendo, e fazendo barbas a os seus freguezes, e que se examinou de Cirurgia no mesmo anno, quando somente sabia o Romance, (*h*) e o Ferreira de Cirurgia, apparecesse em 1761. com huma obra, em que se cita o *Diario dos Sabios de Paris*, o *Col de Willars*, o *Quesnay*, o *Senac*, o *Winslow*, e outros Livros Francezes; os Inglezes *With*, *Barry*, *Robinson*, e *Flemming*: onde se citão as obras de *Haller*, *Boerhaave*, *Arumio*, *Placcini*, *Linden*, *Aristoteles*, *Plinio*, *Barbon*, e outras, escritas na Lingoa Latina, que elle não sabe. Digo, que seria monstruosidade, porque lendo o Orador *Historia*, e *Bellas Letras* há mais de 20. annos, e citando-o já no anno de 1748. , como instruido nellas, Dom André Garcia Vasques no Prologo ao 2. Tomo de *Heister* Castelhana, e outros mais Autores: (que não hé

(*h*) Principiou o tal moço a practica da Cirurgia no Hospital do Porto em 10. de Fevereiro de 1756. , exercitando-se nella pouco, porque o Sangrador do Hospital Domingos Ferreira, em cuja casa assistia, o sustentava para elle fazer a barba a todos os seus freguezes. Consta da certidão da mesma practica passada pelo Cirurgião do Hospital em 4. de Setembro de 1760. , que se acha a fol. 4. dos Autos do Exame. Ali se acha tambem hum papel, que fabricou falsamente hum amigo intimo do nosso Leandro Moniz, (pois nem habilidade teve para desfigurar a letra) e mande Deos, que não se fação falar os mudos algum dia, e se averigue o delito, castigando-se ao A. delle comprehendido nas penas da Ordenação do Reino. Lib. 5. tit. 53. §. 2. & tit. 54. &c.

hé justo citar, para que o Gazeteiro os não ridiculize como Panegyristas comprados a troco de Chocolate) citando-o, digo, aquelle Aurore no dito anno, como applicado ás Bellas Letras, e estudando sempre desde entaó até agora, de tal sorte, que poucos annos se tem passado em que não escrevesse, e imprimisse alguma obra; ainda assim não sabe Historia, nem Linguas, nem nada, como diz o Gazeteiro falando das Cartas; e o tal modo em menos de hum, ou dous annos soube as ditas Linguas Latina, Ingleza, e Francez; leu os Poetas Homero, e Virgilio, os Santos Padres, como por exemplo Santo Ambrozio, as Obras Historicas, e Criticas do Marquez de Santo Aubin, *Journal des Sçavans*, *Journal Oeconomique*, a *Historia da Academia Real das Sciencias de Paris*; e finalmente as Obras Physicas, e Mathematicas do Haller, do Regnault, Boyle, Leevenhoeck, Keil, Halles, Borelli, Mafckembrock, e outras, que os-homens sabios, e calculados, como lá dizem, na Literatura, e nas Artes, com principios de Sciencia os mais ajustados, e cultivados, não entendem ás vezes com facilidade. Digo, que saberia tudo isto, porque todas estas Obras são citadas no dito Livro. Nem era necessaria outra prova mais, para se conhecer, que o irmão do Gazeteiro, e este mesmo tinhaó composto a tal obra, do que saberem-se as particularidades, que há entre elles, e o tal modo, que com bem galantaria queriaó preferir a tantos, etaó circunspectos Cirurgioens, como hi nesta Cidade, e alem disto, porque estando o dito Livro da Circulaçáo cheio de vozes escuras, e ininteligiveis para os Practicantes, a quem se dirige, tais como *cacoethes scribendi*, *propriedade contractivel*, *testimunhos microscopicos*, *movimento vibratorio*, *abdomoen*, e *thoras*, *michins hydraulica*, *equilibrio*, *economia animal*, *escarificaçoens*, (por sarjal) *corolarios*, *peristaltico*, *vermicular*, *machina pneumatica*. &c. as não achou o Gazeteiro, e diga santamente, que na dita Obra se explicaó as doutrinas com grande clareza. A seu tempo se daraó ao publi-

cô os erros Anathômicos, e Physicos, que na tal Obra se encontraó, e a que se sujeita quem escreve, ou traduz huma Obra de Faculdade, que não percebez; e por conclusáo basta que diga, que uzandole na Advertencia do dito Livro dos termos *assumptos didascálicos*, e increpando o Doutor Antonio Mena Falcaó, Medico do Hospital, a o tal mollo, (que entáo praticava Cirurgia) de os uzar, e pedindo-lhe a explicaçáo delles em huma das Enfermarias por meio de Manoel Jozê Feyxeira, tambem Praticante na quelle tempo, e hoje Cirurgiáo approvedo nesta Cidade, se vio o tal mollo embaracadisimo, como quem não sabia o que significavaó os ditos termos: e passádo a casa do Gazeteiro, que fica fronteira ao mesmo Hospital, mandou a explicaçáo das tais vozes por escrito, o que sabem o Doutor Antonio Jozê de Meirelles, o cirado Doutor Mena, o Cirurgiáo do Hospital Lourenço Jozê de Mello, e mais de 20. Praticantes, que prezenciáraó o caso. Ora, sendo isto asun, e compondo-se, ou traduzindose a tal *Instrucçáo Breve da Circulaçáo do Sangue*, á vista, e face do Gazeteiro, por seu proprio irmaó, Autor della, com qué verdade se atreve a dizer, que deveo a noticia do tal Livro ao Reverendissimo Prepozito da Congregaçáo do Oratorio do Porto? Se isto não hé enganar o publico, e promover a charlatanaria em Portugal, nada mais o hé.

Finalmente, no fim da referida pag. 15. com bem engraçadas palavras dais a entender, que o Gazeteiro sabe melhor a Historia da Cirurgia do que o Orador: o que certamente hé falso. Assentai nisto de veras, e que quando o mesmo Gazeteiro andava na Escola do Latim, já o Orador sabia a Historia da sua Profissáo fundamentalmente. Quereis huma prova innegavel disto? Eu voladou. O Orador fez imprimir no anno de 1752. a primeira das suas *Reflexões Criticas sobre os Escriitores Chyrurgicos de Portugal*, recitada no anno de 1750. em huma Conferencia publica da Academia Portopolitana. Por boas contas há já 14. annos, que compóz aque-

aquelle Obra ; e nesse tempo bem sabeis vos , que o Gazeteiro aprendia Latin. Ora para vos mostrar , que o Orador já na quelle tempo sabia a Historia da tua Profissão , basta referirvos o que elle diz no Anteloquioda tal Obra , dando noticia da Historia , que compunha, Na primeira parte do *Cirurgião Historico* (diz elle dando noticia da sua Obra , e convidando os Sabios para o ajudarem com noticias , e dictames) dou huma *Historia completa da Cirurgia desde o principio do Mundo até o presente*. Traça-se da origem da *Arte* , e seus attributos. Vêtiase quem foram os primeiros Professores della , e discorre-se chronologicamente desde *Adão* , até o Diluvio , em cujo tempo *Noé* , sahindo da *Arca* , e instruindo a *Sem* , *Cham* , e *Jafet* , estes na povoação das terras a foram ensinando a seus successores. Mostra-se o estado da *Cirurgia* no *Egypto* , e *Caldea* pelos tempos de *Abraham* , *Isac* , *Jacob* , *Joseph* , *Moyzès* e mais Patriarchas. Prova-se , que foi *Arte Sagrada* entre os *Egypticos* , e como tal continúa nos *Livros de Mercurio Trimegisto* , e exercitada pelos *Pastaphoros* , ou *Sacerdotes da Lei*. Discorre-se sobre a conditura , ou embalsumação dos cadáveres da quelle tempo , e avigua-se se os *Reis* , e *Principes* se occupavão neste ministerio. Mostra-se , que se os *Cirurgiões* , e *Medicos* foram escravos de *Pharaó* , e de *Joseph* , seu valião , seguirão a sorte de todos os povos , que se venderão per occasiões da fome geral. Traça-se de *Isis* , *Esculapio* *Egyptico* , e outros nomes *Medicos* , e de como , quando , e por quem se communicarão as *Sciencias* á *Grecia* , dando-se huma breve noticia de todas as *Academias* , que houve , tanto *Philosophicas* , como as *Medicas* de *Cyrene* , *Crotona* , *Gnido* , *Rhodes* , *COò* , e *Epidauro*. Refretem-se compendiosamente as *Vidas* dos mais notaveis *Professores* que naquelle tempos florescerão entre os *Egypticos* , *Persas* , *Asyrios* , *Argivos* , *Athenienses* , *Lacedemonios* , *Trojanos* , *Cretenses* , *Carinibos* , e *Romanos*. Prova-se , que os *Romanos* venerarão a *Arte Salutar* , e discorre-se sobre a *Escravidão* dos *Medicos* em *Roma* , conuencendo-se ao *Doctor Mead* , que pela negar a os *Medi-*

cos; e impõem a os Cirurgiões com sophisticos fundamentos. Patentease a qualidade da Eferavidão, e indennizase a Cirurgia, e Medicina de muitas calumnias. Trate-se de quem forão os Arabes, e a decadencia, que entre elles tiverão as Sciencias, principalmente a Medicina, e descrevemse as Vidas de Haly, Abbas, Mesue, Rhazes, Avicena, Avenzoar, Averrhoes, e outros Arabes. E finalmente, nomeaõse quantos Escritores tem tido a Cirurgia, e Anatomia em todos os seculos, especificandose seus nomes, e Patrias, compeniao das suas Vidas, opinioens, que seguirão, Obras, que publicarão, como, quando, por quem, e em que forma forão impressas. Mencionão-se todas as Universidades Medicas da Europa, com todas as Academias, que no seculo passado, e no presente se tem fundado de Phisica Experimental, Chymica, Medicina, e Cirurgia, seu fim principal, seus Predicatos, e Fundadores, os Theatros Anatomicos que há, e seus progressos; e finalmente, tudo quanto há pertencente a dita Historia Chyurgica, estabelecendo-se com solidos fundamentos ser a Cirurgia Profissão Nobre por Leys, e Indultos concedidos a seus Professores pelos Monarcas, Principes Soberanos, e Republicas da Europa. Qué diz is a isto? Quem no anno de 1750. propoz o plano da Historia da Cirurgia, que trabalhava com tanta precisão, e noticia, taberá agora depois de passarem 14. annos da materia, trabalhando sempre no mesmo assumpto. Saberá esta Historia, menos que hum Autor, que, como o Gazeteiro, não sabia na quelle tempo os primeiros rudimentos? Li acentai no que quizerdes, que eu estou por tudo.

Na pag. 16. não dizeis coiza, que mereca resposta, e desde a pag. 17. por diante hé, que vos esforçais em combater as razoes, com que o irmão do Orador provou, que o texto do Ecclesiastico *Honora Medicum* pertence a os Cirurgiões. Lançais hum veço astuto nas materias para as confundirdes: occultais a verdade dellas: fugiz com o corpo a os argumentos, que vos não fazem conta e negais aquellas autoridades, que derribão as vossas opinioens: mutilais outras, que teria pre-
ci-

cizo produzir , para se saberem as limitações das vossas asserções : em huma palavra , não há homem douto , que não conheça os vossos subterfugios , e que inutilmente vos valestes da vossa dialectica , para escapar a os vossos contrarios , quando he certo , que pillhado aqui , e acolá , vindes finalmente a rendervos a força da verdade , e dos seus argumentos. O peor foi o fazerdes huma mastigada tal , que ninguem a pode ler , sem enjoo , e nem eu poderia responder a hum chaos tal , como são as vossas Cartas , senão fosse buscar a questão á sua origem , e até para vos ensinar com clareza a digerir bem os vossos Escritos. Deixêmos circunloquios : vamos ao que importa , e ao que passou na verdade.

O que disse o *Orador* na sua *Oração* he isto : *A Cirurgia* (*Nobilissimas Execladores*) he *aquella utilissima Arte* , que os *Soberanos do Mundo* encherão de honras , e de estimações , por conhecerem distintamente as suas excellencias. *A Escriitura Santa* manda expressamente venerar os seus *Professores* , como lemos no cap. 38. do *Eclesiastico* , onde supposto a nossa *vulgata diga HONORA MEDICUM* , se deve dizer , ou entender (como assevera o *Padre Mestre Feijod*) honora *Chirurgum* , por ser certo , que escrevendo *Jesus* , filho de *Syrach* , o dito *Livro Eclesiastico* na *Lingoa Hebraica* , usou (no original se escreveo *uzaria* , e he o que deve dizer se) da voz *CHOBES* , que não significa *Medicus* , mas *Chirurgus*. Nem no tempo dos *Patriarchas* , *Autores dos Livros Sagrados* , nem ainda muito depois delles , havia outra *Medicina* no *Mundo* , muito especialmente entre os *Hebréos* , que a *Cirurgia*. O douto *Calmet* o prova convincentemente na sua *Dissertação de Re Medica Hebraeorum* , e os *Sabios Medicos Jaab Henrique Schultze* , e *Gaspár dos Reis Franco* o estabelecerão , quando asseverarão , que toda a *Arte de curar* do tempo da *Guerra de Troia* (que foi muito posterior a os *Patriarchas*) se incluia nos limites da *Cirurgia*. Todas as vezes , que se verificar esta passagem da *Oração* , mostrando-se , que o *Honora Medicum* pertence a os *Cirurgur-*

rurgioens : que Feijod o diz assim : que Calmet escreve , que no tempo dos Patriarchas , Escritores dos Livros Sagrados , não havia outra Medecina entre os Hebreos , senão a Cirurgia : e que Scultze , e Franco asseveraó , que no tempo da Guerra de Troia se incluia toda a Arte de curar nos limites da Cirurgia , está tudo acabado , o Orador fica victorioso , e vos , e os vossos amigos havidos por impertinentes , e pouco judiciosos , como já os desfinio o douto Barboza , censurando , por ordem de tua Magestade , as Cartas dos dois reinos.

O que diz o Padre Feijod na Carta defensiva ao Doutor Martinez hé , que naquelle lugar de Isaias : *Non sum Medicus nolit constituere me principem populi* , se encontra no texto Hebréo a voz *CHOBES* naquelle lugar sem que na Vulgata se lê *Medicus* , e que tal voz *CHOBES* significa *Chirurgus* , e não *Medicus* . Nem eu , nem vos sabemos a Lingua Hebraica ; nem , posto que a subbedemos , podiamos ver se no lugar do Ecclesiastico , onde se lê *Medicus* , uzava o texto Hebréo da voz *CHOBES* , porque elle se perdea . Julgo porém , e julgarão todos os homens prudentes , que no tal texto Hebréo se uzaria da voz *CHOBES* na queles lugares em que a Vulgata no cap. 38. do Ecclesiastico diz *Medicus* , como o Orador disse , e escreveo : e a razaó , em que me fundoo hé esta . Nós chamamos presentemente Vulgata aquella traducçáo Latina da Sagrada Escritura , que ou fez eu a perfeicção Sam Jeronimo , e que a Igreja Romana uza , (i) e approvou no Concilio de Trento . Consta , que o Santo Doutor era peritissimo na Lingua Hebraica , e em muitas outras : (j) e sabemos , que no seu

tem-

(i) Richeler in Diction. *Datis l' Eglise Latine on ne lit plus d' autre version que celle de S. Jerome , &c.*

(j) Bibliogr. II. 407. *Linguarum quoque tantam habuit peritiam , ut Grecam , Hebraeam , Syriam , Chaldaeam , & Latinam omnes aequae , ac Dalmaticam sibi maternam linguam teneret.* Vid. etiam l. Advocat. in Dict.

tempo ainda havia o texto Hebrèo do Ecclesiastico, pois o mesmo Sam Geronimo declara no seu Preface a os Livros de Salamaó, que o achára, e que o tinha. (*Fertur, & Patavictos Jesu filii Sirach liber, & alius pseudopigraphus, qui sapientia Salamonis inscribitur. Quorum priorem Hebraicum reperi, non Ecclesiasticum, ut apud Latinos, sed Parabolas prænnotatum.*) Sabemos tambem, que o mesmo Sam Geronimo, que traduzio do Hebrèo o texto do Ecclesiastico, traduzio tambem o texto de Isaias, onde diz o Padre Feijóo, que se encontra a voz **CHOBES** naquelle lugar, em que na Vulgara, ou texto Latino se lê *Medicus*. Parece-me a mim, e pareceo ao Orador, que o Santo Doutor, que no texto Hebrèo de Isaias verteoq *Medicus*, onde encontrou **CHOBES**, tambem encontraria **CHOBES** nos lugares do texto Hebrèo do Ecclesiastico, que traduzio *Medicus*. Não vos parece isto bem natural, e que disse bem o Orador, em afirmar, que escrevendo Jesus, filho de Sirach, o Sagrado Livro do Ecclesiastico na Lingoa Hebraica, uzaria da voz **CHOBES**, que não significa Medico, mais Cirurgiaó, como diz o Padre Feijóo?

Dizeis, que se no texto Hebrèo do Ecclesiastico se encontrasse **CHOBES** na quelles lugares, onde a Vulgara diz *Medicus*, não uzaria Sam Geronimo na versáo desta voz, mais da de *Chirurgus*, visto dizer Feijóo, que a tal voz Hebrèa **CHOBES** significa o que a voz Latina *Chirurgus*, e não o que a voz *Medicus*. Porem a isto vos respondo, que em tempo de Sam Geronimo, e ainda muitos seculos depois se dava o nome de Medicos a os Cirurgioens. Imagino, que basta provar isto com hum lugar de Santo Augustinho, que floreceu no mesmo tempo de Sam Geronimo, pois o diz expressamente commentando o Psalmo 50. *Illu est vox Domini* (diz o Santo) *ego percutiam, & ego sanabo: percutit putredinem facinoris, sanat dolorem vulneris. Faciunt hoc Medici, feriunt, percutiunt, & sanant: armant se ut feriant, ferrum gestant, & curare veniunt.* Dest

J lugar se colhe , que os Medicos do tempo de Santo Agostinho , e de Sam Geronimo eraó aquelles , que armados do ferro cortavaó as partes para curar as doencas , e para separar as podridoens , e por isso Sam Geronimo , traduzindo o Livro do Ecclesiastico da Lingoa Hebraica na Latina , verteria *Medicus* onde encontrasse *CHOBES* ; porque o *Medicus* na quelle tempo convinha ao que curava com ferro as doencas do corpo humano , como se mostra da citada passagem de Santo Agostinho.

Mas porque vos sois impertinente , e tereis o dezacordo de dizer , que eu , e o Orador só sabemos aquellas noticias da Historia Medica , e Chirurgica , que nos comunicou vosso amigo o Autor da Gazeta ; quero mostrarvos , que este naó diuê quanto podia dizer sobre o convir ao Cirurgião o titulo de Medico , e que sem nos valeremos da sua pouquissima erudição nesta parte , além do citado lugar de Santo Agostinho , temos muito mais para onde apellar. Se o Gazeteiro disser , que já elle apontou algumas das razoes , e autoridades , que se produzirem , podemos responder-lhe , que *por serem fracas , he queremos dar mais força , e vigor.*

Que a os Cirurgioens , e a todos os que curavaó se dava o titulo de Medicos , além do pouco que diuê o Gazeteiro em duas paginas da sua Gazeta se prova com o testemunho de muitas Leis , e de infinitos Autores , que elle inteiramente desconheçen , e ignorou , porque a noticia de todos se naó pô le pescar na quelle dia , em que o Orador mostrou os seus manuscritos. Consta , pois , naó só do Direito Civil , mais por Testemunho dos Jurisconsultos Aniano , Collector das Leis de Theodozio , Imperador do Oriente , e do famoso Ulpiano , que até Parteiras se chamavaó Medicas. (k)

Pig-

(k) *Quoties de pragnatione dubitatur, quinque obstetrices, id est Medica, ventrem jubentur inspicere.*

Dignorio cita a seguinte Inscripção, para mostrar que havia mulheres curadeiras, com o dito nome de Medicas.

S E C U N D A
L I V I L L Æ . . . S.
M E D I C A .

Mr. Le Clerc cita outra, que se acha no Ducado de Urbino, e attesta o mesmo.

D E I S M A N I B U S
J U L I Æ . . . Q. L.
S A B I N Æ
M E D I C Æ
Q. J U L I U S A T I M E I U S
C O N J U G I
B E N E M E R E N T I .

Reynessio descobriu outra Inscripção, que cita Petisco, da qual consta dar-se ás mesmas Parteiras o nome de *Iatroma* da voz *Iatros*, que significa Medico.

V A L E R I Æ V E R E C U N D A E
I A T R O M A E
R E G I O N I S S U A E P R I M A E .

E diz o mesmo Petisco, que se deu a tal Valeria, o apelido de *Iatroma*, por curar as doenças das mulheres,

e ser juntamente Parteira. (1) Os que escreverão a História da Medicina, estão concordes na intelligencia da tal voz Medica, quando tratao de Agnodice, de Sabina, e de outras mulheres, a quem chamavao Medicas, sendo Parteiras. Mr. Le Clerc (m) diz, que os nomes *Medicae*, & *obstetrices* saó synonimos nas Obras dos Escriutores antigos. O Doutor Goelick, depois de conceder, que em Roma houve mulheres, a quem chamavao Medicas, acrescenta, que ellas erao Parteiras, e curavao juntamente algumas doencas mulheriz. (n)

Tambem a os méros Oculistas se dava o titulo de Medicos, (o) o que, alem da Inscripção de hua Lápida, que se achou em Castell^e a mare di Stabia, pequena Cidade do Reino de Napoles, na tetra de Labor, e de muitas outras, produzem os Autores ordinariamente a seguinte, que se acha em Roma.

TI. LYRIUS. TI. CAESARIS
AUG. SER. CELADIANUS
MEDICUS OCULARIUS.

O mesmo Petisco, que as cita, lembra-se juntamente de muitos lugares de Galleno, que a os que curaó as doencas dos olhos, deu o nome de Medicos. O mesmo observaó os Autores com os Testicularios, Ge-
nu-

(1) *Appellatio ab officio seu Professione est Iatromae, quod mulierum morbo mederetur, simulque obstetricaretur.* Pitisc. in Lex Antiq. Rom. tom. II. 676.

(m) Le Clerc *Hist. Med. part. 2. lib. 3. cap. 13.*

(n) Goelick tom. I. *Hist. Med. Univ. pag. 269. Apud Romanos Medicas fuisse mulieres dubitandum non est... Easdem tamen omnes sola tantum Gynecia curasse, & mulierum passionibus medelam adhibuisse.*

(o) Pitisc. in Lex Ant. Rom. II. 680.

nugristas, Herniarios, e outros subalternos dos Cirurgioens, a quem chamao Medicos. (p)

Em huma palavra, que a todos os que curavao alguma doenca do corpo humano, se deu antigamente o nome de Medicos he constante entre os Autores, e oxala, que so a elles se desse, porque consta, que até a os Alveitares, porque curavao as bestas, appellavao Medicos Equarios; isto he, Medicos dos Cavalos, (q) como diz Samuel Petisco. Valerio Maximo faz mencaõ de certo Herophilo, a quem dá o titulo de Medico dos Cavallos, o qual se jactava de ser neto do Consul Caio Mario, e refere os artificios de que elle se valeo, até conseguir, que o igualassem os Romanos ao mesmo Cezar. (V. Max. IX. XVI. Herophilus Equarius Medicus C. Marium septies Consuleni avum sibi vendicando ira se extulit, ut, &c.)

Pelo que toca a os Cirurgioens, he certo, que desde o principio do mundo até o presente lhes derao os bons Autores o titulo de Medicos. Já o Orador mostrou, com a autoridade de Sexto Empirico, Philosopho, Medico famoso, que viveo no segundo seculo de Christo, que a voz que no Grego significa o que a Latina Medicus, se derivou de huma dicção Grega ΙΑΤΡΟΣ, que significa *Teluro*, por cauza de que sendo as feras as armas mais comuns da antiguidade, a os Cirurgioens, que curavao as suas feridas, derao o nome de Medicos. (r) Isto he o que o mesmo Orador disse do uzo dos Romanos, bastava para provar, que a os Cirurgioens compete o dito nome de Medicos; porem como o Ga-

ze-

(p) Marian. Sanct. Barolit. *A manuali operatione nominabitur Medicus in nualis: à membris autem, ut ab oculo Medicus Oculista, à testiculis Testicularitis, à Geni Genugrista, &c. ab agretudinibus ut ab hernia, Herniarius, à morbo gallico Gallicularitis Medicus, &c.*

(q) Petisc. in *Lex. Ant. Rom.* II. pag. 604.

(r) Manget. *Bibl. Script. Medicorum*, tom. I. v. *Aesculap.*

zeteiro depois de se valer de algumas das autoridades, que o Orador produziò, que hé o seu costume para luzir com o trabalho alheio, vos mandou dizer a vós, e vós tivestes o valor de escrever, que se o dito Gazeteiro na Gazeta se demorou em provar mais o tal assumpto, foi para substituir as fracas razoens, e provas do dito Orador com outras melhores, e mais fortes; quero eu agora mostrar-vos, que fracas provas se devem chamar as do Gazeteiro, pois para mostrar, que a os Cirurgiõens competio sempre o nome de Medicos, há muito mais, que dizer, e que referir do que elle disse, e escreveo. Por huma serie Chronologica vos mostrarei, que em todos os seculos do mundo conhecido, sempre assim se julgou por todos os bons Autores, e Escriitores.

É discorrendo desde os seculos mais remotos, contra da Historia Profana, que houve na Grecia hum Medico chamado Esculapio; e que teve dois filhos tambem Medicos, hum chamado Michaeon, e outro Podalirio. Homero, que fala nestes varoens, e Celso, que da noticia da sua Medicina, dizem expressamente, que nenhũ n delles curava doenças internas, mais que tratavao só de feridas, curandoas com medicamentos, e ferro. Aqui temos tres dos primeiros Medicos, ou talvez os primeiros de que fala a Historia Profana, que exercitarao meramente a practica de Cirurgia com o nome de Medicos.

*Est Medicus unus vir multis ante ferendus,
Tela excindendi, & levia phas mactans, natus.*

Em tempo de Dario, mais de 500. annos antes de Christo vir ao mundo, chamarao Medico a Domocedes, natural de Crotone, naõ constando de toda a Historia, que elle fizessẽ mais, que duas curas de Cirurgia; a saber, a de huma deslocaçoõ ao Rei Dario, e a de hum cancro á Rainha Atossa.

Correndo a Olimpiada 87., que vem a ser 430.
annos

annos pouco mais , ou menos antes de nacer Jesus-Christo , em tempo de Hipocrates Coõ , naõ sómente se dava o nome de Medicos a os Cirurgioens ; mas segundo consta dos Esçritos do mesmo Hipocrates , eraõ aquelles , que hoje chamamos Cirurgioens os Medicos da quellas tempos ; de sorte , que em Livro , que Hipocrates escreveo da Officina do Medico : isto he , como diz Galeno , da quellas coizas , que saõ do seu Officio , trata dos instrumentos , e operaçoens da Cirurgia. Diz Galeno (commentaõ do dito Livro de Officina Medici) estas palavras : Depois que Hipocrates no Livro da Officina nomêa as coizas , que constituem hum Cirurgiaõ perfeito , trata da maneira de ligar , ou atadas ataduras , e quer , que hum Medico se exercite n'isso primeiramente em hum corpo de pauõ feito á semelhança do homem , &c. De sorte , que o Medico do tempo de Hipocrates era aquelle Artista , que hoje chamamos Cirurgiaõ ; e o mesmo Hipocrates , como diz hum grande Esçritor Medico , e Critico moderno , foi hum Cirurgiaõ , que desprezou a Theorica de Medicina , da qual fallã , e erradamente se appella Fundador. (f) Em tempo de Christo , quando vivia o grande Hipocrates Latino Cornelio Celso , ainda se chamava Medico ao Cirurgiaõ ; porque este douto Romano appella da Medico á-quelle , que corta com a faea , que abre as costellas , &c. (t) O mesmo praticavaõ Cicero , e

de-

(f) Haller. Cõment. in Boerhaav. Inst. §. 14. Dicam, quod res mihi esse videtur. Chirurgus, & observator clinicus maximus fuit. Theoriam, & omisit, & si scripto de veteri medicina fides, etiam damnavit. In Anatomia præter osium cognitionem non curiosus. Medicamenta dura, & paradoxa, & pauca in usum vocavit, vir in universum magnus, & nobis etiam utilis, sed Medicina Dogmatica non dicendus fundator.

(t) Cels. de R. Med. lib. 7. cap. 2. Ubi cumque Medicus, ex quacumque causa cutem excidit pure effuso, &c.

depois Plinio , e até muitos dos que commentárao as Obras dos Antigos. De Cicero consta , que havia no seu tempo Medicos para todos os motbos , Medicos para as feridas , e Medicos para os olhos. (u) O famoso Dionizio Lambino , commentando a Plauto , célebre Poeta Cómico , que floreceo muito antes de Christo , diz , que a Medicina da queelles tempos incluia em si a Cirurgia , e que os Medicos das queixas internas , e os das fetidas , a quem hoje chamamos Cirurgioens , erao todos huns. (x) O Padre Rader , bem conhecido pela sua prodigioza erudição , commentando a Marcial , diz absolutamente o mesmo ; isto hé , que os Cirurgioens se chamavao Medicos. (i)

Depois de Christo 150. , ou 200. annos , em tempo de Claudio Galeno , naó semente se dava o nome Medicos a os Cirurgioens ; mais a os mesmos Sangtadotes. Do Livro quinto do Methodos se mostra esta verdade , pois consta dat Galeno o nome de Medico a hum rapáz , que querendo sangrar huma vea , picou huma arteria. Pelos annos de Christo 400. , em tempo de Aeccio Amideno , havia o mesmo costume , pois a cada passo das Obras deste Douto Grego se encontra o appellido de Medico , dado a aquelles Professores , que operaó manualmente. Pouco tempo depois no de Paulo Aegineta , naó semente a os Cirurgioens ; mais a

OS-

(u) Cicero. 3. Ot. *Fuisse alios Medicos , qui morbis , alios qui vulneribus , alios qui oculis medirentur.*

(x) *Medicinam veterum etiam Chirurgiam continuisse eosdemque fuisse olim morborum Medicos , & vulnerum , quos Chirurgos appellamus , constat.* Dionys. Lambin. in Plaut.

(i) *Eundem Medicum utramque clinicam scilicet , & Chirurgicam exercuisse , & Chirurgos etiam vocatos Medicos.* Rader. in Mart.

os-Oculistas se dava o tal nome de Medicos. (z) No fim do sexto seculo, em tempo de Sam Gregorio Magno, ainda se praticava o chamar Medicos a os Cirurgioens, porque este Santo Pontifice, falando no 4. dos seus Dialogos da morte de seu intimo amigo Estevaó, falecido em Constantinopla, dá o nome de Medico a quelle, que abrio, e embalsamou o seu cadaver. Em tempo de Carlos Magno, junto dos annos 800. depois de Christo, naó somente se dava o nome de Medicos a os que sangravaó, e coziaó ervas; mais tambem a os que faziaó papaz. O famoso Alcuino, Abbade de Sam Martinho de Tours, o escreveu nos seguintes Versos, em tempo do mesmo Imperador:

*Accurrunt Medici mox Hypocratica testis,
Hic venas findit, herbas hic miscet in olla,
Ille coquit pulvis, alter sed pocula perfert.*

Depois dos annos 900., quando já dominavaó os Arabes na Medicina, achamos muitos Medicos, em o nome, e Cirurgioens no ministerio. Lede a Obra de Albucafis, e a Vida de Gabriel, filho de Backrishua, e achareis, que este tinha o nome de Medico, ainda quando sangrava, e aquelle quando curava manualmente todas as queixas do corpo humano, como hoje fazem os Cirurgioens.

Em todos os Historiadores da quelles tempos, tanto Sagrados, como Profanos, lenios, que se dava o nome de Medicos a os que curavaó feridas, a os que sangravaó, e a os que titavaó a Pedra da Bexiga. Por hum Concilio do Delphinado, celebrado no seculo IX. se ordenou, a instancias do Arcebispo de Narbona, que se observassem as Leis dos Visogodos, que prohibem

M

bem

(z) P. Egin, lib. 6. cap. 20. *Nostra atate Medicus quidem Ocularius cognomento justus, etiam concussione capitis plerosque hypopyos persanavit.*

bém (a) o sangrar-se huma mulher, sem estarem seus Pais presentes, e ali se dá ao Sangrador o titulo de Medico; e vistas as ditas Leis dos Visogodos, (b) achamos, que tambem daó ao mesmo Sangrador o titulo de Medico. Eginard, Secretario de Estado do Imperador Carlos Magno, referindo nos seus Annaes de França huma ferida do Rei Luiz, chamado o Pio, filho do mesmo Imperador, diz, que convalecera della por ser curado pelos seus Cirurgioens, a quem dá o titulo de Medicos. (c) Pedro de Blois, Autor do decimo segundo seculo, falando da primeira cruzada, succedida no seculo precedente, affirma, que os Cirurgioens com todos os seus instrumentos não poderão curar huma chaga na coxa de certo Cavalheiro, que se achava entre os Cruzados, e quando nomêa os ditos Cirurgioens lhes dá o appellido de Medicos. (d) Finalmente, achase no anno de 1197. a Historia de certo Monge de Flandes, a quem se fez a operaçáo da Lythotomia, para lhe extrahir huma pedra da bexiga, e ao Cirurgiaó, que fez a operaçáo se dá o titulo de Medico. (e)

Não há' duvida porem, que depois do Imperio de Carlos Magno se fez o nome de Medico tão commum, e despezivel, que os Cirurgioens tomárao em França o de Mires, e os que curavao conjecturando as en-

(a) *Nullus Medicus sine presentia Patris, vel Matris... mulierem phlebotomare presumat.* Harduin. Concil. Tom. v. pag. 108.

(b) *Si quis Medicus phlebotomum exercet, & ingenuum debilitaverit, &c.* Leg. Visogot, lib. 11. tit. 1. § 6.

(c) *Sed opera Medicorum, qui ei curam adhibebant, summa celeritate convaluit.* Duchesin. ad ann. 817.

(d) *Omnia in eo Medicorum instrumenta frustrata sunt.* Petr. Blef. Epist. 92.

(e) *Medico accersito ad hoc opus, ut sperabatur, idoneo.* Specileg. tom. IX. pag. 517.

fermidades do corpo, es-colheraõ o de Phyllicos. Eis aqui como se explica hum douto Francéz dos nossos tempos. (f) *Em tempo de Carlos Magnõ (diz elle) todos os que exercitavão a Medicina, e a Cirurgia se appellavaõ Medicos; mais porque pouco depois este nome se fez despreziavel por se conferir a os Charlataens, e ás mulheres Curadeiras, os Cirurgioens tomáraõ em França o de Mires e os Medicos Ecclesiasticos o de Phyllicos. Nem foi só em França, onde os que hoje chamaõ Medicos desprezãraõ este titulo, e tomáraõ o de Phyllicos: foi tambem em Castella, e em Portugal. Digo em Castella, porque nas Leis das Partidas, publicadas em tempo do Rei Afonso o Sabio, que morreu em 1284., se dá o titulo de Phyllico, ao que hoje chamamos Medico. Phyllicus, (diz a Lei decima (g)) segun mostraron las sabidores antiguos, tanto quiere dizer como sabidoria, para conocer las cosas segun natura, qual es en si... é por ende los que esto bien fazem pueden fazer muchos bienes, é toller muchos males, señaladamente guardando la vida, é la salud á los homes, desviandoles las enfermedades: porque sufren grandes lecerias, é vienen á muerte, e los que esto fazem son llamados Físicos, que non tan solamente han apuñar de toller las enfermedades a los homes, o guardales la salud de manera, que non enfermen, &c. Digo tambem, que em Portugal deixáraõ os Medicos este titulo, e tomáraõ o de Phyllicos, porque naõ achareis vos hum bom Autor antigo do nosso Reino, que naõ dê o dito titulo de Físicos a os Medicos do seu tempo: e até no Regimento do Cirurgiaõ mor, e no do Phyllico mor, que saõ mais posteriores, pois o primeiro foi composto em 1448., e o segundo em 1521. até nestes Regimentos, digo, se naõ dá outro nome, que o de Phyllicos a aquellos, que hoje chamamos Medicos,*

M 2

c

(f) *Hist. de l' Orig. & des Progr. de la Cbir. en France, pag. 132. tom. 2.*

(g) *L. 10. tit. 9. part. 2.*

e Arte de Physica aquella , que hoje conhecemos com o nome de Medicina.

Mas para qué hé cansarme em provar huma materia , que passa por inconcussa entre os homes de letras : para qué hé especificar os lugares , em que os mais célebres Autores foraó successivamente appellidando Medicos a os Cirurgioens? Basta , que vos diga , que Guilherme de Saliceto , que vivia pelos annos de 1265. Guido de Cauliaco , que florescia pelos annos de 1360. Jacob Berengario , Angelo Bolognino , Joáo de Vigo , Mariano Santo , Jeronimo Fabricio de Aquapendente , Marco Aurelio Severino , Jeronimo Fabricio Hildano , e outros Escritores dos seculos XIV. , XV. , e XVI. não daó nas suas Obras outro nome , que o de Medicos á-queelles , que chamamos Cirurgioens. No seculo passado , que foi o decimo setimo , hum Escriitor bem famoso , como hé Ettmullero , reprova o uzo da queelles , que por vanagloria se appellidaó Doutores em Cirurgia. *São ridiculos (diz Ettmullero) huns certos Medicos , que se nomeaó Doutores em Medicina , e em Cirurgia , entendendo , que são Artes distintas , e ignorando , que o exercicio de huma , e de outra Profissáo compete a hum só Individuo , vulgarmente chamado Medico.* Finalmente , no seculo presente o grande Heister chama Medicos a os Cirurgioens , como se mostra das suas Instituções Chirurgicas; e em Veneza , onde se observa rigorosamente o Ceremonial da Civilidade , havendo dois Collegios , hum de Medicina , e outro de Cirurgia , se appella o primeiro *Il Collegio de Medici Phisici*, e o segundo *Il Collegio de Medeci Chirurghi*. A mesma Academia Chirurgica de Veneza tem este titulo: *Accademia Medico-Chirurgica de Studenti in Venezia.*

Isto basta para mostrarvos , que desde o principio do mundo até o presente , se deu sempre o titulo de Medico á quelle , que cura as doenças exteriores do corpo humano , e até as internas , que requerem o auxilio das maons. Nem a falar verdade o nome de Cirurgia , que hoje se dá á nossa Profissáo , explica o que ella hé.

Ambrozio Calepino, os seus Correctores, e Addicio-
nadores, e outros Ethimologistas, dizem, que a voz
Chirurgia vem de duas dicções Gregas *Cheir*, que sig-
nifica mão, e *Ergon*, que se interpreta obra, e que tudo
junto quer dizer obra de maons. Pergunto agora: Enão
hé obra de maons a Estatuaria, a Lanificia, a Archi-
tectura, &c.? Se a palavra Chirurgia vale o mesmo,
que obra de maons, tanto hé Cirurgiaó o Carpintei-
ro, o Ourives, &c., como o Cirurgiaó, porque to-
dos trabalhaó com ellas. Por isso differaó bem o mes-
mo Calepino, e antes d'elle Celio Rhodiginio, (b)
quando affirmáraó, que o nome Chirurgia, em seu
rigorozo significado, denota toda a Arte manual, e por
isso Autores graves, julgando improprio o dito nome,
para appellar uma Obra da nossa Arte, recorrêraó
ao de *Chiroiatria*, e outros chamáraó a os Cirur-
gioens *Chiriatros*, como se dislésem Medicos manuaes,
porque *Cheir* significa a mão, e *Iatros* o Medico, e quer
dizer tudo o Medico, que cura manualmente.

De forte, meo bom Leandro, que dandose em
todos os séculos o nome de Medicos a os Cirurgioens,
e sendo estes os primeiros Medicos, que houve no mu-
ndo, e para quem o dito nome foi primeiramente ex-
cogitado pelos Sabios da mais remota antiguidade, co-
mo até disse o Gazeteiro (i) vossa amigo, e achando-
se com a maior probabilidade a voz *CHOBES* no tex-
to Hebréo do Ecclesiastico, que verteu Sam Jeronimo,
tizou este Santo na Vulgata, ou texto Latino da voz
Medicus, que entaó era taó propria dos Cirurgioens,
e que sempre o foi, como aísima vos deixo enlinuado:
Sendo muito provavel, que se o Santo escrevesse neste
tem-

(b) *Chirurgia, quod scitu dignum est, non Medicina
modo partem indicat, sed, & de artibus item pronun-
tiatur aliis, unde est pictorum, &c.* Rhodig. Antiquar.
Lect. lib. 4. cap. 3.

(i) *Gazet. Liter. de Nov. pag. 290.*

tempo , em que a Cirurgia está separada da Medicina, diria *Honora Chirurgum.*

Esta maior probabilidade se faz certa , por se acharem no cap. 38. do Ecclesiastico ; como apontou o irmao do Orador , e o Gazeteiro confessa , as provas mais convincentes , de que ali se fala dos Cirurgioens expressamente , o que se naó pôde dizer dos Medicos Physicos com a mesma certeza. Se vós , e o Gazeteiro, vossó amigo , naó leais as Obras do Padre Feijóo com o animo semente de tirar dellas alguns fundamentos para criticar os Escriptores , injusta , e inexoravelmente, vereis , que Feijóo vem a seguir a mesma opiniao do Orador , pois diz , que os Unguentos faziao a parte principal da Medicina no tempo , em que o Ecclesiastico foi escripto. *Hé muito de notar , (diz Feijóo) que a unica vez , que a Escriptura trata de intento de Medicos , e Medicina , naó faz memoria de outros remedios mais que dos Unguentos : Unguentarius faciet pigmenta suavitate , & unctioes conficiet sanitatis. O que dá a entender , (continua Feijóo) que os Unguentos faziao a parte principal da Medicina da quelle tempo.* Nem me digais , que por Unguentario se deve entender o Pharmaceutico , ou Boticario , como já disléstes , porque os Cirurgioens antigos , como se collige de Plinio , faziao os Unguentos nas suas cazas , e tinhaó Boticas delles. Lede a Historia Romana sobre Archagatus , que floreceo pela volla conta antes do Sagrado Autor do Ecclesiastico mais de 50. annos , e achareis , que este Grego , que hé o primeiro Medico , de que fala , e que nomêa a dita Historia Romana , sendo hum mero Cirurgiaó (posto que demaziadamente cruel , por queimar , e cortar sem reflexao alguma) tinha huma Botica de Unguentos no Campo , ou Praça de Acilio , comprada á custa do Povo , e que era hum verda leiro Unguentario. Reflecti de caminho , que Archagatus foi certamente Cirurgiaó : que floreceu na Grecia , e em Roma , pouco antes do Autor do Ecclesiastico : que hé o primeiro , que pelo seu nome , e como introductor da Medicina em Roma

nomeaó os Historiadores antigos , e eu vos direi logo , para que vos faço esta lembrança.

Agora basta , que somente vos diga , que o mesmo Feijó , que vos citais , se declarou abertamente contra o unico argumento , que produzio o Gazetteiro contra o Orador. Disse o dito Gazetteiro , ou dizeis vos , que para se julgar , que o Ecclesiastico naó falou sómente dos Cirurgioens ; mais tambem dos Medicos Phisicos , basta considerar-se , que Jesús , filho de Syrach , Autor do tal Livro , floreceu depois de Hypocrates , dando com isto a entender , que o Escriptor Sagrado , quando manda honrar a Medicina , falaria do mesmo Hypocrates , por lhe ter precedido ; porem isto hé o que Feijó nega na reposta , que deu ao Autor da *Medicina Vindicada* , pois. dizendo este , (para provar a utilidade de tua Arte) que escrevendo o Ecclesiastico dois seculos depois de Hypocrates , falaria sem duvida da sua Medicina , zomba o Feijó de semelhante conclusáo , e argumenta assim : *Por què regra de Summulas (diz elle) sabirá a consequencia de que o Ecclesiastico fale da Medicina de Hypocrates , visto escrever depois d'elle ? Será bom este argumento ? Parecelfo foi anterior dous seculos ao Doutor Roz , logo a Medicina , que o Doutor Roz approva , hé a Medicina praticada por Paracelfo. Ou este Luthero precedeu-me a mim. (Feijó) dous seculos : Logo a Theologia , que eu aprovo , hé a mesma , que ensinou Luthera.* Vede lá , meu amigo , que pezo dá Feijó ao forte argumento do voffo querido , e amado Gazetteiro , e permitime , que eu argumente tambem o meu bocado. Archagatus , filho de Lysania , Grego de Naçaó , (porque natural do Peloponezo) floreceu mais de 50. annos antes do Sagrado Autor do Ecclesiastico , e foi hum Medico na Grecia , e em Roma muito famoso. Este Archagatus era , como se sabe , Cirurgiaó , porque lhe dárao por appellido o titulo de Vulnerarius , que quer dizer Curador de feridas. Ora será bem , que tiremos agora por conclusáo , que da sua Medicina hé , que falou o Autor do Ecclesiastico , só porque este floreceu depois do tal Archagatus ?

Os Autores , que se fundão , meu Leandro , em semelhantes argumentos , e illaçõens , como vos , e o Gazeteiro fazeis , são Autores de agoa doce , ainda são muito meninos na Hiltoria , ainda precisaõ de maior estudo , e ainda mecheiraõ a Escolasticos Peripateticos. Dexai estes rapazaticos argumentos , consultai a Hiltoria , e olhai , que vos-naõ hei de viver sempre.

Mas quereis vos huma prova bem convincente , para vos capacitardes , que o Ecclesiastico naõ falou , nem podia falar da Medicina de Hypocrates ? Quereis que vos mostre com o melino cap. 38. do dito Ecclesiastico , que naõ se ttata ali da Medicina dos Gregos , dos Egepcios , e dos outros Gentios , e Idolatras semelhantes a Hypocrates ? Quereis ? Pois ouvi com atençãõ o Ecclesiastico no numero 14. do dito cap. 38. Recomen-da a aquelles Medicos , de que fala , *que roguem a Deus pela saude dos seus enfermos , considerando as suas oraçoens muito uteis para o fim da cura.* (j) E entendeis vos , que hum varaõ taõ Santo , taõ Sabio , e taõ observante da Lei de Moisés , como Jesús , filho de Sirach , havia de persuadir a os Gentios , tais como Hypocrates , Zoroastro , Melampo , e outros , que vos nomeais , que recorressen a os seus Deozes , que eraõ Jupiter , Apollo , e os outros da antiguidade Pagi , para que lhes dirigissem as suas curas , e enchissem de felicidade a os seus enfermos ? Ora isto seria huma proposiçãõ absurda , e com tudo isso hé o que se colhe da vossa Carta , e do que escreveo o Gazeteiro , vosso amigo , pois nos dizeis , e nos diz elle , que o Ecclesiastico fala da Medicina interna , porque já Hypocrates tinha florecido na Grecia , dando a entender , que o Escritor Sagrado se lembraria delle para mandar honrar a sua Medicina , &c.

O

(j) *Ipsi vero Dominum deprecabuntur , ut dirigat requiem earum , & sanitatem propter conservationem illorum.*

O que mais me admira hé, que vos; e os vossos amigos, sendo Criticos taó grandes, como vos-inculcais, imagineis, que Hypocrates na sua Vida, e a sua Medicina nos seus principios foraó t.ó decantados no mundo, que desde certos Lugares de Grecia passasse a Palestina, e isto com tanto estrondo, que chegasse a os ouvidos de Jesus, filho de Syrach, Autor do Ecclesiastico, a noticia delle, e della. Entendo sem duvida, que sois do numero da quelles homens credulos, e pouco instruidos, que crematudo quanto se diz das honras, que fez o Senado de Athenas a Hypocrates, dos seus vaticinios sobre a peste da Grecia, e das suas repostas ao Rei da Persia, que dizem o chamara a sua Corte por meio de Histanes, Perfeito do Helesponto. Porem, meu Leandro, olhai, que os grandes, e exactos Historiadores da Medicina tais como o Le Clerc, o Schultze, e outros muitos Autores, e Medicos doutissimos mostraó evidentemente, e sem réplica, que as Obras em que se acha a noticia destas honras, e andaó juntas ás outras de Hypocrates, saó apocriphas; isto hé, que naó saó, nem nunca foraó de Hypocrates; mais fingidas por algum Grego indouto, que as compoz muito depois do seu tempo, para sacar algum dinheiro dos bons homens, como vos me pareceis. Olhai, que as chamadas Cartas de Artaxerxes a Histanes, de Histanes a Hypocrates, as deste a ambos, as do mesmo Hypocrates a Demetrio, a os Abderitas, a Philipoenens, a Dionysio de Halicarnasia, a Damageto, a Cratevas, &c. saó huma pura invençaó, e fingimento. Os Decretos dos Athenienses a favor de Hypocrates saó falsos, as suas Oraçoens havidas por fabulosas; e em huma palavra, a maior parte do que se diz das honras, premios, e celebridade deste grande Medico no tempo em que elle vivia, naó tem mais fé, que aquella, que lhe daó os homens rudes, credulos, e pouco versados na Historia, e nas bellas Artes. O que se sabe com certeza de Hypocrates hé, que sendo o maior Medico, que

tem havido no mundo, só bastante tempo depois da sua morte, se conheceo realmente o seu merecimento, por ser Historiador sincero do que hia, observando na natureza, sem se valer de raciocinios philosophicos, que tanto tem estragado a Medicina. Porem tambem sabemos, que as terras em que affinio, e em que curou os enfermos, de que de conta nas suas *Epidemias*, e outras Obras, que foraó *Abdera*, *Larisa*, e no *Perrintho*, *Cranon*, e outros Lugares de Thesalia, eraó taó pequenos, que affirma Galeno, que todos elles juntos não faziaó hum dos bairros de Roma. (k) Ora entendeis vos, que hum Medico destas Villas daria, quando vivo, brados nos Reinos estranhos, e que o seu nome, e a sua Medicina chegaria a embelezar aquelles veneraveis Sacerdotes dos Hebrêos, que, como Jezús, filho de Syrach, abominavaó rudo, o que cheirava a Idolatria, e a Gentilidade? Não sabeis vos, que os Hebrêos desprezavaó os Livros Estrangeiros, e se contentavaó de hum só Livro, e que por isto não podiaó ter as noticias, que nos costumáó meter á queima roupa as Gazetas Literarias? (*) Ignorais tambem, que Hippocrates não foi hum Medico como os de agora; mas hum Cirurgiaó, e observador, que não se omitio, mas desprezou a theorica da Medicina, que hoje se usa? Pois fabei, que isto hé certo, e o diz não menos, que o grande Haller, Discipulo do immortal Boerhave, Autor nuito do vossó peito, pois o citais varias vezes, e

com

(k) *At Urbes, quarum meminit Hippocrates, ubi diutius egit, non plures incolunt, quam Romæ viciniam unam.* Gal. com. 1. in lib. de Art. rom. 12. da Edic. de Charr. pag. 303.

(*) *Les Hebreux méprisoient les Livres des étrangers, et se contentoient d'un seul Livre, qui renfermoit tout ce qu'ils devoient sçavoir.* Calencas Ellais sur l'Hist. des Bell. Lettr. tom. 4. pag. 142.

com grande predilecção nas vossas Cartas. (1) E não imagineis, que por ser Hypocrates observador clinico, alem de Cirurgião, como diz Haller, foi hum Medico como os do nosso tempo, porque a voz *Clinicus* derivase de huma palavra Grega, (deixo para vos o marcéala, porque sois Grego) a qual significa *cama*, e *clinico* he o que vizita os enfermos nas suas camas, como fazia Hypocrates, o que antes delle se não praticava frequentemente, porque erao levados os enfermos a os Templos de Esculapio, onde existiaó os seus Sacerdotes, e debedzantes, chamados Asclepiades, que os curavaó, ou com remedios, ou com encantos, por serem muitos delles Magicos, como afirmaó alguns Santos Padres, e outros Autores Sabios. Herodoto diz, que os *Babylonios expunhaó os doentes ás portas das ruas a pedir conselho a os passageiros*. Em tempo de Chiron hiaó os mesmos doentes á sua habitaçáo do monte Pellion buscar os remedios, e ou foile Esculapio, como quer Hyginio, ou Hypocrates, como querem os mais dos Escriutores, o que principialle a vizitar os enfermos nas suas cazas, e camas; o certo hé, que por isso lhe dá Haller, e todos os Autores o titulo de Clinico, que vale o mesmo, que dizer *Medico, que vizita os enfermos na cama.* (m) Já vos mostrei, que os Cirurgicenses eraó Medicos, e por isso o clinico lhes pertence.

Quero porem deixar por hora a Hypocrates, e a sua Medicina, porque adiante hei de tornar a falar nelle, e nella, quando vos responder ao que dizeis sobre a Reposta, que o Orador deu ao Gazeteiro. Vamos a

N 2

me-

(1) *Chirurgus, & observator clinicus maximus fuit (Hypocrates) ibroiam, & omisit, & si scripto de Vetere Medicina fides, etiam damnavit.* Haller. Com. ad Boerh. §. 14. Inst. Med.

(m) *Clinicus est Medicus visens morbo cubantes in lectulo.* Pitisc. in Lex. Ant. Rom.

meter em parallelo o que diz o Ecclesiastico no cap. 38. com o que disserão os Escritores antiquissimos. Vereis, meu Leandro, e verao todos, que nada prova tanto, que o Ecclesiastico fala no sobredito capitulo da Cirurgia, e dos Cirurgioens, como o verse, que tudo quanta este Sagrado Autor disse sobre a Medicina em geral, concorda com o que disserão os tais Autores sobre a Cirurgia em particular, e sobre os seus Professores. Tende paciencia, que vos quero dar algumas noticias, que não sabeis.

O Ecclesiastico foi escrito por Jesu's, filho de Syrach (como vos dizeis) pelos annos do mundo 3837. cento e sesenta e tres annos antes do Nascimento de Christo, e hé certo, que este Escriitor Sagrado fallaria na sua Obra da quella Medicina, que era mais famosa, e conhecida no mundo, tanto no tempo, em que elle vivia, como antes d'elle. Dizeme por vida vossa, que varoens célebres teve a Medicina Physica antes de Hypocrates? Qué Escriitos exultão della? Qué enras de queixas interiores celebrao os Escritores? Qué honras se conferiraó a os seus Professores? Qué monumentos se lhes erigiraó? Ah, meu amigo, que se vos seca a pena, e que vos faltao as expressoens! Tendes contra vos o testemunho do grande, e antiquissimo Celso, que affirma, que desde Esculapio, e seus filhos Podalirio, e Machaon, que exercitaraó a Cirurgia na Guerra de Troia pelos annos 2820. da Creação do Mundo, até o tempo de Hypocrates, não houve varoens conhecidos, que exercitallem a Medicina. (n) Tendes tambem a Plinio, que affirma, que depois de Esculapio esteve a Arte de Curar em humna escura noite, até a Guerra do Peloponezo, (cujo principio foi no anno do mundo 3554.) em cujo tempo Hypocrates resuscitou a Medici-

(n) *Ergo etiam post eos, de quibus retuli, nulli clari viri Medicinam exercuerunt, donec majore Studio Litterarum disciplina agitari caput. Cels. in Præf.*

dieina de Esculapio, (o) que bem sabeis vos, que foi a Chirurgica, porque assim o disse o Autor da Gazeta. (p) De forte, que antes de Hypocrates tudo nada de grandes Medicos (se havemos de dar credito a homens incomparavelmente maiores, que vos, e que o Gazeteiro.) Desde Hypocrates até o Ecclesiastico ser escrito, como vos dizeis, e como diz o dito Gazeteiro, passaraó-se somente 150. annos. (reparai, que vos concedo isto de barato, e que sobre esta indulgencia tinha eu muito que dizer, e não faço em contemplação vossa.) Ora dizeime, quereis, que em tão pouco tempo, sem haver ainda no mundo a Arte de Imprimir, passassem as noticias das Obras, e Medicina de Hypocrates desde a Europa á Asia? Ignorais, que até sobre os Escritos do mesmo Hypocrates há muito que dizer, porque a maior parte dos que passáo por seus, foraó fabricados em seu nome por varios sujeitos, e alguns delles muitos seculos depois de morrer Hypocrates? Ignorais, que se perderáo muitos, e que na Bibliotheca de Alexandria se queimáraó os originaes? E quereis, que o Ecclesiastico falasse da Medicina, que no seu tempo começava a nacer, e não da que tinhaó exercitado os Chiroens, os Esculapios, os Machaons, os Podalirios, os Democedes, e outros célebres Professores, que floreceraó antes delle 500. e mil annos, e cujas Estatuas foraó adoradas, e os seus nomes celebrados em Templos, e em Altares? Há só porque vos o quereis de falar o Ecclesiastico da quella parte da Medicina, de que nen hum Autor antes de Hypocrates, e do mesmo Ecclesiastico se lembrou escrever, e não da Cirurgia, de que Homero, que precedeu ao dito Ecclesiastico 700. annos, dá tantas noticias, fundado no que já

(o) *Sequentia eius (mirum dictu) in nocte densissima latue, e, usque ad Peloponesiacum bellum; tunc eam revocavit in lucem Hippocrates. Plin. Hist. Nat. lib. 29. cap. r.*

(p) *Gazet. Lit. de Nov.*

já se sabia : que no seu tempo apontou os remedios para curar as feridas , para combic os fluxos de sangue, para extrahir as flexas; e finalmente, o modo de ligar as partes vulneradas. (q) E não teria melhor, que preferissemos aquella parte da Medicina, que entre os Gregos, e entre os Hebrèos era famosa? Aquella, por meio da qual os Esculapios foraó colocados na classe dos Deozes, os Chiroens no numero das Estrellas, os Machaocens em soberbas Urnas, e Mauzoleos, os Podalirios cazados com Princezas, e aclamados Monarcas, os Democedes familiares dos Reis e redemptores da Patria, &c. ? Quereis, que o Ecclesiastico falte de huma parte de Medicina, que nao estava em uzo entre o Povo Hebrèos; mais antes pelo que se entende prohibida, e que nao falasse da Cirurgia, de cujas curas se lembra, como ao diante vereis? Forte preocupação, meu Leandro Moniz! Vos tendes caprixos bem extravagantes. (Nao vos esqueça esta palavrinha, porq ue adiante haveis de tragala com menos repugnancia) Mais deixemos exclamaçoens: Vamos ao paralelo em que atrás vos falei, e vereis, que tudo quanto o Ecclesiastico diz da Arte de Curar compete, sem a menor contradicáo, á Cirurgia. Como eu nao sou Grego valhome do Texto Latino, em quanto vos nao dizeis, que o nao entendo.

No cap. 38. num. 1. e 2. manda o Ecclesiastico honrar o Medico, porque as suas obras são necessarias. Ora dizeime, quais são mais necessarias no mundo? As obras da quelle, que hoje chamamos Medico, ou as do Professor de Cirurgia, que no tempo do Etcitor Sagrado era tambem Medico? Vos deveis saber, que os grandes Mestres da Arte de Curar assentaó, que se nao sabe na realidade, e com certeza, quando são necessarios os remedios nas doencas internas, e que da mesma sorte se ignora, quaes são aquelles, que as curaó. Quanto maiores tem sido os Medicos, quanto mais se tem

tem emperhádo em persuadir a incerteza com que resolvent, e com que obraó nas queixas do seu foro. Os Hypocraes, os Celsos, os Boerhaves, os Baglivios, os Hoffmannos, e os Sydenhans confessáo nos seus Elcritos, que erráráo muitas vezes, e que na Medicina interna não há infalivel certeza. Isto mesmo diúe o Autor da Cazeta com bastante dezafoço. Necessária hé aquella coiza, sem a qual senáo pode viver, ou sem a qual senáo póde passar. E não sabeis vos, que os antigos passáraó muitos séculos sem a Medicina interna, sem ouzo das purgas, dos vomitorioz, e remedios? Não sabeis pelo contrario, que sem a Cirurgia não podião passar? Que tinhaó absoluta necessidade della; e que com effeito a practicáraó logo? Fere-se hum homem, vem-lhe hum fluxo de sangue, que lei o dispensa de tomalo para não acabar a vida? Tem outro hum apostema, que se suppura, e que se abre, que lei o livra de aplicar remedio a aquella parte, que vé chagada? Hé outro homem atacado por huma fera, mordido por hum bicho, imaginais vos, que não busca logo quem o cure, e que julga, sem a menor hesitacao, que a cura he necessaria? Mas para qué hé cançarme com vosaõ com razoens? Vos tendes concebido, que sois o *Non plus ultra da Sciencia*, e tudo, o que não hé voíto, não preta. Assento, que só vos convenceráõ as razoens dos mais doutos Medicos, que chamaõ á Cirurgia Arte necessaria, e que pelo contrario não julgáõ, que a Medicina o seja do melino modo. Os effeitos da Cirurgia (diz o Medico Taganleio) são muito mais evidentes, que os das outras partes da Arte de Curar, e são absolutamente necessarios. (r) O Medico Goelick se explica com bastante clareza: *Necessitas Chyrurgiae tanta est, ut exdem in societate humana exere absolutè nequeamus. Multi enim*

(r) *Effectus Chyrurgiae inter ceteras Artis Medicinae partes evidetissimus est, & maximè necessarius, &c.*
Epist. Nuncupator.

enim sunt homines; v. gr. rustici alitque plebii, qui Medicinam, vel frivole contemnunt, vel stultitia quadam aver-
santur; qui tamen quotidiana experientia scite, sine ulla
tam exacta, & ad rigorem regularum medicarum com-
posita diata, immò nullis planè artificialibus remediis ad-
hibitis, solo Natura beneficio convalescunt. Quis vero vi-
dit unquam, quod si cui crus, vel fractum, vel luxa-
tum fuerit sine manus opera, aut periti Chirurgi industria
ad pristinam integritatem reducta fuerit. (Hist. Chir. Ant.
§. 5.) Ovi porem dilcorrer loore esta materia dois Es-
critores Medicos da primeira classe; a saber, o elegan-
tissimo Celso, e o eruditissimo Le Clerc; No tempo de
de Chiron, e de Esculapio (diz Le Clerc) era a Cirurgia,
naõ samente a parte mais procurada da Medicina; mais
julgavase a mais necessaria: as outras partes naõ pareciao,
ou se reputavaõ taõ uteis, como ella. Naõ quero eu di-
zer, que os homens da quelles tempos tinhaõ os seus or-
pos diferentes dos nossos, para se izentarem da quellas
doenças, que se chamão internas, naõ obstante serem mais
robustos, e menos sujeitos que nós ás ditas doenças; po-
rem era o caso, que sendo affictados, ou de febre, ou
de Pleuris, ou d'outra doença interior, tomavaõ o partido
da paciencia, e esperavaõ a obra da natureza, e se al-
guem uzava de remedio, era familiar, e da quelles, que
a experienciã propria, ou dos seus conhecidos, e amigos
(que naõ eraõ Medicos) aconselhava. Por este modo succe-
dia frequentemente livraremse das doenças; porem hé eui-
dente, que se estes remedios caseiros, e comúns, eraõ uteis
contra a alteraçã dos seus humores, o naõ podiaõ ser
no caso de hum braço quebrado, ou de hum hombro deslo-
cado. As enfermidades desta natureza requeriaõ huma ex-
periencia particular, e huma destreza de mãos, que sã se
adquire com huma prática continuada; de mineira, que
era necessario, que alguns sujeitos se destinassẽ a isto so-
mente, para serem bem succedidos, e a estes foi dado o
nome de Medicos por excellencia, visto que elles curavaõ
as doenças que sem o seu auxilio, e assistencia se nãõ po-
diaõ curar. Estes tais bem podia ser, que curassẽ algũas
enfer-

enfermidades internas ; porem isto não era o principal ob-
 jecto , e fim da sua Arte. Por esta cauza hé , que Celso
 reputa a Cirurgia , como a parte mais antiga da Medi-
 cina. Podião os homens de algum modo passar sem o so-
 corro das outras partes da Medicina ; porem a Cirurgia,
 logo que houve homêns se praticou , e foi necessaria. Se a
 boa constituição , regularidade da vida , e innocencia dos
 costumes , fazia os primeiros homêns menos enfermos , que
 os dos nossos tempos , não os fazia invulneraveis , nem os
 eximia de quebrarem bum braço , ou humna perna. Como
 elles certamente senão podião curar de semelhantes acci-
 dentes , tão somente com a forsa da natureza , seguia-se de
 necessidade , que tinhão precisaõ de recorrer á assistencia,
 e auxilio de outrem , e tambem se segue , que aquelles,
 que pela sua destreza , e pericia se distinguião na Arte Chi-
 rurgica , haviaõ de ser muito buscados , e muito estimados
 no mundo , pela precisaõ , que havia delles , o que fez di-
 zer a Homero , que bum destes Medicos vale tanto , co-
 mo muitos outros homêns juntos. Se alem disso juntamos
 a evidente necessidade , que há da Cirurgia a os socorros
 viziveis , que se tiraõ della , ninguem duvidará , que esta
 parte da Medicina pẽrcizamente se devia estabelecer pri-
 meiramente , que as outras. Os efeitos da Cirurgia (diz
 Celso) são os mais evidentes de toda a Medicina. Como
 a fortuna , ou acazo tem muita parte no successo das en-
 fermidades , (internas) sendo humas mesmas coizas , ora
 uteis , ora inuteis na cura dellas , podemos duvidar se a
 saude se deve attribuir á virtude dos remedios , ou á boa
 disposiçãõ do corpo , ou á força do temperamento do en-
 fermo. Ainda no caso de nos servirmos de muitos reme-
 dios , e conseguirmos bum efeito sensivel depois delles , não
 podemos dizer , que a saude resultou do seu uzo ; porque
 muitas vezes se alcança a melhora sem remedio algum. O
 que se observa nas enfermidades dos olhos , que sendo com-
 batidos muitas vezes pelos Medicos com varios remedios,
 sem utilidade , vem por fim a curarse , quando se não faz
 nada. Pelo contrario na quella parte da Medicina , que se
 vale das maõs (a Cirurgia) hé sem duvida , que ás suas

obras devemos a maior parte das curas, que ella executa. Eis aqui (continua Mr. Le Clerc) o que diz Celso. (f) Não era possível, que os evidentes, e palpaveis socorros da Cirurgia deixassem de fazer impressão nos Povos, por mais brutais, que elles fossem, o que nob succedeu assim com as outras partes da Medicina, porque muitas pessoas entendiaõ, que podião passar sem Medicos, e os que nõ seguirão esta opiniaõ, imaginaraõ, que cada hum podia ser Medico de si mesmo, ou que podia aconselhar-se com a primeira pessoa, que encontrasse, e tivesse parecido semelhantemente. Nos vemos ainda hoje (finaliza Le Clerc) a maior parte dos Paizanos das Aldéas chegarem a hũa idade muito avançada, sem se servir de Medicos, e pelo contrario vemos, que sendo acometidos de algum accidente, que requiera a assistência, ou as maõs do Cirurgiõ, o chamaõ muito de pressa. Até aqui Le Clerc, e Celso, e isto basta para vos persuadir, o quanto hé incomparavelmente mais necessaria a Cirurgia, que as outras partes da Medicina; o quanto ella hé mais antiga, e certa, e que concorda a necessidade, que há desta Arte, com o dizer do Ecclesiastico, *Opera ejus sunt necessaria.*

Diz mais o Ecclesiastico no numero 2., e 3.: *Que a Medicina, de que fala, receberá honras dos Reis, e estimações dos Grandes.* E isto se tinha observado, e praticado com a Cirurgia, e com os seus Professores, até o seu tempo, a os quais os Principes, os Grandes, e os Povos honraraõ, premiaraõ, e adoraraõ muito tempo antes de escrever o Escritor Sagrado, com o hé constante nas Historias. Chiron Centauro, que foi meramente Cirurgiãõ, como adiante vos direi, e floresceu pelo tempo da expedição dos Argonautas no anno do mundo 2720., antes de Christo 1230., e do Ecclesiastico mais de 1000. annos, foi taõ venerado dos antigos,

(f) *Cels. de Medicin. lib. 7. Praef. Edit. Basileae 1748. pag. 495.*

gos; que até depois da sua morte o adotarão no Signo de Sagitario, composto de 14. Estrellas, como dizem os Mythologicos, e os Poetas com Ovidio: (t)

*Nona dies aderat; cum tu, justissimè Chiron,
Bis septem Stellis corpora cinctus eras.*

Esculapio, Discipulo de Chiron, (que tambem foi só Cirurgião, como logo vos mostrarei) conseguiu as honras maiores na sua vida, e que depois de morto, não somente lhe erigissem Estatuas, e Templos; mais que lhe consagrassem Votos, Inscriptões, e Medalhas. Os Templos de Epidaura, de Smirna, de Pergamo, de Athenas, de Creta, e outras Cidades, de que faz menção Pausanias; a celebre Estatua de Ouro, e Marfim do mesmo Esculapio, que se venerava no primeiro dos ditos Templos, obra do insigne Thrazimedes, e as Medalhas, que fabricárao os Smirneos em sua honra, e louvor, como refere Mead, daó bem a conhecer, que este Cirurgião famoso foi venerado de todos, e recebeu honras dos Reis, e dos Magnates. Machaon, seu filho, pelas famozas curas, que fez no Cerco, e Guerra de Troia, mereceu, que o Sabio Nestor transportasse as suas cinzas para a Grecia, que se lhe erigisse hum Templo, e hum Simulacro em Gerenia, ou Passava, Cidade de Peloponeso; e finalmente, que o casassem com Anticlea, filha de Diocles, Rei dos Messenios. Podalirio, irmão do mesmo Machaon, pelas mesmas curas (que bem sabeis vos foraó fomento de Cirurgia, porque assim o disse o Gazeteiro) e principalmente pela que fez a Sirna, filha do Rei Dameto, mereceu, que se lhe desse esta Princeza por mulher, e hum Reino, ou Provincia em dote. Lembraivos aqui de caminho, amigo Leandro, que destes dois Cirurgioens descende-

(t) Outros dizem, que de 20., outras, que de 24., e os mais modernos, que de 31.

raó os Asclepiades; que fundáraó as Escolas do Coonido, &c., a onde aprendéraó todos os varoens esclarecidos da Arte de Curar antes de Hypocrates, e até o mesmo Hypocrates, e isto vos servirá para julgardes, qual era a Medicina entáo celebrada, e a que mandava o Ecclesiastico venerar, e honrar.

E qué vos direi das honras, que Dario, Rei da Persia, fez a Democedes, chamado o Medico de Crotona? Este varáo, como disse o Orador, floreceu pelos annos do mundo 3462., antes de Christo 522., e antes de Hypocrates 257., segundo a Chronologia do Schultze. Elle precedeu ao Sagrado Autor do Ecclesiastico 359. annos pela vossa conta, e foi naó só famoso na Grecia; mais no Egypto, na India, na Persia, e em muitos outros Reinos, e Provincias do mundo. Vos naó podereis negar, que o tal Democedes era hum famoso Cirurgiaó, porque dos Historiadores naó consta, que fizesse outras curas mais que de Cirurgia. A sua Historia, referida por Herodoto, e por muitos modernos, naó indica outra coiza; e eu querter o gosto de vos dar huma breve idéa della, porque sei, que de noticias Literarias de Cirurgia tendes bastante necessidade. Naceo Democedes em Crotona, e teve por Pai a Calliphon. Enfadado da severidade deste, passou a Egina com o partido de hum talento por anno. Foi depois chamado a Athenas, onde fez grandes progressos na Arte de Curar as doenças exteriores, que era a Medicina de seu tempo, e ali lhe davaó hum premio avultadissimo. As estimaçoens, com que o tratáraó, foraó grandes, principalmente depois, que elle ensamos curou ao Rei Polycrates, que lhe deu pela cura dois talentos de Oiro. Sendo porem prisioneiro de Dario, temendo, que o naó soltassem, ou que lhe negassem o resgate, occultou a ciencia, que possuia de curar. Tinha este Rei da Persia deslocado hum pé, e os Medicos Egyptios eraó taó ignorantes, que naó acertavaó a curalo. Naó faltou porem quem lhe noticiaó, que Democedes curava, e elle chamando-o á sua Tenda arrastando

cadeas, lhe perguntou, se era certo, que tinha semelhante habilidade? Negou Democedes proinptamente; mais sendo ameaçado com tormentos, confessou a ciencia, que tinha, accitou a cura de Dario, e a conseguiu, reduzindo-lhe os ossos a seu lugar. Foraõ magnificos os presentes, que el Rei lhe fez, e os que lhe fizeraõ as mulheres do mesino Dario no dia, que este Monarca conduziõ Democedes á presença dellas, a onde só chegavaõ os Eunuchos. A Rainha ~~de~~ Atossi padecia neste tempo hum Cancro no peito, que por vergonha occultava. Implorou o auxilio de Democedes, que a curou, promerendolhe ella interessar-se na sua liberdade. Naõ vos relato o pretexto, de que a tal Rainha se valco, para desempenhar a palavra, que dera a Democedes, porque vós remeto ao 3. Livro da Historia de Hecodoto nos Capitulo 129., 130., 131., 132., 135., e 137. Basta, que vds diga, que el Rei despediõ a Democedes, acompanhado de muitos Senhores da Persia, e lhe deu hum Navio carregado de presentes para a sua familia: que o admittio á sua meta, e que perdõou por seu respeito a os Medicos Egypcios, a os quais tinha condemnado á morte por ignorantes. Ora, sendo a maior parte destes factos acontecida na Persia, e na Corte da quelle Rei, que dominava sobre o Povo Hebrèõ, da quelle, que protegia o restabelecimento do Templo de Jeruzalèm, e que contribuia para a despeza da sua fundaçõ; aquelle, de quem diz a Sagrada Escritura, que Deos lhe tocou o seu coraçõ, e o moveu, para ser propicio a os Israelitas: (u) achais vos, digo, que estes successos naõ seriaõ constantes a todos os Hebrèõs, e principalmente a os Sacerdotes, tais como Jezus, filho de Syrach, para se lembrarem delles, quando falassem da Medicina? Podiaõ ser occultos á Naçõ

(u) *Convertetate Dominus cor Re:is ad Deos, ut adjuvaret manus eorum in opere domus Domini Dei Israhel. Esdr. cap. 6.*

ção Hebrêa os premios, que hum Rei (que tanto a favoreceo, e promoveo a fundação do Sagrado Templo) fez a hum Professor da nossa Arte, que lhe salvou a vida? E não hé muito de presumir, que á vista destes premios, e dos que fizerao a Democedes as Rainhas, e os Magnates da Persia, diceis: o Escriitor Sagrado, que a nossa Arte: *A Rege accipiet donatorem, & in conspectu magnatorum collaudabitur.* Amigo Leandro Moniz, não sejais impertinente. Confessai, que o Ecclesiastico no capit. 38. fala da Cirurgia, muito principalmente considerando, que elle dá por conselho a os prudentes, que não aborreçao o Professor da Arte de Curar, de que fala, e que diz no vers. 12., que se não desprezem os tais Professores, porque saõ as suas obras necessarias. Póde isto convir melaor, que a os Cirurgioens? Não sabeis vos, que elles cortao, e queimao: que a sua prezença horroriza a os doentes; e que hé necessario, ou ser prudente, ou seguir cegamente os dictamens da Santa Lei, para os não aborrecer, para os não desprezar, para obedecer a os seus conselhos, e para admitir as suas operaçoens? Ignorais vos, por ventura, que os Santos Padres, e principal mente San Jeronimo, atendendo ao injusto horror, que o Povo tem ás operaçoens da Cirurgia, e a os Cirurgioens, se esforçou em persuadir, que estes não são cruéis, como os pintao; mais misericordiozos, tudo a fim de persuadir, que se não aborreçao, como persuadiu o Ecclesiastico. *Aquelles Medicos* (diz o Santo na Carta, que escreveo a Onaso) *chamados Cirurgioens, são reputados por cruéis; mais elles na verdade são misericordiozos.* (x)

Em huma palavra, havendo nas Historias, e nos Escriitores, que precederao ao Ecclesiastico, tais como Herodoto, Homero, e outros, as provas mais convincentes, e decisivas, de que os Reis, os Príncipes,

os

(x) *Medici, quos vocant Chyrurgicos, crudeles putantur, & miseri sunt.*

os Magnates, e todos os homẽs geralmente tinhaõ venerado, honrado, e adorado os Professorees da Cirurgia, pelas suas maravilhozas curas exteriores, e naõ havendo nas mesmas Historias, e Escritura noticia de que se venerassem igualmente os Professorees de Medicina Phisica, por executarem algumas curas internas; parece se segue naturalmente, que o Autor do Ecclesiastico fala dos primeiros, e naõ dos ultimos, e que a Medicina Chyrurgica. he recomendada na Escritura, e que nella se mandaõ honrar os seus Professorees.

Bem sei, que vos podeis dizer, que se eu naõ admito, que no Ecclesiastico se fala da Medicina de Hypocrates, e dos Gentios, quando ali se aconselha a os Medicos, que implorem todos o auxilio, e a fortuna das suas curas, tambem naõ devo admitir, que se fale dos Esculapios, dos Podalirios, dos Democedes, quando se trata das honras, que se fizeraõ a os nossos Professorees. Porem a resposta he facil. Quando o Autor Sagrado fala das honras; isto he, quando diz, que o Professor da Arte de Curar recebera premios dos Reis, e honras dos Grandes, fala como Historiador, e allude a o que tinha succedido no mundo até o seu tempo; porem quando recomenda ao mesmo Professor, que recorra a Deos, que o invoque, que lhe faça deprecaçoens para conseguir acertos, e felicidades nas suas curas, fala, como Sacerdote, e Depositario da Lei, cuja observancia persuade, e intima. Aqui obra como Moralista, ali como Historiador, e póde dar relação de qualquer acontecimento succedido em hum, ou outra Nação. Se com tudo, esta razão vos naõ agradar, e quizerdes, que nos limitemos a tratar da Medicina dos Hebrẽos, e que vos mostre, que entre elles só havia a Cirurgia, como já disse o Orador com autoridade de Calmet, eu tenho nisso gosto particular, porque sempre julguei ser obra de grande merecimento ensinar aque-
las pessoas, que o necessitaõ.

Devo primeiramente advertirvos, que vos com as vossas costumadas astucias, e habilidades occultais o que
ver-

verdadeiramente disse Calmet sobre a materia, tal vez porque vos não fazia conta produzir as palavras deste insigne Escriitor, que sustentão, e comprovaõ a opiniaõ do Orador. He chegada porem a occasiaõ de tirar o veõ a' vossa Ladinice, e mostrar a toda a Republica Literaria a vossa fê, a vossa verdade, e a exacçaõ, com que citais os Autores nas vossas Obras.

O que affirmou o Orador na pag. 9. da Oraçaõ, que dizia Calmet, hé isto: *Nem no tempo dos Patriarcas, Autores dos Livros Sagrados, nem ainda muito depois delles, havia outra Medicina no mundo, e muito especialmente entre os Hebrêos, que a Cirurgia.* O Douto Calmet o prova convincentemente, &c. Vos, ou o Gazeteiro dizeis, que o Orador confundio aqui os Patriarcas chefes das geraçoens com os Patriarcas Autores dos Livros Sagrados, e desta pertendia equivocação hé, que nasce a Critica mais impertinente, que se fez na Gazeta á Oraçaõ, e a ridicula pasquinada com que vos atacais as Cartas dos dois irmaõs. Ora eu quero por um instante suppor, que o Orador equivocasse huns Patriarcas com outros. Era esta razaõ bastante para que o Gazeteiro no mesmo tempo, em que o tratava familiarmente, e como amigo, com o pretexto de dar conta da sua Oraçaõ descobrisse ao mundo aquella equivocação? Era isto algum crime em huma Oraçaõ Panegyrica, e Inaugural? Tem o Orador obrigaçaõ de saber com exacta prolixidade a Historia Sagrada, e Profana, que não sabem certos Criticos de agoa doce, que tem commetido erros vergonhosos em huma, e outra? Não vos lembra a vos, que o Gazeteiro disse com Anisson, *que hum Critico verdadeiro se detêm mais sobre as bellezas, que sobre os defeitos de hum Autor?* (y) Não lemos no Preliminar da Gazeta, que para se decidir do merecimento das Obras, *alem do juizo combinativo, reflexivo, e critico, hé ne.essaria a imparcialidade.*

a

a equidade , e a moderação? E entendeis vos, que há alguma equidade na Critica , que se fez á Oração , ou alguma moderação , e cortezia no que lemos na Gazeta de Junno , e nestas vossas Cartas? Hum Escritor, que , como o Gazeteiro , commeteu erros capitais em huma Obra de Critica , devia censurar huma bagatela, como a da confusão dos Patriarcas em huma Oração Panegyrica? Não vemos todos os dias por estes Pulpitos, e por estas Aulas valerem-se os Oradores de muitas noticias menos sólidas para os seus elogios , e para as suas Orações? E sem com tudo isso haver quem os satyricke? Aquella Oração tinha composta em menos de oito dias por hum homem , que não vive ocioso, como vos , era alguma decizaó Conciliar , ou Rotal, ou algum Escrito Dogmatico , Historico , ou Critico, que servisse de texto na posteridade? Não diz o Orador nella pag. 8. : *Que hum espirito generoso acha nestas occasioens (isto hé , em semelhantes papeis) materia bastante para exercitar a sua benevolencia , e que não hé acção digna de hum animo bizarro o esgrimir a Espada de huma severa Critica contra quem confessa na sua propria ignorancia o motivo principal dos seus descuidos.* Sim, Senhor , isto se diz na dita Oração , e isto não obstante, ella foi criticada por quem não tem espirito generoso, nem animo bizarro. Alem disso , se em huma Obra de Critica , como a Gazeta , composta por quatro homêns , que se inculcaó eminentes , e infalveis nas Sciencias, e Belas Artes , se acha muito que censurar , e que corrigir , seria milagre , ou coiza rara , que se encontrasse , ou huma equivocação , ou hum descuido na Oração Academica do Orador? Vos direis, que hé falso o haver na Gazeta erros : direis , que nem ainda se devem presumir , sendo ella composta por hums homêns, que se inculcaó os reformadores da Literatura Portugueza; porem , meu Leandro, eu afirmovos , que a Gazeta tem muitos erros, e que vostereis o gosto , ou a mortificação de os ver bem cedo estampados em hu-

ma Obra Estrangeira. Por hora quero darvos hum exemplo, porque não hé este lugar proprio para muitos. Diz o Gazeteiro na Gazeta de Julho de 1761. : (z) *Que a Real Sociedade de Londres fora fundada por Carlos II. no mes de Abril de 1663. , ao mesmo tempo , que este Soberano se declárou seu Patrono , e Academico.* Não há na verdade noticia mais falsa , incerta , e confuza do que esta. A Sociedade Real de Londres teve a sua origem em Oxford , Universidade cèlebre de Inglaterra , muito antes do anno de 1658. , sendo os seus Fundadores (alem do Alemáo Theodoro Haake) o Doutor Wolkins , Prefeito do Collegio de Wadham , e os Douros Ward , Willis. , Boyle , Goddard , Wallis , Barthust , e Rock. Ali se occupavaó estes zelosos Socios em observaçoens , e experimentos interessantes sobre a Chymica , e Mathematica. Sobrevindo porem as revoluçoens de Estado em tempo de Cromuel , a quem elles não eraó afeitos , se inerrromperaó as Conferencias em Oxford pela dispersaó dos meismos Socios. Unidos porem alguns delles em Londres , excitaraó ali as meismas Conferencias ; de sorte , que em 1658. já se celebravaó no Collegio de Gresham , e succedendo depois ser chamado el Rei Carlos II. pelo General Monck no anno de 1660. , (a) e informado por Mylord Clarendon do estado da Sociedade , a estabeleceu , e confirmou no dito anno de 1660. , primeiro do seu Reinado , (b) ainda que depois em 1663. lhe dessê varios Privilegios. (c) Nem o Gazeteiro escreveria com tanta confuzaó os pñci-

(z) *Gazet. Lit. Julho de 1761. pag. 19.*

(a) *Diët. Hist. Portatif, tom. 1. pag. 234.*

(b) *Calencas Essais, sur l'Histoir, tom. 4. pag. 219.*
'Acela près, la Societe Royale de Londres merite une attention particuliere. Le Roi Charles II. etablí cette Compagnie en 1^e anné 1660. , premiere de son Regne, &c.

(c) *Haller. Method. Stud. Med. tom. 1. pag. 62.*

cipios da Sociedade, se se lembrasse de que em huma Obra, que elle pretendeu extractar na sua Gazeta, querô dizer, na Collecção Academica de Dijon, (d) se acha escrito, que a mesma Sociedade principiára em Oxford, e não em Londres, o que elle era obrigado a relatar da mesma sorte, que os Membros, que a ideárao, e formárao, por ser a elles a quem se deve hum estabelecimento taó util, e necessario. E ainda concedendo ao Gazeteiro, que só em 1663., como elle quer, dera Carlos II. a Sociedade as Letras Patentes, ou Alvará de confirmação, não pode ter desculpa alguma a sua omissão, contuzaó, e erro, porque ninguém até agora disse, que huma Academia tivera principio, ou fundação no anno, em que os Príncipes confirmárao os seus Estatutos. Por exemplo: A Real Academia das Sciencias de Paris teve principio em 1666. como consta da sua Historia, (e) e hé constante entre os Escretores Sabios. El Rey Luis XIV. só em Janeiro de 1699. a confirmou, como consta do Regulamento, que se acha copiado na mesma Historia. (f) Será, pois, justo dizerse, que só se fundou neste ultimo anno, quando já corriaó muitos Tomos no Publico das suas Memorias? Outro exemplo: A Real Academia de Cirurgia Parizienſe teve principio em 1731., (g)

(d) *La So iete Royale de Londres doit son origine aux Assemblées particulieres de quelques Anglois, qui avoient voyagé en France, et qui avoient pu prendre á Paris chez MM. Monmor, et Thevenot l'idee, et le gout des Conférences Litteraires. Leur amour pour les Sciences autant que leur haine pour Cromvel les avoit reunis a Oxford loin de troubles, et de l'usurpateur. Tom. I. des Oeuv. Etrang. Disc. Prelimin.*

(e) *Histoir. de l'Acad. Royal des Scienc. 1699. pag. 1.*

(f) *Id. loc. cit. á pag. 3. usque ad pag. 11.*

(g) *Memoir. de l'Acad. Roy. de Chir. tom. IV. in 8.*

como consta das suas Memorias. El Rei Luis XV. só em 1748. lhe deu o Regulamento , que vem inserto nas mesmas Memorias. Ora será bem, que seguindo a opiniaó do Gazeteiro a consideremos fundada neste anno, quando já corria no Publico o primeiro Tomo das suas Memorias em 4., ou os 3. Tomos em oitavo? Certamente , que naó , e que da mesma sorte a Sociedade Real de Londres foi fundada antes do anno de 1663., ainda que nesse anno el Rei Carlos II. se concedesse alguns Privilegios , e que o Gazeteiro errou em naó especificar a origem de hum Congresso tão famoso, e do qual relata algumas circumstancias , que naó são tão importantes , como a noticia da dita origem. Fás pasmar, que este homem censurasse a hum Cirurgião o confundir os Patriarcas antigos dos H brãos, com os Patriarcas Autores dos Livros Sagrados, em huma Oraçáo Panegyrica , em que naó tinha obrigaçáo de ser exacto Historiador ; mais somente demonstrar , e persuadir a utilidade da Cirurgia , e as suas prerogativas ; e que elle em huma Obra Critica , e Historica confunda as noticias , e as falsifique , naó acerte os cálculos , e ainda assim tenha o valor de pertender os elogios dos Nacionais, e dos Estrangeiros. De sotto, que hum Orador , tocando de passagem hum facto , que naó hé da sua Profissáo , succedido á dois mil annos, e do qual nao pode haver certeza ; mais humas conjecturas provaveis , tem obrigaçáo de ser exactissimo, e o Gazeteiro , tocando outro , como Historiador , e como Critico , succedido á menos de cem annos , tem a liberdade de confundir , de errar , e de faltar á verdade? Ora , elle há coizas no mundo bem galantes , e dignas de compaixáo , ou de rizo. Para que os Leitores conheçaó a exacçáo , e verdade com que o Gazeteiro afirma, que a Sociedade Real de Londres foi fundada no anno de 1663. , consultem a Historia da mesma Sociedade, composta pelo Bizpo Thomás Sprat,

o extracto della no Diario de Leylich, (b) e a Historia da Real Academia das Sciencias de Paris, (i) que laó :

(b) *Act. Lipsiens. Ann. 1703. pag. 104.* Usitaque de origine Societatis dicamus primum, e a D. Wilkinso tribuitur, qui paulo post, quam turba civiles, Cromwello jam Protectore, ut cumque conquiesissent, in Musæo suo, quod is Oxonii in Collegio Wadhamensi, vel ut Praefectus ejus b. bebat, quosdam Doctorum conventus, prout e re visum, instituerit, quos inter fuerint Wardus, Boyleus, Wallisius, Willisius, Bartburtius, Goddardus, Roockius, qui primi Aristotelis sententias repudiantes, liberius philosophari ceperint. Sed factum ut anno 1658. in diversa illi loca distraherentur, & plerique Londinum praevenirent, ubi Societati continuanda nullus aptior locus visus est, quam Collegium Greshamense, quod optimo consilio musis sacrum esse jusserat civis quidam ejus nominis Londinensis. Jamque tuta omnia videbantur, & plures paulatim accedebant Socii, cum repente novi eodem anno motus excitantur, & pulsus musis, milites Greshamenses Cathedras occupant. Itaque intermissa sunt opera donec anno 1660., redeunte Rege Carolo II., ipsæ quoque musæ rediissent, &c.

(i) Il est toujours certain que les Gentils-hommes Anglois qui ont jetté les premiers fondemens de la Societe Royale de Londres, avoient voyage en France, et s'etoient trouvés chez MM. de Monmor, o Thevenot. Quand ils furent de retour en Angleterre, ils s'Assemblerent a Oxford, et continuerent les exercices aux quels ils s'avoient acoutumés en France. La domination de Cromwel contribua meme a cet establissement. Ces Anglois atachés en secret au Roi legitime, et resolu de ne point prendre part aux affaires présentes, furent bien aises a' avoir une occupation qui leur donnat lieu de se retirer de Londres, sans se rendre suspects, au Protecteur. Leur Societé demoura en cet etat jusq' à ce que Charles II. etant remonté sur le Trône la fit venir à Londres, la confirma par l' autorite Royale, et lui donna des Privileges, recompensant ainsi les Sciences d'avoir servi de pretexte a la fidelité. Hist. de l' Acad. des Sc. tom. I. pag. 4.

saó Obras, de cuja autoridade, e verdade não pode o mesmo Gazeteiro duvidar. Dellas se mostra, que a Sociedade Real de Londres teve principio em Oxford, em tempo de Olivero Cromuel, Protector de Inglaterra, que morreu no anno de 1658., muito antes do anno de 1663., em que o dito Gazeteiro dá fundada a tal Sociedade.

Mas vámos a examinar se o Orador citou de falso a Calmer, como vos dizeis, e se o que está escrito na sua Oraçáo he conforme a o que se acha nas Obras deste douto Benedictino. O Orador confessou na Carta, que dirigio ao Gazeteiro, que não tinha naquelle tempo as Dissertaçoes do Padre Calmer, e citou o que disse Musancio extraido dellas. Todo o homem prudente comprehende, que a passagem, que produzio do dito Musancio na pag. 28. esta conforme com o lugar da Oraçáo, e só no periodo desta, que vos, e o Gazeteiro citais há a confusão, e escuridade, que o Orador concillou na Carta, que escreveo ao Gazeteiro, pag. 23., e 24. Ora, quereis vos saber onde está a confusão? Eu o digo, e sabereis por humna vez a verdadeira intelligencia da quella passagem, que até agora não comprehendestes, nem os vossos amigos com tantos rodeios, tantos exames, e tantas averiguaçoes. Duas vezes fala o Orador em Patriarcas naquelle periodo da Oraçáo. A primeira na regra 18. da pag. 9., e ali diz Patriarcas Autores dos Livros Sagrados; e a segunda na regra 6. da pag. 10., e ali diz simplesmente, Patriarcas; mas será melhor repetir o periodo todo. *Nem no tempo dos Patriarcas, Autores dos Livros Sagrados, (diz o Orador) nem ainda muito depois d'elles havia outra Medicina no mundo, e muito especialmente entre os Hebrêos, que a Cirurgia. O douto Calmer o prova convincentemente na sua Dissertaçáo de Re Medica Hebræorum, e os Sabios Medicos João Henrique Schultze, e Gaspár dos Reis Franco o estabelecerão, quando afeverárao, que toda a Arte de Curar do tempo da Guerra de Troya, que foi muito posterior a os Patriarcas, se incluia nos limites da Cirurgia.* Que

Que este periodo (por brevissimo) está confuzo, e escuro, o confessou, como já vos disse, o Orador na pag. 23. das suas Cartas. O Gazeteiro assim o entendeu tambem na pag. 286., dizendo, *que estava este tal periodo concebido com brevidade summa*. Tudo, amigo Leandro, se devia tolerar em huma Oraçáo, recitada publicamente no principio de hum Acto Literario, em que se não queriaó enfadar os Ausitentes; e no qual se haviaó de recitar outros Discursos; e alem disto o negocio não hé raó feio, como vos o pintais. Eu imagino, que o Orador por Patriarcas, Autores dos Livros Sagrados, entendeu, não só a Moisés, e a Josué; mais a os Profetas, e mais varoens Santos, que escreveráó antes do Nascimento de Christo, e cujas Obras a Igreja declarou Canonicas. O dar a estes ultimos o nome de Patriarcas, não hé erro, porque nós lêmos em hum Autor dos da primeira classe em materia de Gramatica, de Critica, e de Historia, quero dizer, no Dictionario de Richelet, que a todos os Santos varoens, que floreceraó antes da vinda de Christo, se dá o nome de Patriarcas. (k) Ora, que em tempo dos ditos Moisés, Josué, e dos Profetas, ou Patriarcas, Autores, não havia entre os Hebrêos outra Medicina mais, que a Cirurgia, se colhe da Escritura, e o diz fundado nella o Reverendo Calmer, como logo vos mostrarci: Que alguns dos ditos Patriarcas, como por exemplo Moises, e Josué foraó anteriores á Guerra de Troya, o diz o mesmo Calmet na sua *Breve Chronologia, desde o principio do mundo, até o anno de Christo 1734.*, impressa em Straburgo por Joáo Reidnoldi Dulfecker no mesmo anno. Bem sabemos, que David, Salamaó, Ezechias, Esdras, e outros foraó posteriores á dita Guerra, porem o Orador só devia declarar quais.

Au-

(k) On donne encore ce nom de Patriarche aux Saints Personages, qui ont vécu avant la venue de Jesus Christ.
Tom. 3. 68.

Autores Sagrados foraó anteriores á Guerra de Troia; e quais pottenciores a ella, se tratasse a materia como Historiador, e exprofesso. Porem em humia Oraçáo Panegyrica estár a fazer semelhantes declaraçoens, e culculos, era demaziada impertinencia. Asséntai nisso, e que vos, e os vossos amigos ficareis com este titulo eternamente, pois nenhum homem serio pode louvar semelhantes bagatellas.

Mas vamos averiguar, qual hé a Medicina, que se contem na Sagrada Escritura, qual a que diz Calmet havia entre os Hebrêos, e qual a de que se mostra com fundamentos sólidos, que manda venerar, e honrar Jesus, filho de Syrach, Autor do Sagrado Livro do Ecclesiastico. O Orador, como entendia, que falava com hum homem serio, e douto, não gastou tempo, quando escreveo ao Gazeteiro, em procurar as Obras de Calmet, e contentouse com citar o que disse Mufancio, fundado nas mesmas Obras. Vós, imaginando, que nunca ellas se haviaó de examinar, e que podieis falat de seguro, tendes a sem cerimonia de escrever, que Calmet não diz o que o Orador sobre a sua authoridade affirmou. Hé porem tempo, amigo Leandro, de examinarmos, o que diz Calmet com a proluxidade, e difuzáo, que vós gastais, e que so hé digna da quelles Autores, que, como vós, fazem fellada franceza nos seus Escritos. Advirtovos, que me sirvo do Tomo das Dissertaçoens de Calmet, impresso em Luca por Leonardo Venturini no anno de 1729., e do Diccionario Historico, Critico, Chronologico, Geographico, e Literal da Sagrada Escritura do mesmo Calmet, impresso em Veneza por Sebastiao Coleti em 1726. Vamos ás Dissertaçoens.

A que trata da Medicina dos antigos Hebrêos, acha-se no primeiro Tomo, desde pag. 482., até 488. O Doutissimo Calmet dá principio á tal Dissertação, descrevendo a origem da Medicina, e dandolhe por Autor a Deos. Lembra-se, que supposto Moisés na Historia Sagrada declare os Inventores, e Professores de varias Artes

tes antes do Diluvio, nomeando quem foi o primeiro, que se serviu dos Instrumentos Muzicos, quem foi o primeiro Pastor, quem fundiu primeiro os metais, &c., nada disse dos Medicos, nem dos remedios internos, ou pharmacos: e fala depois da Arte de Curar dos Egyptios, dos Caldèos, e Phenicios, e querendo entrar a descrever a dos Hebrèos diz, que em toda a Historia dos Patriarcas (sem dizer de quais) ainda que se encontrem noticias de varias enfermidades tais, como v. gr. a de Izaac, a de Abimelech, e a de Rachel, &c. se não acha coiza alguma sobre os Medicos, e sobre a Medicina. Diz mais, que a Escritura sem fás menção dos Medicos Chirurgos, que por ordem de Jozê, Vice-Rei do Egypto, embalsamaraõ o cadaver de seu Pai Jacob, porem que não temos, que fosse curado, nem tratado por Medicos na sua doença. (1)

Fás depois menção Calmet de dois lugares, em que na Lei de Deos se fala da Arte de Curar: a saber, no cap. 21. do Exodo, e nos capitulos 13., e 14. do Levitico. No Exodo se determina, que se algum homem ferir, ou espancar ao seu proximo, de modo, que o obrigue a cama, e lhe cauze alguma aleijaõ, não seja castigado com pena capital; mais que pague ao offendido os gastos da cura, ou o selario do Medico, ou Cirurgiaõ, que o curar. No Levitico são expostos com individnação os signais da Lepra, e os seus efeitos: apontão-se os da imminente, os da incipiente, e os da confirmada; as chagas dos Leprosos, as cicatrizes, e as maculas, e se determinou, que os Leprosos fossem

Q

con-

(1) *In universa Patriarcharum Historia ne vrbum quidem ullum occurrit de Medicis, & Medicina, quamvis frequens ibi de morbis, uti Isaac, Abimelechi, Rachelis mentio recurrat. Dignum etiam animadversione arbitror, Joseph opera quidem Medicorum usum in condiendo aromatibus cadaver parentis; an vero egrotanti Medicos adesse voluerit, non legimus. Calmet, pag. 483, co. 2.*

conduzidos á presença dos Sacerdotes ; para os mandarem separar do mais povo , quando a sua Lepra fosse confirmada , &c. De sorte , diz Calmet , que á vista do que lemos no sobredito lugar do Exodo , quando se manda pagar o salario aquelles , que curáó as feridas , ou as pancadas , entendo eu , que no tempo de Moisés (que escreveo o Pentatheuco) já havia aquelles Professores da Arte de Curar , chamados hoje Cirurgioens , e aquelle tempo Medicos os quaes se empregavaó na cura das feridas , deslocaçoens , e fracturas. (m) Continua o mesmo Calmet a mostrar , que o Centauro Chiron , Machaon , Podalirio , Peon , e Esculapio naó foraó mais que Cirurgioens , porque só sabiaó curar feridas , como diz Plinio , lib. 29. cap. 1. , e mostra , que na Expediçaó de Troia , nem Machaon ; nem Podalirio , filhos de Esculapio , que foraó companheiros de Agamenon , curáraó , como diz Celso , doenças internas , nem ainda a peste , que se ateou no Exercito Grego ; mas que só se limitavaó a curar as feridas , de tal sorte , que até ignoravaó a dieta , que deviaó prescrever a estes , pois consta , que lhes concediaó vinho , e queijo , como se colhe de Homero. (n) Diz mais Calmet , que supposto se encontre na Sagrada Escriitura a noticia de muitas doen-

(m) *Quod in superioribus adduximus exemplum de viro recepto gravi vulnere laborante , satis demonstrat non defuisse tunc temporis , qui laxata membra componerent , vulnera lenioribus adhibitis remediis temperarent. Hujus rei peritia hodie Chirurgo , olim absolutissimos Medicos reddebat. Calmet. 884. col. 1.*

(n) *Chiron , Machaon , Podalirius , Peon , Esculapius nihil ultra quam peritiores erant Chirurghi , cum sola nossent vulnera tractare , teste Plinio lib. 29. cap. 1. Podalirius , & Machaon filii Esculapii Agamemmonis in expeditione Trojana soliti , nunquam in peste internisque morbis , ait Celsus , artem suam exercuerunt , vulnera tantum tractasse contenti. Calm. 484. col. 1.*

doenças internas, como por exemplo febres, malacias, peste, dores de cabeça, e das entranhas, que afligirão a varias personagens dos Hebrêos, nunca se acha, que para a cura dessas se valessem os mesmos Hebrêos de remedio algum, e que pelo contrario quando se fala de feridas, de fracturas, e de deslocaçoens, e outras doenças exteriores, sempre nos Livros Sagrados se encontra a noticia dos remedios, que se applicarão, ou das curas, que se lhes fizeram. (o) Comprova isto com os exemplos de Asa, Jorã, e Ezechias, Reis de Judã, que se mostra serem curados, este de huma chaga com huma cataplasma de figos, aquelle com oleos, e ataduras de huma ferida, e aquelle outro com assistencia de Professores na doença dos pés, de que morreo: e se bem julga, que Salomaó saberia os segredos da Medicina, como vós dizeis na pag. 73. das Cartas, (p) (o que eu não duvido, porque Salomaó teve ciencia infuza, que não passou d'elle, nem houve mais Salomoens no mundo) logo ali diz Calmet (o que vós maliciosamente occultais) que hé para admirar o não ficarem Discipulos da sua Arte de Curar, porque os Hebrêos a ignoravao. (q) Discorre depois, que nas Obras dos Profetas, que florecerao, e escreverao depois de Salomaó, só se achao remedios para as feridas, tais

Q 2

co-

(o) *Apud Hebraeos cum de morbis sermo occurrit, uti de febribus, malaciis, peste, dolore capitis, seu viscerum, numquam de pharmacis aliquid legitur; frequenter vicissim de illis cum de vulneribus, contrafectione, seu stupore osium agatur. Calmet. 484. col. 1.*

(p) *Medicina secreta plane noverat.*

(q) *Porrò vir iste nempe Salomon, omnia sibi naturæ abdita habebat refferata, cum de plantis omnibus differuisset; quare Medicinæ secreta plane noverat. Mirari autem subit, Judæos præscripta ab eo pharmaca omnia atque medendi rationem adeo neglexisse, ut nullos haberet in gente Discipulos. Calm. 484. col. 1.*

como o oleo, as ataduras, a rezina, e algumas ervas, ou plantas adequadas; (r) e bem claro, amigo Leandro Moniz, que se houvesse quem soubesse curar os males internos na quelles tempos, ou que ficassem herdeiros da Ciencia Physico-Medica, que vós attribuis a Salomaó, não se esqueceriaó os Profetas de mencionar as curas, quando falaó das doenças. Ora elle hé certo, que Calmet produz varios lugares da Escriitura sobre a Arte de Curar da quelles tempos, e resolve, que em todos elles só se fala da rezina, e ataduras, como uteis, e uzuais para a cura das feridas, fracturas, e deslocaçõens. (f) Diz mais, que Izaías se lembra também do oleo no cap. 1., numer. 6. das suas Profecias, para a cura das mesmas feridas, e que Ezequiél no capitulo 30., numer. 21. dá huma idéa da cura das fracturas com as talas ataduras, e mais apozitos de que a Cirurgia costuma valerse nestes casos. Lembra-se depois da cegueira do velho Tobias, o qual foi curado com o fel de hum peixe, que hum Anjo mostrou a seu filho; e hé de notar, que só se completou a cura extraindo-se o albugo com as mãos, e praticando-se verdadeiramente huma operaçáo Chirurgica. (t) E dirá algum homêim de juizo no mundo, á vista de tantos lu-

(r) *In Prophetis enim, qui post illum floruerunt, nihil legimus, nisi si quid de vulneribus oleo, & fasciis tractatis, medicaminibus ex resina constantibus, herbis tandem, & plantis ad valetudinem, & Medicinam conferentibus. Calm. 484. col. 1. & 2.*

(f) *In his omnibus unus tantum est sermo de vulneribus, confractationibus, stupore: & quanam pro illis medicamina? Resina, & fascia.*

(t) *Tunc sumens Thobias de felle piscis, linivit oculos patris sui, & sustinuit quasi dimidiam fere horam: & capit albugo ex oculis ejus, quasi membrana ovi, egredi: quam apprehendens Thobias traxit ab oculis ejus, statimque visum recepit. Thob. cap. XI. num. 13. 14. 15.*

lugares da Escriitura, que vostenho citado, 'e cita Calmet a favor da Cirurgia, que na mesma Escriitura se naó fáz expressa mençaó da nossa Arte? Que ella naó era a unica Medicina da quelles tempos? Quereis mais provas? Vamos ao mesmo Calmet. Diz este douto Religiozo expressamente, *que naó estava em uzo ni quelles tempos Medicina alguma nas queixas internas, especialmente graves, e rebeldes.* (u) Diz, *que quando os Hebréos padeciab as tais doencas, cujas cauzas ignoravaó, recorriab a Deos, e a os Profetas para que lhas curassem.* (x) Diz, *que naó faltava tambem quem para a cura das tais doencas recortesse ás superstioens, a os Magos, a os Idólatras, a os Venéficos, e até á Muzica.* Diz, *que o Santo Job, cuja doença excitou o demonio por meios naturais, naó quiz váler-se, como diz a Escriitura, de remedio algum; mais que confiou todo o seu alivio de Deos.* Trata depois de varias doencas contheudas nos Livros Sagrados; a saber, a de Amnon, filho de David, a de Abias, filho de Jeroboan, Rei de Israél, a de Hazael, Rei de Damasco, a de Naaman Syro, a do filho de Sunamitis, a de Joràn, Rei de Judà, que era huma Dysenteria, e a do Rei Ozias, e repara, *que succedendo estas doencas em pessóas taó grandes, e famozas, naó se fáz mençaó alguma na Escriitura, nem de Medicos, que os curassem, nem de Medicinas, que se lhes exhibissem.* (y) Diz enfim, *que entre os Officiaes da Caza Real dos Reis de Judà, David, Salomaó, &c.*
se

(u) *In morbis intima tantum de pascentibus etiam gravioribus arduisque nullus erat Medicina usus.* Pag. 484. col. 2. & 486. col. 1.

(x) *In ea enim, qua tenebantur, causarum ejus morbi ignoratione quærendo a Deo, sive ab ejus Prophetis auxilio religiosiores efficiebantur.*

(y) *In his omnibus non vulgarium virorum morbis altum est de medic. minibus, & Medicis silentium.* Calm. 485. col. 1.

se não encontra alguma noticia de Medicos internos, nem lugar para elles destinado; e pergunta Calmet com este motivo, se desta omisção da Escritura se segue, que não houvesse Medicos naquelle Paizes, e resolve, que havia poucos, e que *toda a Sciencia dos que havia se limitava a curar feridas, e a reduzir deslocagoens.* (z) Finalmente, prova Calmet com muitos exemplos da Escritura, que entre os Hebrèos era constante a opiniaó de que as doenças internas erao castigos de Deos, e por isso só a elle recorriaó para curarlas. (a)

Eis aqui, amigo Leandro, o que diz Calmet na sua Dissertaçáo da Medicina dos Hebrèos, e eis aqui a razaó, por qué disse bem o Orador, fundado na sua autoridade, que *no tempo dos Patriarcas, Autores dos Livros Sagrados, não havia outra Medicina entre os Hebrèos se não a Cirurgia*, da qual fala evidentemente o Sagrado Autor do Ecclesiastico. A Medicina interna hé tão pouco lembrada na Sagrada Escritura, que fazendo-se mençaó no primeiro, e segundo Livro dos Machabèos de varias doenças a ella pertencentes, nem humna palavra se diz de remedios, nem de Professores, que curassem as tais doenças. Nós sabemos, que Alcimo, Summo Sacerdote dos Hebrèos, que flo eia no mesmo tempo, que o Escriitor do Ecclesiastico, (pois este, como vós dizeis, existia pelos annos do mundo 3837., 163. antes de Christo; e Alcimo pelos de 3844., 160. annos antes do mesmo Christo) sabemos, digo, que Alcimo pareceo, como se le no primeiro Livro dos Machabèos, humna Parlezia, que lhe prendeu a lingua, impedio a fala, e o movimento dos membros do

(z) *Sed nunquid propterea nulli erant in regione Medici! Non hoc ego quidem autum-av-ri-m; sed rari, eorum-que peritia in eo tota versabatur, ut membra recompo-nerent, vulnera sanarent.*

(a) *Recepta igitur erat a vultu Hebræos sententia, morbos plerumque Dei vindicasse flagella, &c. 486. col. 2.*

do seu corpo. (b) Sabemos, que aquelle mesmo Antiocho Epiphanes, Rei da Syria, que vos dizeis nas vossas Cartas, (pag. 76.) que reinava quando vivia o Autor do Ecclesiastico, padeceu aquella horrorosa enfermidade, que com dores crueis lhe atromentava as entranhas. (c) Ora dizeime, e lemos nós, que para estas doenças se fizesse algum remedio? Ainda que ellas erão dadas, como castigo de impiedades, e de delictos delixariao os Sagrados Chronistas de relatar, (como em outros lugares fizerao) que os remedios dos Medicos forao inuteis, se estas personagens taó grandes os fizessem? Mas para que buscar exemplos do mesmo tempo do Sagrado Autor do Ecclesiastico? Vejamos o que succedia no tempo de Christo, que naceo, como vos dizeis, 163. annos depois d'elle. Qué Medicina havia no seu tempo entre os Hebrèos? Qué opinioens, e methodos seguia a Naçao Judaica para se curar das doenças internas? O mesmo Calmet o escreve. Elle diz, que no tempo do Redemptor do Genero Humano se seguia a mesma opinio, que no tempo dos Patriarcas, e Profetas do Velho Testamento se tinha seguido; isto he, que as doenças internas erao castigos do 'Ceo, e que só Deos era o Medico dellas. Que por isso o mesmo Christo, quando lhe levárao o Paralytico para curalo, lhe disse antes de o fazer, que se lhe perdoavao os seus pecados. (d) Em fim Calmet naó diz coiza alguma em toda a Dissertaçao, que se naó conforme com tudo isto, que vos tenho ensinuado. Elle diz, que o Povo Hebrèo recorria a Deos, e a os Profetas para a cura das doenças

inter-

(b) *In tempore illo percussus est Alcimus, & impedita sunt opera illius, & oclusus est os ejus, & dissolutus est Paralyti, nec ultra potuit loqui verbum, & mandare de domo sua.* Mach. 1. cap. 9. num. 55.

(c) *Apprendit eum dolor dirus viscerum, & amara interiorum tormenta.* 2. Mach. cap. IX. num. 5.

(d) *Fili remittuntur tibi peccata tua.* Matth. 9. 2. 3.

internas : Elle diz , que os Idolatras recorriaõ a os seus Idolos : Elle diz , que toda a Medicina da quelles tempos se limitava ao tratamento das feridas , deslocaçõens , e fracturas. Isto hé o que poderá conhecer qualquer Sábio imparcial , que examinar a Dissertação. Fhá nisto , amigo Leandro Monis , e naõ queraís , que vos chamem , sobre pouco instruido , demaziadamente teimozo , obstinado , e impertinente.

Tendes visto o que diz Calmet na Dissertação sobre a Medicina dos Hebrèos antigos : Vede agora o que elle diz no Diccionario Biblico. Elle assenta ali , *que os Hebrèos antigos ignoravaõ a Arte de curar as doenças interiores do corpo humano , e que sò eraõ peritos na Arte de curar as feridas , e as fracturas com ligaduras , resina , balfamo , oleo , e outros remedios.* (e) Elle ratifica a opiniaõ , de que as doenças internas , sendo castigo de Deos. só o mesmo Deos as podia curar na mente dos Hebrèos , e na dos Gentios só os Idolos , os Magos , e os Encantadores. E finalmente , elle assenta , que supposto bem podia ser , que no tempo do Christo 180. annos , pouco mais , ou menos , depois do Ecclesiastico , houvette alguns Medicos , como os nossos ; contudo , eraõ os enfermos , que a elles recorriaõ raros . e tinha o Povo tao pouca confiança nelles , que ou se encaminhava a Jesus Christo , ou a os seus Apostolos para a cura das suas doenças. (f) Qué dizeis agora , amigo Leandro ? Diz Calmet o mesmo , que o Orado: disse ?

(e) *Sub ex radium Heræorum , Melici apud illos in ternorum morborum curationes neglexisse videntur , tractandorum tamen vulnerum , & osium fracturæ , fistulis , atque certis pharmais adhibitis , uti resina , balsmo , &c. periti.* Calm. Dict. Biblic. tom. 2. pag. 39. col. 1.

(f) *Rarus tamen ipud illos popularum concursus , vel saltem in eorum ope fiducia nulla : quare egroti omnes ad Jesum , & Apostolos undique deferebantur.* Dic. 2. 39. 1.

disse? Citou o Orador de falso a este grande Critico, e Escurituario? Ou sois vós, o que quereis enganar o Publico com as vossas astucias, e fingimentos? Ainda adiante heide tornar a falar em Calmer, e nos dous Medicos Schultze, e Gaspár dos Reis, que vos tambem dizeis, que o Orador citou de falso: agora he tempo de ir observando o que escreveis nas vossas Cartas.

Na pag. 21. dizeis, que ignorais a razáo, por que o irmão do Orador *acarretou* (olhai, que este termo he de Carreiro da Maya) *santas noticias na Nota, que vem na sua Carta, pag. 7., e como para ellas se não lembrasse da Prozodia de Bento Pereyra, assim como se lembrou do Lexicon de Facciolati: Forte galantaria! Singular agudeza!* Vaó-se enforçar, ou esconder os Thesauros, os Gracians, e todos os outros Escriitores de conceitos, e de agudezas, porque á vossa vista nada mais presta! Com que tanto vale a Prozodia de Bento Pereyra, como o Lexicon de Facciolati? Ah bom, e obediente Vassallo, que tanto respeitais as decizoens, e as ordens do teu Monarca! Amigo Leandro Moniz, esta vossa passagem he malicioza, he malevola, e he temeraria. He malicioza por dardes a entender, que o irmão do Orador só maneja o *Lexicon de Facciolati*, e outros Livros tais, como elle, sem vos lembrardes, que poucos bebem nas fontes publicas dos Diccionarios, e *Lexicoens*, como vós, que sois hum sempiterno cirador delles, como por exemplo o do Petisco, o de Moreri, o de Vanier, &c. He a mesma passagem malevola, porque dais a entender, que na Prozodia de Bento Pereira se fazem Descripçoens Historicas dos nomes, e materias, de que trata: E he temeraria, porque opposta a suprema determinação de sua Magestade Fidelissima, que nas *Instrucçoens a os Professores da Grammatica*, §. XII., confirmadas pelo Alvará de 28. de Junho de 1759., prohibe a os Professores Rêgios, que consintaó a os Discipulos o uzo da Prozodia, *pelo perigo, que há* (taó as proprias palavras) *de se imprimir nos*

Estudantes logo nos primeiros annos a multidão de palavras barbaras, de que está cheia. Com que hum Professor Régio havia de fazer uzo de hum Livro, que o seu Principe condenou! Ah, bom, e obediente Vassallo, torno eu-a dizer, que tanto respeitais as Ordens, e os Decretos do teu Monarca!

Na mesma pag. 21. fazeis huma cavilozza distincção da Medicina, que hé em forma de Arte, e Profissão da quella, que hé natural. Já sabemos, que quereis salvar o que disse o Gazeteiro a favor da Cirurgia na Gazeta de Novembro, e que estimaríeis, que elle não tivesse dito coiza alguma a favor da nossa Arte, para sahitem agora do recondito Gavinete de vossa erudição os mais horrotozos ultrages, pasquins, e calumnias contra a pobrezinha da Cirurgia. Tende porem paciencia, que já agora o feito não tem remedio. E qué direi da quilo de *Medicina interna em forma de Arte, e Profissão*, e das noticias, que dais de Melampo, de Hercules, de Chiron, de Esculapio, de Medéa, de Citece, e de Zoroastro? O qué affluencia de erudição! Qué prodigio de noticias! E qué palheiro de reconditas antiguidades! Vós, Leandro, sois hum monstro de litteratura, e se não uzais da quilo, que hé notorio: *Lippis atque tonsoibus*, como vos dizeis, que fez o irmao do Orador, fazeis pelo menos abajar os montes, e os vales, para ouvirem as vossas discursões. Quero porém dizervos, que em noticias literarias de Cirurgia, e da Medicina, ainda sois muito principiante.

Dizeis em primeiro lugar, que *Melampo* curara as filhas de Proetus de huma furia com o Heleboro: Que Hercules nzou interiormente do branco: Que Chiron nutrio Aquilles com a medulla dos Leocens, e Javalis para o fazer valeroso; e que Esculapio curava, não só feridas, mais febres, &c. Devagar, devagar, meu amigo, que este lugar das vossas Cartas, por ser dito com *summa brevidade*, poderá á primeira vista causar alguma confusão a os Leitores: (como o Gazeteiro disse da que-

quella passagem da Oração do Orador, que deu occasião á sua Critica) Tende paciencia, que eu quero examinar o que dizeis com alguma circunspecção.

Primeiramente, se não havia Medicina interna em forma de Arte, e Profissão, para que he desperdiçar tantas noticias? Se não havia Medicos, e Arte de Curar as doenças internas, que mal nos vai nisso, se he essa a doutrina do Orador? Mais: Se o Gazeteiro disse, (g) que nos tempos mais vizinhos á fundação de Roma, succedida no anno do mundo 3256., antes de Christo 744., não era conhecida outra Medicina se não a Cirurgia; por que quereis vos agora, movido de huma paixão cega, fazer Medicos internos a Melampo, a Chiron, e a Esculapio, que florecerao mais de 500. annos antes da fundação de Roma? Não sabeis vos, que Chiron, e Esculapio floreciao no tempo da expedição dos Argonautas pelos annos do mundo 2731., antes de Christo 1269., e Melampo ainda antes della; e que desde o dito anno de 2731. da dita expedição ao de 3256. da fundação de Roma, em cujo tempo diz o vosso Gazeteiro, que não era ainda conhecida no mundo se não a Cirurgia, vaó 525. annos? Ora dizeime, se Melampo, Chiron, e Esculapio curavao doenças internas, como vos dizeis, não fica mentirozo o vosso amigo, por dizer na sua Gazeta, que mais de 525. annos depois delles ainda não havia Medicina interna no mundo? Dou-vos de conselho, Leandro, que considereis o que haveis de dizer, antes de o escreverdes no papel.

Mais supponhamos nos, que o Gazeteiro não disse tal coiza, e que o que vos dizeis agora não he opposto ao que elle disse, como he na verdade: Por ventura, Melampo exercitou a Medicina em forma de Arte, e Profissão? Certo he, que não; e vos mesmo assim o dais a entender. Da Historia consta, que Me-

lampo era Pastor; Agoureiro, Magico, ou Feiticeiro, e que observando, que as suas Cabras, pastando no Eleboro, se purgavao, apontou esta planta, como util, para com ella se purgarem as filhas do Rei Proetus, e todas as mulheres de Argos, que estavao furiozas. (b) Digo todas as mulheres de Argos, porque assim o escreve Mr. L^s Advocat, (i) e outros Autores; e isto bastava para se considerar este negocio como fabuloso, por ser couza bem difficil de crer, que todas as mulheres daquelle Paiz endoucessem; e que Melampo com o Heleboro as curasse. Olhai, Leandro, a razaõ, por que deraõ ao tal Melampo hum appellido (Catharpes), que oá a entender, que elle fora o primeiro, que achara os purgantes; foi, como diz o insigne Medico Le Clerc, por ser elle o primeiro, que na Grecia pôs em uzo os pertendidos meyo de purgar, ou de purificar aquelles, que cahio em alguma doença do corpo, ou do espirito, ou que estavao contaminados, e imundos por alguns crimes. E com que remedios fazia elle estas purificaçoens? O mesmo Le Clerc o declara: *Não se valia Melampo (diz Le Clerc) das purgas, de que os Medicos se valem; mais de cerimoniaes supersticiosas, que consistiaõ em fazer sacrificios a certas Divindades do Genuilismo, em recitar sertos versos, ou certas palavras sobre as pessoas, que queria purificar, e em lhes aplicar algumas ervaes colhidas em tais, e tais tempos, com estas, e aquellas circumstancias particulares; e finalmente, lavando os doentes em banhos proprios, e convenientes.*

(b) Poeta, & Pastor fuit, quumque observasset, capras purgari Eleboro pastas, inde vires plantæ didicit eaque filias Præti regis furentes percuravit una cum multis aliis feminis, simili morbo laborantibus. Sch. cap. 36.

(i) Les filles de Prætus, et les autres femmes d'Argos etant devenues furieuses, il offrit de les guerir, &c. ... et guerir les Argiennes, &c. L^s Advoc. 2. 168.

tes. (k) Ora, estas curas, ou eraõ supersticiozas, ou pertencentes á Medicina externa na quella parte, em que para ellas se valeu Melampo de ervas, e de banhos? Ainda sendo verdade o que se diz da cura das filhas do Rei Proetus, se naõ conclue, que Melampo tinha Sciencia alguma da Arte de Curar as doencas internas, porque os Autores todos dizem, que elle dera ás tais filhas de Proetus o Heleboro; porque observára, que as Cabras, que elle guardava, se purgavaõ com elle, e isto hé mais Sciencia de Cavador de enxada, ou de rustico, que de Medico. Alem disso, consta da Historia, que a cura, ou purificaçaõ destas mulheres, só se concluiu com os banhos de huma Fonte da Arcadia, chamada Clitorienna, e com certos versos, ou encantos, de que Melampo se valera: (1) E bem sabeis vos, que tu lo isto concorre a fazer muito duvidoza a vossa opiniaõ, ou suspeita. Digo suspeita, porque vos naõ dais por certo, que Melampo era Medico interno, como quem sabia melhor, que ninguem, que era affirmar em hum lugar, o que tinheis negado em outro.

Cre-

(k) *Melampe eut ce surnom parce qu' il estoit des premiers qui eussent mis en usage du moins dans la Grece les pretendus moyens de purger, c' est á dire de purifier ceux qui estoient tombés dans quelque maladie de corps ou d' esprit, ou qui s' estoient souillés par des crimes. Ce qui faisoit non par les purgations des Mediciens, mais par des ceremonies superstitieuses qui consistoient á faire des sacrifices á quelques divinités, á reciter de certains vers ou de certaines paroles sur les personnes, á leur appliquer ou á leur faire usor de quelques herbes cueillies en certains temps, et avec des circonstances particulieres, ou enfin á les laver dans des bains propres pour cela. Le Clerc. Hist. de la Med. part. 1. lib. 1. cap. 9.*

(1) *Uemploya les vers, ou les charmes et enfin il les fit baigner dans une fontaine d' Arcadie ou elles acheverent de se purifier. Le Clerc. l. citat.*

Creio, que me entendeis, e eu não vos apetto mais: Fiquemos aqui.

Quanto mais, que vos deveis saber, que muitos Autores assentão, (m) que quem inventou, ou descubrio o Heleboro foi hum homem de Anticyra, que com elle cutou a Hercules, em tempo muito posterior a Melampo, e ainda que vos para escapardes á força deste argumento, dizeis, que este Heleboro, com que se curou Hercules, era o branco, pintando a Melampo como Inventor do negro; o certo hé, que vos enganais, porque Theophrasto, Discipulo de Aristoteles, que floreceo antes de Christo mais de 300. annos, dá a entender, que o Heleboro inventado por Melampo, foi o branco, e não opteto, porque o Heleboro negro mata os animais, como este Autor declara, e o branco hé o que os mesmos animais uzaó, e o que deu a conhecer a sua virtude purgativa, purgandó as rezes, que o comiaó, e fazendose assim conhecer dos homens. (n) Isto mesmo diz João Ruellio, (o) e outros Autores, e confere com o que assima se disse, de que Melampo aprendera das Cabras a virtude do Heleboro. Em fim, lede a Estrabaó, e vereis, que diz, que o Heleboro cresce em Anticyra, e que por isso mandavaó os doudos para as vizinhanças desta Cidade para se purgarem com elle. Isto concorda com a opiniaó dos que dizem, que hum homem de Anticyra descobrira a virtude deste purgante, e ou por esta razaó, ou pela, que assima vos ensinuei, o certo hé, que Melampo deve ficar na classe dos Agoureiros, e

Ma-

(m) *Vid. Steph. Bizant. verb. Antycir.*

(n) *Heleborum nigrum equos, boves, suesque necare affirmant, ideo. co. cum cavere: candido pecudes nimirum vesci. Atque hinc primò vim deprehensam, cum illo pecudes purgarentur.* Theophrast. de Plant. lib. 9. cap. XI. pag. 116. Edit. Basil. 1534.

(o) Ruell. de Nat. Stirpium, lib. 3. cap. 139.

Magicos, que sempre lhe competiu. Dexaivos, Leandro, da tentação de o meterdes na classe dos Medicos Phyzicos: e quando não seja por outra canza, fazei-o assim por não seguides parecer diferente do Autor da Gazeta, que pelos annos da fundação de Roma, ainda não dá no mundo conhecida a Medicina Phyzica, mas so a Chyrgica.

Achovos porem muita galantaria em affirmardes, (p) que *Chiron sabia Medicina interna, porque nutrio a Aquilles com a medula dos Leoens, e Favulis para o fazer valente.* Isto hé hum Aphorifino importantissimo a todo o género humano. Saibaó todos os viventes, e principalmente todos os Melicos do Universo, que para dar forsa a quantos enfermos estiverem para morrer de fraqueza, consumidos das enfermidades más cruéis, não há restaurante melhor na Medicina, que a medula dos Leoens, porque fáz os homêns fortes, como o decide o singularissimo engenho de Leandro Moniz da Torre: e saibaó tambem, que para elle lhes dar este importante conselho, foi necessario, que sua mãi o nutrisse com a medula das Rapozas, que pela mesma razão fáz os homêns astutos, ladinos, e manhozoz, visto, que nestas virtudes sabio eminente o dito Leandro. Saibaó, que todo aquelle, que escolher da aqui em diante este, ou aquelle alimento para nutrir alguma menino há de passar por Medico, porque o grande Chiron só por esta prenda hé posto no Catalogo dos Medicos internos pelo incomparavel Leandro Moniz. Valhate Deos por Escriptor! Só porque se diz fabulozamente, que Chiron nutrio a Aquilles com a medula dos Leoens, há de ser Medico interno, e não ha de ser Medico Chyrgico, por infinitas autoridades, e razoês, que há para assim o afirmar! Ora contaí, Leandro, por hora estas dêz, em quanto vos não enlino outras. É a 1. potque differaó muitos, e sabios Autores, e entre

tre elles Marco Aurelio Severino, que a Cirurgia tomou o nome de Chiron, seu primeiro Inventor, ou Professor, pois tanto Chirurgia, como Chiron se deriva da voz *cheir*, que significa mão, que hé o instrumento principal dos Cirurgioens. 2. Porque Caio Julio Hygino, Bibliothecario da Bibliotheca Palatina de Augusto, (ou Guarda, como lhe chama Calencas) que floreceu, segundo muitos, em tempo de Christo, afirma, que Chiron inventára aquella parte da Medicina, chamada Cirurgia. (q) 3. Porque os primeiros Escritores da nossa Arte, e entre elles o Cêlio, o Galeno, e outros inserirão nas suas Obras hum Capitulo de chagas chironias, e affirmão Autores doutos, e Medicos, que forão assim chamadas estas chagas, por ser Chiron o primeiro que as curou no mundo. (r) 4. Porque Plinio, Galeno, Theophrasto, Dioscorides, e outros dizem, que Chiron descobrira as ervas Centaurea, Panace, Chironia, e outras, com que curava as doenças exteriores do corpo humano. 5. Porque hum grande Poeta Latino estava taó certo na intelligencia, que Chiron tinha da Cirurgia, que escreveu o celebre Verso:

*Vivit pectore sub dolente vulnus,
Quod Chironis nec manus curaret.*

6. Porque o sábio Medico Mr. Le Clerc disse, que alguns Autores fizerao a Chiron somente Inventor da Cirurgia, fundandose na etimologia do nome deste Centauro, que manifestamente se deriva da palavra Grega *cheir*, que significa mão, da qual se deduzio o nome Cirurgia. 7. Porque Schultze, outro Medico dos mais doutos, e eruditos, afirma, que o exercicio principal de Chiron fora a cura das chagas, e das feridas.

(q) *Chiron Centaurus Artem Medicina Chirurgicam ex herbis primus instituit* Hygin. Fab. cap. 27. Fab. 274.

(r) *Willars in Diction. tom. 6. pag. 80.*

das. (f) 8. Porque o douto Medico Inglez Miller na sua Botanica, falando da Centaurea, cujas virtudes descobriu Chiron, diz, que a tal erva he de hum uzo consideravel, e proveitozo na cura das feridas, e que Plinio assevera, que Chiron se curou com ella de huma ferida; que lhe fez huma das settas de Hercules. 9. Porque o Padre Harduino, citado nas Memorias de Trevoux, (t) provou sem replica, que o Centauro Chiron, por testemunho de todos os antigos, foi hum Cirurgiao, que com algumas plantas, de que sabia a virtude, curava muitas feridas. 10. Porque o Medico Goelick, tao apaixonado pelas preeminencias da sua Profissao, que arde para a exagerar sobre as mais, escreve algumas noticias falsas, de que o convencerao os Autores da Bibliotheca Mixta, nao pode deixar de confessar, que por testemunho de varios Autores Chiron so tinha Sciencia da Cirurgia, e que so esta praticara (u) Se isto basta para assentarmos, que Chiron foi Cirurgiao, la o decidireis vos. A mim parece-me, que sim, e que a Historia da medula dos Leoens he pera, e pera tao grande, que se vos assentardes, que Chiron nao dava a Aquilles outro alimento, mais que a tal medula dos Leoens, he necessario, que confessais, que andava sempre hum Exercito de homens a caça delles. E que poucos Leoens haveria no monte Pelion, em que Chiron morava. O certo he, Leandro, que sois hum individuo bem raro, e importante.

Mas vamos a noticia, que vos dais na pag. 21., de que Esculapio nao curava somente feridas, e chagas; mas que tambem curava febres, por assim dizer

S

Pin-

(f) *Ulcera, & vulnera precipua tractavit Chiron.* Sch. lib. 1. cap. 6. num. 72.

(t) *Memoir. de Trevoux, Setemb. 1719.*

(u) *Chirurgiam solam Chirone excultam fuisse non nulli concludunt.* Goelick Hist. Med. Univ. Per. 3. & 4. §. 63. pag. 214.

Pindaro. A falar verdade, esta noticia pescastes vos no Supl: ao Diccionario Biblico de Calmet, que adá no Tom. 2. pag. 18., (x) posto que com a costumada sagacidade ocultastes o dizerê ali, que Esculapio se valia para as curas que fazia de Versos, que recitava, de remedios externos, de topicos, de incisões, &c. Tal vez que Pindaro aqui fale de Esculapio, em quanto Deidade, assim como falou Galieno, quando semelhantemente disse, que o mesmo Esculapio, Deos da sua Patria, (quer dizer o Idolo de Pergamo) curava os doentes com Versos, com Muzicas, e com Caractêres, ou Amuletos. Mas supponhamos, que naó falava do Idolo, e dos seus Sacerdotes, que em nome de Esculapio curavaó varias doenças, fazendo o que eraó obras do tal Deos, o que nenhum douto ignora; tem, por ventura, Pindaro mais fé, que todos os Escriptores sinceros, e doutos, tanto antigos, como modernos, e principalmente, que o Gazeteiro, vossó amigo, que disseráo, que em tempo de Esculapio, e ainda 500. annos depois no da fundação de Roma, naó havia se naó a Cirurgia no mundo? E naó podia Esculapio curar com algumas bebidas vulnerarias as febres, que de ordinario sobrevêm ás feridas, e cuja cura verdadeiramente hé do foro Chirurgico, e hé naó aquellas, que têm cauza interna, pois d'estas, e da aquellas queixas, que procedem do interior hé, que todos dizem, que nem Esculapio, nem seus filhos sabiaó o remedio, nem menos emprehendiaó a cura? Ora, já que sois impertinente, eu quero darvos algumas instrucçoens sobre Esculapio, e a sua Profissão. Vereis, amigo Leandro, se elle foi Cirurgião, ou Medico interno.

Hé

(x) *Narrat de Esculapio Pindarus Pyth od. 3. restitutam ab illò valetudinem ex omnis generis febribus, ulceribus, vulneribus, & doloribus blandis recitatis carminibus, lenibusque potionibus, remediis tandem qua exter- nis, qua topicis, atque incisíonibus, &c.*

Hé certo, que alguns Autores dizem, que Esculapio inventara toda a Medicina : Porém as razões sobre que o affirmáo são inatendiveis, e pouco dignas da consideração dos prudentes. Os Escritores antigos, que d'elle tratao, não dão os fundamentos, que alguns modernos tomao para o fazerem Medico universal. Tanto os Gregos, como os Latinos, em tudo quanto differo de Esculapio, mostráo evidentemente, que fora hum simples Churgiaó. Homero, que fala com frequencia nas suas curas, não dá indicio algum por onde se colija, que foi Medico, como os do nosso tempo; antes, tratando de seus filhos Podalirio, e Machaon, diz expressamente, *que não curavao doenças interiores*. Dizer hum Escriitor moderno, que a gravidade do Poema Epico não permitia, que Homero falasse em doenças internas, hé lícito dito; porque as ditas queixas não se encerraó só na Cólica, e na Diarrhea, que elle aponta, e que á dos graduos de immundas. Sabemos pelo contrario, que o Phrenesiz, o Letargo, o Syncope, e outras semelhantes queixas, longe de diminuir a gravidade da Epica, serviráo para dar graça, e viveza ás narraçoens em muitos lugares. Nem Homero achou muitas queixas internas alheas da tal gravidade; porque em varios lugares da Iliada, e da Odissea fala nellas, como se mostra de varias passagens, que cita Tiraquello. Quanto mais, que muitos outros Escritores, sem serem Poetas, e que não escreveráo Epopéas, confirmao o sentimento de Homero. Cornelio Cello, aquelle Principe da Medicina Latina, diz as seguintes palavras : *(y) Esculapio foi posto em o numero dos Deozes, porque aperfeçoou a Medicina, que até o seu tempo andava por maõs vulgares, que a tratavao com muita grossaria. Podalirio, e Machon, seus filhos, acompanhando a Agamenon na Expedição de Troja, serviráo de huma grande utilidade ao Exercito Grego.*

go. Homéro , que fala delles , não conta , que curassem Peste , nem outras doenças (internas) das que padecião os Soldados do dito Exército ; mais diz , que curavaõ somente feridas , servindose para isso de medicamentos , e de ferro. Donde se infere , (conclue Celso) que Machaon , e Podalirio , filhos de Esculapio , só professavaõ as duas partes Pharmaceutica , e Chirurgica , que são na verdade as mais antigas da Medicina. O mesmo que Celso confessa Plinio , pois assevera : *Que toda a Medicina de Esculapio consistia na cura das feridas.* E os Medicos Schultze , e Gaspar dos Reis são desta opiniaõ , como disse o Orador , e como se colhe dos lugares das suas Obras , que adiante vos hei de citar. Agora só vos digo , que o sábio Mr. Le Clerc , na sua Historia da Medicina , vem a confessar , que Esculapio era hum mero Cirurgião. *Toda a Sciencia de Esculapio (dis este Medico) consistia na reduçãõ das fraturas , e deslocaçõs , e em conhecer alguns simples adequados para a cura das chagas , e tumores , e se me perguntarem a razãõ , que bouve para lhe chamarem Inventor de toda a Medicina , professando elle tão somente huma parte della , como a Cirurgia , direi , que Esculapio exercitou esta Arte em hum tempo , no qual se não conhecia outra Medicina , mais que a Chirurgica , e por isso deve passar por Autor Universal de huma Arte ; de que elle professou a parte , que na quelle tempo era a mais famosa. (z)*

Alem de que , eu quero , que não houvesse o voto de tantos Escriitores , que asseveraõ ser Esculapio Cirurgião , e não Medico interno ; por ventura , não basta a noticia da quellas curas , que geralmente se lhe atribuem , para nos certificarmos desta verdade ? Lede , Leandro , sem paixãõ , e com cuidado os Historiadores , os Poetas , e geralmente todos os Escriitores antigos , e vereis , que as curas , porque Esculapio se immortalizou tanto , foraõ as de dous Héroes de antiguidade ;

(z) Le Clerc *Hist. de la Medic.*

de ; a saber , Hipolito , filho de Theseo ; e Androgeo , filho de Minos , Rei de Creta , ambas ellas pertencentes á Cirurgia. Androgeo foi ferido mortalmente pelos Athenienses , e Megarenses , e Hipolito foi despenhado de hum Carrossa , e ferido mortalmente : ambos porém foraõ curados por Esculapio , e em tanta forma , que sendo elles reputados por mortos , e curando-os com effeito Esculapio , entendeu o Povo , que este os tinha resuscitado , e por isso Quinto Sereno Samonico , Escritor do terceiro seculo de Christo , não teve duvida em afirmar , que o mesmo Esculapio resuscitára mortos.

*Tuque potens artes reduces qui tradere vitas
Nosti atque in caelam manes revocare sepultos.*

Finalmente , todos sabem , que Esculapio passa por Inventor da *Tenta Chirurgica* , das *Aaduras* , e da *extração dos dentes* , e supposto houvesse muitos Professores deste mesmo nome Esculapio (pois os antigos assim como chamavaõ Mercarios a todos os Sabios , Hercules a todos os Valentes , Cezares a todos os Imperadores de Roma , e Pharaõs a todos os Reis do Egipto , tambem a todos os que curavaõ chamavaõ Esculapios) , o certo hé , que as principais curas , que atribuem a os mais destes são pertencentes á Arte de Cirurgia.

Como vos citais frequentemente os Autores Inglezes , para nos persuadires , que tendes huma vasta lição delles , e que rezidiz nesse Reino de Inglaterra , (o que hé tão certo , como muitas das couzas , que dizeis) buscai as Obras do insigne Medico *Londinense* Richard Mead , e entre ellas a sua *Dissertação das Medalhas* , que fundiraõ os *Smirneos* , em honra de varios Medicos famosos , e vereis , que nunca nellas se encontra a Esculapio , Deos da Medicina , sem o Escalpeo , ou *Smila* , instrumento pertencente á Cirurgia , para dar a entender , que com ella curava o mesmo Esculapio as queixas do corpo humano , e que este instrumento era huma das suas armas principaes. Saõ as Medalhas que-
llas

Ilas moedas de metal , que de huma parte contêm as
 cabeças , bustos , ou retratos dos Imperadores , Reis , e
 Pessoas illustres , e da outra varias figuras , e emblemas.
 Todos os Sabios reputão as ditas Medalhas como hums
 monumentos da História antiga , que mostraó a ver-
 dade de muitas couzas , que sem a noticia dellas havia-
 mos de ignorar. Mead fez huma excellente Collecção
 das que pertenciaó ao seu assumpto. Ali vereis em pri-
 meiro lugar huma Medalha , que de huma parte tem
 a effigie de *Hygie* , filha de Esculapio , venerada por
 Deoza da Saude , e da outra ao mesmo Esculapio To-
 gado , e alicutado , cingida a cabeça com huma faxa,
 ou *strophio* , e com o lobredo instrumento chamado
Smila na maó , alem de hum Astro sobre o peito , e
 de hum bastão encostado no hombro. Vereis outra,
 onde se encontraó as mesmas couzas. Omais não o bast-
 taó , nem o Astro. A primeira foi fabricada em honra
 de Zeuxis , ou Xeuxis , Sacerdote de Esculapio , e Me-
 dico de Smirna , que prezidia á grande *Escola Erophilea* ,
 e a segunda em louvor de *Nicezio* , Mestre da Escola
 Medica de *Erasistrato* , na mesma Cidade de Smirna.
 Vereis outras varias Medalhas fundidas para honrar a
 Aplophanes , Medico do grande Antioch , Rei da Syria ,
 a Jatrodoro , Jazon Jazonis , Athenagoros , Scapion ,
 Palicrates , e outros varios Professores : e vereis , que
 em nenhuma dellas , em que se pinta Esculapio , falta
 a *Smila* , ou instrumento da Cirurgia , para dar a en-
 tender , (dis Mead) que Esculapio foi o Inventor da Ana-
 thomia , e que curava os seus doentes por meio das ope-
 rações , incizaões , ou corte das partes , de que resul-
 tau o darem-lhe o nome de Esculapio , derivado de *Alico-*
laph , voz que significa Homem de faca , ou de cotello. (a)

E

(a) *Latum hujusmodi gladiolum Medici Herophilei , &
 Erasistratei in manu Esculapii sacravere , eo potissimum
 indicio tanquam anathomicesum inventorem recolentes , &
 infirmorum per sectiones sanctorem , &c. Pag. 94. Diss. de
 Num. in Medicor. Honor. percussis.*

Enão imagineis , que por vos falar assima nos Medicos Smitneos , quero dizer , que elles eraó como os do nosso tempo , porque ji vos disse , que o nome Medico era na quelles tempos commum a os Cirurgioas , e a todos os que curavaó.

Dizeis mais na referida pag. 21. , que *Medés* , e *Circe* não merecéraó o nome de *Encantadoras* , se não porque fizeram prodigios com os medicamentos internos , e que o mesmo se descobre das confuzas açcoens de *Zoroastro*. Quando vos ouço dizer , e pallear com tanta paixão , e sem cerimonia pela Historia da Medicina antiga , quero persuadirme , que ouvistes algum dia falar nella ; mais vendo , que occultais , e confundiz a verdade , e que não acertais as noticias , torno a assentar , que nada sabeis da materia. Meu *Leandro* , não há duvida , que *Medea* hé celebrada na Mythológia pelas suas magicas , e que dizem della , que rejuvenecia os velhos , que fazia dos homens brutos , e que tirava as cáns por meio dos seus remedios ; porem tendo certo , que os Banieres , e outros grandes homens não podéraó acertar , e desembaraçar nas suas Mythologias a Historia da Fabula ; cómo haveis vós de aceitar , que raó pouca instrucção mostrais nestas couzas ? Alem disso , de tudo o que se conta de *Medea* vimos a entender , que ella uzava da Medicina externa , ou Chirurgica , e que com ervas , e banhos fazia as suas curas. O que contra *Ovidio* nas suas *Metamorphoses* , dizendo , que *Medea* fizera moço ao velho *Elon* , Pai de *Jazon* , seu amante , hé tida por huma das suas maiores magicas : porem lendo-se attentamente o Poeta , achamos , que *Medea* conhecia as virtudes de alguns animais , e plantas , e que de tudo fez hum cozimento corroborante , para dar vigor ao tal velho , que por huma summa debilidade se achava quazi morto. Mal fez ella em se não valer da medula dos *Leões* , como fez *Chiron* para nutrir , e fazer valente a *Aquilles* , como vos dizeis na mesma pagina , pois ambos floresciaó pelos mesmos tempos , e não seriaó occultas as noticias de hum restau-

restaurante taó famoso ; porém tal ves , que Medéa tivesse medo dos bixos , e que não fosse tam credula , como vos sois. Alem disto havia outro fundamento para se dizer , que Medéa fazia os velhos moços , visto que se lhe attribue a Sciencia de fazer negros os cabellos brancos , o que hoje sabem muitas mulheres ; (que sem serem Medicas sabem encantar como Medéas) e bem sabeis vos , que bastava , que esta chamada Magica Medéa com os seus remedios desterrasse as cáns dos velhos , e que dos cabelos brancos fizesse cabellos negros , para se dizer , que ella rejuvenecia os velhos. O certo hé , que tudo quanto obrava Medéa , era com remedios externos , e principalmente com ervas , das quais diz Macrobio , que tinha hum Horto na sua mesma habitação. Outros dizem , que Medea inventara a Cirurgia transfuzoria , tirando o sangue das veas de Eson , e introduzindo nellas o cozimento corroborante das ervas , que tinha feito , o que vos podeis ler na Mythologia de Banier. (b) Em fim , vos não podeis duvidar , que Medéa soube a Cirurgia , porque Diodoro Siculo escreve , que ella curava com ervas as feridas de Jazon , seu marido , as de Laertes , as da Guerreira Atalanta , e as das Thespiadas. (c) Estudai , Leandro , se quereis saber.

Pelo que toca a Circe , e a Angicia , irmãos de Medéa , sabemos , que sabião curar com ervas , como sua irman , e que dellas descenderaó os Marfos , Povos célebres no mundo pela sciencia de curar as feridas , as doenças , e as mordeduras venozas. De Circe o diz Diodoro Siculo , e de Angicia legas os seguintes Versos de Silio Italico.

Vi

(b) Banier *Mythol.* tom. VI. pag. 459.

(c) *Diodore nous apprend, que Medee avoit gueri par le moyen de certaines herbes les blessures de JASON son mari, de Laerte, de la Guerriere Atalanta, et des Thespiades. Le Cl. Hist. lib. 1. cap. 21.*

Vipereumque herbis bebetare, & carminēdentem

Æse prolem Anguitiam mala gramina primam

Monstravisse ferunt, tactuque domare venena.

Finalmente, dizeis, que o mesmo, que de *Medea*; e *Circe* se descobre das confuzas acçoens de *Zoroastro*. Que-
reis, que este Magico fosse Medico; mais não vos lem-
brais, que o *Feijod* (d) diz, que não há (se bem se
advertte) segurança alguma de que tenha existido no mun-
do tal sujeito, olhando para a diversidade, com que delle
falão os Autores. Eu não averiguo agora a sua existen-
cia: admire-me só, de que para provar as vossas opi-
nioens, busqueis Héroes chimericos, noticias confuzas,
Fabulas, e Magicas pouco attendiveis. O Orador já em
humas das suas Obras provou com a authoridade de *Elia-
no*, Douto Escriitor do tempo de *Alexandre Severo*,
pelos annos de Christo 218., que a arte de curar as
feridas nos tempos vizinhos á destruição de *Troia*, era
exercitada pelos Reis, pelos Principes, e pelos Héroes
filhos dos Deozes, que com as ervas, e raizes sabião
consolidar as ditas feridas, livralas da inflação, e co-
hibir os fluxos de sangue, que dellas sahiao. Em fim,
ella era hereditaria, e nobilissima. Ainda, que eu po-
dia citarvos o texto Grego de *Eliano*, visto que sois
eminentissimo nesta Lingoa, e os dez e sete Livros,
que eu tenho da *Historia dos Animais* deste Autor,
com as *Interptraçoens* de *Pedro Gellio*, e *Conrado*
Geinero, dão em duas columnas o texto Grego com
aversão Latina, não me quero agora tentar com isso,
para não cahir na vossa indignação. Contentome com
citarvos o que diz *aversão*, e não vos agoniceis de
lerdes hum Elogio tão grande da *Cirurgia*, escrito por
hum hum

T

hum

hum Autor taó antigo, taó sábio, e que naó foi Cirurgião, como o Orador. (e)

Na mesma pag. 21. rezolveis, fundado na vossa grande Logica, que a prova negativa tem pouco, ou nenhunt vigor na Historia. O certo hé, que vos sois hospede em materia de Historia; logo que vos tiraó da vossa mimoza, que hé a Satyra, tnaó dizeis conza que preste. O douto Pellicer, (f) que está mil furos affirma de vos hé de opiniaó contraria. *Què certezza (dis elle) poderiamos esperar da Historia, que tem por alma a verdade, se os argumentos negativos não tivessem prova evidente?* Bem no nosso cazo o decide Gabriel Penoto, (g) declarandose a favor da prova negativa, e asseverando, que esta vale, principalmente quando os Escriitores todos observaó silencio sobre a materia. Se os Escriitores antigos nada dizem sobre o uzo da Medicina interna no tempo da Guerra de Troia, quereis vos, ou algum dos vossos inclinados defender, que se uzou a tal Medicina na quelle tempo? Ouvi ao grande D. Joáo de Ferreras: (h) *Affim como hé axioma dos Jurisconsultos: Erubescimus, cum sine lege loquimur; affim tam-*

(e) *Ars & doctrina curandi vulnera apud Homerum per manus, vel ad tertiam usque etatem traditur. Patroclum Menaxii filium Achilles Pelei filius medicinam docet, Achilleum vero Chiron erudit. Disciplinas nimirum heroes tantum, & Deorum filii exercebant: & radicem naturam, varium herbarum usum, pharmacorum temperationem, cationes tam inflammationibus, tam reprimendo sanguini propitias, & alia quadam noverant. De Anim. lib. 2. cap. 18. pag. 36. edit. 616.*

(f) *Pellic. part. 1. de Mix. lib. 2. n. 19. fol. 53. & 54.*

(g) *In Historia argumentum ex negativis probat, & quandoque demonstrat, ut quando la Historici omnes silent. Lib. 1. Hist. Troj. Can. S. Aug. cap. 45.*

(h) *Ferr. Hist. de Esp. p. 16. cap. 9. pag. 65. n. 11.*

tambem os Historiadores não podem escrever sobre as cousas distantes da sua idade, se não com o testemunho dos Autores fidedignos coetaneos, ou vizinhos á idade, em que os successos succederão. Ouvi tambem ao Eminentissimo Baronio: *Quod á recentiore auctore de rebus adeo antiquis sine alicujus vetustioris auctoritate profertur, contemnitur.* (i) E dizcime vós, qué Escritor vizinho á Guerra de Troia, disse, que se usava a Medicina interna? Se consultamos a Homero, e outros antigos, achamos, que toda a arte de curar da aquellos tempos se continha nos limites da Cirurgia; isto hé, no uzo de remedios exteriores. Se mais que elles deve ter credito o moderno Leandro Monis da Torre, ou algum de seus immaõs, ou amigos, vos o decidireis.

Finalmente, na dita pag. 21. dizcis, que para o Gazeteiro pôr entre os nossos Nacionais a *Arte Chirurgica* na quella tal, e qual estimacão, de que deve gozar, *fix* o que costuma fazer qualquer, quando para pôr direita huma vara torcia a encurva em sentido contrario, muito mais além do ponto, em que deve ficar.

Vós estaveis dormindo, quando escrevestes estas palavras, porque se a hum Gazeteiro, em hum Obra Historica, e Critica, hé licito incurvar a vara, em sentido contrario, muito mais além do ponto, em que deve ficar. para pôr a Cirurgia na quella estimacão, que deve ter; por qué não seria licito ao Orador fazer tambem o mesmo em hum Oraçáo Panegyrica, recitada em hum acto publico da sua Faculdade? Tem os Gazeteiros, e principalmente o vosso amigo, hum jus privativo para inserir na sua Gazeta huma materia, que não hé do assumpto della, e tem além disso a liberdade de faltar á verdade, encurvando a vara além do ponto, em que deve ficar, e o Orador em hum Oraçáo Panegyrica da sua Arte, em que se não propõem a Critica por alvo; mais hum assumpto-festivo, panegyrico, e lau-

(i) Appar. ad Annal. cap. 12.

datorio , não ha de ter o mesmo direito? Ora , eu imagino , que este privilegio do vossó amigo está fundado em alguma Patente do Gram. Turco. A graça está na paxorra com que dizeis , *que elle encurvou a vara álem do ponto , em que deve ficar* ; porque sabeis , que elle escreveu na Gazeta muitas couzas , que não pôde cozer agora , ou que lhe não fazem hum cozimento perfeito. Meu amigo , dizei-lhe , que não seja fogozo no que escreve , que considere bem sobre as materias antes de as trasladar ao papel , e que se não valha das noticias da Cirurgia , que pilha nos manuscritos , que se lhe mostraó. E vos escrevei com má reflexáo para não dardes motivo a que vos-racheim com argumentos pessoais ; se sabeis o que isto hé , porque sois hum miseravel†

Dizeiz mais , que sabeis certamente , que o seu intento foi o de *encurvar a vara*. Se elle tem isto por costume , que boas Gazetas Criticas fará ; sendo certo , que quem hé torto , ou faka á verdade huma vez , está habilitado para mentir sempre , no sentir do incomparavel Cano. (j) Amigo Leandro , a verdade , e a justiça não soffrem torturas , tudo nellas há de ser direito , sem acepção de pessoas. Assim o dighum Escriitor muito pio , (k) e assim o sentem aquelas pessoas , que nas Obras de Critica não costumáo *encurvar a vara*.

Na pag. 22. dizeis , *que ainda concedenio , que nos seculos antigos não havia se não a Cirurgia , poderáo muitos dizer , que esta falta mostra mais a rubeza , e ignorancia desses seculos , que a excellencia desta Arte sobre a Medicina*. O Orador em nenhum dos seus Escritos escreveu até agora indecentemente contra a Medicina interna , nem a fez inferior á Cirurgia. Elle a chama Arte Divina , e elle a venera , e a os seus Professores,

co-

(j) Can. lib. 11. cap. 6. de Loc. Theolog. *Mendaci quippè homini nec verum credere solemus.*

(k) Esdr. lib. 3. cap. 4. vers. 38.

como utilísimos ao Genero Humano. Diz sim, que a Cirurgia hé a parte mais antiga da Medicina, que os seus effeitos são mais evidentes, que hé mais necessaria, e que deve ser taó nobre, como as outras partes. Quanto a haver a rudeza que dizeis nos seculos antigos, não tem reposta. Se vinte mil Leandros, postos huns sobre os outros, fizessem a metade de hum Hippocrates, de hum Homero, de hum Demosthenes, de hum Apelles, de hum Thrazimedes, ou de outro qualquer Medico, ou Cirurgiaó, Poeta, Orador, Pintor, ou Estatuario antigo, lá dariamos credito ás vossas expressões; mais sendo vos taó pequeno do corpo, (ainda que de grande cabeça) e não sendo facil achar nos nossos tempos quem possa competir com aquellas grandes homens; para que hé etardes a julgar mal da ignorancia, e da rudeza da quelles tempos? Quanto mais, que o Orador já vos disse, que os Criticos modernos da maior reputação, e fama, tais como o Voltaire, o Marquèz de Santo Aubin, e o Feijod sentem favoravelmente da utilidade da Cirurgia: e se vos quereis, que elles passem por grosseiros, por ignorantes, e por rudes, tambem eu quero, que vos passeis por Official de Obra grossa, ou por Autor de calumnias, e de grossarias.

Na mesma pag. 22. dizeis, que *aquelle período da Carta do irmão do Orador: Depois da tomada de Troia ao nascimento do Poeta: está muito afrancezado, e que bem mostra, que quem o escreveu, ou ditou, entendia tanto o Francèz, e o Portuguèz, como a Lingoa dos Lapponios.* A esta petulante parvoíce sei, que se vos-ha de responder a seu tempo, e entrão vereis, que ella se volta contra vós, visto que sois taó pobre homem, que não entendestes hum Período Portuguèz taó claro, e que nada tem de afrancezado. Como nada sabeis da Grammatica da vossa própria Lingoa, cabistes em hum erro de rapáz da Escola. Entre tanto haveis de confessar, que os Portuguesezes entenderáo muito melhor o tal Período, que muitos, sem comparação, mais confuzos, e afran-

afrancezados , que o Gazeteiro , sem reflexão , introduzio na sua Gazeta. Por exemplo , na de Outubro , (1) extractando o Tratado das Febres intermitentes . e remittentes do Holandez Tronchin , affêvera o Gazeteiro , que este Autor afirma , que o meio mais seguro de impedir a repetição nos accessos da febre , hé dar duas , ou trez vezes no intervallo huma oitava do extracto da Quina , de que tem falado , e que cada grosso , como diz o mesmo Tronchin , equivale a huma onça de pó da Quina. Bem se vé , que o Gazeteiro , copiando , como costuma , as noticias dos Diarios Francezes , e achando a voz *Gros* , como não sabia o que ella propriamente significa na nossa Lingoa , a escreveu afrancezada , como a achou : *grosso*. Hum dos seus afeiçoados , a quem o Orador mostrou a impropriedade da tal voz , lhe participou o seu reparo , e deu cauza a que elle na ultima Gazeta de Junho (m) a defendese obstinada , e miseravelmente. Bem hé verdade , que julgando incapás ao Orador de achar erros nos seus Escritos , inculca ao Publico o tal reparo , como feito , e nacido em huma formidavel Sociedade de pessoas de diferentes Profissões. Temos um segundo Feijóo , e huma outra Tertulia , como a de Mañer . sem o Gazeteiro advertir a summa differença , que vai d'elle áquelle Douto Benedictino Espanhol , e que semelhantes subterfugios são de todos conhecidos. Quem fez o reparo foi o Orador , e em sou o que digo , que o Gazeteiro não traduzio bem o que copiou ; e se não que me diga , onde achou a voz *grosso* , para a ingerir aqui ? A Obra de Tronchin , que extracta , está escrita na Lingoa Latina , e nos Vocabularios , Dicionarios , Lexicoens ; &c. da dita Lingoa , se não encontra tal voz *grosso*. Há sim *Grossus* , que significa certa moeda , ou figo verde , &c. ; mais não para significar oitava. Na Lingoa Portugueza , em que está escri-

ta

(1) Pag. 241.

(m) Pag. 171.

ta a Gazeta, tambem se não encontra a tal voz mais que para significar *couza grossa, volumozza, corpulenta, &c.* Logo se não achá na Obra, que se extracta, nem na Lingua em que se escreve, para significar o que o Gazeteiro quer, para que a produzio? Escreve o Gazeteiro para França, e para os Francezes, ou para Portugal, e para os Portuguezes? O certo hé, que não tem remedio, se não confessar que não viu a Obra de Tronchin, e que copiou o extracto do Francez, assim como o achou. Provavelmente quando topou a voz *Gros*, e querendo traduzila, recorreu ao Diccionario de Richelet. Ali encontrou a tal voz como substantivo, e como adjectivo com muitas significações. *Gros* por multidão, *Agmem, Turma*; *Gros* por maior porção, *Portio principalis*; *Gros* por moeda de prata do Ducado de Lorena *Carolens*; *Gros* pela oitava parte de huma onça, segundo os Negociantes; *Gros* por *grossa, crassus, &c.* E a vista de tanta confusão, como ignorava, que tal voz significava oitava entre os Medicos, e Boticarios, a escreveu assim Franceza, como ella hé, e agora a quer defender com o pretexto de que tambem os Francezes lem a Gazeta Literaria. Forte empenho! Tem os Francezes necessidade de ler o extracto da Obra de Tronchin na Gazeta de Portugal, que não entendem tão bem, como muitos Diarios da sua Nação, onde se achá extractada a tal Obra, ou lerá a Gazeta tantos Francezes, como Portuguezes? Mas supozhamos, que a leão, haverá quem dê culpe ao Gazeteiro o erro de inferir huma voz Franceza na Lingua Portugueza, havendo nesta a sua equivalente, que hé uzada por Medicos, Boticarios, Tendeiros, de Mercçaria, Sirgueziros, e por todos em geral? E não hé isto ser mais Laponia, ou Geta, que o Autor do Periodo assimá mencionado, que vós miseravelmente não entendestes? Quanto mais, que até em França se uza, quando se escreve medicamente, do nome *drachme*, (do Latim *drachma*) que significa oitava. Basta citar a Folhinha, ou o Kalendario da Corte, que anda nas mãos de

todos. *La llore em Medicine* (diz elle) *contient 12. onces, ou 96. drachmes: Le onse 8. drachmes: La drachme 3. scrupules: Le scrupule 2. oboles: Le obole 12. grains.* Outro exemplo. Traduzindo o Gazeteiro na Gazeta de Maio do Francéz da Collecção Academica de Dijon a Historia da Menina, nascida sem cerebro, a conclue (n) com as seguintes palavras: *Não se examinaraõ as partes interiores, e custou muito á may conuider do parto, porque as evacuaçoens foraõ pouco coradas, e pouco abundantes.* Qualquer pessoa, que ler esta passagem ficará confuzo, se não suprir o erro do Gazeteiro com o seu proprio juizo, e conhecimento. Ainda os mesmos Professores se acharaõ embaraçados, porque a voz *evacuaçoens* hé muito generica, e significa na Medicina toda a descarga do corpo, ou por excrementos, ou de sangue, ou de humores, &c.; e bem se sabe, que há evacuação por sangrias, por clisteres, por vomitos, purgas, suores, ventozas, &c. Ora, dizendo o Gazeteiro, que as evacuaçoens foraõ poucas, e pouco coradas, que pessoa, sem suprir com o seu proprio ditição, adivinhará, qué casta de evacuação elle quer dizer? E de qué nasce tanta confuzão, se não d'elle não traduzir bem a passagem, como que Wephero conclue a Observação 129. de *Puella sine cerebro nata*, inferida no Ann. 3. da primeira Decur. das *Ephemerides da Academia dos Curiozos da Natureza de Alemãha*, pois ali veria, que uza da voz *lochios*, que hé propriamente aquõlla evacuação, ou purgação, que tem as paridas, chamada sobre-parto. Pode o Gazeteiro responder, que não vio o original Latino da tal Observação, o que eu certamente creio; mas quem o desculpará de traduzir mal o Francéz, que se achia na tal Collecção, que diz assim: *Lalmore (o) eut de la*

(n) Pag. 27.

(o) *Collect. Acad. de Dijon, tom. 3. des Etrang.*

la peine á se retablir de sa couche parce que les *viuidanges* furent peu abondantes, et peu colorées: elle eut encore (o Gazeteiro omitiu estas ultimas palavras) un autre enfant dans la suite, qui vint au monde en vie, sain et bien conformé, mais je n'ai pu sçavoir jusqu'à present de quelle maladie il étoit mort.

Que o Gazeteiro não desse a noticia, de que a May da sua Menina parira depois hum infante bello, e saõ, (o que era obrigado a fazer como fiel copiadador) *vade in pace*; mas que por *viuidanges* traduzisse *evacuaçoens* em comum, e não *lochios*, que hé aquella *evacuação* do utero, que experimentao as mulheres depois dos seus partos, he couza pouco desculpavel em hum Autor, que busca casquinhas nas Obras althêas, para as patentear, e engrandecer. O seu erro naceo de recorter provavelmente ao Diccionario de Richelet, onde achou, que a voz Franceza *viuidanges* correspondia a Latina *evacuaciones*, e sem mais reflexão, nem exame a escreveu assim na sua Gazeta, sem attender á impropriedade de huma voz, que hé generica, e não significa particularmente a *evacuação* uterina, ou *lochios*. Se elle consultára o Diccionario Universal de Medicina, (p) não caluria em tal erro; porém como esta Obra hé de vulto, e a não tem aquelles Aurores, que uzaõ de Livrinhos de oitavo, podia ao menos examinar o Diccionario de Col de Willars, (q) que diz *lochies*, *lochbia* *lochiorum*, *viuidages*. As vozes facultativas não se substituem por outras, que não tem significação tao genuina, e intelligivel para os Professores. Por que não examinou o vosso amigo Gazeteiro ao menos os Escritores de Medicina Portuguezes, para saber o como elles se explicao em lances taes? Veria, v. gr. que o Curvo, (r) traduzindo do Latino de Agostinho de Lau-

(p) *Diction. Univ. de Med. tom. 4. pag. 966.*

(q) *Pag. 277.*

(r) *Curv. obs. 92.*

renção certa autoridade, em que o tal Autor uza da voz *lochios*, pôem na Portugueza, por correspondente a ella, *purgaçã dos lochios*, e no principio da observação diz, que faltou a aquella Senhora, que faz o objecto della, a *evacuaçã da puerperio*, como quem sabia, que a voz *evacuaçã* secamente não explicava a materia, que queria tratar. Podia ver a outro Autor Portuguez, que tratou expofesso das paridas, que foi o Doutor Manoel da Sylva Leyrao no seu Livro *Arte com vida*, (f) e acharia, que uza da voz *lochios*, ou *puerperios*, para significar a *evacuaçã do utero* depois do parto. Se houvesse quem para compor hum Diccionario da nossa Lingoa se valesse de semelhantes Autores, como o da Gazeta, qué bella obra faria! Ainda até agora não encontrei voz mais energica, e expressiva, que *ambicionar*, que elle introduzio na Dedicatória ao nosso Ilustriſſimo, e Excelentiſſimo Governador das Armas, e Justiças o Sr. Joáo de Almada e Mello, Tenente General dos Exercitos de ſua Mageſtade Fidelíſſima.

Pareceme porém, que ouço desculpar o Gazeteiro, dizendo, que ſuppoſto ſabia, que a voz *lochios* era mais significativa, e mais propria para entender, e explicar na quelle lugar a Franceza *vuidanges*, a não eſcreveu de propozito, por ſer meramente facultativa, e pouco intelligivel áquelles curiozos, que lerem a Gazeta, e não forem Medicos, e Cirurgiõens. A o que reſponde, que mais facultativas, e menos intelligiveis para os taes curiozos ſão as palavras *hydatidis*, *criata Galli*, *béthmoido*, *ephnoido*, *buraco occipital*, *vertebras*, *apophyſes mamilares*, &c., e com tudo iſto elle as produz, e refere na meſma Obſervaçã da Menina ſem Cerebro. Para eſcrever os termos ptoprios, e ſignificantes de huma Faculdade, hé neceſſario, ou ſer Profeſſor della, ou ſaber as ſras vozes, e principios, ou

con-

consultar mais Autores, que o Diccionario de Riche-
let. Quanto melhor, que o Gazeteiro, traduzio o Pa-
dre Marques no seu Diccionario da Lingoa Franceza,
e Portugueza a voz *uidingcs*, dando-lhe por corres-
pondente na nossa Lingoa a de *purgaçoens das mulhe-
res*.

Desde a pag. 22., até a pag. 30. fazeis em raxas
ao irmão do Orador. O pobrezinho, bem pode to-
mar tizanas, e mais tizanas, porque fica quente para
hum pouco. Ensina-se-lhe a força dos ternos; mais
hê já tarde, e quer ser Mestre quem em semelhantes
materias gagueja, e ha de brevemente receber liçoens,
dizein-se coizas petulantissimas, e passeais pela Escri-
tura, e Expozitores, como hum Thezo pelo libyzi-
nho de Creta seguro com o fio de Ariadne. Com que
já os Cirurgioens podem ler Escriitura? Vós na pag. 74.
dizeis, que humas maõs, que applicaõ ventozas, abrem
veas, e larjaõ o couro, não são proprias para abrir,
e folhear os Livros Sagrados, e agora com as vossas
mesmas maõs sanguinolentas, e grosseiras não tendes
pejo de resolver, e citar a Escriitura? E qué direi do
dezatino com que escreveis, que o irmão do Orador
não sabe as significaçoens das palavras Latinas, que hê
ignorante, &c. (?) Certamente, que ignorais a on-
de vos condúz o vosso genio satyrico. Não fazeis me-
nos, que desprezar, e dezatender as resoluçoens, e
provizoens de sua Magestade Fidelissima. Cuidais, que
naõ? Ora vedeo.

Sua Magestade determinou no Alvará de 28. de
Junho de 1759., num. 10., e 11., que os Professores
Régios sejam eleitos por hum exame rigurozo, e que
sejam pessoas dotadas de bõs, e provados costumes, e de
sciencia, e de prudencia. O irmão do Orador, depois
do exame de *vita*, & *moribus*, subio ao da Lingoa
Latina feito por 5. dos homens mais dputos nestes

Estudos (quais são o P. Joaquim de Fojos, Neri, e os Professores Rêgios Antonio Felix Mendes, Manoel Pereira da Costa, o P. Faustino de Abreu, e Manoel Estevens Telles) na presença do Exemo. e Rmo. Principal de Almeida, Director Geral dos Estudos, Prelado, não somente zelosissimo, e rectissimo; mais sapientissimo, como toda a Nação reconhece; e este o consultou a sua Magestade entre os primeiros s., que se escolherão em Portugal por exames de entre infinitos oppositores, como digno de reger huma cadeira na Universidade de Coimbra, a Athenas de Portugal. O mesmo Senhor, informado da capacidade do proposto, foi servido confirmalo no lugar, e julgalo digno delle. Ora, não hé sacrilegio, e attentado, o de indicardes vós, como ignorante, aquelle mesmo, que o vosso Rei tem declarado por sciente? Quanto mais, que vos deveis saber, que o irmão do Orador hé hum da quellas mossos vivos, e penetrantes, que na carreira das Sciencias tem feito os progressos maiores, e mais rápidos. Hum parente vosso A...o S...o vos poderá informar, que elle em menos de anno e meio aprendeu a Lingoa Latina pelo diffuso, e embaraçado methodo Jesuitico, sem nesse tempo se descuidar do estudo da Historia Profana, e da Poesia. Ainda depois que na vossa Carta atrevidamente o indicastes, como hum ignorante, o distinguio sua Magestade, elevando-o a Professor Rêgio de Rethorica na mesma Universidade, precedendo opposição, e exame, feito pelos 3. Professores Rêgios da Corte, os doutisimos José Caetano de Mesquita, Pedro José da Fonseca, e Francisco de Sales, na presença do mesmo Exemo., e Rmo. Prelado.

Não quero porem, que censureis os elogios, que lhe faço. Quero sim, que saibais, que hum seu Discipulo, muito applicado, chamado *Severino Cortez da Sylva Forte*, tomou o trabalho de responder ás vossas Cartas, tal vez ignorando, que hum Praticante de Cirurgia bastava para o fazer. Então vereis dissipados
muitos

muitos argumentos , que agora por isso mesmo se deixão sem toda a resposta , que podiaõ ter , e vereis mais que tudo , que o dito moço vos impugna com toda a civilidade , e honra , porque está , como todos , persuadido de que ella hé o maior distintivo , e o mais certo signal da Sciencia , e da boa educação , assim como as calumnias , e falsidades daõ bem a conhecer a má indole , e a ignorancia de quem os profere. Bem disse o Politico Pozuelo , (u) que o vicio da maledicencia hé só proprio de covardes , e viltoens , e os quaes , faltando com a nobreza os bríos , não tem outro modo de satisfazer as suas ofensas , que com o fogo de mordiscentes palavras. Nem para commeterem este delicto precisão de ser aggravados , porque o seu genio hé tal , que dizem por costume mal de tudo , posto que ordinariamente succede , que aquelles mesmos meyoz de que se valem para aniquillar , ou arruinar hum sujeito , servem de mais o exaltar. Ou , como diz Mr. de La Bruyere : *S' il est beureux d' avoir de la naissance , il ne l' est pas moins d' être tel que on ne s' informe plus si vous en avez*.

Por esta cauza nada direi sobre as escandalozas expressoens , com que manxais a pag. 30. das vossas Cartas. A pintura , que ali fazeis do Orador , dá bem a conhecer o vossa caracter , a vossa indole , e a vossa instrucção , e sciencia. Os disterios são ordinariamente as armas dos puzilanimes. Quem responde injuriando mostra , que desespéra da justiça da sua cauza : e como não dizeis , que o Orador hé hum homem de corpo pigmè , cabeça desproporcionadamente grande , balbuciente , roendo a cada passo as unhas , &c. , ou hum individuo feço , nariz afilado , com oculos , voz de Tiple , &c. sempre nos deixais a prezumção , de que elle hé mais gentil-homem do que vos sois. Eu assim o creio , e o reconheço com todos os que vos conhecemos a elle , e a vós.

Na

(u) Pozuel. *Empr. Pol. y Milit.* pag. 568.

Na pag. 31. falais de certos erros, que o Gazeteiro commetteu, e que dizeis emendou na errata da Gazeta de Dezembro. Todos sabem, que o Gazeteiro fez duas erratas da tal Gazeta, humna quando deu os cadernos della sem a Carta contra Alexandre da Cunha, e outra passado muito tempo depois de se publicarem as Cartas dos dous irmaõs. Sabemos, que o Professor do Grego advertio o erro, que na Gazeta se tinha commetido. Fugit deſtramente com o corpo às correçõens hé jús privativo dos vossos amigos. Tem bastante latinice; mais a verdade, Leandro, sempre prevalece. Tomara saber a razão, por que na primeira errata se não emendava o famoso Jurisconsulto de pag. 299. em *sabio Jurisconsulto*: o = três — da primeira, em *três da terceira* da pag. 300.: humna regra inteira na mesma pag. 300., linha 13., &c. sobre a Historia dos nobres Condes. Todos sabemos, que se emendáraõ estas erratas depois que appareceraõ as Cartas dos dois irmaõs. E que haja ainda assim homêns taõ estupidos, que considerem alguma sciencia em semelhantes Autores?

Na pag. 32. dizeis, que o Medico interno tem a seu favor o ser a palavra = *Medicus* = nomeada no texto: *Honora Medicum*, o qual se segue depois dos conselhos, que nos dá o Autor do Ecclesiastico, de que evitemos a gula, e intemperança, de que nascem varias doenzas. Atais aqui cavilozamente o cap. 37. do Ecclesiastico com o 38.; porem com grande infelicidade: pois que nos importa, que no texto: *Honora Medicum*, se use da palavra *Medicus*, se o Gazeteiro disse, dizem todos os Autores, que tem o juizo em seu lugar, e deixa eu provado nesta Carta, que esta palavra competia na quelle tempo tanto ao Cirurgiaõ, como ao que hoje chamamos Medico, ou mais aquelle, do que a este: visto, que para elle se inventou, como diz o Gazeteiro? Alem disto em todos, ou quasi todos os lugares da Sagrada Escritura, onde se acha a voz *Medicus*, se entende o Cirurgiaõ, e não o Medico interno. No Gene-
lis

lis (x) uza a Vulgata da voz *Medicus*, e significa o Cirurgião, pois diz, que os Medicos de Joseph embalsamaraó o cadaver de seu Pay Jacob, e a embalsamação sempre pertenceu á Cirurgia, e nunca á Medicina. No Exodo (y) uza a mesma Vulgata da voz *Medicus*, quando significa aquelle Professor, que cura feridas, e pancadas, o que sempre foi da repartição da nossa Arte, e nunca da Medicina interna. No Paralipomenon (z) uza a mesma Vulgata da voz *Medicus*, para significar os que trataraó a doença de Atá, Rei de Judá; e bem sabemos, que esta doença era huma dor vehementissima dos pés, que ainda sendo Gotta, como se presume, he do foro Chirurgico não uzo dos topicos, ou remedios locais para mitigar as dores: que para a curar internamente se não sabe até agora, que haja remedio. Nas Profecias de Isaías (a) uza a mesma Vulgata da voz *Medicus* quando fala daquelle, que cura feridas com Resina, e nunca á Medicina interna pertenceu esta cura. Ora, dándose em toda a Escriptura Sagrada o nome de Medico ao Cirurgião só no cap. 38. do Ecclesiastico ha de significar esta voz o Medico interno, porque vós assim o quereis e Pobres Escriptores, que para fazer valer as vossas opiniões entre os pouco instruidos, valeisvos dos toantes das

(x) *Præcipitque Medicis servis suis, ut aromatibus condirent patrem.* Genes. cap. 5. num. 2.

(y) *Si rixati fuerint viri, & percusserit alter proximum suum lapide, vel pugno... innocens erit, qui percusserit, ita timent ut operas ejus, & impensas in Medicos restituat.* Exod. cap. 21. num. 18. & 19.

(z) *Aegrotavit Asa... dolore pedum vehementissimo, & nec in infirmitate sua quæsiuit Dominum, sed magis in Medico. um arte confisus est.* Paralipom. cap. 13. lib. 2. num. 12.

(a) *Numquid resina non est in Galard, aut Medicus non est ibi? Quare igitur non est abducta cicatrix?*

das vozes , é não da significação , e pezo dellas ! E com qué galantaria quereis vós , amigo Leandro , que o Autor do Ecclesiastico fale da Medicina , porque persuade a temperança , e condena a gula ? Visto isto , quando em alguma Obra se pertuadir , que o comer muito faz mal , e que muitos morrerão de bebados , hê signal , que na tal Obra se fala da Medicina interna ? Pobres Escriitores , torno eu a dizer , que vos valeis de puerilidades para defender as vossas fracas , e extravagantes opinioens !

O que porem faz , que eu vos julgue hum homem muito importante , hê a noticia , que dais de Erasistrato na pag. 32. , e 33. Dizeis , que Calmet escreve , que o Ecclesiastico fala da Medicina , que prezenciara no Egipto , como v. gr. a de Erasistrato , que obteve cem talentos por premio da cura , que fêz a Antioco. Dais depois conta desta cura , que consiste em conhecer Erasistrato pela pulso , e outros signais , que Antioco estava namorado de Elstratonica , sua madrastra. Este lugar deve ser respondido por partes. Primeiramente ignoro a razaó , porque marcando com hum a Cruz a cita de Calmet , não expreñais a obra , e o lugar deste insigne Escriitor , onde se encontrao as palavras , que citais. Eu queria examinalas com vagar , como já fiz á *Differença da Medicina dos Hebréos* , porque tal vez Calmet não diga o que vós sobre a sua palavra affirmais , e isto nó seria a primeira vez , que assim succedesse , porque na materia de citar Autores sois muito pouco legal. Quanto a dizerdes com o mesmo Calmet , que o Ecclesiastico fala daquela Medicina , que se praticava no Palacio , ou Corte dos Reis do Egipto , e que era a interna , como mostrais com o famoso caso de Erasistrato , isto , amigo Leandro Monis , tem muito que dizer. Em primeiro lugar admireme muito de que hum Critico , que se inculca circumspecto a toda a nossa Nação , e temas mayores difficuldades em dar assenso ás opinioens bem estabelecidas , conte , como certa , esta Historica , attribuida a Erasistrato , e não a examinasse com

com seriedade antes de a escrever : Potem què digo ? Quem se persuadio , que a medulla dos Latinos tem a especial virtude de fazer os homens valentes , não hé muito , que pelo pulso conheça os affectos d' alma , que eu até agora julgava somente reservados a Deos. Quanto mais , que se vos toubesseis alguma couza de Historiã não darieis fé a esse inventado conto de Erasistrato. Digo inventado , porque essa Historiã se attribue a diversos sujeitos , como succedida em diferentes tempos , que era o que bastava para se julgar fabulosa. Vós dizeis , que Erasistrato conheceu pela sua Medicina , que Antioco estava namorado de Estratonica , e isto mesmo se conta , que succedeu a Hypocrates , que floreceu mais de sesenta , ou setenta annos antes , que Erasistrato. Affirma Sorano , Autor da Vida do mesmo Hypocrates , que este Medico fora chamado certo dia em companhia de outro Medico chamado Euryphon á presença de Perdicas , filho de Alexandre , Rei de Macedonia , que se achava com huma febre lenta em termos de acabar a vida , e que conhecera logo Hypocrates , que o Principe estava mais doente do espirito , que do corpo : porque observando com attenção as suas açcoens , e vendo , que mudava de cor , vendo a Phila Concubina , que tinha sido de seu Pay , julgou logo , que Perdicas estava namorado della , e conseguiu a sua melhora , relatando a Phila o amor do Principe , que em bom Portuguêz hé dizer , que foi seu terceiro. De si mesmo conta Galleno outro caso semelhante. Assistia a huma Senhora Romana , que estava en erma , e conheceo pelos seus movimentos , que ella amava extremozamente a hum Comediante , chamado Pylade. Se todos os que tem fineza de espirito , para conhecer as correspondencias amorozas , e os affectos , que se dedicão a este , ou áquelle objecto , passassem por Medicos ; eu crevo , que haveria muitos sem estudarem Medicina , porque há tais pessoas , e principalmente mulheres , que conhecem da materia melhor , que os mais famgerados Esculapios , e Erasistra-

ros. Alem disso, amigo Leandro, este facto, que dizem succeder a Erasistrato com Antioco, não increceu-
do o credito a os Sábios Eferitores da Medicina Le Clerc, e Schultze. (b) Elles ainda, que ovinao atesta-
do por muitos Autores, não quizerão ficar por fiado-
res delle. Le Clerc se explica do seguinte modo: (c)
Este facto (ou cura de Antioco pelo sobredito modo) *hé referida por tantos Autores bons, que pareſſe se não pode duvidar delle. Com tudo, se hé verdade, como dis Sexto, que Erasistrato foi educado pelo terceiro marido de Pithias, filha de Aristoteles; que certeza pode haver de que podesse o tal Erasistrato fertoã famoso na sua Arte em vida de Seleuco, que sobreviveo a Aristoteles somente quarenta annos? Sabese, que Pythias ainda não tinha idade para se casar quando morreu su Pay. Era necessario, que passassem alguns annos antes, que Nicanor, seu primeira marido, a recebesse por mulher; e supondo, que este Nicanor morresse logo depois de cazado com ella, como consta, que Procles, segundo marido de Pythias, teve della dous filhos, e seguesse necessariamente, que viriaõ juntos alguns annos, e haveria muitos de per mēya entre a morte de Aristoteles, e o tempo do terceiro matrimonio, que celebrou a sua filha com Metrodoro. Ora, se este se encarnegou da educaçã de Erasistrato, não hé evidente, que o mesmo Erasistrato ersentaõ muito rapaz, e por consequencia, que não tinha idade para exercitar com reputaçã a Medicina em tempo de Seleuco Nicator? Eu não sei a soluçã, que vos dareis a isto; sei só, que sois maliciozo, porque citando a Plinio na pag. 33. como hum dos fiadores deste successo, dizeis pela sua autoridade, que Theombroto, ou Cleombroto (quero que este fosse o mesmo Erasistrato, como vos di-*

(b) *Non immorabimur dubiis, qua hinc narrationem premunt extricandis, &c. Hist. Med. Per. 11. cap. 3. num. 38.*

(c) *Le Clerc, lib. 1. cap. 2. pag. 294.*

dizeis , e nunca provareis com segurança) pela cura de Antioco recebera cem talentos do Rei Ptholomeo ; mais calais , que Plinio escreve , que este Ptholomeo era filho de Antioco. (d) Sabeis por quê ? Eu o digo : Foi para se não conhecer logo , que a vossa historia era huma fabula , porque não consta , que houvesse Rei Antioco , que tivesse hum filho chamado Ptholomeo. Revolvei os vossos Vocabularios , e assignai o Antioco de que fala Plinio , que eu vos direi entáo o que vai na materia.

Ora , a mim lí me causou novidade , que para provardes , que o Autor do Ecclesiastico no cap. 38. fala da Medicina , que no seu tempo se praticava no Egypto , vos valesteis da noticia de Erasistrato. Vós não sabeis , que este Professor da Arte de Curar , seguiu na Medicina hum systhéma opposto a todos os outros , cuja noticia condúz muito pouco para o que vós quereis , e pertendeis provar ? Elle condenou , como prejudiciais , a sangria , a purga , e todas as composicoens , que hoje recebem os Medicos , e na opiniao dos bons Autores , elle era huma especie de Mezinheiro , ou Cirurgiao Romancista , como saó aquelles , que hoje vivem nas Aldéas. Condenou , digo , a sangria , até no esputo sanguineo , e em seu lugar recomenda as ligaduras. Substituia os purgantes com clisteres , e fazia consistir a sua Medicina toda no uzo do Hydroleo , ou Agua misturada com Azeite para fomentacoens , unturas , e para os mesmos clisteres. O seu principal disvello foi a Anathouia , a que se dedicou com algum excessó. Galleno , que foi seu inimigo , não pode deixar de confessar , que Erasistrato contribuiu muito ao restabecimento da tal Arte , que até o seu tempo estava como perdida. O certo hé , que a elle Erasistrato,

(d) *Hic (Erasistratus) Antiocho Rege sanato C. talentis donatus est a Rege Ptholomeo filio ejus. Hist. Nat. lib. 29. cap. 1. pag. 529.*

e a Herophilo devemos o uzo das Dissecçoens nos cadaveres humanos. Até o seu tempo só se anathomizavao os animais, e, segundo afirmao varios Autores, a elles ambos se attribuem varios descobrimentos Anatomicos. Isto bastaria para reputarmos Erasistrato por hum Medico manual, ou Cirurgiao, se não houvesse outra prova mais deciziva a este respeito. Celi Aureliano, que foi contemporaneo de Galieno, tratando dos tumores, ou Scirro do figado, diz, que Erasistrato para os curar (e) cortava o couro, e todos os regumentos, que estavao sobre o mesmo figado; e que patenteando a parte ofendida, applicava sobre ella os remedios, que lhe pareciao apropriados. Isto mostra, que este homem não foi hum Medico, como os do nosso tempo, e que a sua Medicina era muito exterior.

Nem elle hé necessario mais, que reflectir sobre a Arte de Curar, que na quellas tempos se uzava no Egypto para se conhecer, que as operaçoens, e os remedios externos, que pertencem á Cirurgia, erao a sua parte principal. Como vós dizeis, que o Autor do Ecclesiastico fala da Medicina Egypcia, hé preciso, que eu averigüe, qual ella foi antes delle. Advirtovos, que não falei da Arte de Curar dos Egypcios depois de Christo, sobre que Prospero Alpino, Medico Italiano, escreveu com diffuzão hum Livro: Tratarrei sim da quella, que temos noticia se inventou no Egypto; da que se praticava antiquissimamente nelle; e da que com toda a probabilidade se uzava em tempo do Autor do Ecclesiastico. O Orador já nas pag. 11. e 12. da sua Oraçao deu huma idea do quella era. Se imaginasse, que havia Leandros Monizes na terra, em lugar da quella Oraçao, escreveria hum Livro, e discorreria no modo de dilatar a Conferencia publica da Academia, por tempo de alguns mezes, para o ler todo.

Naó

(e) Cel. Aurelian. lib. 3. cap. 4.

Não sei porém, como alcançaria da Auditorio a paciência de escutalo, e tento, que não aturassem as pelloas circunspèctas, e illustres, que honraraõ aquelle acto, que este fosse raõ comprida, como huma noute da Islandia. Meu amigo, em huma Oraçãõ não se pode escrever a Historia com difuzão. Quem criticar semelhantes Escritos bem mostra a sua inuutilidade. Mas vamos á Arte de Curar do Egypto.

Ella nem mais, nem menos era, como diz Calmet, que era a dos Hebrèos. Assim como entre estes haviaõ Medicos, ou Cirurgioens destinados para a cura das feridas, fracturas, e outras doenças exteriores, e para o remedio das internas recorriaõ a Deos, e a os Profetas, assim os Egypcios tinhaõ Medicos para as queixas exteriores, e para as outras recorriaõ a os seus Sacerdotes, e a os Idolos. Herodoto, que escreveu pelos annos do mundo 3559., segundo a Chronologia do Calmet, (muito tempo antes do Autor do Ecclesiastico) diz, que no Egypto havia Medicos para curar os olhos, Medicos para curar os dentes, Medicos para curar a cabeça, e para o ventre, e que havia outros para as doenças occultas, ou internas, que eraõ diversos de todos os outros. (f) De sorte, que no sentir de Herodoto, os que curavaõ os olhos, os dentes, a cabeça, o ventre, &c., curavaõ fõ as queixas exteriores das ditas partes; porque para as queixas internas, ou occultas havia outra qualidade de Professores diversos de todos os outros. Vamos agora ver, quem elles eraõ.

Todos os que tem alguma noticia da Historia do Egypto sabem, que diz Diodoro Siculo, que naquelle Paiz havia huma qualidade de Sacerdotes chamados *Paf-*
to-

(f) *Omnia autem Medicorum plena sunt. Alii oculis medicinam faciunt, alii capiti, denibus alii, rursus alii ventri medentur, à quibus àiversi sunt, qui morbis oculis medentur.*

tophoros, que assistiaó nos Templos, e guardavaó nos Santuarios delles certos Livros attribuidos a Mercurio, e pertencentes á Arte de Curar: Que nestes Livros (fizeraó crer ao Povo) se continhaó os Preceitos, que o tal Mercurio, venerado Inventor da Medicina no Egypto, deixou escritos: Que os Sacerdotes eraó obrigados a curar por elles, e se assim o executavaó, ainda que morressem os doentes, naó tinhaó pena alguma; mais se praticavaó o contrario, eraó capitualmente punidos. (g)

Digo, que os tais Livros foraó attribuidos a Mercurio, Thot, ou Hermes, porque citou persuadido, que nenhum homem de juizo duvidá, que elles sejaó suppostos, e fabricados pela ambicioza malicia dos Sacerdotes em tempos muito mais modernos. Hermanno Coringio, hum dos melhores Escriitores de antiguidades, que houve no seculo passado, em hum Livro, que escreveo sobre a *antiga Medicina de Hermes, e dos Egyptios*, mostra solidamente esta verdade, escrevendo varios Capítulos, para estabecela. No cap. 4. prova, que *todos os Livros de Hermes tem pouca, ou nenhuma fé*, e que pouco, ou nada se pôde saber do que elles continhaó. No cap. 5. trata dos Livros, que hoje correm debaixo do nome de Mercurio Trimegisto, e mostra, que *estes Livros naó saó muito antigos, e que naó tem fé*. No cap. 6. afirma, que *se perdêraó os ditos Livros, e que eraó suppostos, e falsos*. (h) Finalmente, no cap. 7. assenta, e mostra, que *tudo o que se tem dito de Hermes, ou Mercurio hé fingimento*. (i) Espero, que naó

112-

(g) *Si leges, quas Sacri Codicis lectio tradit, secuti, agroti sanitatem reddere nequeant, culpa vacant, & indennes abeunt, si contra prescriptum agant, capitibus judicium subeunt.* Diodor. Sicul. lib 1.

(h) *Hermetica de perditis scripta, quorum veteres meminerunt, illidem omnia fuisse supposititia.*

(i) *Imò videri Hermetem ipsum fabulose tantum esse fictum.*

negueis, que Conringio tinha melhor voto na materia do que vós, porque para isso quero, que vejais nos vossos Dicionarios, quem elle foi, e que pezo devem ter as suas asserçoens.

Ora, sendo certo, que os tais Livros, attribuidos a Mercurio, eraó fabulozos, devo dizervos tambem, que são notorias a os doutos as invençoens, e as falsidades, que fabricáraó os Sacerdotes Egyptios, ou o mesmo Demonio para enganar o Povo em tudo, o que pertencia á Arte de Curar. (j) Basta saberse, que a sua Medicina se fundava principalmente no Livro das 36. ervas dos Horoscopos, meras bagatellas, que na opiniaó de Galleno só serviaó de gastar inutilmente o tempo a os que oliaó. Hé de notar, que os Egyptios, como escreve Origenes (contra Celso lib. 8.) afirmavaó, que havia 36. Demonios, ou 36. Deozes do Ar, que tinhaó dividido entre si o corpo humano em outras tantas partes, dandose a cada huma dellas o nome do tal Demonio: e quando alguma das tais partes estava enferma, invocavaó o nome particular delle na Lingoa do Paiz, e criaó, que, fazendo-o assim, logo ficavaó saóns; mas era necessário, que os seus Sacerdotes, ou Magos, por meio de certos Versos, Enfalimos, ervas, ou pedras, applicassem os tais Demonios, ou Deozes do Ar, ensinuando os seus nomes, porque só elles os sabiaó, e se valessem das couzas assiina ditas, como precisas para o bom successo da cura. (k) Ora, sendo esta a Medicina do

(j) *Certè nihil olim fuisse vanius narrationibus Egyptiacis, & Sacerdotes eorum portentosis mendaciis omnem fidem de-coxisse, aliàs demonstr. & inus.* De Herm. Med. cap. 10. pag. 36.

(k) *Discimus ab Aegyptiis corpus humanum esse divisum in triginta sex partes, idque ex illorum sententia totidem daemones sive Deos Aethereos curandum suscepisse, singulis partibus, singulis Diis commissis, eoque sanitatis ergo quemlibet illorum in sua partis curationem*
inco-

do antigo Egypto , douvos o parabem da sua excellencia , e que sejaís taó bom homem , que imagineis, que a ella manda honrar a Sagrada Escriptura , ou o Sagrado Autor do Ecclesiastico.

Amigo Leandro Monis , torno a dizervos , que a Medicina dos Egypcios era semelhante á dos Hebréos. Para os males , que viaó , tinhaó Medicos , que eraó como hoje saó os Cirurgioens , e para os internos, assim como o Povo Hebréo recorria ao verdadeiro Deos , e a os seus Profetas para a cura delles, assim os Egypcios recorriaó a os seus Idolos , a os seus Magos. Isto hé o que disse o Orador com autoridade de Calmet na Carta , que escreveo ao Gazeteiro , e isto hé o que julgaó os homêns de juizo , vendo , que os Idolatras deduziaó magica , e diabolicamente das ceremonias do Povo Hebréo muitos dos seus falsos Ritos. (1) Por exemplo , ouviaó , que os Hebréos se circumcidavaó , e que se abstinhaó da carne de porco , e isto mesmo lhes suggeria o Demonio a elles , ou a seus falsos Sacerdotes , que fizessm , e assim o praticavaó , ou todos em ge al , como se collae de Herodoto , lib. 2. , ou particularmente os ditos Sacerdotes , como ecreve Flavio Josepho , lib. 2. contr. Appion. Nos Templos de Isis adoravaó os Egypcios huma Vara , aludindo á de Moisés , e a Mercurio , ou Hermes pintaó com outra Vara , ou Caducéo , que tem duas Serpentes entoscadas , aludindo á mesma Vara de Moisés , que se transformou em Serpente , e da Serpente se tornou outra vez

invocandum esse , id verò vite fieri si singulorum tenas nomina propria , quod scilicet datum erat nosse solis Egyptiorum Sacerdotibus , & Magis. Ad eostem placidos secreta quedam crimina , & herbas , & lapides , lapidumque signacula esse ab Aegyptiis adbibita , &c. Conc. pag. 69.

(1) Sane etiam Hebraorum sacris notuillis ceremoniis in usum Magicum videntur usi Aegyptii. Conc. 141.

vez em Vara ; como lemos no Exodo:

Sem sahirmos da Serpente , que os antigos juntavao a Esculapio , e os Egyptios a Oiris , e Isis , Deozes da Medicina , temos huma prova certa , de que os Gentios adaptavao a os seus Ritos Idolatreos as ceremonias do Povo de Deos. Naõ há Medalha de Esculapio , onde se naõ encontre a Serpente. O douto Vaillant nos dá a Estampa de muitas dellas. Em huma mostra a cabeça de Esculapio , laureada de huma parte , e outra com a Serpente , enroscada no baculo , com esta Inscripção : *Esculapius* , & *Hygia*. Em outra fundida em honra de Septimio Getra , filho do Imperador Severo , se mostra a Esculapio , e a Hygia coroados , e a Thelesphoro no incio dellas , todos trez em pé. Esculapio com o baculo pequeno , e nelle enroscada a Serpente , e Hygia com huma vazo na maõ esquerda , e com huma Serpente na direita , que tem a boca , ou cabeça dentro do mesmo vazo. Em outra do Imperador Philippe , chamado o Senior , por imperar com hum filho do mesmo nome , se vê a Esculapio assentado , e a Hygia em pé com a Serpente , &c.

Oiris , e Isis , Deozes dos Egyptios , e tutelares da Arte de Curar , tambem se pintaõ com Serpentes ; (*m*) e se o duvidais , lede aquella Obra , que vós dizeis , que se encontra nas Livrarias dos Barbeiros da Aldeias quero dizer , o Dictionario de Moreri , e nelle vereis , que assim o escreve (*n*) dizendo , que os Egyptios sempre conservavao as Serpentes nos seus Templos , principalmente nos de Serapis , Isis , e Esculapio , Deozes da Medicina. O mesmo que Moreri (Autor , que naõ terá fe para Comvosco , por ser Livro dos Barbeiros , como vós dizeis , ainda que tal vez ca-

Y

re-

(*m*) *Isis etoit representée avec une Serpent autour de sa tete plie en forme de Diademe. Le Clerc. Histor. Med. pag. 18. cap. 6. lib. 1.*

(*n*) *Diction. de Mor. tom. 8. verb. Serpent.*

reçais delle) se colhe do Reverendissimo Calmet , (o) e outros varios .

Vamos agora ouvir a razaó , que tiveraó os Gentios para a adoraçáo , ou idolatria da Serpente , e o porquê a ingeriaó nos Templos , e nos Altares de Esculapio , de Isis , Serapis , &c. Nas Obras de Mr. de Boze , Secretario da Real Academia das Inscriptoens , e Bellas Lettras de Paris , e nas de MM. Patin , Trifan , e outros a encontramos , dizendo , que dos Livros Sagrados consta , que Deos castigou huma grande parte do Povo de Israél (por murmurar de Moisés) com Serpentes de fogo , as quais abrazavaó , e consumiaó irremediavelmente a huma grande parte dos Israelitas ; porém , que apacando Moisés a ira do Senhor com humildes Oraçoens , e Sacrificios , lhe mandou Deos , que fizesse elevar no meio do campo huma Serpente de metal , com cuja vista seriaó todos remediados , (p) e curados das mordeduras das outras Serpentes. Os Gentios , e principalmente os Egypcios , na Historia deste acontecimento , fundaraó a idolatria da Serpente , e a collocáraó com Esculapio , Serapis , e Isis , porque julgavaó , que o tal animal era poderoso para curalos das suas enfermidades. Em huma palavra , estai certo , amigo Leandro , que a Medicina do Egipto era semelhante á dos Hebréos , e que para a cura dos morbos internos recorriaó os Egypcios a os seus Idolos , e a os seus Magos. Naó tenho duvida , que tambem estes curassem algumas doenças exteriores ; porém o certo hé , que para ellas haviaó Medicos particulares , e que havendo em toda a Historia Sagrada , e na Profana noticias innegaveis , certas , e infa-

(o) *Aegyptiorum numina interdum anguino corpore exprimebantur* , &c. Suplem. ad Dic. tom. 2. pag. 170. col. 2.

(p) *Fac Serpentem aneum , & pone eum pro signo , qui percussus adspexerit eum , vivet.*

infalveis das Guerras, que houve entre os Hebrèos, Egypcios, Medos, Assios, &c., nenhum homem prudente deixará de conhecer, que haviaó na quelles Paizes homens destinados para a cura das feridas, das fracturas, &c.

Quanto mais, que se olharmos para os Historiadores, e Antiquarios achamos muitas razõens, que persuadem, que a Medicina do Egypto era huma mæta Cirurgia. As operaçoens, as Anathomias, os remedios externos faziaó a sua principal baze. Aulo Gellio (lib. 10. cap. 20.) diz, que havia antigamentè por costume no Egypto abrir os corpos mortos. Plinio (lib. 19. cap. 5.) escreve, que os Reis do Egypto eraó ds que abriaó os cadaveres para observar a cauza das enfermidades. Eusebio Cesariente afirma, que o Rei Athotis compôs certos Livros Anatomicos, &c. Toda a antiguidade attesta os primores, com que no Egypto se embalsamavaó os mesmos cadaveres, huma das principais obras da perfeita Cirurgia. Finalmente, lendo com atençaó os mesmos Escriitores da Medicina antiga, encontramos, que se citavaó em uzo alguns remedios para as queixas internas, sempre estes remedios eraó exteriores. Accio Amideno fáz mençaó de dois remedios extrahidos dos Livros de Nechepso, antiquissimo Rei do Egypto; e estes remedios, que consistiaó nos Trociscos da flor de Macella, e na Pedra Judaica, (esta para o cálculo, ou pedra na bexiga, e aquelles para as febres) só tmhaz uzo exterior, de que conclue o Medico Schaltze, que os Egypcios faziaó o seu principal forte nos remedios exteriormente applicados. (q) Ora, sendo a Medicina do Egypto huma Medicina exterior, e dizendo vos na pag. 32., que o Ecclesiastico fala da Medicina do Egypto, assento eu, até se-

(q) *Ex quo illud simul intelligitur, quod externorum usui multum tribuerint.* Lib. 1. cap. 3. Compend. pag. 14.

gundo as vossas razões , que elle falla da parte Chirúrgica nas suas Obras, Se estas razões não bastarem para vos convencer , eu direi tambem , que o Orador não falou da Medicina do Egypto , pois vejo , que na sua Oraçãõ nomeia principalmente a dos Hebrèos , e esta , como atráz deixo ensinuado , consistia na Cirurgia.

Na pag. 33. . depois de escreverdes com toda a confiança , que o Cirurgiãõ não tem a seu favor na Sagrada Escriitura , mais que aquilo , que já o Gazeteiro escreveu na sua Gazeta , acrescentais , que vos não entendeis na materia , porque se apertardes muito o negocio , recêais ficar a Cirurgia excluída de todas as honras , que no texto se mandaõ (manda dizeis vos) tributar ao Medico. Forte espantadiço sois , e medroso de papoêns. Homem , vos não sabeis , que em toda a Escriitura Sagrada não há hum lugar , que deixe de convir ao Cirurgiãõ , e que pelo contrario o Medico , assim como hoje o conhecemos , tem ali poucos lugares , que o favoreçaõ ? Pois logo , para que vos enxis de medo , e de covardia ? Digovos na verdade , que sois muito fraco para Cirurgiãõ : aprendei outro Officio , e seja , o de satyrico mór , ou o de *Petrus in cunctis* , como fizeraõ muitos dos vossos amigos , que não podendo sair sufficientes em certa Profissãõ , a que se applicaraõ , querem apropriarse o imperio de todas as Artes , e Sciencias , de que sabem bem pouco , por mais que a sua vaidade lhes persuade o contrario.

Ora , dizime , Leandro , sem nós fazermos agora cazo do que disse o Autor do Ecclesiastico , não temos em toda a Sagrada Escriitura , quero dizer , no Genesis , no Exodo , em Isaias . e no Paralipomenon , como já vos ensinei , varios lugares a favor da Cirurgia , ou do Medico manual ? E fazendo-se deste mençãõ em todos aquelles Livros , e tambem no Ecclesiastico , segundo vos confessais , (e vos não atrevereis a pegar , pena de serdes julgado loco , e furioso) ainda temeis , que , se bulirdes muito , fiqueis sem na la ?

Ora ,

Ora, eu imagino, que vós quereis, ou negar o que diz a Escriitura, ou desterrar do mundo todos os exemplares della. Hé só o como vós poderá succeder o Catastrophe, que receais.

Na pag. 35. dizeis, que o irmão do Orador não percebeu a este, ainda que na quella parte (são palavras vossas) fala bem claro contra o seu costume ordinario. Ora, eu não sei a quem hei de dar credito, se a vós, se ao Gazeteiro. Se o dou ao Gazeteiro, vejo, que o Orador na quelle lugar, que se lhe criticou se explicou com tal brevidade, que cauza confuzão á primeira vista. Assim se diz na Gazeta: *Este lugar, por ser dito com summa brevidade, poderá á primeira vista causar alguma confuzão, &c.* Se o dou ao que vós dizeis, acho, que decidis na pag. 35., que o Orador fala claro no dito lugar criticado: e para menão malquistar com dous Individuos tão famosos, como vós, eo Gazeteiro, rezolvome a não dar credito a nenhum, e hei aquelles dous lugares vossos por não ditos.

Na dita pag. 35., e 36. fazeis a singular honra ao Orador de o reparar falsatio. Dizeis, que citou de falso a Calmet, a Schultze, e a Gaspar dos Reis Franco: E eu, que a injurias vos não reipondo, só examinarei se falais verdade. No que toca a Calmet, já vos deixo atroz enfiado, que rudo quanto o Orador disse (e ainda mais que dissera) hé conforing ao que escreveu nas suas Obras este doutissimo Escriitor, e Critico famoso, e que o citou justa, e verdadeiramente. Vejamos agora, se o mesmo Orador citou de falso a Schultze, como vós dizeis. Primeiramente afirmais, que o Orador, e seu irmão erráráo o nome deste Autor, chamando-lhe Schultze, em lugar de Schulze, e esta critica hé filha do vosso genio, e da vossa pouca erudição, porque não sabeis, que muita gente, incomparavelmente mais sábia do que vós, diz Schultze, e não Schulze. Vede os Catalogos, o Mangetto, o Haller, e vereis este appellido. Alem disso se tivesséis lido as Obras do Orador, que andáo em boni Português,

já terieis lido , que citando a Schulze nas suas Reflexões Criticas, impressas no anno de 1752. , lhe dá o appellido de Schulze, ou Schulzio sem escrever t, o que bastava para se saber, que pondose or tal t depois nas Cartas, haveria razão para isso, e autoridade. E destes erros, quando o fossem, não faz cazo nenhum Escriitor bem intencionado, e só o fazeis vós, que na falta de boas razoes, vos valeis de casquinhas. Com tudo, se quereis que façamos cazo de semelhantes bagatellas, olhai, que lá vai o credito dos vossos amigos Gazeteiros, porque na sua Gazeta trocáo os nomes com muita frequencia, e erro a varios sujeitos, e a varias couzas.

Vejamus porem, se o Orador citou de falso a Schulze, como vós dizeis. Eis aqui as vossas palavras : *Mas examinemos o que verdadeiramente dizem João Henrique Schulze, e Gaspar dos Reis Franco. O primeiro . . . tem nenhuma parte da sua Historia da Medicina diz absolutamente o que o Orador lhe faz dizer ; isto hé, que toda a Arte de Curar do tempo da Guerra de Troia se incluia nos limites da Cirurgia, &c.* Valhate Deos por Censor ! Quem vos manda, Leandro, falar de couzas que não sabeis, e negar as autoridades dos Escriitores, que nunca vistes, nem lestes ? Para que pediz Livros velhos, e rasados a ós Medicos Galienistas engerçados em modernos ? Meu amigo, a Historia da Medicina não hé para todos. Há muitos, que passáo praça de grandes Medicos, e ignoraó as revolugoéns da sua Arte; e pedir socorro a estes para averiguar os pontos da Historia Medica, hé pedir a hum Japonéz do Certab, que explique a Cartilha do Mestre Ignacio, ou alguns Mysterios da nossa Fé. Para vós escreverdes contra hum homem, que compõem actualmente os Annaes da sua Faculdade, e que della tem mais noticias do que vós, como 100. para 1. , era precizo examinar muito as materias, e averiguar o que ultimamente disseráo sobre ellas os Aurores.

Ora, dizeime : Não era isto melhor ? Era, era : E
fe

se vós assim o fizesseis , não negaríeis a verdade , e não vos envergonharíeis agora , que vou mostrarvos , que o falsario sois vós , e não o Orador. Hé o caso , que Joáo Henrique Schultze escreveu huma Historia da Medicina desde o principio do Mundo , até o anno 535. da fundação de Roma. Esta Historia foi impressa em Leytck por Pedro Contado Monath em 1728. em 4. e foi extractada no Diario dos Eruditos da mesma Cidade de Leytck ann. 1729. , pag. 258. Della , è do seu Autor diz o Medico Haller , Escritor bastantemente do vosso peito , couzas bem notáveis , asseverando , que Schultze era eruditissimo , versado nas Historias Latinas , Gregas , Arabigas , e das Medalhas , que emmendára alguns erros de Mr. Le Clerc , e dera melhor forma ás noticias , que este divulgou na sua Historia , illustrando-o sobre a Medicina dos Egypcios , Chinos , Malabares , &c. (r) De forte , que podemos asseverar , que Schultze era Mestre no seu Officio , e que sabia a Historia da sua Profissão melhor do que aquelles , que della escreveram mais doutamente , como por exemplo o Le Clerc , que até agora passava por Optimo nesta materia , visto constar , que o emmendou , e illustrou. Isto supposto , deveis saber tambem , que passados muitos annos , depois que Schultze publicou aquella sua Historia , e depois que na Cadeira das Humanidades , que occupou muito tempo , averiguou melhor os Autores , e as noticias , que nelles encontrava , trabalhou ultimamente hum Compendio da sua mesma Historia , estendendo mais o assumpto della , até á morte do Imperador Adriano.

(r) *Vir eruditissimus, Latine, Græcè, Arabice, num morum peritus, àprimè gnarus veterum, meliori fortuna dignissimus, non infelicitèr eam ipsam Historiam partem retractavit, in qua Clericus laboraverat, brevior, & meliori ordine usus, addit etiam de Chinesium, Malabarum, Egyptiorum Medicina, que omnia levitèr adtigerat Clericus. Hall. tom. 2. pag. 995.*

no. Este Compendio foi impresso em Hall de Magdeburgo por Carlos Herm. Hemmerde no anno de 1742. nao menos, que 14. annos depois de sahir a referida Historia. No Preface do dito Compendio diz Schultze ao Leitor, que nelle acrescencara varias couzas, que omitio na Historia; que corrigira varios erros, e até separara aquilo, que o estudo lhe féz conhecer por pouco verdadeiro; (f) de sorte, que o que Schultze estabelece no Compendio, hé o mais verdadeiro, o mais correto, e o que ultimamente julgou a sua grande erudição, e juizo critico, que era indubitavel. E diz elle nesse tal Compendio, o que diz o Orador? Sim, Senhor: pois no Livro primeiro, cap. 7. n. 59. afirma, que em toda a Historia da Guerra de Troia se não encontra hum só Medico, que curasse as doencas internas, nem a peste com remedios, e que toda a industria, e arte de curar da quelles tempos (reparai bem) se incluia nos limites da Cirurgia. (t) Que dizeis a isto, Leandro, citou o Orador de falso a Schultze, quando fundado nelle diuê na Oraçáo, que toda a arte de curar no tempo da Guerra de Troia se incluia nos limites da Cirurgia? Ou sois vós o que estais de falso a Schultze, dizendo, que elle não escreveu, o que o Orador affirmou sobre a sua palavra? Se na Oraçáo se não citou o lugar de Schultze, por ser obra impropria para citas; quem vos mandou a vós julgar, que o Orador citava a Historia de Schultze, quando hé certo, que elle citou o Compendio? Envergonhado sejais vós para sempre, já que vos meteis a falar do que não sabeis: e quizestes dar hum quinão para levardes dois contra.

Na

(f) *Multis locis multa addidi, correxi, fusulique non pauca, de quibus me subsequens dies aliter edo uit.*

(t) *Nunquam in omni Historia Troiani belli in venimus aliquem Medicum, qui curationem alicujus morbi interni, aut pestilentia, per medicinas molitus sit: omnis eorum ars, & industria intra Chirurgiam consistebat.*

Na pag. 37. asseverais, que o Orador tambem citou de falso a Gaspàr dos Reis Franco, ainda que na verdade no fim da pagina vos retratais, confessando, que Franco (*Quaest. VII.*) estabelece o que o Orador disse; isto hé, que no tempo de Esculapio não havia outra Medicina, mais que a Cirurgia, e que não conhecerao outra seus filhos Podalirio, e Machaon, que acompanháráo Agamenon na Guerra de Troia. Victór, amigo Leandro Moniz da Torre: Victór, valerozo Apologista, e Defensor do Autor da Oraçáo, que já confessais, que este não citou de falso a Gaspàr dos Reis. Bem hé verdade, que lançais á pobrezinha da Cirurgia, o *Scatophagon*, assim como muiros já lhe lançarao a escravidáo de Roma: porém, meu amigo, assentaí, que os Criticos bem sabem, que aquelle sordido termo foi dado a Esculapio na suppoziçáo de Medico interno, a quem os Zoilos metem a faquinha por examinareia o escremento, as ourinas, &c. Se o não entenderdes assim, basta, que concedais, que Franco diz estas palavras: *Aesculapii tempore nulla Medicina extabat prater Chirurgiam ab illo inventam, nec aliam noverunt illius filii Podalirius, & Machaon*; que hé o que basta para se saber, que o Orador citou com verdade na sua Oraçáo ao mesmo Franco, quando fundado nelle estabeleceu, que no tempo da Guerra de Troia toda a Medicina se incluia na Cirurgia. Franco diz, como vós confessais, que no tempo de Esculapio não havia outra Medicina mais que a Cirurgia, e que seus filhos Podalirio, e Machaon, que assistiraó no Sitio de Troia, não uzaraó outra. Não hé isto mesmo o que disse o Orador? Ah, meu amigo, que sois bem galante, e bem cèlebre nos vossos Escritos!

Desde a pag. 39., até a pag. 45. ferveis com satisfacçoens. O irmaó do Orador advertio ao Público, que o Gazeteiro reve a sinceridade de adornar a sua Gazeta com muitas noticias, que beben na Oraçáo de seu irmaó. Vós quereis, que o Gazeteiro não cahisse nesta inadvertencia, e affirmais, que hé o *Non plus ultra*

de semelhantes noticias , porque as bebe nas fontes , e pode sobre a materia ensinar de Cadeira a todo o Genero Humano : porém , meu amigo , eu sei de certo, que há Praticantes de Cirurgia em Portugal , que sabem mais noticias Literarias da Cirurgia do que elle. Se as que se nos venderão por suas na Gazeta de Novembro foraõ tomadas da Oraçãõ extractada , dilohaõ os doutos , e dezapaixonados , que compararem hum Escrito com outro. A mim parece-me , que sim , e que se o Gazeteiro notou mais algumas particularidades sobre este , ou aquelle successo , naõ merece louvor algum , porque depois de indicada , ou apontada hum noticia por hum Autor , qualquer pessoa de mediano talento póde sobre ella apontar esta , ou aquella circumstancia , que facilissimamente acha nos Escriitores: Por isso se diz : *Facile est inventis addere*. Isto foi o que fez o vossõ amigo , como hé notorio. E quereis vós , que o pilhemos sem muita bulha , nem preambulos ? Quereis ? Ora attendei : Dá o Orador na pag. 20. da sua Oraçãõ noticia do cazo , que succedeu em Padua a Fabricio de Aquapendente , e se explica assim: *Lembraivos do que succedeu em Padua ao cèlebre Fabricio de Aquapendente. Era do Collegio Medico da quella Universidade ; mas porque exercitava a Cirurgia o expulsou o Collegio do seu Gremio. O Senado de Venezia , que soube sempre estimar as souzas uteis ao Genero Humano , e proteger aquelles varoens , que trabalhãõ pelo bem da Patria. nãõ somente o mandou restabelecer no seu lugar ; mas conferiõ-lhe os Privilegijs de Lente de Prima , e as honras de Cidadãõ Veneziano , lhe enviou a Medalha de São Marcos , e lhe fez levantar hum Estatua. O Gazeteiro , valendose desta noticia , na Gazeta de Novembro. , pag. 202. se explica assim : Fabricio Aquapendente , antes quis ser expulsado (expulso diria melhor) da Faculdade Medica , que deixar de exercitar a Cirurgia , cuja constancia naõ deixou de ser assãõ premiada pelo Senado Veneziano. Ora , entendeis vós na vossã consciencia , que o Gazeteiro teve do cazo mais noti-*

noticias , do que aquelles , que bebeu na Oraçáo ? Pois eu acho , que não , e para nos livrarmos de escrupulos , e para elle se justificar perante o Publico de que esta , e outras noticias , que produzio na sua Gazeta , as não bebeu na Oraçáo , o dezafo , para que depois , que se publicar esta Carta no Porto , (porque vós certamente lha haveis de mandar) e dentro no termo de dois dias , ponha registrado o Autor , em que se acha escrita a noticia de Aquapendente na maó do Capiraó Manoel Pedrozo Coimbra , Mercador de Livros , que hé fomite o modo de se livrar da infame notta de plagiario da Oraçáo. Eu desde logo cito o Autor , de que o Orador extrahio a noticia , que deu na mesma Oraçáo com a cautella de só nomear as Letras iniciais do seu nome , e da Obra , em que ella se encontra , para que o Gazeteiro a não venda por sua , como varias vezes tem feito ; e passados dous mezes depois que esta Carta correr no Publico , explicarei mais claramente as tais Letras em huma advertencia : O. P. D. G. D. B. F. P. C. P. R. D. P. C. R. M. E. A. S. J. Se o Gazeteiro produzir o Autor , em que se acha a individual relação do caso de Aquapendente no dito termo de dois dias , julgaremos , que a bebeu na fonte , aliás assentamos firmemente , que esta , e outras muitas noticias , com que pertendeu brilhar na Gazeta de Novembro , foraó copiadas da Oraçáo , que deza cordadamente censurou. Bem diz o adagio : *Docui te urinandi artem , & tu vis me demergere.*

Na mesma pag 41. dizeis estas palavras : *Se seu irmão assim fizesse , (falais do Orador) não dirião os seus inimigos , que elle bé hum mero copiadór ?* Todos conhecemos , amigo Leandro , a onde se dirigem estas vossas expressões , e que quereis dezacreditar ao Orador , persuadindo , que elle hé plagiario , e que tudo quanto nas suas Obras se encontra hé copiado. Chegou porém o tempo de rebater o excessó das vossas calumnias , patenteando ao mundo , que o Copiadór sois vós , e os vossos amigos , e que cahistes final-

mente no laço ; que fabricou a vossa malicia. Nunca a minha tenção era a de descubrir as faltas alheas , porque sei , que cada hum escreve como póde , e como sabe : porém já que vos , e os Gazeteiros , tendo huns sempiternos Copistas , quereis brilhar com a ciencia , e trabalho alheio , e censurais de plagiarias as Obras dos outros , sem terdes composto até agora nada originalmente , permitireis , que eu vos diga , quem he hoje o Principe dos Copiadores , e Plagiarios do Reino de Portugal : quem hé , o que tem o dezacordo de nosmeter á queima roupa , como feu , o trabalho alheio ; e quem hé o que com arrogancia incrível , e dezaforada fáz de todos os Litteratos do nosso Reino huns ignorantes.

Primeiramente , homem , eu naó tenho duvida , que sejaó os inimigos do Orador os que dizem , que elle hé Copista , porque a inimizidade tem produzido no mundo maiores monstruozidades ; porem estai certo , que nenhum homem circunspecto da credito a asserçoens de inimigos , porque todos sabem , que o Direito os inhabilita para testemunhas. Digaó muito embora os inimigos do Orador , que elle he Copista , porque aquelles , que o naó forem , sabem a ingenuidade , com que elle nas suas Obras cita os Autores , de que toma as noticias ; e ainda fáz mais , porque devendo ás vezes bem pouco a os Autores , persuade , que lhes deve muito. Vede o feu *Dialogo da Inflammagão* , e achareis , que no frontespicio , e Prologo d'elle attribue a Boerhaave as doutrinas , que ali escreve , o que fez com demaziada ingenuidade , porque Boerhaave só escreveu duas paginas sobre a Inflammagão , que feu Discipulo Gerardo Vanswieten commentou em 60. paginas da impressão de Veneza , e o Orador escreveu hum Tratado sobre a mesma materia de 154. paginas com algumas noticias Anatomicas , Physicas , e Historicas , que nem em Boerhaave , nem no feu Commentador se achao. E de quem copiaria o Orador tudo quanto no dito Livro se acha desde a pag. 157. , até

208. ? Seriaó observados por vós , ou pelos vossos amigos os cazos , que ali relata ? Seriaó copiados das Obras do omniscio L. S. de L. (nome veneravel na Republica Medica) os escolios com que illustra as ditas observaçoens ? Amigo Leandro , as noticias Historicas , que o Orador nos dá nas suas Memorias , e nas outras Obras deste genero , necessariamente ham de ser tomadas dos Autores , tanto antigos , como modernos , porque o Orador naó náceo no tempo de Adám , e nem hé Santo Antonio , que esteja aqui , e acolá , vendo o que se passa , eo que até agora se passou no mundo para o escrever. Naó seria bem galante , que elle para tratar de Hippocrates , Avicena , Paracelso , ou outro qualquer Escriitor antigo , se valesse de razoens , e conjecturas , sem consultar os Historiadores da quelles tempos ? Naó seria bem necio o que affirmasse , que Leandro Moniz da Torre nácera em Portugal sem consultar os Livros dos Baptizados , ou os hoimens de verdade , que o viraó nacer , e crear ? O que eu vos posso affirmar hé , que naó há pagina das Obras do Orador , em que se naó vejaó citados os Autores , que lhe subministráraó as noticias , virtude , que se naó estende a os immortaes Monizes DD. Pirthonicos , e naó Arcopagitas , e SS. Portucalenses , e naó Granatenses. Sedizem o contrario os seus inimigos , isso hé inveja , e mentira : naó os creais vós.

Que sejais porém Copista vós , e os vossos amigos , isso naó o diz inimigo algum : digo-o eu , que seu vossó amigo , e que o vou provar na face de toda a terra : *Qui , qua vult , dicit , qua non vult , audit.* Quantas vezes , amigo Leandro , vos haveis vos de arreponder de ter chamado Copista ao Orador ? Ah , que se naó dissesseis aquella palabrinha , escuzavamos agora de ver os plagios da quelle egregio varaó , que tem cheia de pasino a toda a Inglaterra , e que a balow , e suspendeu a os mesmos Tremlets ? Quanto melhor fora deixalo gozar pacificamente dos encensos , e das adoraçoens da quelles pedantes , e mamores , que lhe fazem

Corte, como a prodigio da Sabença (não estranheis o termo) da Magistralidade, do Criterio? Ah, Leandro, Leandro, que a fizeltes limpa?

Tomáta só, que mediceffeis o motivo, que teve o Gazeteiro para suppor ignorantes a todos os Portuguezes? Vender como seu o trabalho dos outros, e não se lembrar, que em Portugal há infinitos homens doutos, que percebériaó o plagio, ou o furto das noticias, que dá, hé, ou ser miuro maliciozo, e cadime, ou ter o dezacordo de ajuizar, que não haverá no nosso Reino quem lêia os Diarios, e Memorias Litterarias da Europa. Por quê não havia o vosso amigo de citar no fim dos Extractos, que fêz na Gazeta o Autor, ou Autores a quem eraó devidos, e de quem elle os copiou, e traduzio? Hum homem raó grande, auxiliado por tres Gerioens, que cada hum delles vale mais, que duzentos Hercules; este homem vai cahir na corriola de ser Copista? Vai cahir na logração de se valer do trabalho alheio sem o confessar, e sem o advertir. E direis vos ainda, que em Inglaterra se louvaó as Obras deste homem?

Bem sei, que elle já na Gazeta de Junho, temendo os exames do Orador, e a vergonha, que havia de padecer, confessou, (u) que 19. Extractos, que como seus tinha vendido, eraó traduzidos de varios Diarios (a seu tempo vereis vos, eo mundo, que elle se enganou na contra) e que no titulo da Gazeta nos diz, que as *Analysis*, ou Extractos dos Livros saó dos melhores Criticos, e Diaristas da Europa: *Gazeta Literaria, ou Noticia exacta dos principais Escriptos modernos, conforme a Analysis, que delles fazem os melhores Criticos, e Diaristas, &c.*; mas não cuideis vos, que com isto escapais. O vosso amigo, no segundo Tomo da Gazeta, já maliciozamente omitio aquellas palavras do titulo do primeiro Tomo: *Conforme a Analysis, que*
fi-

(u) *Gazet. de Junh. de 1762. pag. 168.*

*fazem delles os Criticos , e Diaristas , porque artificiosamente queria , que os necios entendessein , que tudo quanto na Gazeta se encontra hé parto do seu engenho. Sim , Leandro , essa foi sempre a sua tençãõ , e por isso calou os Autores de quem copiou tudo o bom, que se acha na sua Obra. Digo tudo o bom , porque na verdade assim hé , e eu o vou mostrar em duas palavras : Tim , rim , por tim , tim. Estai certo , que se elle declarasse , como devia , o que da Gazeta pertence a varios Autores , totalmente a arruinava , porque o que para elle fica hé o menos , e peor. Em quanto se naõ mostra isto mais extensamente , permitti , que eu declare ao vosso grande amigalham , incurso no infame crime de plagiano : *Qui furtim accipit , palam exsolvit.**

Naõ duvidareis vos , que hum dos melhores Extractos , que se achao na Gazeta , hé o do *Poema de Gesner sobre a morte de Abèl* , que se encontra no mes de Setembro de 1761. (x) Quem ovir nella , para logo julga , que o Gazeteiro sabe a Lingoa Alemã : que examinou o Poema escrupulozamente : que delle tirou as mais bellas passagens , ou lugares : que conheceo , e penetrou as suas bellezas , e que faz descripçoens bem pateticas dos sentimentos , que nelle se encontraõ : Porém , meu Leandro , estai certo , que o vosso amigo naõ vio a Obra de Gesner , nem ainda pelos pergaminhos. Tudo quanto delle diz , hé copiado ao pé da letra do Diario dos Sabios de Paris , a quem devia nomear , assim como nomeou a Mr. Huber , que traduzio o tal Poema na Lingoa Franceza. O Gazeteiro alterou a ordem dos paragrafos , para se naõ perceber com facilidade o seu plagio , e naõ deu principio ao Extracto como o deraõ os Diaristas de Paris , para enganar melhor a os pouco advertidos. Darei em humna columna a ler o que se acha no Diario dos Sabios

na

(x) *Gazet. Lit. Setemb. 1761. pag. 179.*

na mesma Lingoa Franceza , e correspondentemente porei o que se acha na Gazeta Literaria Portugueza, observando a ordem , que se observa em hum , e outro Escrito.

Four. des Scavans Juin
1760. pag. 326.

Ce Poeme par sa nature appartient incontestablement a l' Epopée, mais il tient aussi du Poème Dramatique : 1. Par sa division en cinq' chants , qui represent bien naturellement les cinq' Actes d' une Tragedie: 2. Par la vivacité de l' intérêt, et par la gradation ménagée de chant en chant , comme elle doit l' estre de Acte en Acte dans la Tragedie. On peut dire encore que Mr. Gesner en s' elevant jusqu' à la Majesté de l' Epopée, et jusqu' à l' interet puissant de la Tragedie, n' abandonne point un troisiéme genre, qui paroît lui être cher , et qu'il a embelli, C' est-à-dire, le Pastoral Il peint dans le mort d' Abel le berceau de la nature, l' innocence, et la

Gazet. Liter. Setembr.
1761. pag. 180.

Este Poema pertence indisputavelmente pela sua natureza á Epopea; más também tem parte do Poema Dramatico: 1. Pela sua divizaó em 5. cantos, que representaó bem naturalmente os cinco Actos de huma Tragedia: 2. Pela vivacidade do interessé, e pela sua gradação de canto em canto, assim como na Tragedia de Acto em Acto. Também se pôde dizer, que elevandose o Autor até á Magestade da Epopea, e até o poderoso interessé da Tragedia, naó se esquece do genero Pastoral, que parece ser hum dos mais favorecidos. Pinta na morte de Abel o berço da natureza, a innocencia, e simplicidade primitivas, e aquellas virtudes, que ainda

simplicité primitives, et ces vertus naïves qu' aucun Art n' avoit encore altérées sous prétexte de les ennobler; il retrace tout ce que la vie champêtre a de touchant, et de délicieux; on sent que toutes ces peintures tiennent essentiellement à son sujet, et que ce sujet étoit nécessairement pastoral.

Tous les caractères sont ce qu' ils doivent être, et aucun d' eux ne laisse rien à désirer. Toutes les vertus humaines, morales, et religieuses embellissent l' ame d' Adam, & de Eve, et de tous leurs enfans, le Seul Cain excepté. Mais toutes ces vertus se modifient dans chaque caractère par des nuances délicates, et par des points de vue différens. Le respectable Adam est rempli d' une resignation vraiment pénitente aux ordres du Dieu, qui le punit. Ses regards touchans pour la compagne de sa faute, et de sa disgrâce, sa tendresse équitable, éclairée pour tous ses enfans, sa douleur

amé-

da a arte não tinha, alterado com o pertexto de as ennobrecer, e debuxa primorosamente o mais delicioso, que há na vida campestre, e pastoril.

Todos os caracteres são o que devem ser, e todas as virtudes humanas, moraes, e religiosas embellecem a alma de Adam, de Eva, e de todos os seus filhos, excepto Cain: mãs todas estas virtudes se modificação diversamente em cada caracter por matizes delicados. Vêse o respeitavel Adam penetrado de huma resignação verdadeiramente penitente ás ordens do Deus, que o castiga. Amagoa, que lhe cauza a companhia do seu crime, a ternura para com seus filhos, a dor da lembrança do seu peccado, o horror, que occupa, contemplando as infelicidades da sua posteridade.

amère, au souvenir de son péché, l'horreur dont il est saisi en envisageant les malheurs de sa postérité, les maux qui il souffre lui-même, la constance avec laquelle il les souffre, et en devore la plus grande partie pour en épargner le Spectacle à sa sensible famille, ce courage qui ne l'abandonne jamais, et qui sied si bien au Père du Genre Humain, forment le Tableau le plus fini. Eve a les memes sentimens, et les memes vertus avec un *leger vernis de foiblesse* aimable qui en la rendant un peu moins respectable, la rend plus interessante, et devient en elle le principe naturel d'une subordination douce, et presque insensible à l'égard de Adam. La sérénité, la douceur, la tendresse, une sensibilité pleine d'ouïction, et meme de mollesse, dans le sens, ou Horace a dit de Virgile.

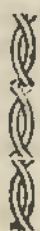
Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gau-
dentes rure caminae for-
ment le caractère de l'
aima-

dade, os males, que elle mesmo sofre, a constancia, com que os tolera, devorando a maior parte delles para os tirar da vista da sua triste familia, aquella animo, que nunca o desampara, e que attenta taõbem ao Pai do Genero Humano, formando a pintura mais perfeita, e mais bem acabada. Eva tem os mesmos sentimentos, e as mesmas virtudes com *uma certa fraqueza amavel*, que fazendoa menos digna de respeito, vem a ser nella o principio natural de huma subordinação doce, e quazi insensível a respeito de Adam. A serenidade do animo, a doçura, a ternura, huma sensibilidade cheia de graça, e ainda de *molle brandura* no sentido, em que Horacio disse de Virgilio.

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt, &c.
Constituem o carácter do
amavel Abel. Thirza, e
Me-

aimable Abel. Thirza , e Mehala lui ressemblent, mais avec des différences sensibles.

*Facies non omnibus una,
Nec diversa tamen, qua-
lem decet esse sororum.*



Mehala se parecem, mas com diferenças bem claras.

*Facies non omnibus una,
Nec diversa tamen, qu-
lem decet esse sororum.*

E porque encheria muito papel ~~de~~ necessariamente se quizesse copiar todo o extracto da Obra de Gefner , assim como se acha no Diario dos Sibios de Paris , e na Gazeta Literaria do vosso grande amigo, basta , que me limite a apontar o principio, e o fim dos paragrafos , assim como se achão em huma , e outra. Obra para vós verdes, que o Gazeteiro copiou o extracto do Diario sem artificio algum, e com bem pouca vergonha. Vistes os primeiros dous paragrafos copiados formalmente , vede agora os restantes.

Principia o Diario dos Sibios na pag. 331. assim: *Ces differences a la verité sont moins dans le caractere, que dans la situation.* E principia o Gazeteiro o mesmo paragrafo na Gazeta assim, pag. 181. : *Estas differencas estão menos no caracter do que na situaçãõ , acaba o Diario o paragrafo : Cette famille la plus aimable, et la plus interessante dont l' imagination humaine ait pu se former l' idée, e acaba a Gazeta : Esta familia a mais amavel, que pode idear a imaginaçãõ humana.* Digo, que acaba , porque supposto o Gazeteiro alterou aqui a ordem dos paragrafos , metendo a materia de hum em outro , não lhe vale nada este artificio, porque o patentearemos.

Principia o Diario o §. seguinte assim. : *Cain lui meme , que remplit cette famille si chere de deuil, et de desolation :* E diz a Gazeta na ultima linha da pag. 181. debaixo do §. antecedente : *Até o mesmo Cain , que he cauza de tantas afficções nesta familia :* Acaba o Diario : *Et qu' on le condamne sans pouvoir le hair,*

cômmes la *Phedre* de Racine ; e acaba a *Gazeta* : Condenando-o sem poder aborrecelo , como a *Phedra* do Trágico Racine.

Principia o *Diario* o §. seguinte , pag. 331. *La fiction principale de ce Poeme est bien au-dessous de celle de Milton* : E principia a *Gazeta* , pag. 182. : *A principal fizeção deste Poeme hé inferior á de Milton* : Acaba o *Diario* : *Toute la liberté de la Poésie ne peut excuser* : E acaba a *Gazeta* : *Toda a liberdade da Poesia não pode desculpar*. O *Gazeteiro* omittio a traducção das seguintes palavras : *Celle que nous venons de relever est de ce genre*.

Principia o *Diario* o §. seguinte , pag. 332. *L' Auteur nous paroît avoir été plus heureux dans les fictions accessoires , que dans la fiction principale* : E principia a *Gazeta* , pag. 183. : *Parece o Autor mais feliz nas fizeções accessorias , do que na principal* : Acaba o *Diario* : *La reflexion nous engage a examiner ici une question de gout assez importante* : E acaba a *Gazeta* : *Esta reflexão obriga a examinarmos aqui huma questão de gosto , que parece bem importante*.

Principia o *Diario* o §. seguinte : *Nous supposons deux grands coupables , également dévorés de remords , et pénétrés de repentir* : E principia a *Gazeta* : *Supponmos dous grandes culpados , igualmente devorados de remorsos , penetrados de arrependimento*. Aqui uzou o vossio amigo das suas destrezas costumadas , alterando a ordem dos paragrafos , pois acaba o seu da *virtude* , que se horroriza de ver-se em hum mesmo sujeito horriavelmente associada ao crime : Com a materia , que no *Diario* se acha no meio do §. , e da column. 1. da pag. 333. , e diz assim : *La vertu , qui fremit de se voir dans un meme sujet horriblement associé au crime*. O *Diario* continua assim : *Car le remords n' est pour ainsi dire , que cette horreur de la vertu*. E o *Gazeteiro* dá com esta materia principio ao §. da pag. 184. da *Gazeta* assim : *O remorso não hé a bem do dizer , se não aquelle horror da virtude* : E fás hum paragrafo bem

pe-

pequeno ; só para fugir deſtramente ao exame , que ſe podia fazer do ſeu plagio , fazendo aqui tres paragrafos da quella materia , que no Diario ſe acha em hum, pois o da pag. 184. da Gazeta , que principia : *Todo o crime hé huma infelicidade para aquelle , que o commette* , ſe acha continuado no Diario a pag. 333. colum. 2. aſſim : *Tout crime eſt un malheur pour celui qui le á comis.*

Principia o Diario o §. da pag. 333. aſſim *Clytemneſtre dans l' Electre d' Euripide eſt inhumainement egorgée par ſes enfans* : E principia a Gazeta o meſmo §. na pag. 185. aſſim : *Clytemneſtra na Electra de Euripides , hé cruélmente degolada por ſeus filhos , &c.* Acaba o Diario : *Son les plus malheureux* : E acaba a Gazeta : *São os mais infelices.*

Principia o Diario o §. ſeguinte , pag. 334. : *Alceme trompée par le deguiſement de Jupiter , outrage réellement Amphitrión* : E principia o meſmo §. na Gazeta , pag. 185. *Almena enganada p lo diſfarſe de Jupiter ; ultraja realmente Amphitrião.* Acaba o Diario : *Qu' il n' á jamais pu être que le ſujet d' une Comédie* : E acaba a Gazeta : *Que nunca pode ſer ſe não aſſumpto de huma Tragedia.*

Principia o §. ſeguinte no Diario : *Pocris , après avoir long tems réſiſté aux offres de Cephale* : E principia a Gazeta o meſmo §. : *Pocris , depois de ter rezifſtido muito tempo a os offercimentos de Cephale* : Acaba o Diario : *Et ce ſujet peut être tragique* : E acaba a Gazeta : *Este aſſumpto pode ſer trágico.*

Principia no Diario o §. ſeguinte : *Plusieurs Tragedies excellentes font voir combien les grands criminels agités de grand remords ſont intereſſans* : E principia a Gazeta na pag. 185. o meſmo §. : *Muitas Tragedias excellentes moſtraõ , quanto intereſſantes ſão os grandes criminoſos* : Acaba o Diario , depois de referir os Verſos : *Æſtuat ingens : qui peint ſi bien ce melange toujours intereſſant du crime , et du remords* : E acaba o Gazetteiro , depois de copiar os meſmos Verſos : *Æſtuat ingens :*

gens : que pinta tambem esta mixtura do crime , e do remorse.

Mas vamos ao seguinte §. do Diario , de que referirei parte , para vós verdes o como traduz Versos Francezes aquelle eminente Poéta , que censura as melhores Poezias , e Traducçoens Poeticas Luzitanas , sem saber imitalas , nem fazelas.

Diz o Diario pag. 334

Rien ne prouve mieuz
combien ce mélange est
tragique , que l' exemple
de Phèdre ; mais peut-
être nous opposera-t-on
cet exemple par ce que
Phèdre impie ses crimes
à la vengeance de Ve-
nus.

Puis que Venus le veut, de
ce sang déplorable
Je péris la dernière, et la
plus misérable.
Je reconnus Vénus, et ses
feux redoutables.
Dun sang qu' elle poussa
tourmens inévitables.
Dun incurable amour re-
mède impuissans.
Le Ciel mit dans mon sein
une flamme funeste.

Diz a Gazeta pag. 185.

Não há couza , que
prove melhor , quanto hé
trágica esta mixtura § do
que o exemplo de Phedra,
quando diz , que Venus
á fás ter huma paixã vio-
lenta de amor para Hipo-
lito , a pezar da propria
vontade.

Todos estes Versos
traduzio o Gazeteiro nas
antecedentes palavras , e
que Venus a faz ter huma
paixã violenta de amor
para Hipolito , a pezar
da propria vontade , e
al naõ diñe , porque a
sua grande muza naõ
soube formar na Lingoa
Portugueza hum par de
Versos semelhantes a os
Francezes do Diario.

Eis aqui , amigo Leandro Moniz , huma amostra do celebre engenho da quelle voffo amigalhaó , a quem os Inglezes adoraó desde Inglaterra. Tudo quanto na Gazeta se diz de Gesner , sua Vida , Obras , Idillios , &c.

hé copiado do Diario dos Sábios de Paris do mes de Junho de 1760. desde pag. 327. em diante. Eu não tenho a paciencia de estar a copiar tudo, porque não tenho o descaramento (sentido na palavra, que hé vossa) do Autor da Gazeta. Só vos direi, que voste até hé plagiario das couzas futuras, pois até traduzio hum pequeno §., em que os Diaristas Francezes prometem falar outra vez de Gesner, e seu Poema de Abel. Perfinais-vos? Ora vedeo bem claro. Diz o Diario: *Nous nous proposons de revenir a cet excellent ouvrage pour nous occuper des details, et pour en offrir divers morceaux á l'admiration de nos Lecteurs*: E diz a Gazeta: *Reservamos para outro tempo tractar de algumas particularidades, e bellezas do mesmo Poema, que possão dar delle huma idéa menos incompleta.*

Digaóme agora os prudentes (já que vós estais cego) se o trabalho do Gazeteiro hé tai, qual elle apegua, e persuade em varias partes da sua Gazeta, e qual vos nos quereis meter á queima roupa. Ainda considerando-o como hum mero Traductor, nunca lhe devemos as obrigaçoens, que vos prezumis, e elle nos inculca, visto não ser nem Traductor fiel, nem Traductor verdadeiro. O Traductor verdadeiro, como sabem todos, confessá, e nomea o Autor, e a Obra, que traduz, e pondera o seu merecimento, o que o Gazeteiro não fiz, pois ocultando as fontes, donde copiou as noticias, as refere como suas, para luzir com o suor alheio. Alem disso a sua traducção não hé fiel; quero dizer, elegante, e boa, como se mostra comparandose os dous paragrafos do Extracto do Poema, que se achão no Diario de Paris com a copia delles, que se ve na Gazeta de Setembro, e deu assima transcritos. Logo no principio do §. 1. se não traduziraõ bem aquellas palavras: *Ces vertus naïves*; e se mutilaraõ indiscretamente as finais do mesmo §.

No §. 2. esquecen a traducção da quellas palavras: *Et aucun d'eux ne laisse rien á desirer*: Traduziraõ-se mal aquellas: *Ses egards touchans*; As outras: *Sa*

rendresse equitable : E aquellas outtras : *Avec un léger vernis de foiblesse* : Quem vê , o como se explica o Diario , e vê a traducção do vosso amigo , assenta deide logo , que elle ainda hé muito novato em traduzir Francez ; e quando a mim me parece mal a sua traducção , e lhe encontro erros , què fãraó os homens grandes do nosso Reino ? Rogai a Deos , Leandro , que elles se não rezolvaó a ensinarvos a vós , e a os vossos amigos , què couza hé traduzir.

Mas dizci-me , què desculpa tem o Gazeteiro , em verter aquellas palavras Francezas do dito §. 2. : *Une sensibilité pleine d' onction , et meme de mollesse* : Naquellas suas Portuguezas da pag. 181. da Gazeta de Setembro : *Huma sensibilidade chea de graça , e ainda de molle brandura* ? Com que no incomparavel Dictionario , que compõem , e tanto prometem os vossos amigos , (Supremos Reformadores da Lingoa Portugueza) admittê : *Molle brandura* ? Há maior alucinação do que esta ? E ainda tercis vós cara de tornar a dizer . como dizeis na pag. 68. das Cartas , que : *Caprixeo extravagante* , hé redundancia insoffivel ? Amigo Leandro Monis , eu assento , que o Orador sabe escrever o Portuguêz melhor do que vós , e digo rezolutamente , que *Caprixeo extravagante* não hé redundancia , ou pleonasma , como vós gritais , sem saberdes o que dizeis , porque *caprixeo* vale o mesmo que *obstinacão* , e *extravagante* vale o mesmo que *couza irregular* ; de sorte , que *caprixeo extravagante* quer dizer *obstinacão desordenada* , e *irregular* , ou para o dizer melhor , sendo o *caprixeo* huma qualidade de tolice , como diz Richelet quer dizer *caprixeo extravagante* o mesmo que *tolice fora do commum* , que hé huma virtude privativa de certos engenhos dos nossos tempos , que vós conheceis.

Aquillo porem de *molle brandura* , meu Leandro , hé tanto redundancia , ou pleonasma , como dous , e tres são cinco. Quem dissera , quem dissera , valerozo Defensor das Gazetas , que se havia de encontrar

no mesmo Autor , que vos louvais , e engrandeceis tanto , maiores pleonasmos , e redundancias do que aquellas que censurais no Orador? E isto em huma Obra de Critica, composta por quatro Gerioens, por quatro modernos Ciceros , por quatro Sábios da primeira ordem , cujos famosos nomes põem em movimento , não só a toda a Inglaterra ; mas a toda a Europa , porque em fim não tem hoje a Europa toda hum homem igual ao mais pequeno dos quatro , que vós aplaudiz , e que nós, por fortuna, logramos , e conhecemos.

Molle brandura! Valente epitheto ! Frazee inimitavel ! Ora , elle não há mais Flandres do que isto. Dizer destas , e censurar os discursos dos outros , lá me parece ser couza de hum genio modesto , e prudente. Envergonhado sejais vós , Leandro , por meterdes a lebre a caminho ; e por criticardes aquellas couzas , que não entendeis.

Nem me digais , que aquella *molle brandura* do vosso amigo se não deve tratar com *dureas tão duras*, porque a os bons apalpa Deos, e que fôí descuido , ou lapso da pena , e não inadvertencia , ou erro da sábia mão , que a regia , porque a falar verdade toda a Gazeta Literaria está chea de semelhantes descuidos , e tropeços : toda ella hé hum montão de erros Grammaticais , e de frases grosseiras. No discurso desta nossa correspondencia ireis vendo , que vos falo verdade , e quando cahit a talho de fouce , tocaremos a fouramente a degoiar. Basta por hora , que vejais aquelle §. da pag. 340. da Gazeta de Novembro de 1761. , em que o vosso amigo diz assim : *Imita o A. (fala da Historia de Inglaterra de Rider) este plano , não só para utilidade ; mas para conveniencia do Publico , &c.* Se vós separardes a *utilidade* da *conveniencia publica* , assentatei , que sois frazista sem segundo , e que o vosso amigo sabe escrever soffriavelmente a Lingoa Portugueza : no emtanto persuadome , que elle escreveu huma infofriavel redundancia , e que quem commete destes delic-

tos , não pode falar de *caprixos extravagantes* , que não entende , porque cahê nelles , e em desmarcadas parvoices.

Tornemos porém á Vaca fria de Copiador. Tereis vós ainda cara para chamar Copista ao Orador? Aquelle , que em todas as suas Obras nomeia o Autor , ou Autores , que se subministrárao as noticias , citando-os com elogio? Ora , a mim parece-me , que já não tereis confiança para o tornar a fazer ; porque quem de huma escapa cem annos vive , e se tiverdes essa tentação , eu rezervo a polvora de 30. Extractos , para vos dar fogo , e fazer rebentar a mina , que por huma especie de compaixão (igual a que teve o Autor da Gazeta , e refere na pag. 174. da de Junho) ainda deixo cuberta , e intacta.

Só vos digo , que soffreria com bom coração , que o vossó amigo fosse Copista sempiterno , se elle tiverê a louvavel vigilancia , e rezolução de defender a nossa Religião , e os seus Ministros. Achar porém factos offensivos a ella , e a elles , nos Extractos das Obras , que analysou , e não os convencer com a verdade , he demasiada negligencia em materia tão delicada , e de tanto pezo. Há pessoas muitas vezes , a quem a lição dos Autores Estrangeiros , e Protestantes introduz idéas bem perniciosas , as quais se devem prevenir e desvanecer : Eu , que não averiguo agora isto (porque adiante terei melhor occasião de o fazer) vos-aconselho , que quando encontrardes hum Cirurgião , que entender Latim , e que com toda a humildade , e reverencia quizer ler a Historia dos Sagrados Patriarcas , que tanto enleva , encanta , e consola os espiritos dos bons Christiaós , ou que nos Livros Sagrados aprender a temer a Deos , a venerar os seus Preceitos , e a tratar ao seu proximo com caridade , e decencia , &c. , o não censureis , como censurais , ao Orador na pag. 74. das vossas Cartas. Censurai , sim , aqueles Autores , que tendo por obrigação , e por officio a defensão , e o ensino dos Mysterios da Religião Catholica , consentem

os improperios , e falsidades , com que os Autores He-
reges escrevem contra a mesma Religião. Por exem-
plo : Dá o Gazeteiro na sua Obra huma noticia exten-
sa da Historia de Inglaterra , escrita por Thomás Smol-
let , Doutor em Medicina. Vendo-se no campo de-
liciozo da Politica , e da Arte Militar , que mais que
huma vez tem afirmado , que sabe perfeitamente ; en-
tra em Relações de Batalhas , em idéas de Governos ,
em pinturas de Generais , e de Ministros , e discorre
por huma , e outra parte , como valerozo Soldado ,
e como sábio Politico : Vejamos agora se leu tambem
a Historia de Smollet , como perfeito Religiozo ? Se
hei porém de falar verdade , me entristeço de o achar
esquecido nesta parte. O Doutor Smollet não perde
ocaziaó de atacar na sua Historia a Religião Roma-
na , e os seus Mystérios. O Gazeteiro , que encontrou
mais de huma vez a espada da quelle Autor , disposta
para a ferir , e vendo que Mr. Targe , Traductor da
mesma Historia na Lingua Franceza , tinha rebatido ,
como bom Catholico , os golpes della , não o quis
acompanhar na defensão , antes (não se lembrando della)
mostra , que lhe agradaó mais a razoens de Smollet ,
que as de Targe , ou que embelezado com os successos
Militares , e Politicos se esqueceu inteiramente dos que
interessão a nossa Religião. Taes são os que vou a des-
crever.

Diz Mr. Smollet na sua Historia , que Santo Atha-
nazio fora condemnado pelos Bispos do Oriente. Mr.
Targe allêvera ser isto contrario á verdade , porque os
Catholicos tinhaó protestado contra o Conciliabulo de
Tyro : Que o de Philippopolis . posto que hum pou-
co menos irregular , constava só de 80. Bispos , quan-
do hé certo , que foraó mais de 300. os que assisti-
raó , e approvaraó o Concilio de Sardes : Que contra
Santo Athanazio só se procedera com alguma forma-
lidade no Concilio de Rimini , em tempo muito poste-
rior ; mas que estava plenamente provado , que se este
Concilio se compunha de 400. Bispos , houve hum

numero muito maior , que não subscreveu a condemnação.

Perfuaide o mesmo Smollet ; que o Santo Rei Duarte , não obstante os Titulos de Confessor , e de Santo , que a Igreja lhe dá , estava muito distante de possuir as Virtudes da Caridade , porque até se despojou dos affectos naturais , conservando hum refinado , e entranhavel odio contra Emma , sua máy , por esta cazar segunda ves ; e que não obstante os esforços , que ella fez para o collocar no Throno , e para o defender dos seus inimigos , nada disto servio para extinguir o seu vingativo odio ; de sorte , que fez tirar á mesma sua máy os seus Thezouros , e Alfayas , deixando-lhe meramente huma limitada pensão para a sua subsistencia , vindo a crueldade daquelle Rei a reduzir a dita sua máy a huma grande pobreza. Afirmo tambem Smollet , que o Santo Rei fizera depois examinar o procedimento de sua máy , arguido por Roberto , o Normando , Arcebispo que foi de Cantorbery ; o qual a acuzava de se comunicar illicitamente com Alwin , Bispo de Winchester ; e que como o acuzador não produziu provas concludentes , requereo , que defendesse a máy de el Rei a sua innocencia , sujeirandose á prova do fogo , o que ella fizera com valor intrépido.

Mostra porém Mr. Targe , que nenhum Historiador attribue ao Santo Rei o animo vingativo , que o Doutor Smollet lhe pinta : que pelo contrario , todos o representam como hum Principe taó fraco , que não teve valor , nem bastante authoridade , para se oppôr a os dízignios de Goodwin , seu Ministro , cujo odio contra Emma occasionou aquella terrivel accusação. O que melhor se convence , porque S. Duarte , depois da prova , a que sua máy se sujeitou , pediu-lhe publicamente perdao , restituiu-lhe os seus bens todos , e recebeu della , e do Bispo accusado a disciplina , segundo o uzo da quelles tempos.

Traçta em outro lugar Mr. Smollet do famoso Thomás Becker , aliás Santo Thomás de Cantuaria;

Todos sabem , que este veneravel Inglez obteve , pelos seus merecimentos , e virtudes , as maiores Dignidades Eccleziasticas , e Seculares do Reino , pois naó so foi Gram Chancellor de Inglaterra , mas Arcebispo de Cantorberi , Primás da quelle Reino. Mr. de Fleury na sua Historia Eccleziastica observa , que este egregio varaó propôs ao Rei Henrique II. , seu bem feitor , o muito que temia , que promovendo-o á quellas Dignidades , se convertesse o amor , que lhe tinha , em odio na certeza , de que os invejosos , com este motivo , introduziráo entre elles a dezuniaó , e discordia : Que havendo porem de conformarse com a vontade de el Rei , e occupando com effeito a Cadeira Archiepiscopal de Cantorberi ; se vira obrigado a sustentar as prerogativas , e direitos da sua Igreja , que el Rei queria violar , o que fez com tal zelo , e tal valor , que ofendido el Rei delle , depois de varios excessos , com que injustamente o tratou , permitio , ou ordenou , que fosse assasinado na sua Igreja em 29. de Dezembro de 1170. Ora , Mr. Smollet ao tractar das couzas deste Santo , que o Papa Alexandre III. canonizou , e por cujos merecimentos obtrou Deos grandes , e repetidos Milagres , lhe fáz huma tremenda satyra. Pinta odiozamente os seus procedimentos : descobre nas suas intençoens dolos , e impudencias : dalhe os mais infames epithetos , como o de Padre arrogante , Prelado turbulento , insolente Vassallo , &c. : e posto que naó approva o genero de morte , que lhe deraó , a propõem como hum castigo justo. O Gazeteiro naó obstante , que leu estas insolentes pinturas de Smollet , e muiras outras calumnias contra hum Santo da Igreja de Deos , e naó obstante ver , que Mr. Targe , sem tantas obrigaçoens , como elle tem , defendeu Santo Thomás , e convenceu a malevolencia do referido Smollet , passou em claro esta materia , tal vês para naó desgostar a Ricardo Tremlet de Exester , e esperar , que este Escriitor lhe mande hum outro elogio , semelhante ao que lemos na Gazeta de Janciro de 1762.

Dizer, que não leu o Gazeteiro as satyras contra Santo Thomás, hé falso, porque copiando do Diario dos Sabios de Paris do mes de Junho de 1761., pag. 394. a noticia do aresto, que o Conselho de Estado do Rei Christianissimo fés expedir para a Fundaçáo da Academia de Agricultura de Tours, a qual se acha na Gazeta de Dezembro do mesmo anno de 1761., pag. 372., havia de ler na pagina fronteira do mesmo Diario, que hé a 395., o Extracto da Historia de Smollet: o que este disse contra varios Ministros do Altar, e o que Mr. Targe, e os Diaristas a este respeito escrevêrao. Veria, que mais adiante se acha aquella passagem da immortal *Historia das Variações* do Ilustriissimo Bossuet, Bispo de Meaux, que diz de Santo Thomás as seguintes palavras: *A gloria de Santo Thomás de Cantuaria vivirá outro tanto, como a Igreja de Deos, e nunca esquecerá as suas Virtudes, que a França, e a Inglaterra venerará á porfia. Tanto mais tem parecido duvidosa a os Politicos, e a os mundanos a cauza, que este Santo Martyr defendeu, tanto mais a Omnipotencia Divina se declarou a seu favor, castigando terrivelmente ao Rei Henrique II., que o perseguio; de sorte, que para socegar a ira de Deos foi precizado este Rei a fazer huma penitencia exemplar, e os seus Successores, e tambem os Reis de França, movidos dos prodigios, que fazia, forão muitas vezes adorar o seu Tumulo. Estes milagres (finaliza Bossuet) forão tão continuos e estáo tão bem authenticados pelo unanime concurso dos Escritores daquelle tempo, que para duvidar delles hé preciso desprezar todas as Historias.*

Continúa Mr. Targe a defender contra Mr. Smollet a memoria de Santo Agostinho, Apostolo de Inglaterra, a do Bispo Santo Wilfrid, a de S. Dunstaó, a do Abba de Glaston, e a de outros veneraveis Ministros do Santuario, e o Gazeteiro, que vio as calumnias, que contra elles se proferiraó pelo Autor, que extractava, passou adiante embelezado com a condemnação do Almirante Bing, com a batalha de Kolin, com o dezembar-

barque de Cherburg , e outras noticias bélicas , e politicas , que inteiramente o arrebatáó. Defendaó as Gazetas de França os Santos da mordacidade dos Protestantes , que a Gazeta de Portugal não come disso. Ora, se isto hé extractar bem as Obras , e cumprir as obrigaçoens de Escriitor sincero Portuguez , e Catholico , o diráó os homens dezapaixonados. A mim parece-me, que semelhante Autor hé Copista , e Copista do mau, e do inutil. Se vós assim o não julgardes , pouco se perde nisso : Vamos ao que emporta.

Dizeis com muita graça na pag. 42. , *que está muito mal o Orador , se se bouver de dar credito ás Gazetas , pois em huma de Londres se lê , que o Medico Mounsey foi declarado Archiatro das Russias com a Patente de Tenente General.* Homem , vós tendes feito as maiores diligencias para malquistardes o Orador com os Medicos ; porém nunca tal haveis de conseguir. Escusáis de cansarvos , que tudo recahe sobre a vossa ladinisfe. Para quê trazeis aqui o cazo de Mounsey ? Duvidou algum dia o Orador , de que a os Medicos se tem feito muitas , e grandes honras ? Ou disse algum dia , que e les não eraó dignos dellas ? Ou que os Cirurgioens as merecem mais do que elles ? Pois logo , para quê hé esta bulha ? Se vós provardes , que Fousládier não ocupou a prassa de Conseiheiro de Estado , ou que este Titulo não hé honorifico na Russia , lá vay o Orador com Sam Pedro ; porém gritar , que Mounsey hé Tenente General , sem agora salarmos de Guerras , nem precizarimos dos talentos Militares de Mounsey , parece-me parvoice. Ora , dizeime ; será bem feito , que afirmemos , que em Portugal saó os Cirurgioens mais honrados , que os Medicos , visto que el Rei , nosso Senhor , concedeo ao Physico mór dos seus Exercitos tam samente a Patente de Tenente Coronel , e ao Cirurgiaó mór dos mesmos Exercitos a de Coronel , que hé assim um furo ? Pois se o cazo de Mounsey vale , tambem valcrá , e com mais razaó este , porque vós não declarais o caracter dos Cirurgioens da Russia , em
con-

contrapozição do dos Medicos : e eu mostrovos em Portugal hum Cirurgiaó com Patente , e gradação superior a hum Medico : Isto porém são bagatelas , de que se valem somente os pobres de noticias Litterarias , tais como os Leandros Monizes , e os seus companheiros , e amigos.

E a falar verdade , meu amigo ; o vosso Gazeteiro andou pilhando algumas das noticias , que deu na Gazeta , e não encontrou na Oração em certos Livrinhos de oitavo , que lhe emprestaraó. A de estabelecerse huma Cadeira de Cirurgia em Florença a favor de Jozê Vespa , que produz na mesma pag. 142. , pilhou-a L. S. que fez o Extracto da Oração , ao mesmo Orador , e por signal que lhe esqueceu de dizer ali , que Vespa fora aprender a Paris a Arte Obstetrica com Mr. Levret , que hé a parte Chirurgica , que se lhe mandou ensinar , como se lé no Diario dos Sábios de Paris , ann. 1760. Not. Lit. de Abril , pag. 247. A do Collegio dos Cirurgioens Lithotomicos , fundado pelo Duque de Orleans ; vem no Diccionario de Mr. L^e Advocat , tom. 2. pag. 80. ; e por signal , que se adulterou esta noticia , porque o que Mr. L^e Advocat diz , hé , que o Duque alem de muitos Collegios utilísimos , que ali nomea , fundara em Orleans Estabelecimentos para as Parteiras , e para os Cirurgioens destinados para a operação da Pedra. *Il fit á Orleans (dis L^e Advocat) des Etablissements des sages-Femmes , et de Chirurgiens pour la taille de la Pierre* , e ninguém disse , que a voz Franceza *Etablissement* significa precisamente Collegio ; antes sabemos por lição de Richelet , que ou significa Erecção , ou Fundação , *erectio* , *constitutio* , ou Ordenanças , Acordaons , Decretos , &c. *Ce terme á signifié les Ordenences , et les Edits de nos Rois* ; ou a casa , e domicilio , *domus* , *domicilium* , e nem qualquer casa , ou habitação hé Collegio , nem consta , que a fundação do Duque em Orleans fosse digna daquelle nome.

Na pag. 43. dizeis , que os Cirurgioens Francezes sabiraó em parte vitoriosos de certa disputa , que tiveraó ;
tal

tal ves por negligencia dos seus contrarios: E aqui citais a Obra de Penelope, que dizeis tem o Orador, porque a emprestou ao Gazeteiro; mas que nunca a leu, porque se não aproveitou de muitas noticias, que nella se achão a favor da Cirurgia. Vós nestas poucas regras escreveis com tal confuzão, que me hé preciso comen-tarvos. Perdoai o meu arrojio; mas elle hé necessário, para dar intelligencia a os vossos equívocos.

Dizeis em primeiro lugar, que os Cirurgioens sa-hiraó victoriosos em parte, sem vos lembrades, de que o vosso Gazeteiro não escreveu com essas limita-çoens, porque na Gazeta de Novembro, pag. 298. diz, *que a Cirurgia alcançou triumphos sobre huma Fazul-dade, que té sua emula: e que o poder do Sceptro, e dos Tribunaes a pôs no estado da independencia, e da perfei-ção: O que de nenhuma maneira se compadecesse com as limitaçoens, com que escreveis na pag. 43. e 44. destas vossas Cartas, fundado na auctoridade de Haller, que não podia saber bem em Alemanha o que se passava em Paris. Ora, a verdade hé, que hum Critico, que se quer inculcar instruido a toda a nossa Nação, não devia mostrar agora huma tal pobreza de noticias, men-digando por Aurores de fora da França, para escrever de hum facto tão famoso, succedido em Paris, e sobre que escreveraó os mais célebres Francezes. Não devia este Critico dar os falsos indicios, de que a Cirurgia fi-cara dependente da Medicina, sabendose pelo contra-rio, que sua Magestade Christianíssima pelo Alvará de 1748. tirou a tal Arte para sempre da dependencia de todos os Tribunaes do seu Reino, ordenando, que lhe fosse immediatamente subordinada, como são todos os Tribunaes, e Academias de França, recebendo as ordens pela Secretaria de Estado, e fazendo hum Corpo Rè-gio, e dependente unicamente da Magestade. Vos já sabeis isto; mas sois amigo de meter a faquinha, e pa-ra a satyra tendes huma mui natural propensão.*

Dizeis tambem, que os Cirurgioens tal ves alcan-çassẽm os ditos triumphos, *pela negligencia dos seus con-*

trarios, e levantais hum testemunho falso ao Autor da
 Obra de Penopole, querendo, que elle assim o dicesse:
 Porém quizera, que declarasseis, qual havia de ser o
 Francéz, que havia de escrever semelhante patarata em
 França, sendo notorios a toda a Nação Franceza os
 esforços, que se fizerao, para que a Cirurgia não le-
 vantasse a cabeça, nem triumphasse? Logo que el Rei,
 pela Declaração de 23. de Abril de 1743., concedeu
 as maiores distincções á nossa Arte, cahio o poder dos
 émulos sobre ella. Foraó infinitos os Livros, e Papeis
 volantes, que se imprimiraó contra a Declaração de el
 Rei, havendo Vassálo taó atrevido, e dezatento, que
 intitidou huma das suas Obras *Le Baillon*, que vos bem
 sabeis, que hé hum instrumento muito necessario a
 certas pessoas, que por costume dizem mal de tudo,
 a que os Portuguezes chamaó *mordassa*. Híde a Paris
 á Rua Galande, junto á Anunciação, e vede, se na
 Officina de Guillau há ainda algum Exemplar da pri-
 meira *Memoria*, que publicou a Faculdade da Medici-
 na da Universidade de Paris contra os Cirurgioens, a
 qual se acha firmada pelo Deaó da Faculdade, e por
 cento e sete Doutores della. Buscai na mesma Officina
 outra segunda *Memoria*, que consta de 124. paginas,
 rubricada pelo Advogado Bontoux, e vereis os esfor-
 ços com que o Deaó de L' Epine combateo os Cirur-
 gíens, que se viraó obrigados a rebatello por outra
Memoria, que consta de 263. paginas, rubricada por
 Mr. La Peyronie por parte do Collegio de Cirurgia de
 Paris, e pelo seu Advogado Girodat, e impressa por Carlos
 Osmont, na Rua de Sam Jacques. Buscai mais na mes-
 ma Officina de Guillaut outra terceira *Memoria*, que
 o Deaó da Faculdade Martinenq oferecco contra os
 Cirurgioens, para servir de Rêplica á Memoria destes,
 e vereis, que em 131. paginas se attacaó os direitos,
 e as prerogativas da Cirurgia com huma animosidade
 inaudita, a qual obrigou a Mr. de la Martiniere (suc-
 cessor de Mr. de La Peyronie na Praça de primeiro Ci-
 rurgião de el Rei) a impugnar a tal Rêplica em huma

segunda *Memoria*, que consta de 43. paginas; a qual serve de Reposta á dita terceira *Memoria* dos Medicos, e ás Observaçoes da Universidade de Paris, e foi impressa por Delaguette em 1748. Buscai a quarta *Memoria*, intitulada: *La Subordination*, e vereis o vigor, com que se respondeu a esta ultima *Memoria* dos Cirurgioens. Vereis, que Mr. Chicoyneau, primeiro Medico de el Rei, fêz a este representaçoes vivissimas contra a Cirurgia, pintando, como criminaes, e prejudiciaes ao Publico, a todos os Cirurgioens do Reino: e vereis o valor com que os Cirurgioens de Montpellier, Bourquenaud, Soullier, Serre, Lamorier, e outros, dando auxilio a os de Paris, convencerão a os pés do Throno as razoens, e acuzaçoes de Mr. Chicoyneau por huma Representação, que consta de 16. paginas, authenticada com varios Titulos justificativos, que occupaó 7. paginas. Vereis ultimamente, que o Deoó da Faculdade de Medicina ofereceo hum Requerimento a el Rey, que consta de 16. paginas, contra todos os Titulos, que os Cirurgioens a prezentáráo, cujo Requerimento foi contrariado por outra *Memoria*, que os Cirurgioens oferecerão a os pés do Throno, que consta de 51. paginas, em que se mostra, sem repulica, a sabedoria, e conveniencia do Rei a favor da Cirurgia, e se convencem todas as razoens em contrario. Ora, á vista de tantos Requerimentos, e de tantas *Memorias*, que se escreverão contra os Cirurgioens, e que se apresentáráo nos Tribunais de Paris, e ao mesmo Rei de França, tendes vós o atrevimento de dizer, que os Cirurgioens alcançarão os triunfos por negligencia dos seus contrarios? Tornaivos, Leandro, a o que disse o Gazeteiro na Gazeta de Novembro, e sabeí, que as conzas escritas sem paixão são as mais verdadeiras, e certas: Elle ali falou livre de raivas, e para os tentar de noriciozo. Acreditai só o que elle diz na quelle lugar, ainda que agora queira cantar a palinodia, sem se lembrar, que forçosamente ha de parecer mentiroso em huma das occasioens.

Mas vamos a aquelle vosso parentezis da pag. 43. como se dá a entender em huma Obra comunissima, que eu sey a tem seu irmão, pois a mostrou ao Autor da Gazeta, mas que prezumo nunca a leu; porque não obstante dizerse nella muitas couzas favoraveis a os Cirurgioens, elle nunca a allegou, assim como fêz aquelle Autor na defesa da Cirurgia. No baixo da pagina citais a tal Obra, que hé o *Macbavelho em Medicina*, escrito por Aletheius-Demetrius, ou por Mr. de la Mettrie, como vós declarais sem procuraçáo do seu Autor. O que riramos desta vossa arenga hé, que o Orador tinha a tal Obra, e a emprestou ao Gazeteiro; mas que nunca a citou a favor da Cirurgia, como fez o dito Gazeteiro: a o que respondo, que sois muito ladino; mas hé só com pedantes, e gente crédula. Primeiramente hé falso, que seja comunissima a Obra de *Penelope*, ou o *Macavelho em Medicina*: antes sinceramente creio, que no Porto só o Orador a tinha, e bem poucos Exemplares haverá no Reino. Em segundo lugar louvo a moderação, e a prudencia do Orador, que não quiz nunca citar a favor da sua Arte huma Obra escandalozza, impia, e satyrica contra a Nobre Profissão da Medicina, a qual attaca taó inhumanamente, e a muitos Medicos famosos de Paris, que nenhum homem bem creado, vendo-a, dará credito a semelhante Autor, e só o fêz o Gazeteiro, que tem o bom gosto, e o valor de se valer de semelhantes Livros, sem lhe fazer pezo, que Mr. L^o Advocat, Autor sábio, louvado, e seguido por elle muitas vezes, no seu Dictionario, falando de Mr. de la Mettrie, e das suas Obras, diga o seguinte: (y) *N. de la Mettrie. Medico, que morreo em Berlin no anno de 1751., não hé famoso se*
não

(y) L^o Advocat II. 186. *N. Mettrie Medicin mort á Berlin em 1751., n^e est fameux que par ses Livres impies, satiriques, dans les quels on ne trouve ni science, ni jugement, ni erudition,*

naõ pelos ^{seus} Livros impios , e satyricos , nos quaes se naõ acha , nem sciencia , nem juizo , nem erudiçaõ. Ora , olhai lá , que Autor ~~se~~ este para o citar o Orador em defença da Cirurgia ? Nada , nada , meu L. , este Livro , e outros semelhantes , ficaõ destinados , naõ só para vós ; mas para os vossos amigos lerem , e citarem , quando quizerem . E que me dizeis da animosidade com que se retribue hum beneficio com huma ingratitude ? Confessais , que o Orador emprestou aquella Obra a os vossos amigos , e naõ tendes repugnancia em pagar des aquella generozidade com ignominias , improperios , e puihas ? O ! E quantos de la Mettries impios , e satyricos há no mundo ! Queira Deos , que elles se convertaõ a Deos , e peçaõ perdaõ ao proximo , como diz L' Advocat , (z) que fez de la Mettrie antes de morrer .

O que vos eu digo hé , que nem os Petrarcas , nem os Mollieres , nem os Quevedos , nem outro algum inimigo da Medicina escreveu taõ inhumana , e escandalozamente contra ella , como o Medico de la Mettrie . A dita Obra de Penolope , que o Orador tinha , e o Gazeteiro lhe pedio , leu , e citou , saõ tres Tomos cheios de investivas contra a Arte Salutar , e contra os Medicos . Pinta-os com cores taõ indignas , e consignais taõ horrendos , que se naõ pôde dizer couza peor delles . Estai porém certo , que por mais que gritem os de la Mettries contra a Medicina , e os Leandros Monizes contra a Cirurgia , sempre estas Artes , exercitadas por Professõres habeis , seraõ o alivio , e as delicias do Genero Humano .

Na mesma pag. 43. falais da Declaraçaõ de el Rei de França do anno de 1743. a favor da Cirurgia , e dais a entender , que a naõ lestes , porque a citais como referida no Alvará , ou Cartas-Patentes , que vem no 4. Tomo

(z) *On assure que ce Medicin s' est converti avant sa mort , et qu' il a fait paroître en mourant de grands sentimens de pieté.*

mo das *Memorias da Cirurgia*. Devieis declarar, que faveis nas *Memorias* impresas em 8., porque nas de 4. hé no 2. Tomo dellas, que vem o dito Alvará. Eu pasmo, quando vou palpando a pouca noticia, que tendes destas couzas. Em quanto vós, e os vossos amigos não fizerao Criticas, todos julgavao mais ventajosamente da tua capacidade; mas agora, que pelo dedo conhecemos o Gigante, hé preciso, que vos ensinemos aquilo, que não sabeis, e que vos reputemos muito principiante em tudo.

Enganai-vos, pois, certamente em dizer, que a Declaração de 1743. hé a *couza mais forte*, que os Cirurgioens podem allegar a seu favor; porque posteriormente houve muita couza melhor, que vos não sabeis. He potém verdade, que na quella Declaração dá o Rei Christianissimo os mais honrozos Titulos á nossa Arte. Ali diz o Monarca, que a Escola da Cirurgia de Paris há muito tempo, que pela habilidade, e reputação dos seus Alumnos, he reputada como a Escola Universal do Reino: que sabe, que o desejo, que esta Escola tem de se fazer util ao Publico, inspirou a os seus mais celebres Individuos o nobre projecto da *Academia Parisiense*: que a Cirurgia hé reconhecida nos Alvarás, ou Letres-Patentes dos Reis, seus antecessores, por huma Arte Sábia, por huma Sciencia verdadeira, e que pela sua natureza, e pela sua utilidade merece as mais honrozias distincções. (a) E finalmente, para conservar o esplendor, e nobreza da Cirurgia sem nota, nem duvida alguma, determina, que os Cirurgioens em tempo nenhum do mundo possao exercitar alguma occupação, ou Arte, que não seja Liberal. Com tudo isto, meu Leandro, sendo estas expressões honrozias, ainda são

(a) Depois que hum Rei de França, em hum seculo tao illustrado, como o prezente, definiu a Cirurgia deste modo, poueo emportao-os gritos, e as satyras dos Monarches, e seus Socios, e Alliados.

saó mais dignas da memoria de todos os Cirurgioens as que se contêm em varias Ordens, que se expediraó a todos os Intendentes das Fronteiras do Reino sobre os Cirurgioens dos Exercitos, e os Alvarás, cuja Cópia o Orador tem, e vos mandarás, se lhos pedirdes, porque naó hé a primeira ves, que vos-socorre de Livros, e de noticias a vós, e a os vossos amigos.

Mas eu agora advirto, que com o gosto de vos ensinar fui estendendo insensivelmente esta Carta. Ella hé ja grande, e ainda naó tenho respondido a huma parte das vossas. Consta-me tambem, que alguns dos vossos amigos (neste numero entra aquelle Frade, que affirma, que vós quereis ter a honra de ser seu parente : o qual devia crer firmemente, que as suas letras saó muito Escolasticas, e naó pódeim ser arbitras do que totalmente está fora dos seus limitados estudos) dizem, que as ditas vossas Cartas naó tem resposta : e para lhes fazer conhecer o seu engano mais depressa e conter a ousadia, com que vós censurais todas as obras, que se compõem nesta terra, determino dirigir-vos o que até agora tenho escrito. Fico concluindo o restante e hum examezinho da Gazeta Litteraria, cujos erros, incoherencias e defeitos conhecerá o Público, a pezar das iniquas, e manhosas diligencias, que tendes feito e dos sustos, que pertendeistes causarme, para que os naó chegasse a manifestar. Haveis de saber, Leandro, que eu naó tenho medo de papoens, e que espero, que conheçaó todos os vossos artificios e destrezas, e vos-condemnem, como official de obra grossa, a naó eserever, senaó Eclogas copiadas de Autores pouco uzuais, que eu descobri : visto conhecerem ja todos pela experiencia a immensa distancia, que ha entre as vossas Poesias e as da quelles, que grossêiramente pertendeis criticar. Se vos-desagradardes de alguma coisa do que tenho escrito, tende paciencia, já que a vossa arrogancia, e descôco lhe deo causa : e estai certo, que o maganaó de Severino Cortez da Silva Forte ainda vos-ha de mortificar mais pa-
ra

ra vós-enfinat a ser Criticos comedidos, e a não saty-
rizar as pessoas, que são mais uteis á Patria do que
vós : que não vos desatenderaó, antes vos-tratáraó com
toda a cortezia, e veneraçáo, (e isto foi certamente
o que vos-encheo de vaidade) e que nas suas respecti-
vas Profissoens, e ainda em outras, tem dado maiores,
e mais autenticas provas da sua capacidade, do que vós,
e os vossos amigos na quellas, para que fostes destina-
dos. Bem me entendeis. Ficai nisto, Leandro : E a Deos,
até logo. Porto 8. de Novembro de 1764.

Vosso Amigo, que vos-dezeja
faudavelmente emendado,

L. da G. e Lemos,

*CARTA, QUE ESCRIVE L. C. M. J.
Practicante de Cirugia del Real Hospital de Bar-
celona, à L. dà G. è Lemos, Practicante de
Cirugia en la Ciudad de Porto.*

MI querido Amigo. Por una estraña casualidad tuve la apreciable noticia de que Vmd. havia remitido à esta Tierra una Carta, que formò en los ratos desocupados contra dos Carras, que se publicaron ahì por los AA. de la Gazeta Literaria de este Reyno, en nombre de Leandro Monis dà Torre, Mi diligencia, y el favor de algunos amigos, me facilitaron su lectura: Ella me puso facilmente en el hecho de la Question; y considerada por la materia, y por la forma, no pude disimular mi disgusto, en que Vmd. dexasse salir de sus manos un Escrito de este merito, sin passàrle por la Prensa para que se multiplicassen sus Exemplares. La noticia que yo tenia del origen, y el progreso de la disputa del Gazetero con M. G. de L., y con su hermano J. A. B. è L. fuè un poderoso estimulo para leer la Respuesta de Vmd. con toda la atencion de que soy capáz; y me ha parecido, que la impresion de una pieza de este merito seria del gusto de los Hombres Sábios, y un servicio Real à los verdaderos Porrugueses. Este parecer se ha confirmado por la reflexion que hice sobre el origen de la disputa, las razones que han publicado las dos partes, el modo que una, y otra han empleado para decidirla, y el caracter de los dos Contrincantes. Despues de un poco de meditacion en cada uno de estos puntos, no he podido resistir la tentacion de imprimir esta Carta de Vmd., confiado en que la amistad con que nos tratamos disculparà esta libertad, que me he tomado, sin pedir su consentimiento. No negare, que en esta accion se ha mezclado mi poquito de resentimiento, y que por vengarme del mysterio con que ha reservado su manuscrito de mi noticia, me he determinado à remitirselo impresso. Lo primero, porque es una pieza de erudicion, estimable por la extencion, y la solidèz de sus noticias; que merece leerse. Lo segundo, porque sin exceder los limites, que deben

obſervar los hombres juicioſos, y bien nacidos en las lides del entendimiento, manieſta con claridad, y precision los muchos defectos, que ſe leen en la Gazeta Literaria, y en las dos Cartas, atribuidas à Leandro Monis, Cirujano. *chi-mérico, ente imaginario*, que no existe *in rerum natura*, ni ha exiſtido en otro lugar, que en la traviéſſa, y fecunda fantaſia de los AA. de la Gazeta Literaria, y ſolamente en el momento de eſcribir aquellas dos preciôſas Cartas, que ſon un reſtimonio cierto de la literatura, el ingenio, y el buen guſto en las bellas Letras, que poſſeen en eminente grado eſtos AA. Quién no lo creerà aſi, quando à la ſim- ple lectura de todo lo que ha ſalido de ſus plumas, note la falta de noticia, y de veracidad en los hechos, la infidelidad en los paſſages que ſe traducen, y copian, la falta de equidad en apropiarse los trabajos ajenos, por la necia vanidad de acreditarſe de ſibios entre los Lectores inocentes, la equivocacion en las materias que impugnan, por falta de principios, el reprehensib'e orgullo, y la necia ſatiſfaccion con que cenſuran todo genero de Eſcritos, aun aquellos, cuyas materias eſtàn diſtantes muchas leguas del alcance de ſus entendimientos?

Lo tercero, porque como ſoy Profeſſor (aunque indigno) de la Facultad, que tan atrevida, como voluntariamente deſprecia eſte Gazetero, porque ignora enteramente ſus prerrogativas: he tenido un extremo placèr de publicar, por medio de la Preſſa, un Eſcrito, que tan exactamente rebate las injurias, que le aplicò el diſplicente humor del Gazetero à mi querida Facultad. Y aunque en eſta publicacion me parezca un poco al Gazetero; no quieto que eſte pequeño eſcrupulo ſirva de eſpantajo à tan buena Obra, y mas quando no le he pueſto mi ſirma, y le remito à ſu Dueño: Que es una formalidad, que deſvia toda ſemejanza entre el Gazetero, y Yo. *Proteſto, que el Eſcrito, tal como ſe halla (à excepcion de los defectos de Im- prenta, que dirè luego) es compueſto por mi Amigo L. da G. è Lemos; en el qual no he tenido alguna parte, extra de ſu publicacion: Se arteverà el Gazetero à hacer una pro- texta de eſta eſpecie? Pues ſobre eſte principio ſe funda la razon de nueſtra deſemejanza, aunque poco hà nos pareciamos alguna coſa.*

Lo quarto , porque soy amigo de corazón del Orador M. G. de L. , y estimo infinitamente el merito Real , que le forman su delicado discernimiento, su copiosa erudición, su singular talento en el manejo de las bellas Letras , la extensión de sus noticias , la solidez de su juicio , su noble modo de pensar , y exponer sus ideas , &c. Y como la discreta Carta de Vmd. deshace enteramente las groseras calumnias , que los AA. de la Gazeta Literaria estamparon en las Cartas del fingido Leandro Monis , y desagravia la excelente reputacion de nuestro amigo comun , Yo he tenido tanto gusto en publicarla , como Vmd. en escribirla.

Pero la impresion no ha podido ser exactamente correcta , por muchas razones , que se deducen facilmente , si se considera , que se ha hecho sin noticia del Autor , muy lejos de su vista : Que ha sido el Amanuense poco exacto : El Impresor nada inteligente en el Idioma Portugués ; y que Yo le entiendo solamente para leerle : Así , no estrañarán los Lectores el encontrar en la lectura de esta Carta muchas voces , que indican su impresion en un Lugar muy lejos de su origen. Y si huviere alguno tan impertinentemente escrupuloso , que tropezare en esta materialidad , (que es un natural efecto de las causas , que acabó de insinuar) se le manifestará en la segunda Carta , que Vmd. promete , su poca indulgencia en la que le ofrezco , y su mucha bondad en disimular la falta de exactitud en la impresion de la Gazeta Literaria , habiendose excurado à vista del Autor , y sus Cólegas , empeñados por honor , è interés en corregirla. Estas pequeñas imperfecciones de la Carta de Vmd. no cercenan su merito , ni dexan menos vigorosos sus argumentos , ni tampoco pueden desvanecer la eficacia de sus pruebas contra todos los defectos capitales de la Gazeta Literaria , y las dos Cartas de Leandro Monis.

Con todas estas ventajas , que notaràn los Lectores en la Carta presente , Yo no puedo assegurar , que ellas sean capaces de poner en silencio à los AA. de las Cartas de aquel *fingido Personage* , porque este sería un milagro fuera de toda esperanza. Los AA. de esta cathgoria son propriamente unos *spiritus fuertes* , incapaces de abandonar las brillantes ideas

idèas de su preocupada fantasia à la eficacia de la razòn , ni à la convicción de los sentidos. Su amor proprio los eleva sobre todos los vivientes: Esta elevacion les hace creer , que las producciones de su ingenio son superiores à las de los demàs hombres , passados , presentes , y futuros ; y esta necèssima creencia los anima à tratar à los Literatos con un orgullo insolente , y à estimar todas las razones de los hijos de Adàn muy inferiores à las suyas , *bebidas , y por beber*. La formacion de un *Foieto* , (tal es la *Gazeta Literaria*) mas proprio para llamar la atencion del ignorante , y novelero vulgo , que para fixar un momento la reflexion juiciosa de un verdadero Sábio ; lisonjèa su presumpcion , y eleva su vanidad à un punto insoportable. Què fuerza pueden haer las razones de su Carta de Vmd. , la certeza , ò la solidèz de los argumentos , y la evidencia de sus demonstraciones en unos cerebros , situados al revès , y cuyo sensorio comun no puede recibir las impresiones extrinsecas de la misma manera , ni con la misma eficacia , que las perciben los demàs vivientes? Pero el aprecio , o el desprecio de todos los Gazeteros Literarios del Mundo es capaz de decidir sobre la bondad de un Escrito , ò sobre alguna de sus partes? Creame Vmd. , los Escritores de *Gazetas Literarias* aqui , como ahì ; en Francia , è Inglaterra , como en Holanda ; sòn despreciables por su caracter , aborrecibles por sus circunstancias , y perjudiciales por el mal uso de sus talentos. En todas estas Regiones son tenidos en el baxissimo concepto de *Zanganos* de la Republica de las Letras , y nada mas : porque me he dilatado mas de lo que crei , quando empecè esta Carta , que concluyo , assegurando à Vmd. , que ella no ha tenido otro objeto , que informarle de los motivos , que me han determinado à la impresion de la suya : Repetirle gracias por el ardor , y la energia con que defiende el honor de la Cirugia ; La reputacion de mi Amigo M. G. de L. ; y asegurarle de mi amistad sin reserva. Dios guarde à Vmd. , &c.

Su Amigo , y Servidor,

L. C. M. J.